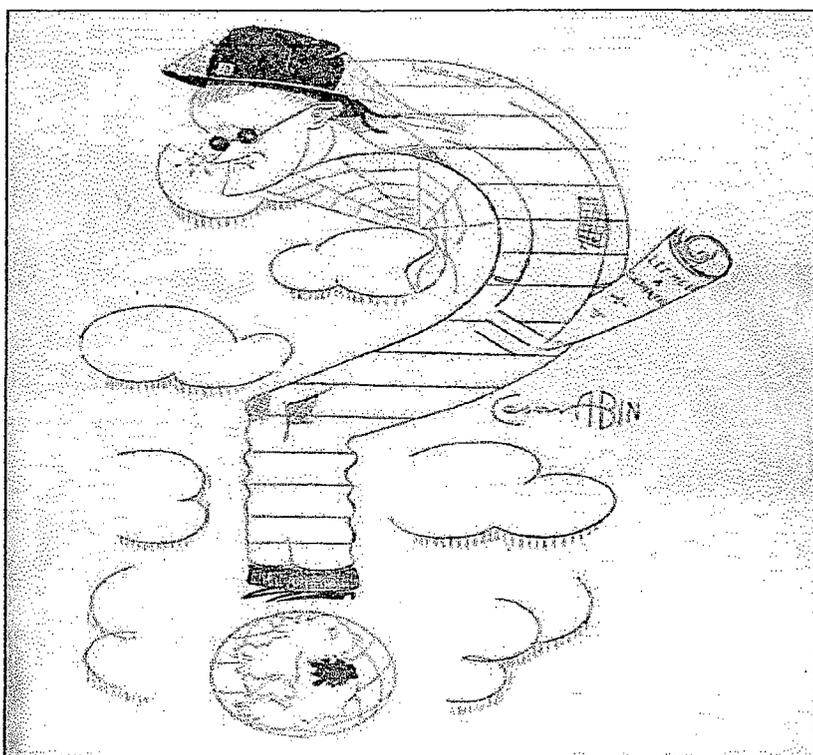


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA

**A TERCEIRA MARGEM DO LIFFEY:
Uma Aproximação ao *Finnegans Wake***



**Orientadora
Alai Garcia Diniz**

**Mestranda
Dirce Waltrick do Amarante**

Florianópolis, Junho de 2001

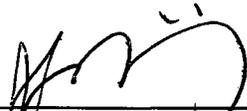
A TERCEIRA MARGEM DO LIFFEY: uma aproximação ao Finnegans Wake

Dirce Waltrick do Amarante

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

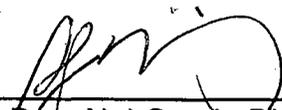


Profa. Dra. Alai Garcia Diniz
ORIENTADORA



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



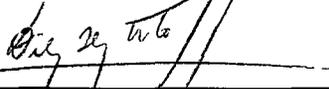
Profa. Dra. Alai Garcia Diniz
PRESIDENTE



Prof. Dr. Donaldo Schüler (UFRGS)



Prof. Dr. Claudio Celso Alano da Cruz (UFSC)



Prof. Dr. Dilvo Ilvo Ristoff (UFSC)
SUPLENTE

PARA O SÉRGIO

RESUMO

Neste trabalho estudo alguns aspectos estruturais do romance *Finnegans Wake*, de James Joyce, como o (s) narrador (es), os personagens e o (s) enredo (s). Discuto também aspectos lingüísticos e estilísticos da obra, dentre eles as palavras-valise, os “soundsenses” e a mescla de línguas.

Apresento, ao final, minha tradução do capítulo VIII do romance, intitulado “Anna Livia Plurabelle”.

Acompanha este trabalho um cd contendo a balada que deu origem ao título do romance e fragmentos de duas traduções do capítulo VIII e do texto original.

ABSTRACT

In this study I explore some structural aspects of James Joyce's novel *Finnegans Wake*, such as the narrator(s), the characters and the plot(s). I also investigate the novel's linguistic and stylistic aspects, including the portmanteau-words, the "soundsenses" and the blend of different languages.

At the end I present my own translation of Chapter VIII of the novel, entitled "Anna Livia Plurabelle."

A CD is included with the study, containing the ballad that gave the novel its title and fragments of two translations of Chapter VIII and of the original text.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – <i>Finnegans Wake</i> : Sua Elaboração e Recepção.....	05
I.I. Work in Progress: A Elaboração de <i>Finnegans Wake</i>	07
I.II. Os Incentivadores de <i>Finnegans Wake</i>	20
I.III. Publicação e Recepção de <i>Finnegans Wake</i>	26
I.IV. <i>Finnegans Wake</i> no Brasil: Da Tradução de Fragmentos à Obra Completa.....	33
I.V. Anexo – Tabela com Informações acerca da Publicação do Romance	37
CAPÍTULO II – <i>Finnegans Wake</i> : Aspectos Gerais.....	42
II.I. História, Mito, Sonho.....	50
II.II. Os Habitantes do Universo Onírico de <i>Finnegans Wake</i>	52
II.III. O (s) Narrador (es) do Romance.....	60
II.IV. O (s) Enredo (s).....	64
II.V. Algumas Fontes do Sonho Joyciano.....	72
II.VI. A Estrutura de <i>Finnegans Wake</i>	76
II.VII. Anexo – Guia de Leitura.....	94
CAPÍTULO III – Sinopse.....	96
III. I. Anexo – Sinopse de Joseph Campbell e Henry Morton Robinson.....	104
III. II. Anexo – Sinopse de Michel Butor.....	110
III. III. Anexo – Sinopse de Klaus Reichert e Fritz Senn.....	113
CAPÍTULO IV – <i>Finnegans Wake</i> : Aspectos Específicos.....	117

IV.I. Protesto Político e Experimentação Lingüística.....	121
IV. II. Aspectos da Linguagem Onírica.....	124
IV. III. Questões de Leitura.....	137
CAPÍTULO V – “Anna Livia Plurabelle”.....	144
V.I. “Anna Livia Plurabelle” : Suas Fontes.....	147
V.II. Da Nascente à Foz.....	153
V.III. Os Elementos Temáticos de “Anna Liffey”.....	159
V.IV. Sinopse.....	172
CAPÍTULO VI – A Tradução de “Anna Livia Plurabelle”.....	178
VI.I. Traduzindo <i>Finnegans Wake</i>	187
VI.II. A Terceira Margem do Liffey: “Anna Livia Plurabelle” em Português.....	191
VI.III. Anexo – Versão Original de “Anna Livia Plurabelle”.....	197
VI.IV. Anexo – Versão Brasileira (Dirce Waltrick do Amarante)	209
VI. V. Anexo – Versão Brasileira (Donaldo Schüler).....	241
VI. VI. Anexo – Versão Francesa.....	263
VI. VII. Anexo – Versão Alemã.....	269
VI. VIII. Anexo – Versão Italiana.....	283
VI. IX. Anexo – Versão Espanhola.....	297
VI. X. Anexo – Versão Japonesa.....	309
CONTEÚDO DO CD.....	322
2. Faixa – Fragmentos do Texto Original.....	323
3. Faixa – Fragmentos da Tradução de Dirce Waltrick do Amarante.....	333
4. Faixa – Fragmentos da Tradução de Donaldo Schüler.....	344

CONCLUSÃO.....	358
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	360

INTRODUÇÃO:

**"It [*Finnegans Wake*] may be outside literature now,
but its future is inside literature." [James Joyce]**

Em *Finnegans Wake* (1939) entramos no universo onírico do escritor irlandês James Joyce, que concebeu seu último romance como um sonho, não o dele mesmo, mas o “sonho da humanidade”. O leitor, ao percorrer suas páginas “obscuras”, é convidado a tomar decisões sempre, uma vez que se depara com elementos caracterizados pela relatividade mais absoluta. De fato, neste romance nada é o que parece ser e tudo se funde ao mesmo tempo, cabendo a cada leitor priorizar os aspectos que lhe pareçam os mais interessantes.

Na realidade, num livro que discorre sobre a noite não podemos esperar “clareza”, como o próprio Joyce afirmava: “é natural que as coisas não sejam tão claras durante a noite, não é mesmo?”. Em razão dessa lógica onírica, o leitor, desde as primeiras linhas do romance, deveria também “sonhar”, mas talvez de olhos abertos para, assim, usufruir melhor esse imenso sonho, ou pesadelo, intitulado *Finnegans Wake*.

Neste trabalho discuto alguns aspectos estruturais e linguísticos de *Finnegans Wake*, a partir do diálogo entre destacados estudiosos do romance, por isso as citações e comentários de citações são abundantes em todo o texto, sem que isso signifique que tenha omitido minhas opiniões pessoais. Procurei trazer a essa discussão também a opinião de estudiosos latino-americanos, para enfatizar a perspectiva da minha leitura, feita a partir da “terceira” margem do Liffey. Informações biográficas complementam este estudo, sendo que grande parte dos recortes que julguei necessário acrescentar provém da biografia de James Joyce escrita por Richard Ellmann, publicada no Brasil em 1982.

Para que eu própria pudesse entender melhor os métodos empregados por Joyce na elaboração de seu último romance, propus-me a traduzir para o português o capítulo VIII de *Finnegans Wake*, denominado “Anna Livia Plurabelle”. Escolhi esse capítulo por ser, segundo os estudiosos, o mais conhecido, traduzido e talvez aquele que permita o acesso mais fácil ao romance.

Esta dissertação contém seis capítulos:

No primeiro capítulo, comento a elaboração e a recepção do romance.

No segundo capítulo, analiso aspectos gerais do romance, tais como personagens, narrador (es), enredo (es), e estrutura.

No terceiro capítulo, proponho um resumo do enredo do livro, embora uma sinopse linear de *Finnegans Wake* seja uma questão controvertida, como também discuto ali.

No quarto capítulo estudei a linguagem do romance, a qual, na opinião dos especialistas, seria o próprio romance, uma vez que em *Finnegans Wake* fundo e forma estariam interligados. Discuto também, nesta parte do trabalho, as diferentes possibilidades de leitura do livro.

No quinto capítulo, estudo os aspectos gerais do capítulo VIII.

No último capítulo, discuto a tradução do capítulo VIII e apresento a minha versão em português desse episódio.

Nos anexos, ao final dos capítulos, incluí materiais de pesquisa que complementam e ilustram as informações dadas ao longo desta pesquisa.

Este trabalho vem acompanhado de um cd que contém: a balada “Finnegan’s Wake”, que deu origem ao título do romance; fragmentos de duas

traduções do capítulo VIII, traduzidas por mim e pelo prof. Donald Schüler (texto ainda inédito); e fragmentos do texto original.

Finalmente, gostaria de esclarecer que as numerosas informações bibliográficas ao longo do trabalho têm por objetivo indicar com precisão minhas fontes de pesquisa, a fim de auxiliar o leitor interessado em percorrer também o universo joyciano a partir das mesmas referências teóricas.

O título desta dissertação é uma alusão a um conto de Guimarães Rosa, "A Terceira Margem do Rio". Como se sabe, a obra do escritor brasileiro dialoga com a do escritor irlandês em vários aspectos. A Terceira Margem do Liffey é a margem brasileira do rio irlandês que desejo traçar neste trabalho, de onde partirá a "canoinha de nada" do conto de Rosa que navega "rio abaixo, rio a fora, rio a dentro", sem nunca se estabelecer em lugar fixo, pois acredito ser essa a sensação de quem percorre *Finnegans Wake*.

A gravura da capa é de autoria do artista espanhol César Albin e foi publicada na revista *transition* (sic), em 02 de fevereiro de 1932, em homenagem ao aniversário de Joyce. O ponto de interrogação sugere a postura habitual do escritor, segundo um de seus amigos; o ponto da interrogação é o globo terrestre, com a Irlanda em destaque; os remendos nos joelhos das calças sugerem a pobreza do escritor; um rolo de papel sai do bolso de suas calças com a canção: "Deixe-me tombar como um soldado"; o escritor pediu que uma estrela fosse desenhada na ponta do seu nariz para iluminá-lo; e, por fim, o *derby* com o número 13 e as teias de aranha ao redor sugerem o luto pelo pai e sua depressão crônica. Associo essa gravura, porém, ao próprio *Finnegans Wake*, uma vez que para mim o ponto de interrogação representaria a eterna dúvida e hesitação que sua leitura suscita nos leitores.

**I. FINNEGANS WAKE:
SUA ELABORAÇÃO E RECEPÇÃO**

**“Perhaps it [*Finnegans Wake*] is insanity.
One will be able to judge in a century.”**

**“ Why should I write anything else?
Nobody reads this book [*Finnegans Wake*]”**

James Joyce

FINNEGANS WAKE (1939) foi o último romance do escritor irlandês James Joyce (1882 – 1941), e desde sua primeira publicação tem sido considerado pela crítica como um dos livros mais intrigantes e inovadores já escritos. Neste capítulo inicial, pretendo discutir a elaboração e a recepção do romance, que exigiu do seu autor cerca de dezessete anos de dedicação:

Aparentemente, o objetivo do livro era bastante ambicioso, pois desejava contar a “história da humanidade” através de uma linguagem onírica e, por esta razão, segundo Edna O’Brien, biógrafa de Joyce, “Ninguém pode acompanhá-lo. O que a maioria de nós faz no sono, Joyce tentava fazer nas suas horas de vigília”.¹

Quando os primeiros fragmentos do romance, intitulado provisoriamente *Work in Progress*, apareceram em alguns periódicos e revistas literárias (*Transatlantic Review*, *Criterion*, *transition* (sic), *Contact Colletion of Contemporary Writers*, *The Calendar*, *This Quarter*, *Navire d'argent*,...) ², a crítica reagiu de maneira hostil: o texto foi considerado um chiste, um imenso enigma e um ataque ao bom senso. Quando publicado na íntegra, foi recebido com indiferença pelo leitor que, nessa época, estava envolvido com os problemas políticos e sociais de uma guerra iminente.

No tocante à formação do romance, assunto a que me aterei inicialmente, pode-se dizer que fatos da vida privada do escritor contribuíram de forma relevante para a elaboração de seu último trabalho. Dentre esses fatos, citaria os mais importantes: a polêmica repercussão de sua obra anterior, *Ulisses*, a doença psíquica de sua filha Lucia, diagnosticada pelos médicos

¹ O'BRIEN, Edna. *James Joyce*. Trad. por Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1997, p.147.

² Segue no final deste capítulo uma tabela organizada pelo estudioso espanhol Jose Camero Gonzalez com as datas e os nomes das revistas e jornais responsáveis pela publicação de diferentes fragmentos e capítulos de *Finnegans Wake*.

como esquizofrenia, e as inúmeras cirurgias na vista a que foi submetido o escritor, então com glaucoma. Convém recordar, aqui, uma tese comum entre os estudiosos da obra do escritor irlandês: “quando se escreve sobre Joyce, faz-se necessário aludir à sua biografia, porquanto é inseparável de sua obra”.³

Durante os longos anos de elaboração do romance, os problemas que Joyce enfrentou (hostilidade da crítica e complicações na vida particular) foram, contudo, abrandados pela ajuda dos amigos, que não só contribuíram para que sua obra fosse divulgada e aceita, como também o auxiliaram de forma direta na composição do livro.⁴ Samuel Beckett, por exemplo, foi secretário de Joyce neste período e passou para o papel algumas partes do romance, que eram ocasionalmente ditadas pelo escritor entre uma e outra cirurgia na vista. Além disso, Joyce contou com a ajuda de uma protetora, Harriet Shaw Weaver, que lhe proporcionou segurança financeira, enquanto se dedicava à composição de *Finnegans Wake*. Fato este incomum para a época, pois a era dos mecenas parecia coisa de um passado já distante.

I. I. WORK IN PROGRESS: A ELABORAÇÃO DE FINNEGANS WAKE

Em 1922, logo após a publicação de *Ulisses* em Paris, Harriet Shaw

³ TORTOSA, Francisco García. *Anna Livia Plurabelle*. Madrid: Cátedra Letras Universales, 1992, p.12.

⁴ Nada parece ter desanimado o escritor: a experiência de escrever *Finnegans Wake* era-lhe mais importante. No final dos anos trinta, Joyce declarou: “Desde 1922 meu livro tem sido para mim uma realidade maior que a realidade. Tudo cede diante dele. Tudo fora do livro tem sido uma dificuldade insuperável, como fazer a barba de manhã, por exemplo.” (ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Trad. por Lya Luft. São Paulo: Globo, 1989 p. 856.)

Weaver perguntou a Joyce sobre o teor do seu novo livro. O escritor respondeu: “penso que vou escrever uma história do mundo.”⁵

No Natal desse mesmo ano, Joyce enviou a Weaver o livro de Sir Edward O’Sullivan, *The Book of the Kells*, um dos modelos de *Finnegans Wake*, como veremos adiante.⁶

Há, ainda, em cartas deste período enviadas por Joyce a sua protetora, alusões ocasionais a Tristão e Napoleão, dois heróis com quem Earwicker, protagonista de *Finnegans Wake*, e seus filhos, Shem e Shaun, estão ligados.

Em dezembro de 1922, Joyce enviou uma carta a uma conhecida que vivia em Dublin, pedindo que anotasse num caderno suas lembranças sobre todos os “tipos curiosos” que ele próprio conhecera em criança. Essas pessoas de Dublin, mais tarde, serviram de modelo para compor alguns dos personagens do seu novo livro: Shem e Shaun, os filhos de Earwicker, por exemplo, foram baseados “em parte nos débeis mentais parasitas, James e John Ford, que viviam em Dublin no North Strand. Eram conhecidos como ‘Shem e Shaun’ e eram famosos por sua fala incompreensível e por seu modo de andar arrastando os pés.”⁷

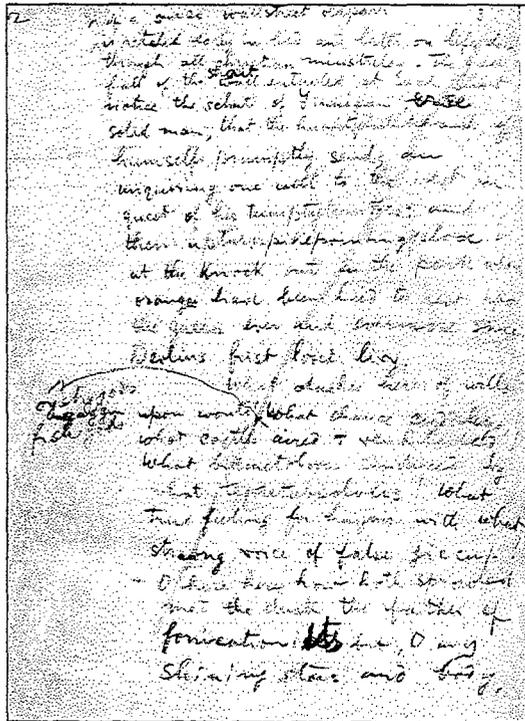
As primeiras palavras de *Finnegans Wake*, entretanto, só foram escritas em 10 de março de 1923. No dia seguinte, Joyce anunciou a Harriet Weaver: “Ontem escrevi duas páginas – as primeiras que escrevi desde o ‘Sim’ final no *Ulisses*. Tendo encontrado uma caneta, copiei-as com alguma

⁵ ELLMANN, Richard. Op.Cit., p. 661.

⁶ Na página 122 de *Finnegans Wake*, Joyce faz *The Book of the Kells* derivar do seu livro: “...the cruciform postscript from which three *basia* or shorter and smaller *oscula* have been overcarefully scraped away, plainly inspiring the tenebrous *Tunc* page of the Book of Kells...” [“...o proscrito do qual três *basia* ou mais breves e mais curtos *oscula* foram cuidadosamente inutilizados; inspiraram claramente a enebrosa página de *Tunc* do Livro de Kells...”] (tradução ainda inédita de Donaldo Schüller).

⁷ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 679.

difficuldade em letra grande numa folha de ofício dupla de modo a poder lê-las. *Il lupo perde il pelo ma non il vizio*, dizem os italianos. O lobo pode perder a pele mas não o vício ou o leopardo não pode mudar suas manchas.⁸ Assim, ele iniciou o trabalho que o manteria ocupado nos próximos dezessete anos de sua vida.



Manuscrito do *Finnegans Wake*.⁹

Em junho de 1923, Joyce leu para os amigos as primeiras sessenta páginas do seu novo trabalho. E, no final deste mesmo ano, o esboço dos oito primeiros capítulos do romance estava traçado.¹⁰

⁸ ELLMANN, Richard. Op.Cit., p. 681.

⁹ ANDERSON, Chester G. *James Joyce*. Londres: Thames and Hudson, 1998, p. 112.

¹⁰ NORRIS, Margot, "Finnegans Wake", in ATTRIDGE, Derek. (org.) *The Cambridge Companion to James Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p.170.

Em muitos sentidos, pode-se afirmar que *Finnegans Wake* foi concebido como uma continuação de *Ulisses*¹¹, muito embora Joyce não visse quase nenhuma ligação entre seus dois últimos livros: "Tendo escrito *Ulisses* a respeito do dia, eu queria escrever esse livro a respeito da noite. De outro modo ele não tem ligação com *Ulisses*, e *Ulisses* não exigiu o mesmo gasto de energia."¹² Ademais, quando Louis Gillet perguntou a Joyce se sua "obra em progresso" se assemelhava ao seu romance anterior, este respondeu: "De modo algum. *Ulisses* e a *Obra em Progresso* são o dia e a noite." Entretanto, "sabia-se que *Ulisses* era o mundo e seus problemas vistos através do dia de alguns dublinenses. *Finnegans Wake* é igualmente o ruído do mundo ouvido através da vida noturna e dos sonhos de um cabaré da capital irlandesa."¹³ Além disso, ao compor seu último romance, Joyce utilizou "velhas notas" não aproveitadas em *Ulisses*.¹⁴

Para muitos críticos, o embrião de *Finnegans Wake* encontra-se no episódio "Circe" de *Ulisses*, uma vez que, neste capítulo, que pertence à parte classificada como "Odisséia" (o livro divide-se em três partes: "Telemaquia", "Odisséia", "Nostos"), os personagens surgem envoltos numa atmosfera de sonho e magia, muito embora ainda se insiram dentro do plano da consciência, o que não ocorrerá no seu novo livro, todo ele situado no subconsciente, ou inconsciente.¹⁵ Acredito, entretanto, que uma leitura mais atenta de *Ulisses* possa descobrir prenúncios do estilo intrincado de *Finnegans Wake* espalhados por todo o romance que lhe antecedeu. No episódio "Proteu", por exemplo,

¹¹ ANDERSON, Chester G. Op. Cit., p.113.

¹² ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 856.

¹³ BUTOR, Michel. *Repertório*. Trad. por Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 142.

¹⁴ NORRIS, Margot, 1997, p. 170.

¹⁵ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 21.

situado no início de *Ulisses*, as imagens e pensamentos se transformam a cada momento, tal como ocorrerá em *Finnegans Wake*. Além disso, o leitor de *Ulisses* ainda encontrará certas frases, em diferentes capítulos, que parecem remeter a algumas idéias que serão desenvolvidas, mais tarde, na última obra de Joyce:

– A história – disse Stephen - é um pesadelo de que tento despertar.¹⁶

Essa frase que Stephen, um dos protagonistas de *Ulisses*, profere no segundo capítulo do livro, poderia estar profetizando *Finnegans Wake*: conforme já falei, este romance se situa no plano do sonho, é “um sonho quase sempre assustador, por vezes atroz, repleto de um riso que mascara uma profunda ansiedade. É um pesadelo que termina num despertar.”¹⁷

Stephen ainda dirá, no capítulo seguinte, fazendo alusão talvez ao mundo do inconsciente, considerado caótico e incompreensível:

Achas minhas palavras obscuras. Escuridade está em nossas almas, não achas?¹⁸

Segundo o mais importante biógrafo de Joyce, Richard Ellmann, ainda se pode encontrar uma outra ligação entre esses dois romances na última página de *Ulisses*, que mostra “Molly e Leopold comendo o mesmo bolo de sementes, como Eva e Adão comendo a ‘fruta de sementes’ (como Joyce

¹⁶ JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. por Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 49.

¹⁷ BUTOR, Michel, 1974, p. 143.

¹⁸ JOYCE, James. 1998, p. 67.

dizia) quando da queda do homem; e *Finnegans Wake* também começou com a queda do homem.”¹⁹

Se *Finnegans Wake* não é apenas a continuação lógica de *Ulisses*, é inegável que nasceu sob a complicada história editorial deste último livro e beneficiou-se da fama e do prestígio que Joyce alcançou com ele. Assim, a fama, duramente conquistada, e a composição de sua última obra, caminharam lado a lado.

Joyce escreveu seu último romance consciente de que já era reconhecido como um dos maiores escritores do século, e esse reconhecimento crítico dava-lhe, com certeza, enorme liberdade para enveredar por experiências literárias de todo gênero. Sobre a fama, ele opinou o seguinte, em *Finnegans Wake*:

fame would come to twixt a sleep and a wake. (fama viria tecer um sono e um despertar.) [FW 192] ²⁰

A notoriedade adquirida com *Ulisses* teria permitido ao escritor, em suma, levar ao extremo a sua concepção estética e prosseguir com coerência na evolução lógica de sua técnica narrativa. O crítico e tradutor espanhol Francisco García Tortosa lança a hipótese de que Joyce não se teria atrevido a escrever um livro tão ousado se não estivesse respaldado pela celebridade que sua última publicação lhe granjeou. O fato é que Joyce nunca modificou seu modo de escrever, nem mesmo quando a crítica, após a publicação das primeiras páginas e capítulos de *Finnegans Wake*, mostrou-se adversa, ou

¹⁹ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 672.

²⁰ São pessoais e não definitivas as traduções de pequenos fragmentos de *Finnegans Wake*, quando não houver referência a um tradutor específico.

quando os amigos sentiram-se forçados a comunicar a ele suas inquietudes, principalmente no tocante à inteligibilidade do seu novo trabalho.²¹

Mas, Joyce queria mesmo provocar no leitor o “desconcerto”, levando-o ao âmago da linguagem intrincada do inconsciente. Ele parecia ainda acreditar que as polêmicas e incompreensões que circundavam sua nova obra revelavam, de certo modo, sua grandeza. Segundo Richard Ellmann, à semelhança de outros escritores modernos, como Yeats e Eliot, Joyce fazia questão de criar polêmicas, e “quanto mais controvérsia o livro provocasse, mais ele ficava contente.”²²

Em outras palavras, Joyce, depois de *Ulisses*, desejou levar ao extremo a experimentação lingüística da sua prosa, e parece que o conseguiu, ao escrever as páginas do romance *Finnegans Wake*. “Nos livros anteriores Joyce forçara a literatura moderna a aceitar estilos novos, novos temas, novos tipos de trama e caracterização. No seu último livro, ele a forçou a aceitar uma nova área do ser, e uma nova linguagem.”²³

Segundo o teórico e tradutor Teixeira Coelho, “Se *Ulisses* foi o último estertor do modernismo, *Finnegans* é mais-que-moderno”, uma vez que, se o primeiro livro “tem personagens, uma história, ou várias, e tem psicologia ou uma luz psicanalítica (o monólogo final de Molly), além de explorar ao máximo as velhas unidades clássicas de ação, tempo e espaço”, em *Finnegans Wake* as “antigas noções de personagem e de história, ou trama”, assim como de ação, espaço e tempo, não existem mais, embora ainda encontremos nesse romance, acrescento eu, uma forte crença na linguagem e um desejo de

²¹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 22-37.

²² ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 649.

²³ Idem, ibidem, p. 883.

isomorfismo fundo e forma.²⁴ Sem pretender discutir, neste trabalho, a classificação do romance, tema que deixarei para uma pesquisa futura, não poderia omitir essa opinião de Teixeira Coelho, da qual compartilho, na medida em que entendo por “mais-que-moderno” uma oscilação entre o moderno e o pós-moderno, pois em *Finnegans Wake* podemos de fato encontrar características das duas tendências literárias.



Caricatura de James Joyce por W. Cotton, 1934.²⁵

Concluindo a discussão a respeito da influência de *Ulisses* sobre *Finnegans Wake*, chamaria a atenção para as referências explícitas que este último faz ao primeiro; como esta frase do capítulo sete do livro I, bastante reveladora:

²⁴ COELHO, Teixeira. *Moderno Pós-Moderno*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 95, 98.

²⁵ ANDERSON, Chester G. Op. Cit., p.122.

to read his usylessly unreadable Blue Book of Eccles (para ler seu inutilmente ilegível Livro Azul das Eclésias) [FW 179]

Joyce se referia a *Ulisses* como o Livro Azul, alusão à cor da bandeira grega. Eclésia: é a reunião de políticos na antiga Grécia.

Em suma, *Ulisses* está presente, como uma referência obrigatória, na própria concepção da obra, que incorpora e tenta superar o experimento artístico do romance anterior, pois *Finnegans Wake* deveria ir além de *Ulisses*, conforme afirmei.²⁶

Outros fatos, somados às convicções estéticas do autor²⁷, sem dúvida também contribuíram para que ele compusesse o desafio literário que é o romance. Um desses fatos seria a reação à censura puritana que o escritor sofreu durante os anos em que escrevia sua obra máxima, e a conseqüente luta travada por ele contra os preconceitos estéticos na área artística. Sentiu-se, assim, desafiado a explorar todas as suas convicções estéticas e filosóficas em *Finnegans Wake*.

Alguns estudiosos acreditam que Joyce tenha aproveitado a linguagem obscura de *Finnegans Wake* para escrever passagens que, se traduzidas para o inglês *standard*, ou para qualquer outra língua normatizada, seriam consideradas pornográficas ou blasfemas pelos críticos mais conservadores. Deste modo, o escritor estaria desafiando a censura, como, por exemplo, na frase abaixo:

²⁶ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.18.

²⁷ "...Sua defesa de matérias contemporâneas, seu interesse pelo mito wagneriano, sua aversão às convenções, sua insistência em que as leis da vida são as mesmas sempre e por toda parte, mostram que está pronto para fundir pessoas reais com míticas, e assim tornar todos os séculos um, como em *Retrato, Ulisses e Finnegans wake* (sic)." Ver. ELLMANN, Richard. Op.Cit., p.101.

She can't remember half of the cradlenames she smacked on them by the grace of her boxing bishop's infallible slipper, ... (Ela nem se lembra de um terço dos nomes que jogou nos berços pela graça do inflalível bastão do seu bispo pugilista, ...) [FW 201]

Box the bishop é uma gíria inglesa que significa masturbar.

Os problemas familiares de Joyce, dentre os quais a enfermidade grave de sua filha Lucia e, a partir de 1932, a perda progressiva da visão do escritor, consequência de um glaucoma em estado avançado, já referidos atrás, também tiveram influência sobre a elaboração do último livro de Joyce.

No que se refere à doença de Lucia, sabe-se que foi diagnosticada como esquizofrenia, e o estado irreversível de seu problema psíquico foi comprovado nos anos em que Joyce escrevia *Finnegans Wake*. Os problemas de saúde de Lucia atrasaram a publicação do livro, pois Joyce só pôde trabalhar com certa tranquilidade após sua internação em 02 de fevereiro de 1934 (data do aniversário do escritor).

Para alguns críticos, as contradições e distorções da língua de Lucia, após o agravamento da doença, teriam possivelmente influenciado a linguagem do novo romance de Joyce. No entanto, não raramente o escritor invertia este fato. Quando Jung lhe enviou uma carta comentando os rasgos esquizofrênicos de Lucia, Joyce apressou-se a rebater os comentários. Argumentou que a linguagem utilizada pela filha não era senão o reflexo do método que estava empregando em seu novo livro, *Finnegans Wake*.



Joyce e Lucia em Saint-Malo, 1924.

28

Lucia, aliás, está presente no romance através de Issy, filha de Earwicker e Anna Livia, uma personagem de existência esquiva e ambígua, que se desdobra continuamente em personalidades diferentes e contraditórias. Há, além disso, constantes referências a ela na obra:

my deepsep daughter wich was bourne up pridely out of medsdream
 unclouthed when I was pillowing in my brime. (minha isolitária filha que nasceu
 soberbamente de um sonho desanuviado quando eu estava descansando à
 margem). (FW 366)

Quanto ao problema de vista do escritor, considera-se que o mesmo teria influenciado igualmente a linguagem do romance.

A presença do arco-íris, em *Finnegans Wake*, citado reiteradas vezes em todo livro, além de simbolizar a estrutura do romance, de onde brotam

²⁸ RABATÉ, Jean-Michel. *James Joyce*. Paris: Hachette Supérieur, 1993, p.300.

inúmeras ramificações, também estaria, segundo alguns críticos, relacionado com o problema de vista do escritor, uma vez que os primeiros sintomas do glaucoma se manifestam através de um arco-íris que o paciente detecta ao redor das luzes.²⁹

By that Vale Vowclose's lucydlac, the reignbeau's heavenarches arranged orranged her. (Por aqueles lucydos Vales de Vowclose, os arcossagrados do arco-íris a rodeavam e revelavam). (FW 203)

Nesta época, já com a visão debilitada, Joyce passou a dar muita importância ao mundo sonoro e, por esta razão, pode-se até afirmar que, em *Finnegans Wake*, a audição precede a visão.³⁰ Daí por que, aliás, o escritor aconselhava seus leitores a lerem uma passagem em voz alta quando em dúvida sobre seu significado.³¹

If anyone doesn't understand a passage, all he need do is read it aloud. (Se alguém não entender uma passagem, tudo que deve fazer é lê-la em voz alta).³²

Dentre os inúmeros efeitos sonoros de *Finnegans Wake*, citaria como exemplo os "soundsenses", que discutirei no quarto capítulo deste trabalho: são palavras compostas de centenas de letras, que ganham significado quando lidas em voz alta.

²⁹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.34.

³⁰ "Sempre tenho a impressão de que é noite", confidenciou a Philippe Soupault. Mas sua audição parecia ficar mais acurada, e ele dizia ser capaz de julgar pessoas pela voz." (ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 662.)

³¹ NORRIS, David e FLINT, Carl. *Introducing Joyce*. Cambridge: Icon Books, 1997, p.150.

³² SHEEHAN, Sean. *The Sayings of James Joyce*. Londres: Duckworth, 1995, p.36.

Richard Ellmann contesta, no entanto, a teoria de que Joyce tivesse escrito o romance para o ouvido em decorrência do fato de não poder mais enxergar bem. Para ele, “os olhos estão fechados no *Finnegans Wake*, porque abri-los mudaria o postulado do livro”³³, uma vez que o objetivo do autor era escrever sobre um mundo noturno, onírico, e isso implicava em fechar os olhos e sonhar. No início dos anos 20, Joyce “especulava sobre ruídos em sonho”: o escritor afirmava, “no sono nossos sentidos estão adormecidos, exceto o sentido da audição, que está sempre desperto, pois não podemos fechar os ouvidos. Assim qualquer som que vem aos nossos ouvidos no sono se transforma em sonho.”³⁴

Muito embora os problemas de vista de Joyce tenham decerto influenciado a língua na qual o romance é narrado, levando o escritor a valorizar o aspecto sonoro da sua linguagem, não se deve esquecer que, segundo o crítico Jean Schoonbroodt, o livro foi “concebido tanto para o ouvido quanto para a vista, mas conforme dois registros distintos que só se reconciliam na singularidade da mensagem emitida, e não na sua recepção, esse material mantém a percepção ambígua, instala-se no mal-entendido, reinstala-se na sua duplicidade fundamental”.³⁵

Outros aspectos da biografia de Joyce que também possam ter sido fundamentais para a formação do romance serão discutidos no decorrer deste trabalho.

³³ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 882.

³⁴ Idem, ibidem, p. 674.

³⁵ LAERE, François Van “*Finnegans Wake*, Textualmente”, in BUTOR, Michel (org.). *Joyce e o Romance Moderno*. São Paulo: Editora Documentos, 1969, p.137.

I. II. OS INCENTIVADORES DE *FINNEGANS WAKE*

Nos diversos lugares onde morou (Dublin, Trieste, Paris, Londres e Zurique), James Joyce sempre encontrou quem incentivasse sua carreira literária, prestando-lhe diferentes tipos de auxílio. Desde a elaboração até a publicação final de *Finnegans Wake*, o escritor contou com o apoio de amigos e admiradores, que executaram para ele as mais diversas funções: Samuel Beckett, além de ajudar a datilografar o livro, fazia pesquisas sobre os temas que interessavam a Joyce – pesquisou, por exemplo, as possíveis permutações de um objeto -; e ainda escreveu resenhas sobre o *Work in Progress*. Padraic Colum igualmente auxiliou Joyce neste período, datilografando alguns trechos do livro e oferecendo sugestões.³⁶ Eugène Jolas, além de publicar fragmentos do novo romance na sua revista *transition*, foi um dos organizadores de um livro de ensaios sobre o ainda inacabado *Finnegans Wake: Our Exagmination Round his Factification for Incamination of "Work in Progress"*, que comentarei à frente. O irmão do escritor, Stanislaus Joyce, era um leitor fervoroso, embora bastante crítico. Esses são apenas alguns poucos nomes dos muitos que poderiam fazer parte da lista de "colaboradores" de Joyce. Duas pessoas, entretanto, merecem destaque nesta relação de nomes: Sylvia Beach, sua editora, e Harriet Shaw Weaver, sua mecenas.

Sylvia Beach era uma jovem norte-americana de Baltimore que se mudara para Paris, onde administrava sua livraria, editora e café: Shakespeare & Company. Ela auxiliou Joyce a publicar *Ulisses*.

³⁶ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 782.

Beach admirava Joyce e desejava incluí-lo entre os escritores publicados por sua editora. Desde que passaram a trabalhar juntos, era a ele que dedicava a maior parte do seu tempo. Além disso, permitia ao escritor todos os tipos de exigências e extravagâncias, e dava-lhe plena liberdade de ação. Mas, apesar de todas as concessões feitas a Joyce, Beach ainda teve que enfrentar muitos problemas para mantê-lo ao seu lado: o escritor era importuno e inflexível, opinava sobre a qualidade do papel usado na confecção do seu livro, e discutia ainda a encadernação e os tipos utilizados. Sem contar que suas correções, quase sempre ilegíveis, e as emendas feitas de memória dificultavam o trabalho dos datilógrafos que, quando não abandonavam o emprego por este motivo, desistiam da função por ficarem “escandalizados” com os textos que lhes eram entregues.³⁷

Joyce ainda pedia a Sylvia Beach altas somas em troca de futuros direitos autorais, e sua livraria, em pouco tempo, passou a trabalhar exclusivamente para o escritor, atendendo-o não só no aspecto editorial, mas também no financeiro. Não tardou muito para que Sylvia Beach se sentisse explorada por Joyce.³⁸

A primeira edição do romance saiu em fevereiro de 1922 pela Shakespeare & Company. Os problemas entre a editora e o escritor surgiram quando Beach – após sofrer um imenso prejuízo com as publicações piratas de *Ulisses*, além de outras edições feitas por editoras que não a dela, nos Estados Unidos e Inglaterra - exigiu de Joyce exclusividade para publicar o romance.

³⁷ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p. 128.

³⁸ Em 10 de abril de 1922, Sylvia Beach propôs uma edição de 1.000 exemplares de *Ulisses*, para ser comprada se possível adiantadamente. “Joyce receberia os espantosos direitos autorais de 66% dos lucros líquidos.” (ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 622).

Em 1930, assinaram um contrato que garantia a ela todos os direitos de publicação da obra.

Beach, no entanto, tentando recuperar parte do dinheiro já investido em Joyce, passou a exigir dos editores interessados nas próximas edições de *Ulisses* um montante excessivo para publicar o livro. Apesar da notoriedade crescente do escritor nos círculos literários, ninguém consentiu pagar a soma exigida. Não demorou muito para que as novas edições de *Ulisses* fossem paralisadas e Joyce cobrasse explicações da sua editora.³⁹

As desavenças entre eles cresceram e Joyce foi substituindo lentamente Sylvia Beach por Harriet Shaw Weaver, uma amiga mais generosa, segundo a concepção do escritor.

Apesar dos atritos entre Joyce e Beach, o escritor nunca chegou a romper definitivamente com ela, pois era-lhe grato:

Tudo o que ela fez foi me dar de presente os dez melhores anos de sua vida.⁴⁰

Sylvia Beach publicou fragmentos de *Work in Progress* e mais tarde Joyce ofereceu a ela a publicação de *Finnegans Wake*. Beach, entretanto, não se sentiu capaz de realizar tal empreendimento, pois no início dos anos trinta sua saúde estava debilitada, a depressão econômica baixara suas vendas e, de certo modo, ainda estava aborrecida com Joyce.⁴¹

³⁹ BEJA, Morris. *James Joyce: A Literary Life*. Dublin: Gill and Macmillan, 1992, p.95.

⁴⁰ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p.803.

⁴¹ idem, ibidem.



Sylvia Beach e James Joyce na Shakespeare and Company.

42

A inglesa Harriet Shaw Weaver havia sido uma das responsáveis pela publicação em série de episódios de *Retrato de um Artista Quando Jovem* (1916) na revista de vanguarda inglesa *The Egoist*, em 1913, quando a obra ainda era inédita, e a partir desta época passou a reservar a Joyce uma soma regular que poderia ser retirada mensalmente pelo escritor.

Ao contrário de Sylvia Beach, Weaver não pretendia reaver parte do dinheiro investido em Joyce, sua intenção era unicamente proporcionar ao escritor uma certa tranqüilidade para que pudesse escrever sua obra, que ela admirava. Esta intenção original, no entanto, ampliou-se e não tardou para que Weaver passasse a ajudar também nas despesas familiares de Joyce: não só financiou as numerosas operações de vista do escritor, como também suas viagens de lazer e a estada dele e de sua família em hotéis de Paris, nos anos em que lá viveu (entre as décadas de 20 e 30). Com o passar dos anos,

⁴² ANDERSON, Chester G. Op. Cit., p. 109.

contrariando os conselhos dos seus advogados e amigos, passou a lançar mão de seu próprio capital para satisfazer os desejos de Joyce: “Ela suportou a ira de seus advogados, que não compreendiam sua imprudência, e os escárnios de amigos que se admiravam com (sic) essa indulgência.”⁴³

Segundo os biógrafos de Joyce, Weaver nutria pelo escritor um sentimento que ia além da admiração intelectual, por isso nada lhe exigia em troca do auxílio financeiro. Mantinham no entanto um relacionamento quase impessoal, pois o contato entre eles era feito sobretudo através de troca de correspondências (ela morava em Londres e Joyce entre a capital inglesa e Paris, sendo que, a partir de 1940, exilou-se em Zurique). Quando se encontravam, mantinham todas as formalidades.⁴⁴

Weaver, entretanto, não deu a Joyce apenas apoio financeiro. Quando o escritor afastou-se de Beach, coube a ela assumir parte da responsabilidade pela publicação de sua obra. Antes disso, porém, ela já havia contribuído para a divulgação de seus livros: além da publicação em série de *Retrato do Artista Quando Jovem*, já mencionado, Weaver encomendou, em 1922, à *Egoist Press*, uma tiragem de dois mil exemplares de *Ulisses*, então proibido na Inglaterra, os quais foram distribuídos clandestinamente nas livrarias particulares do país.

Quando iniciou a redação de *Finnegans Wake*, Joyce passou a enviar regularmente a Harriet Weaver glossários, tabelas de explicação e pequenos enigmas verbais que pretendia usar no livro. Pedia que ela opinasse a respeito do seu novo projeto literário e que lhe enviasse temas de sua preferência, para que ele pudesse desenvolvê-los.

⁴³ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p. 141.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 143.

Foi , entretanto, a partir da publicação de fragmentos do ainda *Work in Progress* em alguns jornais e revistas que a ligação entre os dois se tornou mais sólida. A dependência de Joyce em relação a Weaver crescia à medida que seus inimigos e alguns amigos repudiavam o novo livro, incomodados com sua linguagem e sua estrutura. Assim, além do apoio financeiro de sua protetora, Joyce também acabou recebendo dela apoio intelectual, uma vez que necessitava que amigos/admiradores o ajudassem na defesa de seu trabalho, então em andamento.

O experimentalismo radical de *Finnegans Wake*, contudo, abalou até mesmo sua fiel protetora. Ela não aprovou a “obscuridade” do livro, nem seus trocadilhos abundantes. Em 4 de fevereiro de 1927, Weaver escreveu a Joyce:

...mas sou feita de tal modo que não me interessa muito pela produção de seu Atacado de Trocadilhos de Segurança nem pelas escuridões e ininteligibilidades de seu sistema de linguagem deliberadamente emaranhado. Parece-me que você desperdiça seu gênio.⁴⁵

Apesar disso, não retirou seu apoio financeiro a Joyce e o ajudou na publicação e divulgação de seu último romance. Manteve-se, assim, sempre fiel ao escritor irlandês.⁴⁶

⁴⁵ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 728.

⁴⁶ Para Joyce, a Srta. Weaver jamais desistiria de ajudá-lo, na opinião do escritor “ela fora enviada para a sua vida pelo espírito oficiante de Homero, uma vez que seu nome (Weaver, em inglês, quer dizer tecelão) sugeria o tecer e destecer da tapeçaria de Penélope.” (como se sabe, Penélope foi eternamente fiel a Ulisses.). (O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p.153.).



Harriet Shaw Weaver, a mecenas.

47

I. III. PUBLICAÇÃO E RECEPÇÃO DE *FINNEGANS WAKE*

Como Joyce guardava em sigilo o título definitivo do seu romance, fragmentos deste sob o título provisório de *Work in Progress*⁴⁸ foram sendo publicados em jornais e revistas à medida que o escritor lentamente os escrevia, até a data da publicação integral da obra, em 4 de maio de 1939 (os primeiros fragmentos de *Work in Progress* apareceram na revista literária *Transatlantic Review* (Paris); as editoras Faber and Faber (Londres) e Viking Press (Nova Iorque) foram as responsáveis pela publicação da primeira edição

⁴⁷ ANDERSON, Chester G. Op. Cit., p.83.

⁴⁸ O título *Work in Progress* foi adotado por Joyce em 1924, quando Ford Madox Ford publicou, em abril do citado ano, um fragmento da obra do escritor num suplemento literário de trabalhos em andamento da revista *transatlantic review* (sic), intitulado "Work in Progress". Joyce gostou do título e passou a usá-lo para referir-se ao seu novo livro, conferindo a Ford o apadrinhamento do título provisório de seu último romance. (ELLMANN, Richard. Op. Cit., p.694)

de *Finnegans Wake*).⁴⁹ Os problemas com a censura não tardaram a surgir: o capítulo VIII do livro – intitulado Anna Livia Plurabelle –, por exemplo, foi censurado na Inglaterra.

Além disso, a linguagem do romance, “incompreensível” para a maioria dos leitores, criou um problema conflitante para os críticos, uma vez que, se por um lado a singularidade lingüística e poética da obra tomava o texto interessante, por outro lado sua aparente falta de sentido e conseqüente fracasso em comprazer o desejo de entendimento imediato do leitor fomentavam hostilidade. Aliás, até sua leal protetora, Harriet Weaver, como vimos, hesitou em aceitar a obra.

O primeiro “ataque” de uma pessoa “íntima ao *Finnegans Wake*” partiu do irmão de Joyce, Stanislaus. Em 7 agosto de 1924, Stanislaus escreveu ao irmão:

Recebi um fascículo do seu romance ainda sem nome na *transatlantic review* (sic). Não sei se o palavreado debilóide sobre metade de um chapéu de baile e banheiros modernos de senhoras (praticamente as únicas coisas que entendi nessa produção de pesadelo) é escrito com a intenção deliberada de dar uma rasteira no leitor ou não. (...) Eu, de minha parte não leria mais um parágrafo daquilo se não conhecesse você.⁵⁰

Até então, “a maioria de seus amigos tinha evitado fazer comentários sobre as primeiras seções do livro, esperando que houvesse mais dele disponível; mas quando perceberam que era quase todo escrito em *calembours*

⁴⁹ Até pouco antes da publicação integral do romance, apenas Nora Joyce, mulher de James Joyce, conhecia o título de seu novo livro.

⁵⁰ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 712, 713.

(trocadilhos), ficaram perplexos, depois irritados, e finalmente indignados, tristes ou irônicos.”⁵¹

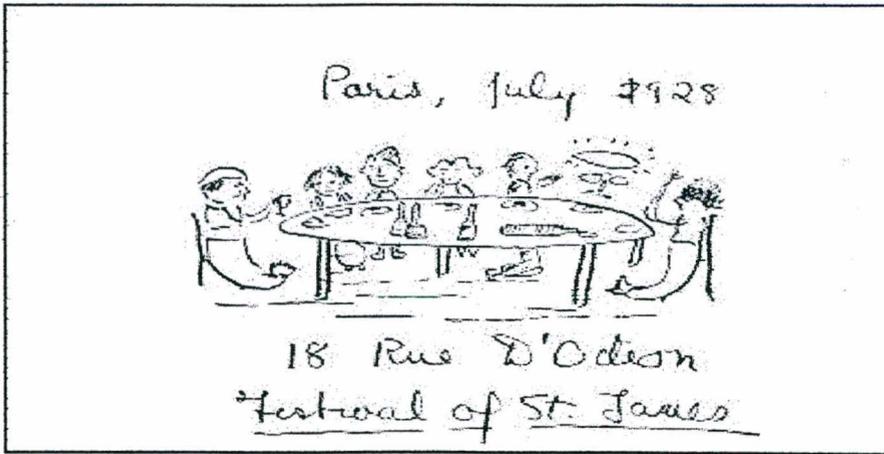
Mas, paradoxalmente, a “estranheza” da linguagem de *Work in Progress*, à medida que enfurecia a crítica e os leitores, também estimulava sua divulgação, graças às controvérsias e polêmicas criadas. Mesmo assim, Joyce sabia que era necessário repelir as críticas negativas e legitimar o novo modelo de romance criado. Para tanto, o escritor contou com o apoio de Eugène Jolas, um grande aliado desde os primeiros anos da composição de *Finnegans Wake*: ele considerava essa obra o mais importante documento sobre a “revolução da palavra” e decidiu publicar fragmentos dela em *Transition*, revista editada por ele.⁵² Jolas também estimulou Joyce a conceber um plano estético e intelectual que fizesse seu novo romance dialogar com outros movimentos da vanguarda da época. Começou a realizar-se assim a defesa de *Finnegans Wake*, através de um livro supervisionado pelo próprio Joyce, que foi intitulado *Our exagmination round his factification for incamination of work in Progress*” (Nosso Exagme em torno da sua factificação da incaminação de Obra em realização (sic))⁵³ e publicado pela Shakespeare and Company em 1929. O livro continha críticas favoráveis a Joyce escritas por vários colaboradores escolhidos pelo próprio Jolas, que também escreveu um texto: Samuel Beckett, Marcel Brion, Frank Budgen, Stuart Gilbert, Victor Llon, Robert McAlmon, Thomas McGreevy, Elliot Paul, John Rodker, Robert

⁵¹ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p.718

⁵² NORRIS, Margot, 1997, p. 173.

⁵³ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 755.

Sage e William Carlos Williams.⁵⁴ Assim, “o livro tinha doze autores, como os doze fregueses do bordel de Earwicker, ou os doze apóstolos de Cristo.”⁵⁵



Joyce e seus colaboradores, desenho de F. Scott Fitzgerald, 1928.⁵⁶

A estratégia dos amigos de Joyce alcançou um efeito positivo: eles não só desacreditaram as críticas mais negativas feitas ao livro e responderam a possíveis dúvidas que seriam levantadas pelos leitores, como também mudaram a opinião de muitos dos críticos de Joyce. Os ensaios acerca do romance legitimaram o experimentalismo do escritor, através de noções oriundas da lingüística, da teoria literária, da filosofia, etc.⁵⁷

Joyce, por sua vez, parecia decidido a incorporar a crítica feita por seus amigos à sua nova obra: a opinião deles seria uma espécie de capítulo extratextual de *Work in Progress* e, por essa razão, ele controlava pessoalmente o trabalho dos colaboradores.⁵⁸

⁵⁴ Idem, *ibidem*. Op. Cit., p. 756.

⁵⁵ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 756.

⁵⁶ ANDERSON, Chester G.. Op. Cit., p.100.

⁵⁷ NORRIS, Margot, 1997, p. 174.

⁵⁸ *Our Exagmination Round his factification for Incamination of "Work in Progress"* é mencionado na página 284 de *Finnegans Wake*: "Imagine the twelve deaferended dumbbawls

Após a publicação de *Finnegans Wake*, em 1939, os ensaios sobre o romance se multiplicaram. Nas quatro primeiras décadas, foram publicados guias para leitores do romance, pequenas versões do livro e estudos dos mais variados tipos.

O primeiro estudo importante sobre o último livro de Joyce foi *A Skeleton Key to Finnegans Wake*, de Joseph Campbell e Henry Morton Robinson, publicado em 1944. Esta obra, que procura desvendar o fundamento mítico do livro, continua sendo ainda hoje uma referência obrigatória para quem adentra o sonho joyciano.

Segundo Margot Norris, os estudos mais atuais sobre o romance; muito embora sejam variados, não abarcam toda a complexidade da obra.⁵⁹ Talvez por isso Derek Attridge tenha concluído que é preciso repensar a posição de *Finnegans Wake*, a fim de situá-lo como centro da história da literatura, graças à multiplicidade de linguagens e de interpretações que gera.⁶⁰

Se Joyce desejava deixar os críticos ocupados em decifrar *Finnegans Wake* pelos próximos trezentos anos, segundo ele mesmo declarou, parece que conseguiu.⁶¹ No entanto, se ainda hoje os estudos acerca do livro se multiplicam, Joyce morreu (Zurique/1941) ciente da indiferença do mundo para com *Finnegans Wake*. Os grandes estudos sobre o romance são posteriores ao final da Segunda Guerra.

O ano de publicação do romance, 1939, foi também o início da Segunda Grande Guerra. Se nesse momento os leitores estavam ocupados com os problemas políticos e sociais da época, finda a guerra, esses mesmos

of the howl abovebeugled to be the continuation through regeneration of the unutteration of the world in progress".

⁵⁹ NORRIS, Margot, 1997, p.176.

⁶⁰ *Idem*, *ibidem*, p.176-7.

⁶¹ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p.156.

leitores buscaram outras referências que pudessem explicar o conflito pelo qual haviam passado. Deste modo, *Finnegans Wake* foi por um longo período deixado à margem. O próprio autor estava consciente de que a guerra seria, mais uma vez, sua grande rival. A publicação de *Retrato de um Artista Quando Jovem* já havia sofrido os efeitos negativos da Primeira Guerra Mundial.⁶²

É melhor eles se apressarem. A guerra vai irromper, e ninguém mais lerá meu livro.⁶³

As palavras de Joyce, citadas acima, são sintomáticas. Poucos autores foram tão obstinados como ele em divulgar seus livros, ainda que muitas vezes lhe faltasse pragmatismo:

Ele ia todos os dias à loja da Srta. Beach saber de novos subscritores, acariciar a lista, embrulhar os livros para o correio e sugerir planos alucinados e irrealistas para anunciá-lo.⁶⁴

Seu interesse em ser lido e admirado levava-o não só a incentivar as traduções de suas obras, como também a colaborar com os tradutores, sendo um exemplo, a primeira versão francesa de *Finnegans Wake*⁶⁵, feita a várias mãos por Samuel Beckett, Paul-L. Léon, Eugène Jolas, Ivan Goll e Philippe Soupault, sob os olhos do escritor.

O certo é que “James Joyce talvez tenha sido, em nosso século, o escritor que recebeu a consagração mais imediata e duradoura, primeiramente

⁶² ELLMANN, Richard. Op. Cit., pp.496 -7.

⁶³ Idem, ibidem, p. 887.

⁶⁴ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p.131.

⁶⁵ BOUCHET, André du. *Du Monde Entier James Joyce – Finnegans Wake*. Paris: Gallimard, 1962.

por algum de seus pares e contemporâneos, em seguida, pelos numerosos escritores que sofreram sua influência e, finalmente, pela crítica especializada.”⁶⁶

A crítica brasileira Leyla Perrone-Moisés enumerou as qualidades estéticas da obra de Joyce que mais atraíram os escritores modernos:

a concisão, a capacidade de dizer muito em poucas palavras (e, no caso de *Finnegans Wake*, em cada palavra). A abrangência e a coerência interna de seu universo. A pluralidade de línguas, de estilos, de vozes e de sentidos. O valor crítico de suas sátiras. A novidade espantosa de sua técnica romanesca. A universalidade obtida a partir do particular, do regional.⁶⁷

Como um complemento à discussão da importância de James Joyce na história da literatura, seguem-se algumas opiniões de “escritores-críticos” (para usar uma nomenclatura de Leyla Perrone-Moisés) latino-americanos sobre *Finnegans Wake*.

Para Borges, com *Finnegans Wake* Joyce “trouxe uma nova música ao inglês”: “Soube todos os idiomas e escreveu num idioma inventado por ele, um idioma dificilmente compreensível mas que se distingue por uma música estranha...”⁶⁸

Já Octavio Paz opinou: “a obra mais vasta e poderosa da literatura moderna é talvez a de Joyce; seu tema é imenso e mínimo: a história da queda, velório e ressurreição de Tim Finnegan, que não é outro senão o idioma inglês. Adão (todos os homens), o inglês (todas as línguas), o próprio livro e

⁶⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 128.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 141.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 135.

seu autor são uma única voz que flui num discurso circular: a palavra, fim e princípio de toda história. O poema devora o poeta.”⁶⁹

Augusto de Campos acredita, por sua vez que “o Joyce de *Ulisses* e *Finnegans Wake* divide a história do romance em antes e depois. A.J., D.J., antes de Joyce, depois de Joyce. E, bem pensadas as coisas, talvez nem haja ‘depois’; talvez, depois de Joyce, o romance já não deva ser romance, mas uma outra coisa.”⁷⁰

I. IV. *FINNEGANS WAKE* NO BRASIL: DA TRADUÇÃO DE FRAGMENTOS À OBRA COMPLETA

No Brasil, a publicação dos primeiros fragmentos de *Finnegans Wake* em português datam de 1962, quando Augusto e Haroldo de Campos publicaram *Panorama do Finnegans Wake*, uma edição não-comercial, com excertos da obra de Joyce.

Essa primeira “transcrição” de trechos do *Finnegans Wake* precedeu a tradução de *Ulisses*, feita por Antônio Houaiss (1966), tendo exercido, segundo Haroldo de Campos, “evidente influxo sobre ela, com o impacto de sua fatura criativa e transgressora da norma comum (influenciou, também, *Tutaméia*, de Guimarães Rosa, de 1967, como a crítica mais alerta o tem reconhecido)”⁷¹.

⁶⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Op. Cit., p. 135.

⁷⁰ Idem, *ibidem*, p. 138.

⁷¹ CULT-REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA. São Paulo. Ano III - nº 31, p.57.

Em 1971, a tradução dos irmãos Campos foi reeditada e reformulada: cinco fragmentos foram acrescentados à antologia e alguns outros foram expandidos. Esta versão final da edição *standard* de *Finnegans Wake* cobre trechos extraídos das páginas 3, 13, 143, 157 /159, 182/ 184, 189/ 190, 196, 202, 206/ 207, 214/ 216, 226, 244, 556, 559, 561 e 627/ 628.

As modificações feitas à primeira edição do livro foram necessárias devido aos “numerosos acréscimos de importância”, tanto na biografia de Joyce quanto no empenho de traduzir sua obra para diferentes línguas.⁷²

O *Panaroma do Finnegans Wake* mereceu elogios dentro e fora do país. Em 1981, em um simpósio sobre tradução, o americano David Hayman, um dos maiores especialistas em Joyce, referiu-se à tradução brasileira dos fragmentos do último romance do escritor irlandês como “a mais ambiciosa tentativa, até a presente data”, e “um modelo para o trabalho futuro”.⁷³

Dos fragmentos traduzidos pelos irmãos Campos ao início de uma tentativa de tradução completa do último livro de Joyce mais de duas décadas se passaram.

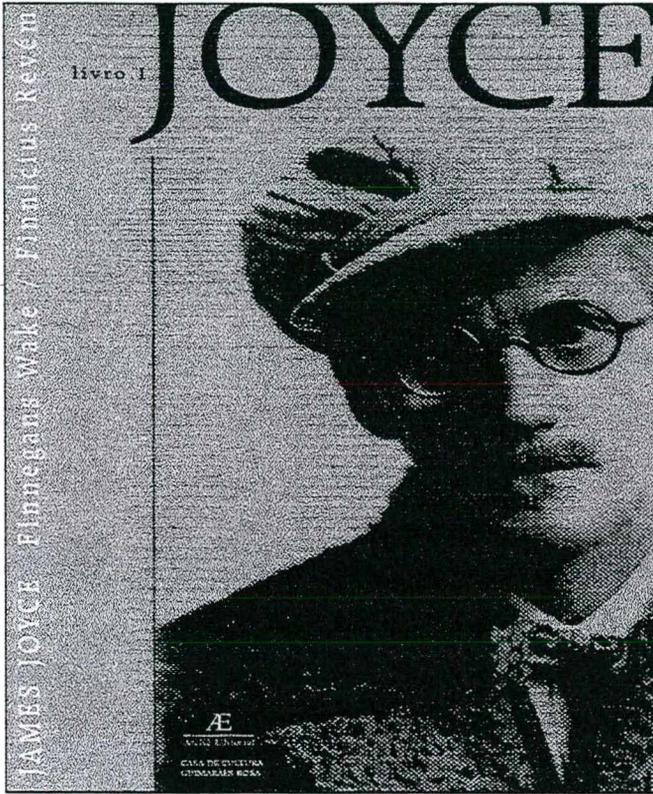
Somente em 1999 os leitores brasileiros tiveram acesso à tradução integral do primeiro capítulo do romance, um ousado empreendimento de Donaldo Schüller, professor de literatura grega da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo declarou o tradutor nas várias entrevistas concedidas, o estímulo para traduzir Joyce veio de uma sociedade psicanalítica gaúcha.

A empreitada de Schüller prossegue (em 2000 foi publicado o segundo volume do livro, contendo os capítulos 2, 3 e 4, e neste ano sairá o terceiro volume, contendo os capítulos 5, 6 e 7), e ele mesmo espera, dentro

⁷² CAMPOS, Haroldo e Augusto de. *Panaroma do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p.17.

⁷³ CULT – REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA, Op. Cit., p.57.

de dois ou três anos, concluir o trabalho. Inspirado, talvez, pelo próprio Joyce, Schüler optou por fazer de sua tradução um *Work in Progress*, publicando-a em capítulos separados, lançados anualmente.



**I Capítulo de “Finnicius Revém”: Ateliê Editorial
Tradução: Donaldo Schüler.**

Deste modo, o leitor brasileiro terá acesso à tradução completa de *Finnegans Wake*, ou *Finnicius Revém* (título sugerido pelos irmãos Campos e adotado por Schüler), em 2004.

Em agosto de 2000, Donaldo Schüler esteve em Santa Catarina como professor convidado para ministrar a aula inaugural do curso de pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Nesta ocasião, em entrevista concedida ao prof. Sérgio Medeiros da UFSC e a mim,

comentou alguns aspectos de sua tradução e da recepção do livro entre os leitores brasileiros.

No tocante à recepção do livro, Schüler diz ter-se surpreendido com o “estrondoso” interesse dos meios de comunicação de massa pela tradução de *Finnegans Wake*, uma vez que se trata de um livro de apreensão complexa. No entanto, Schüler também opina que os jornais trataram do assunto de modo superficial, tecendo comentários sobre a obra de Joyce e sua tradução para o português em textos “puramente jornalísticos”, que quase nada trazem de interessante ao leitor que realmente deseja ler Joyce.

Schüler lamenta ainda a falta de empenho dos teóricos da tradução em estudar as versões brasileiras citadas atrás. Um exemplo desse “descaso” é o trabalho de Houaiss, que até hoje espera por um estudo sério.

I. V. ANEXO:

**TABELA COM INFORMAÇÕES ACERCA DA PUBLICAÇÃO DOS DIFERENTES
CAPÍTULOS E FRAGMENTOS DE *FINNEGANS WAKE* RETIRADA DO LIVRO
JAMES JOYCE Y LA EXPLOSIÓN DE LA PALABRA DE JOSE CARNERO
GONZALEZ**

ANEXO I

Publicación de los diferentes Capítulos y Fragmentos de *Finnegans Wake*

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden	
I	i	"The Wake"	003-029	—	—	—	
		"The Giant's Howe"	—	—	—	—	
		"Opening Pages of a Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , (Apr 1927), 9-30	11
		"From <i>Work in Progress</i> "	—	—	—	<i>New Experiment</i> , 7 (Spring 1931), 27-29	30
		"From <i>Work in Progress</i> "	007-010	"From <i>Work in Progress</i> "	—	<i>Contempo</i> , III, 13 (Feb 1934), 1, 4	34
			023	"The River and the Mountain Converse": • "A Muster from <i>Work in Progress</i> "	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26	
I	ii	"Ballad"	030-047	—	—	—	
		"Continuation of a Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 2 (May 1927), 94-107	12
			030-034	"From <i>Work in Progress</i> "	—	<i>Contact Collection of Contemporary Writers</i> . Paris, May 1925, pp. 133-36	2
				"Work in Progress"	—	<i>Two Worlds</i> , 1, 2 (Dec 1925)	6
				"No Concern of the Guinnesses": • "A Muster from <i>Work in Progress</i> "	—	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26

Orden (última columna): los números indican el orden cronológico de publicación.

• Fragmento que incluye el título anterior, más corto.

ANEXO I (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden	
I	iii	"Goat"	048-074	—	—	—	
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 3 (Jun 1927), 32-50	13
			065	"Peaches": • "A Muster from <i>Work in Progress</i> "	—	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26
			074	"Vikingfather Sleeps": • "A Muster from <i>Work in Progress</i> "	—	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26
I	iv	"Lion"	075-103	—	—	—	
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 4 (Jul 1927), 46-65	14
			076-078	"A Mole": • "A Muster from <i>Work in Progress</i> "	—	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26
I	v	"Hen"	104-125	—	—	—	
		"Fragment of an Unpublished Work"	—	—	—	<i>Criterion</i> , III, 12 (Jul 1925), 498-510	3
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>Two Worlds</i> , I, 1 (Sep 1925), 45-54	4
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 5 (Aug 1927), 15-31	15

ANEXO I (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden
I	vi	"Questions & Answers"	126-168	—	—	—
		"Work in Progress"	—	—	<i>transition</i> , 6 (Sep 1927), 87-106	16
			152-159	"The Mookse & the Gripes": * <i>Tales Told of Shem and Shaun</i>	Paris: Black Sun Press, Aug 9, 1929 (Intr. by C. K. Ogden)	24
				* <i>Two Tales of Shem and Shaun</i>	London: Faber & Faber, Dec 1, 1932	32
I	vii	"Shem"	169-195	—	—	—
		"Shem the Penman"	—	—	—	—
		"Extract from Work in Progress"	—	—	<i>This Quarter</i> , I, 2 (Autumn-Winter, 1925-26), 108-23	7
		"Work in Progress"	—	—	<i>Two Worlds</i> , II, 4 (Jun 1926)	9
		"Work in Progress"	—	—	<i>transition</i> , 7 (Oct 1927), 34-46	17

ANEXO I (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden
I	viii	"Anna Livia Plurabelle"	196-216	—	—	—
		"From Work in Progress"	—	—	<i>Navire d'Argent</i> , 1, 5 (Oct 1925), 59-74	5
		"Work in Progress"	—	—	<i>Two Worlds</i> , II, 3 (Mar 1926)	8
		"Work in Progress"	—	—	<i>transition</i> , 8 (Nov 1927), 17-35	18
		<i>Anna Livia Plurabelle</i>	—	—	New York: Crosby Gaige, Oct 20, 1928 (Preface by Padraic Colum)	22
		<i>Anna Livia Plurabelle</i>	—	—	London: Faber & Faber, Jun 12, 1930 (Criterion Miscellany No. 15)	27
II	i	"The Mime of Mick, Nick and the Maggies"	219-259	—	—	—
		"Twilight Games"	—	—	—	—
		"Work in Progress"	—	—	<i>transition</i> , 22 (Feb 1933), 50-76	33
		<i>The Mime of Mick, Nick and the Maggies</i>	—	—	Hague: Servire Press, Jun 1934 (Designs by Lucia Joyce)	36
			244-246	"A Phoenix Park Nocturne"	<i>Verse</i> , 1, 2 (Mar-Jun 1938), 26	40
	258-259	"The Mime of Mick, Nick and the Maggies"	<i>Les Amis de 1914: Bulletin Hebdomadaire de l'Academie de la Coupole</i> , II, 40 (Feb 23, 1934), 1	35		

ANEXO I (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden
II	ii	"Night Lessons"	260-308	—	—	—
			260-275	<i>Storiella as She Is Syung</i>	<i>transition</i> , 23 (Jul 1935), 109-29	37
				<i>Storiella as She Is Syung</i>	London: Corvinus Press, Oct 1937	39
			282-304	"Work in Progress"	<i>transition</i> , 11 (Feb 1928), 7-18	19
				"The Muddest Thick That Was Ever Heard Dump" ("The Triangle"): * <i>Tales Told of Shem and Shaun</i>	Paris: Black Sun Press, Aug 9, 1929 (Intr. by C. K. Ogden)	24
			304-308	<i>Storiella as She Is Syung</i> <i>Storiella as She Is Syung</i>	<i>transition</i> , 23 (Jul 1935), 109-29 London: Corvinus Press, Oct 1937	37 39
II	iii	"Scene in the Pub"	309-382	—	—	—
			309-331	"Work in Progress" [The Norwegian Captain & Kersse the Tailor]	<i>transition</i> , 26 (Feb 1937), 35-52	38
			337-355	"Work in Progress" [Buckley & the Russian General]	<i>transition</i> , 27 (Apr-May 1938), 59-78	41
			380-382	King Roderick O'Conor [First fragment written by Joyce in Mar 10, 1923]	—	0

ANEXO I (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden
II	iv	"Manalujo" "From Work in Progress" "Work in Progress"	383-399	—	—	—
			—	—	<i>transatlantic review</i> , I, 4 (Apr 1924), 215-23	1
			—	—	<i>Two Worlds</i> , II, 5 (Sep 1926), 35-40	10
III	i	"First Watch of Shaun" "Shaun the Post b" "Work in Progress"	403-428	—	—	—
			—	—	—	—
			—	—	<i>transition</i> , 12 (Mar 1928), 7-27	20
			413	"On the Death of Mrs. Sanders (Pippip)": * <i>A Muster from Work in Progress</i>	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26
			414-419	"The Ondt and the Gracehoper": * <i>Tales Told of Shem and Shaun</i>	Paris: Black Sun Press, Aug 9, 1929 (Intr. by C. K. Ogden)	24
			417-419	* <i>Two Tales of Shem and Shaun</i> "From 'Tales Told of Shem and Shaun': Three Fragments from <i>Work in Progress</i> "	London: Faber & Faber, Dec 1, 1932 <i>Imagist Anthology 1930</i> . London: Chatto & Windus, 1930, pp. 121-22. (New York: Covici Friede.)	32 29
III	ii	"Second Watch of Shaun" "Shaun the Post b" "Work in Progress"	429-473	—	—	—
			—	—	—	—
			—	—	<i>transition</i> , 13 (Summer 1928), 5-32	21
		454-455	"Be Sage and Choose": * <i>A Muster from Work in Progress</i>	<i>transition stories, Twentythree stories from transition</i> . New York: Walter J. Mckee, 1929, pp. 177-91	26	

ANEXO 1 (Continuación)

Libro	Capítulo	Título	Páginas	Fragmento	Publicación	Orden	
III	iii	"Third Watch of Shaun"	474-554	—	—	—	
		"Shaun the Post c"	—	—	—	—	
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 15 (Feb 1929), 195-238	23
			532-554	<i>Haveth Childers Everywhere</i> [HCE]	Paris: Henry Babou, Jun 1930. (New York: Jac Kahane.)	28	
		<i>Haveth Childers Everywhere</i> [HCE]	London: Faber & Faber, May 8, 1931. (Criterion Miscellany No. 26.)	31			
III	iv	"Fourth Watch of Shaun"	555-590	—	—	—	
		"Shaun the Post d"	—	—	—	—	
		"Work in Progress"	—	—	—	<i>transition</i> , 18 (Nov 1929), 211-36	25
IV	—	—	593-628	—	—	—	
			609-613	[St. Patrick and the Druid]	—	—	

II. *FINNEGANS WAKE*:

ASPECTOS GERAIS

“Lovesoffun at Finnegan’s Wake” [FW 607]

Finnegans Wake deve seu título e, em parte, também seu tema e sua motivação estrutural a uma balada popular (incluída no cd que acompanha este trabalho), conhecida como “Finnegan’s Wake” (escrita com apóstrofo, o qual foi eliminado por Joyce, ao adotar a mesma expressão para nomear seu romance), de origem incerta: alguns estudiosos acreditam que seja uma balada americano-irlandesa⁷⁴, talvez surgida no século XIX no mundo do “music-hall”.⁷⁵

A balada conta a história de Tim Finnegan, um servente de pedreiro e amante do uísque⁷⁶ que certa feita cai de uma escada e quebra a cabeça. Seu velório, tipicamente irlandês, é festejado com uísque. Passado algum tempo, inicia-se uma briga e, no meio do tumulto, gotas da bebida caem sobre Tim Finnegan que, então, retorna à vida.

A letra dessa canção é reproduzida na íntegra a seguir, em razão do papel importante que teve na gênese e estrutura do romance:

FINNEGAN'S WAKE⁷⁷

⁷⁴ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op.Cit., p.157

⁷⁵ TORTOSA, Francisco García. Op.Cit., p. 40.

⁷⁶ Em irlandês, whisky – *uisce beatha* – significa água da vida. (NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 158).

⁷⁷ *O Velório de Finnegan*. Tim Finnegan vivia na Walkin Street, / Um cavalheiro irlandês bastante esquisito. / Ele tinha uma língua a um tempo rica e doce, / E para vencer na vida carregava um balde. / Agora Tim tinha uma espécie de jeito de cambalear, / Nasceria com amor ao álcool, / E para ajudá-lo com seu trabalho todo dia, / Tomava uma gota de aguardente toda manhã. CORO: O que fez (sic)ai, dance com seu parceiro, / Levante-se, sacuda as pernas, / Não era verdade o que lhe contei, / Muito divertido o Velório de Finnegan. / Certa manhã Tim estava bastante lotado (sic), / Sua cabeça pesada que o fazia tremer, / Ele caiu da escada e quebrou a cabeça, / E levaram para casa seu cadáver para velar, / Enrolaram-no num belo lençol limpo, / E o deitaram na cama, / Com um galão de uísque aos pés, / E uma barreira de porto (sic) na cabeça. / Seus amigos reuniram-se no velório, / E a sra. Finnegan chamou para o almoço, / Primeiro trouxeram chá e bolo, / Depois cachimbos, tabaco e ponche de uísque. / A srta. Biddy O'Brien começou a chorar, / “Um cadáver tão bonito e limpinho, vocês já viram? / Ah, Tim por que você foi morrer?” / “Ora cale o bico”, disse Paddy McGee. / Então Biddy O'Connor tomou a tarefa, ? “Biddy”, diz ela, “estou certa de que você está errada”, / Mas Biddy meteu-lhe a cinta na cara / E deixou-a esparramada no chão; / Ah, então logo se desencadeou a guerra; / Era mulher com mulher e homem com homem, / A lei engajou todo mundo / E logo começou uma correria e confusão. / Então Micky Malone ergueu sua cabeça / Quando um caneco de

Tim Finnegan lived in Walkin Street,
 A gentleman Irish mighty odd.
 He has a tongue both rich and sweet,
 An'to rise in the world he carried a hod
 Now Tim had a sod of a tipplin' way,

With the love of the liquor he was born,
 An' to help him on with his work each day,
 He'd a drop of the craythur every morn.

Chorus

Whack folthe dah, dance to your partner,
 Welt the flure, yer trotters shake,
 Wasn't it the truth I told you,
 Lots of fun at Finnegan's wake.⁷⁸

One morning Tim was rather full,

uisque voou contra ele, / Mas errou e caindo na cama, / A bebida espalhou-se sobre Tim; / Logo ele ressuscita, vejam como se levanta, / E Timothy erguendo-se da cama. Diz: "Rodem seu uísque como brasas, Almas do demônio, pensam que estou morto?" (Tradução de Lya Luft: ELLMANN, Richard. Op. Cit., pp. 670, 671).

⁷⁸ A tradução de Haroldo de Campos para o refrão de *Finnegan's Wake*, publicada no livro *Joyce no Brasil*, uma edição comemorativa do 10º Bloomsday realizado em São Paulo, é a seguinte: "Dama e cavalheiro formem par/ Falo a verdade, toca a dançar,/ Um forró dos bons vai ter início:/ Farra à beça no bar do Finnicius." Existe outra tradução desse refrão, assinada por Marcelo Tápia, que cita, conforme ele esclarece, "elementos da 'tradução adaptativa' de Haroldo de Campos": "Agora bate pra dan, dan, dança para alguém,/ Rasta rasta pé e trote trote tem,/ Vê só se não foi como eu te falei,/ Farra à beça no forró do Finnicius que reyém" (*Irish Dreams/ Sonhos Irlandeses*. Edição comemorativa do Bloomsday 2000. Ed. Olavobrás/ABEI, p.20). Esta última tradução foi gravada pelo próprio tradutor e faz parte do cd que integra este trabalho.

His head felt heavy which made him shake,
He fell from the ladder and broke his skull,
So they carried him home his corpse to wake,
They rolled him up in a nice clean sheet,
And laid him out upon the bed,
With a gallon of whiskey at his feet,
And a barrel of porter at his head.

His friends assembled at the wake,
and Mrs. Finnegan called for lunch,
First they brought in tay and cake,
Then pipes, tobacco, and whiskey punch.

Miss Biddy O'Brien began to cry,
'Such a neat clean corpse, did you ever see,
Arrah, Tim avourneen, why did you die?'
'Ah, hould you gab,' said Paddy McGee.

Then Biddy O'Conoor took up the job,
'Biddy,' says she, 'you're wrong, I'm sure,'
But Biddy gave her a belt in the gob,
And left her sprawling on the floor;
Oh, then the war did soon enrage;
'Twas woman to woman and man to man,
Shillelagh law did all engage,
And a row and a ruction soon began.

Then Micky Malone raised his head,
When a nogging of whiskey flow at him,

~~It missed and falling on the bed,
 The liquor scattered over Tim;
 Bedad he rivives, see how he rises,
 And Timothy rising from the bed,
 Says, 'Whirl your liquor round like blazes,
 Thanam o'n dhoul, do ye think I'm dead?'~~

Nessa balada podemos encontrar alguns elementos que serão desenvolvidos no livro, tais como: o enredo cíclico, a morte e a ressurreição do herói, a comicidade como tom geral e uma mescla de ingredientes lúdicos e obscenos, além da descrição de um ritual funerário tipicamente irlandês.⁷⁹ O título do último romance de Joyce, ao remeter a essa canção, é portanto bastante revelador, e foi talvez por isso que o autor o manteve em segredo, como se sabe, até pouco antes da publicação da obra.⁸⁰

Por esse motivo, Jean-Michel Rabaté pôde afirmar que a canção *Finnegan's Wake* é um "récit archétypal de la résurrection, la balada plonge de

⁷⁹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.40.

⁸⁰ "Naquele verão de 1938 Joyce teve que entregar a alguns de seus amigos de Paris, embora nem para a Faber & Faber nem a Viking Press, o único segredo sobre seu livro que desejava guardar um pouco mais, seu título. Seguidamente oferecera um desafio aos íntimos para que adivinhassem qual seria, e Beckett, Léon e Jolas tinham tentado e falhado, como a srta. Weaver antes deles. Certa noite de julho, no terraço do Fouquet, Joyce repetiu sua oferta em troca de várias garrafas de Riesling. A Sra. Joyce começou a cantar uma canção irlandesa sobre sr. Flannigan e o sr. Shannigan. Joyce, surpreso, pediu que parasse. Quando viu que não fizera nenhum mal, ele, muito claramente, como um cantor faz, fez movimentos labiais que pareciam indicar *F e W*, Maria Jolas adivinhou, "Fairy Wake", Joyce pareceu espantado e disse: "Bravo! Mas falta uma coisa. Os Jolas refletiram alguns dias, e de repente, na manhã de 2 de agosto, Eugene Jolas viu que o título deveria ser *Finnegans wake* (sic). No jantar daquela noite ele lançou as palavras no ar, e Joyce empalideceu. Lentamente baixou o cálice de vinho que segurava: "Ah, Jolas, você tirou alguma coisa de mim", disse ele quase tristemente, depois ficou bastante alegre. Quando se separaram naquela noite, Jolas escreveu mais tarde: "Ele me abraçou, dançou alguns daqueles seus passos intrincados, e perguntou: 'Como quer Ter o dinheiro?'" Jolas respondeu: "Em sous", e na manhã seguinte Joyce chegou com uma bolsa cheia de moedas de dez francos, que instruiu as filhas de Jolas para servirem ao pai no almoço. Mas pediu que os Jolas jurassem segredo até que ele escrevesse o ponto final, embora não exista nenhum". (ELLMANN, Richard. Op. Cit., pp. 872, 873).

manière emblématique dans le monde du folklore qui sert de matière première à Joyce.”⁸¹

Diria, porém, citando as palavras de Campbell e Robinson, que na composição do livro “o divertido episódio de Finnegan é apenas o prólogo de uma ação maior.”⁸²

O romancista e crítico Michel Butor afirma que “a história de Finnegan, que dá seu nome ao livro, se apresenta sob uma enorme amplificação e dá nascimento a muitas outras espécies de narrativas, através das quais se discernem pouco a pouco as constantes que definirão H.C.E.”⁸³, sendo H.C.E. o herói do romance de Joyce, conforme voltarei a falar.

Como *Finnegans Wake*, o título do romance de Joyce, vem escrito sem o apóstrofo que o título da balada possui, surge nele uma ambigüidade, podendo significar tanto a morte de Finnegan, quanto a ressurreição de todos os Finnegans (em inglês, o verbo *to wake* significa despertar, acordar, velar (morto) ou ressuscitar).⁸⁴ Tim Finnegan, o personagem da balada, é substituído, aliás, logo no início do romance (páginas 24 a 29), por H.C.E., ou Humphrey Chimpden Earwicker, ou Haveth Childers Everywhere, ou tantos outros nomes conferidos a ele – todos conservam, entretanto, as três letras

⁸¹ RABATÉ, Jean-Michel. *James Joyce*. Paris: Hachette Supérieur, 1993, p.180.

⁸² CAMPBELL, Joseph e ROBINSON, Henry Morton. *A Skeleton Key to Finnegans Wake*. Nova Iorque: Buccaneer Books, 1976, p.15.

⁸³ BUTOR, Michel, 1974, p.163.

⁸⁴ O título do romance foi traduzido por Haroldo e Augusto de Campos por *Finnicius revém* (sic). Esta tradução foi adotada por Donald Schüler que a explica da seguinte forma: “Ouvem-se em *Finnegans Wake* sonoridades do idioma que uniu o Ocidente, o latim do império romano: *finis* (fim) aposto a *again* para anunciar a circularidade viconiana. O componente latino induz os irmãos Campos à tradução *Finnicius Revém*. Ao passar pelo francês (*revé* – sonho), o título traduzido sustenta a substância onírica do romance. O tradutor romanceia na esteira do original. Oportuno é recordar, na composição do título, a expressão latina *finis fluviorum*, as desembocaduras dos rios. Podemos ignorar *fin* (fim), substantivo francês que rima com *revém*, vínculo sonoro de princípio e conclusão?” (JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém* – Capítulo 1. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p. 15, 16). Teixeira Coelho propôs, no seu livro *Moderno Pós-Moderno*, a seguinte tradução: *Finnicius Revela*, que nos parece interessante e reformula a de Augusto e Haroldo de Campos. (COELHO, Teixeira. Op. Cit., p. 98)

iniciais. H.C.E. ('Here Comes Everybody' ou, na tradução de Donald Schüler, 'O Homem a Caminho Está'⁸⁵), o novo herói do romance, que dominará, daí por diante, a estória, e representa, ou pretende representar, toda a humanidade, e não apenas Tim Finnegan.

O nome de Tim Finnegan pode ser associado, como afirmou o próprio Joyce e reconhecem os críticos, ao nome do herói gigante e nacionalista Finn MacColl, líder dos guerreiros irlandeses, os fenianos.⁸⁶ Diz a lenda que o herói, enterrado em Howth, tinha uma "estrutura tão imensa que a cabeça ficava num lugar, a barriga em outro e os pés em Phoenix Park"⁸⁷. No romance de Joyce, o cabo de Howth e o Parque Phoenix são dois dos três cenários da estória, como se verá adiante. Deste modo, Finn MacColl insere-se no romance, está relacionado com Tim Finnegan e é também uma das encarnações de H.C.E..

Segundo a lenda irlandesa, Finn MacColl foi abandonado por sua esposa, Grania, que depois de embebedar o herói, fugiu com um dos seus melhores guerreiros. Esse episódio ressoa no romance de Joyce, trazendo à tona, por associação, outras lendas análogas, como, por exemplo, a lenda de Tristão e Isolda, a história de Lancelot e Ginabra, mulher do rei Arthur, dentre outras. Na verdade, Finn MacColl parece representar, no romance, todos os heróis, desde Thor, Prometeu, Cristo, Buda, etc.⁸⁸

Se percebemos no nome de Tim Finnegan uma série de alusões míticas, sua morte e ressurreição, segundo Donald Schüler, "entra no rol de outras: a de Lúcifer, a de Adão, a de Roma, a de Humpty Dumpty, a de Charles

⁸⁵ Haroldo de Campos, em artigo publicado na revista *Cult*, em 31 de fevereiro de 2000, sugere a seguinte tradução para 'Here Comes Everybody': Heis Cadaqual Evém.

⁸⁶ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 43.

⁸⁷ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p. 148.

⁸⁸ CAMPBELL, Joseph e ROBINSON: Henry Morton. Op. Cit., p. 14.

Stewart Parnell, a do rei Arthur, a de Tristão, a de Noé embriagado, a da chuva, a queda diária de todos os homens sem excluir o colapso da bolsa de Wall Street. Quedas e restaurações movem o universo.”⁸⁹ No universo de *Finnegans Wake*, essas constantes quedas e ressurreições remetem, entre outras tantas idéias, à fênix, o pássaro sagrado do Egito que ressurge de suas próprias cinzas: no romance, essa figura mítica é representada pelo parque Phoenix de Dublin. Situado à margem do rio Liffey, o parque, além de abrigar os pés do legendário gigante Finn MacColl, segundo a lenda já citada, é também o cenário de um delito cometido por Earwicker (H.C.E), o qual mencionarei à frente. Fora da ficção, o parque Phoenix é o lugar onde Lord Frederick Cavendish e T.H. Burke, membros do governo britânico, foram assassinados em 1882 por independentes irlandeses, fato este atribuído ao político anglo-irlandês e líder nacionalista Charles Stewart Parnell (1846-91), o qual, envolvido num escândalo de adultério, teve que renunciar ao seu cargo, transformando-se, mesmo assim, em herói mítico que, como tal, também ressurge depois de morto.

Essas ressurreições contínuas de personagens fictícios e míticos, essas sobreposições de fatos históricos e lendários, unindo e confundindo o passado e presente num movimento circular, explicitam, no romance de Joyce, uma concepção cíclica da história, a qual já está inscrita em germe na balada sobre o pedreiro Tim Finnegan. Como se verá adiante, Joyce retirou sua concepção cíclica da história das idéias do filósofo italiano Giambattista Vico (1668 – 1744).

⁸⁹ JOYCE, James. *Finnegans Wake/ Finnicus Revém – Capítulos 2, 3 e 4*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2000, p. 15.

II. I. HISTÓRIA, MITO E SONHO

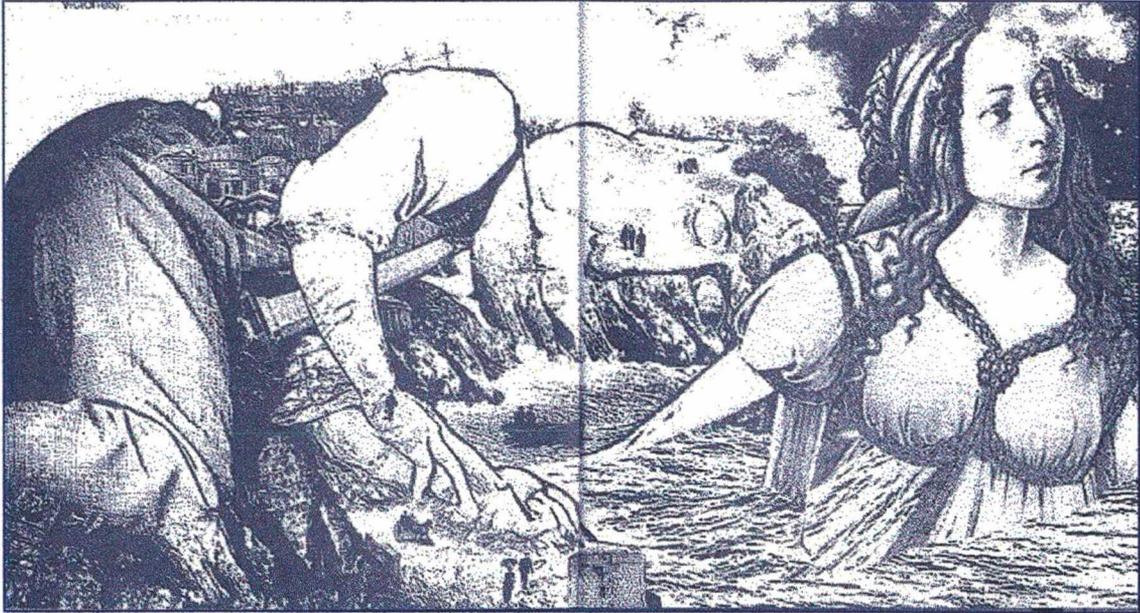
Segundo Campbell e Robinson: “*Finnegans Wake* é um estranho livro, um misto de fábula, sinfonia e pesadelo – um monstruoso enigma a acenar imperiosamente dos abismos sombrios do sono. Sua mecânica assemelha-se à de um sonho, um sonho que libertou o autor das necessidades da lógica comum, possibilitando-lhe comprimir todos os períodos da história, toda as fases do desenvolvimento individual e racial, em um desenho circular, de que cada parte é começo, meio e fim.”⁹⁰

Para Joyce, *Finnegans Wake* era uma espécie de “história universal” que misturava fatos verídicos e fábulas, transcorrendo num universo cômico e onírico. O escritor concebeu o livro, conforme informou a um amigo no início da sua escritura, como um sonho – com todas as suas imprecisões e incoerências –, o sonho do gigante Finn MacColl que, deitado moribundo à margem do rio Liffey (rio que corta a cidade de Dublin e estende-se para fora dela), observa a história da Irlanda e do mundo, seu passado e futuro (“Macool, Macool, orra whyi deed ye diie?” (FW 6.13)).⁹¹

Se o livro começa narrando a morte e ressurreição de Tim Finnegan, logo depois se configura, de fato, como o relato de um sonho, onde o herói H.C.E. (uma reencarnação de Tim Finnegan e Finn MacColl) surge para substituir o pedreiro bêbado, assumindo, a partir daí, diferentes nomes. Além disso, H.C.E. está rodeado de vários outros personagens, os quais podemos agrupar em uma família.

⁹⁰ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. Op.Cit. , p.106.

⁹¹ ELLMANN, Richard. Op. Cit., pp. 670 e 671.



Finn MacColl deitado à margem do rio Liffey.

92

Em linhas gerais, os membros da família Earwicker são os seguintes: Humphey Chimpden Earwicker – dono de uma taverna, conhecida como H.C.E. (Here comes Everybody), um personagem que espelha todos os homens, todos os mitos ,... - ; Anna Livia Plurabelle – mulher de Earwicker, representa todas as mulheres e sua natureza contém todas as virtudes e defeitos no mais alto grau - ; seus filhos gêmeos: Shem – um escritor rebelde, autor de livros pornográficos, incrédulo e apátrida, mas bondoso –, Shaun – ao contrário do irmão, é um representante da ordem e da justiça inflexível, atraente, sabe utilizar a retórica em proveito próprio e trabalha com esmero e constância; e sua filha Issy ou Isobel, que simboliza a beleza, a inocência, a luxúria, a bondade e a astúcia, e é o objeto de desejo inconfessado dos irmãos e do pai.

Alguns críticos situam o sonho joyciano, no qual se inserem todos os acontecimentos do romance, entre a noite de sábado, dia 18 de março de

⁹² NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., 154, 155.

1922, e a madrugada de domingo, dia 19, abarcando portanto desde o entardecer – ou as primeiras horas da noite – até o amanhecer do dia seguinte.⁹³ Para outros especialistas, entretanto, não é possível saber exatamente quando o sonho acontece: a noite narrada no romance pode ser tanto a noite de sábado para domingo de um dia e ano indeterminados, quanto a noite de segunda-feira, adentrando na madrugada de terça-feira, do dia 21 de março de 1938.⁹⁴ Como se percebe, o romance noturno de Joyce não oferece ao leitor dados precisos para situar sua ação narrativa.

Os acontecimentos oníricos que povoam o romance não ocorrem, entretanto, só à noite, mas também em diversas horas do dia. O primeiro livro de *Wake* (o romance está dividido em quatro livros, como se verá à frente), por exemplo, começa numa certa manhã, às onze horas e trinta e dois minutos, segundo afirma o estudioso inglês Clive Hart, e termina às dezoito horas, no capítulo VIII.⁹⁵

Esse caráter onírico do último romance de Joyce confere ao livro características próprias dos sonhos, que vão influenciar não só a sua narrativa, como também a sua linguagem.

II. II. OS HABITANTES DO UNIVERSO ONÍRICO DE *FINNEGANS*

WAKE

⁹³ GONZALEZ, Jose Carnero. *James James y la Explosión de la Palabra*. Sevilla: Publicaciones de la Universidade de Sevilla, 1989, p. 81.

⁹⁴ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., pp.51, 53.

⁹⁵ REICHERT, Klaus (org.). *James Joyce: Anna Livia Plurabelle*. Frankfurt: Suhrkamp Taschench, 1982, p.13.

Assim como sucede nos sonhos, em *Finnegans Wake* os personagens e as situações mudam constantemente, assumindo a cada momento novas formas e aparências imprevistas, tornando difícil para o leitor identificá-las e individualizá-las, ou fixá-las num ser único.⁹⁶

No tocante aos personagens do romance, John Blades acredita que, muito embora eles estejam em contínua metamorfose, "there are hints of what we call character or identity, and they emerge in fragments, often in a cipher or disguise, continually repeated but continually altering. So it often seems we are immersed in a riddle of merging and dissolving personalities."⁹⁷

Aqui, torna-se necessário definir o conceito de "personagem". No prefácio ao livro *A Personagem de Ficção*, o crítico Antonio Candido propõe inicialmente uma definição não de personagem, mas de "pessoa", nestes termos:

As pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinados, apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma

⁹⁶ A elaboração onírica, estudada por Freud no livro *Interpretação dos Sonhos* (1900), cria deformações e ambivalências, originando seres imprecisos e compostos. Ou seja, as imagens oníricas, ou os personagens do sonho, tendem a ser vagos e confusos.

Ao analisar um de seus próprios sonhos, Freud verificou que por trás de uma personagem chamada Irma escondiam-se outras: "todas essas pessoas com as quais tropeço ao perseguir o elemento Irma não entram fisicamente no sonho, porém se escondem atrás da pessoa onírica Irma, que desse modo está constituída como uma imagem coletiva de traços contraditórios." (FREUD, Sigmund. *Obras Completas, Tomo I*. Madri: Biblioteca Nueva, 1981, p. 525.).

Ao comentar esse sonho de Freud em seu livro *O Dono dos Sonhos*, um estudo sobre as narrativas míticas e oníricas de um índio xavante, Sérgio Medeiros comenta: "A imagem de Irma, portanto, é estável, porém se alteram os traços da sua personalidade à medida que ela vai encamando os diferentes personagens que se abrigam sob o seu nome. Em outros sonhos analisados por Freud, porém, a imagem do personagem ambivalente não permanece estável, como nesse exemplo: Na constituição de uma fisionomia onírica também podem entrar traços físicos de pessoas diversas, de modo que o produto final dessa elaboração ou condensação se torna uma figura mista." (MEDEIROS, Sérgio Luiz Rodrigues. *O Dono dos Sonhos*, São Paulo: Razão Social, 1991, p.71).

A condensação onírica, descrita por Freud, é um processo similar à técnica narrativa utilizada por Joyce em *Finnegans Wake*, como se verá.

⁹⁷ BLADES, John. *How to Study James Joyce*. Londres: Macmillan, 1992, p.149.

infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é “inefável”. (...). A nossa visão da realidade em geral, e em particular dos seres humanos individuais, é extremamente fragmentária e limitada.⁹⁸

O universo que nos propõe *Finnegans Wake* é sem dúvida ainda mais fragmentário do que o universo que essa “visão da realidade” nos proporciona, segundo a descrição de Antonio Candido, e, paradoxalmente, por isso mesmo, torna-se um universo ilimitado, já que parece querer abarcar o “ser humano” total, desde Adão até o homem do século em que o autor viveu. De fato, os personagens de Joyce, os personagens de *Finnegans Wake*, não são seres fixos ou esquematizados, mas uma pluralidade indefinida de máscaras, de fragmentos de personalidades distintas e sobrepostas, como poderia ocorrer num retrato cubista, que oferece simultaneamente todos os aspectos de um mesmo objeto, vistos de ângulos diferentes.

Na página seguinte:

Retrato de Ambroise Vollard, 1910 – Pablo Picasso.⁹⁹

⁹⁸ CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 32.

⁹⁹ WALTHER, Ingo. *Picasso*. Colônia: Taschen, 1993, p.38.



Se entendemos o personagem de ficção como “seres humanos de contornos definidos e definitivos; em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modelo exemplar (exemplar também no sentido negativo)” ¹⁰⁰, então devemos renunciar a chamar as figuras que povoam *Finnegans Wake* de personagens.

Vejamos então como os críticos lidam com essa questão e como eles definem a personagem joyciana, que é uma possível representação do habitante do inconsciente ou do “sonho” da humanidade, e não a concretização de um “ser humano” definido, fixo.

Ao discutir num ensaio o conceito de personagem, Umberto Eco afirma algo que pode servir como introdução ao estudo dos personagens

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio. Op. Cit., p. 45.

joycianos. Diz o romancista e crítico italiano: "A literatura contemporânea está redescobrendo o emprego do símbolo e do emblema, e a estética se apercebe de que, se a personagem narrativa em sentido tradicional deve ter a concretude de uma 'pessoa', é, todavia, possível o êxito estético de um discurso feito de símbolos, estilizações e hieróglifos."¹⁰¹

A partir desse comentário de Eco, poderíamos definir previamente os personagens de Joyce como símbolos ou emblemas de conceitos universais (às vezes precisos, às vezes ambíguos ou sobrepostos), como o masculino e o feminino, por exemplo, dois pólos de opostos que ora se afastam, ora se unem e até se confundem entre si, criando imagens complexas e instáveis.

Por esta razão, na opinião de Adaline Glasheen, estudiosa da obra de Joyce, citada pelo crítico espanhol José Carneiro Gonzales, é difícil identificar os principais personagens do romance:

One actor plays several parts at the same time...The above examples are much abbreviated and honed down, they are slight indications (not models) of a process that is extensive, dense, elaborately constructed and in a perpetual motion of ordered change, like stars and atoms and subatoms and cells and galaxies. But however simplified, this mix-multiply-shift of dramatic roles confuses and befuddles the mind - WHO exactly did you say is who when...?¹⁰²

Como nos sonhos descritos por Freud, um mesmo personagem assume diferentes máscaras, mudando de caráter a cada nova situação. Entretanto, Bernard Benstock acredita que, em *Finnegans Wake*, "the question

¹⁰¹ ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 213.

¹⁰² GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p.36. (Citação do livro: Glasheen Adaline, *Third Census of Finnegans Wake: an Index of the Characters and Their Roles*. Berkeley & Los Angeles: Univ. of California, 1977, p.x.)

is not so much 'who is who when everybody is someone else', but who is who in each particular situation."¹⁰³ As últimas frases do romance podem servir de exemplo para o que se acabou de falar. Neste fragmento, o personagem que nos fala pode ser Anna Livia, Issy, um rio, uma árvore, ...:

I am passing out. O bitter ending! I'll slip away before they'll never see. Nor know. Nor miss me. And it's old and old it's sad and old it's sad and weary I go back to you, my cold father, my cold mad father, my cold mad feary father, till the near sight of the mere size of him, the moyles and moyles of it, moananoaning, makes me seasilt salsick and I rush, my only, into your arms. I see them rising! Save me from those therrble prongs! Two more. Onetwo moremens more. So. Avelaval. My leaves have drifted form me. All. But one clings still. Lff! So soft this morning ours. Yes. Carry me along, taddy, like you done through the toy fair! If I seen him bearing down on me now under whitespread wings like he'd come from Arkangels, I sink I'd die down over his feet, humbly dumbly, only to washup. Yes, tid. There's where. First. We pass through grass behush the bush to. Whish! A gull. Gulls. Far calls. Coming far! End here. Us then. Finn, again! Take. Bussoftthee, mememormee! Till thousandsthee. Lps. The keys to. Given! A way a lone a last a loved a long the

(Sim, me vou indo. Oh amargo fim! Eu me escapulirei antes que eles acordem. Eles não hão de me ver. Nem saber. Nem sentir minha falta. E é velha e velha é triste e velha é triste e em tédio que eu volto a ti, frio pai, meu frio frenético pai, meu frio frenético feerível pai, até que a pura vista da mera aforma dele, as águas e águas dele, lamamentando, me façam maremal lamasal e eu me lance, oh único, em teus braços. Ei-los que se levantam! Salva-me de seus

¹⁰³ Idem, ibidem, p. 37. (Citação do livro: Berstock, Bernard. *Joyce-Again's Wake: An Analysis of Finnegans Wake*. Westport, Conn (sic): Greenwood Press, 1965, p.38.)

terríperos tridentes! Dois mais. Um dois morhomens mais. Assim. Avelaval. Minhas folhas se foram. Todas. Uma resta. Arrasto-a comigo. Para lembrar-me de. Lff! Tão maviosa manhã a nossa. Sim. Leva-me contigo, paisinho, como daquela vez na feira de brinquedos! Se eu o vir desabar sobre mim agora, asas branquiabertas, como se viesse de Arkanjos, eu pênsil que decairei a seus pés, Humil Dumilde, só para lauvá-los. Sim, fim. É lá. Primeiro. Passamos pela grama psst trás do arbusto para. Psquiz! Gaivota, uma. Gaivotas. Longe gritos. Vindo, longe! Fim aqui. Nós após. Finn équem! Toma. Bosculaveati, mememormim! Ati mimiênios fim. Lps. As chaves para. Dadas! A via a uma a uma a mém a mor a lém a) [FW 627, 628]¹⁰⁴

Richard Ellmann resume a problemática dos personagens do romance onírico de Joyce da seguinte maneira:

As personagens seriam vultos oníricos da eterna e profana família. Todo mundo, sua esposa, seus filhos e seus seguidores, saltando acima e abaixo no rio. No séc. XX o avatar de todo mundo seria Humphrey Chimpden Earwicker, dono de um bordel em Chapelizod, cuja esposa era Anna Livia, cujos filhos eram os gêmeos Shem e Shaun e sua irmã de personalidade dividida, Isabel. Atrás e dentro de Earwicker, aquele homem composto de fanfarrão e mentiroso, estavam todos os homens empreendedores, fortes ou fracos; seus filhos gêmeos eram toda a espécie possível de pares de irmãos ou oponentes, sua esposa era todas as donas-de-casa, sua filha o desejo de todos os corações desde Iseult da Irlanda à Vanesa de Swift. Além dessas manifestações, Earwicker era um gigante primordial, uma montanha, um deus,

¹⁰⁴ CAMPOS, Augusto de. Tradução: Augusto de Campos. *Poesia, Antipoesia, Antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, pp. 14, 15.

com um duplo aspecto sugerido pelos filhos, e Anna um rio, um princípio da natureza, e sua filha uma nuvem.¹⁰⁵

A respeito da natureza desses personagens, Margot Norris emite a seguinte opinião: “as pessoas em *Finnegans Wake*, todas as suas mil e uma pessoas, são membros e projeções da família, aspectos de H.C.E. e A.L.P., os quais, num certo sentido, são as únicas pessoas em *Finnegans Wake* e no mundo.” Mas, segundo Norris:

Esta penetrante identificação-cruzada dos personagens, todavia, é mais do que simplesmente a redução de indivíduos a tipos. Visto que as várias ações do livro descrevem exatamente a luta por posições cobiçadas, notadamente a posição de rei, de pai e de sujeito – e não objeto –, a confusão de personagens e a freqüente dificuldade de distinguir quem é o pai, filho ou irmão resultam da transgressão primeira de limites proibidos dentro da arena das relações familiares primordiais que produzem a identidade.¹⁰⁶

O certo, porém, é que, lendo o romance, podemos constatar alusões constantes a H. C. E., A. L. P. e aos demais membros da sua família e pessoas próximas, o que os transforma em personagens do romance, e os faz indivíduos a quem se pode atribuir experiências únicas, enquanto individualidades; mas, como também estão sofrendo constantes metamorfoses, como são múltiplos, acabam por ganhar uma dimensão simbólica maior, refletindo todos nós não só enquanto indivíduos, mas também como raça: “o

¹⁰⁵ ELLMANN, Richard. Op. Cit., pp. 671, 672.

¹⁰⁶ NORRIS, Margot, “A Estrutura Narrativa”, in NESTROVSKI, Arthur (org.). *riverrun. Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 374.

inconsciente coletivo se instrumentaliza, por assim dizer, através da família Porter”.¹⁰⁷

II. III. O (S) NARRADOR (ES) DO ROMANCE

À dificuldade em reconhecer os personagens sem identidade fixa de *Finnegans Wake* está associada outra questão: a da identificação do narrador do romance. Um texto narrativo, como se sabe, pode ser narrado de duas perspectivas: a do personagem e a do narrador. No romance de Joyce, essas duas perspectivas parecem se confundir, surgindo um discurso ambíguo, o dos sonhos.

Sabe-se que, no romance *Ulisses*, Joyce utilizou uma técnica que poderíamos definir como objetiva-subjetiva, havendo um constante ir-e-vir, e mesmo às vezes “confusão”, entre o ponto de vista de um narrador em terceira pessoa e as opiniões e visões dos personagens. No capítulo final desse romance, Joyce foi ainda mais ousado e utilizou o monólogo interior, o fluxo da consciência, dando voz aos devaneios mais íntimos e desconexos de Molly Bloom.

Num ensaio sobre o narrador do romance moderno, Michel Butor afirma:

¹⁰⁷ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p.79. Porter, um “personagem” que aparece no livro apenas com este nome, adota durante o decorrer do seu sonho o nome Earwicker (JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Barcelona: Lumen, 1993, p.09)). Deste modo, em *Finnegans Wake*, a família Earwicker também é conhecida como família Porter.

Na narrativa em primeira pessoa, o narrador conta o que ele sabe de si mesmo, e unicamente aquilo que ele sabe. No monólogo interior, isso se restringe ainda mais, já que ele só pode contar aquilo que sabe no instante mesmo. Encontramo-nos, por conseguinte, diante de uma consciência fechada. A leitura se apresenta então como uma “violentação”, à qual a realidade se recusaria constantemente.¹⁰⁸

No último Joyce, essa “consciência fechada” de que fala Butor talvez não seja a consciência de uma pessoa, mas da humanidade, ou do homem (um Adão mítico) que o representa.

A esse respeito, Donald Schüler esclarece:

Em romances que aspiram a rigor, o narrador se evidencia, seja interno, seja externo, fale em primeira pessoa, segunda ou terceira pessoa. Quem, entretanto, poderá pretender rigor quando descemos às origens?...Rigor há, mas é apenas uma emergência entre muitas em ambiente avesso a hegemonias...Em *Finnegans Wake* tudo fala, todos falam. Somos perturbados pela abundância. Habitados que éramos a ser conduzidos, somos intimados a decidir.¹⁰⁹

Schüler conclui: “fala-nos alguém que ainda não despertou de todo. Quem relata não entende o que divulga. Busca alucinadamente socorro em teorias e obras de natureza diversa. O que poderia ser enfadonha ostentação de erudição mostra-se insaciável carência.”¹¹⁰

¹⁰⁸ BUTOR, Michel, 1974, p. 51.

¹⁰⁹ JOYCE, James, 2000, pp. 17, 18 e 19.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*.

José Carnero Gonzalez, assim como Schüler, acredita que “em *Finnegans Wake* todo mundo dorme e todo mundo sonha, e cada um colore à sua maneira os acontecimentos que passam por seu sonho, e que são, basicamente, os mesmos do resto dos personagens”.¹¹¹

Compartilhando das opiniões acima, Francisco García Tortosa entende que, em *Finnegans Wake*, “O taberneiro sonha e nos seus sonhos afloram seus temores e complexos, mas não é só ele que sonha, também Anna Livia, os filhos, os criados e até mesmo o narrador sofrem de alucinações do sonho. Desta forma a confusão e o desconcerto para o leitor ficam perfeitamente estabelecidos.”¹¹²

A partir dessas opiniões, pode-se dizer então que, no último romance de Joyce, quase todos os personagens, em um momento ou em outro, sonham e que cada um também “narra” o seu sonho, podendo ser, em certa medida, o narrador do livro, por um instante.

Alguns críticos, todavia, opinam ser H.C.E. o verdadeiro narrador do romance, o dono do sonho. Essa idéia, que já era defendida pelos críticos quando das primeiras publicações do romance, é ainda hoje sustentada por muitos estudiosos.

Na coletânea *James Joyce: Two Decades of Criticism*, de 1948, um ensaio de Edmund Wilson, “The Dream of H.C. Earwicker”, afirma que o “sonho” de Joyce é o sonho de uma única pessoa, Humphey Chimpden Earwicker. Para muitos estudiosos, este ensaio, de grande importância, teria influenciado tanto a crítica da época quanto as posteriores, impondo a versão de que o livro é o sonho de um único personagem.

¹¹¹ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p.57.

¹¹² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 53.

Talvez sob a influência de Edmund Wilson, David Norris entende que, “at a basic storyline level *Finnegans Wake* is the tale of the dream of a Dublin publican, Humphrey Chimpden Earwicker...”¹¹³

Certos críticos, no entanto, acreditam que o sonho narrado no livro seja de um outro personagem que não H.C.E.. Ruth von Phul, por exemplo, em *Who Sleeps at Finnegans Wake?*, de 1957, foi talvez a primeira a defender a idéia de que o “sonhador-narrador” não é Earwicker nem tampouco alguém que esteja situado fora da ação do romance – “the dreamer cannot be a mere onlooker, a person outside the dream” –, mas outro personagem: Shem the Penman. Von Phul justifica esta tese afirmando que Shem teria necessidade de “libertar-se”, atribuindo a outros suas próprias culpas (como a de ter observado seu pai desnudo) e seus próprios complexos.¹¹⁴

Interpretações como essa recorrem geralmente às teorias psicanalíticas da interpretação do sonho, que desde muito cedo fascinaram Joyce e que podem servir de instrumento para se compreender o romance.¹¹⁵

Para Joyce, conforme disse no início deste trabalho, o sonho de *Finnegans Wake* era o do gigante Finn MacCool, mas, na opinião de Richard Ellmann, talvez tal declaração “fosse apenas para indicar que não era o sonho de nenhuma das personagens mais óbvias do livro.”¹¹⁶

Creio que, a respeito do narrador do romance, a conclusão de Seamus Deane seja a mais adequada, até que novos estudos venham a ser realizados e tragam revelações originais sobre a técnica romanesca do último

¹¹³ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 153.

¹¹⁴ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., pp. 40, 41.

¹¹⁵ Embora as teorias psicanalíticas de interpretação do sonho não sejam tratadas neste trabalho, segue, no final deste estudo, uma pequena bibliografia sobre o tema, útil ao leitor interessado em abordar o livro sob o ponto de vista da psicanálise.

¹¹⁶ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 670.

Joyce. Deane afirma: "it may be HCE that is dreaming, it may be a communal dream shared by them all; but it is definitively a world that is known, remembered, interpreted below the level of the conscious mind."¹¹⁷

Deste modo, o sonho de *Finnegans Wake* seria também o sonho de Joyce e o do leitor, assunto a ser abordado mais adiante.

II. IV. O (S) ENREDO (S)

Conforme vimos até aqui, em *Finnegans Wake*, mesmo as questões mais básicas, como, por exemplo: quem são seus personagens, ou quem é o narrador da sua estória, ficam sem resposta definitiva. É óbvio que isso acentua o caráter onírico do livro, que tal como os sonhos não permitem certezas conclusivas. O próprio Joyce afirmava: "É natural que as coisas não sejam tão claras durante à noite, não é mesmo?"¹¹⁸

Assim, o romance incorpora a relatividade mais absoluta, nele nada é o que parece ser e tudo se funde ao mesmo tempo.

O caráter onírico ou irracional de *Finnegans Wake* torna-se ainda mais evidente quando passamos a discutir o seu conteúdo, os temas sobre os quais ele discorre e as ações atribuídas aos diferentes personagens.

Na opinião de Margot Norris, "... something like narratives do emerge from the reading of *Finnegans Wake*, but it is difficult to be certain just how we learn about them ... Because a dream is trying to tell the self things it does not

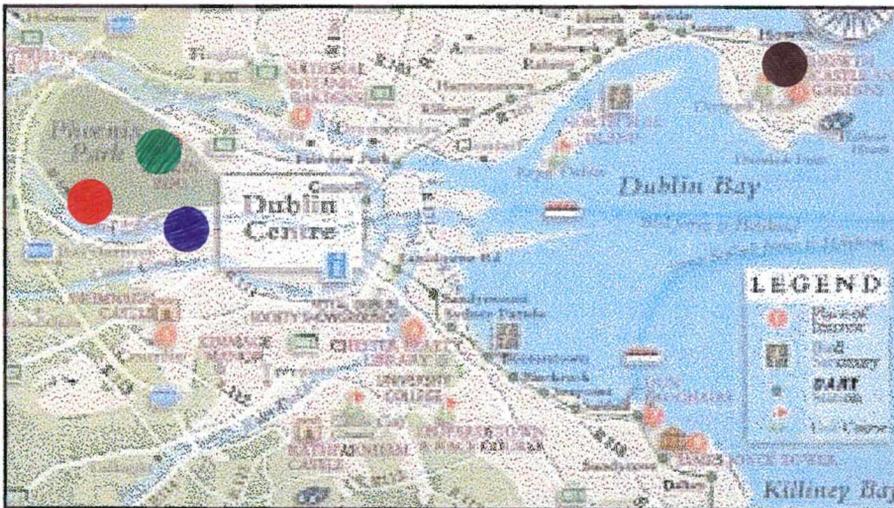
¹¹⁷ JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Londres: Penguin Books, 1992, p.xxviii.

¹¹⁸ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 149.

want to know – its own guilty desires, for example – the dream’s message must be indirect and takes disguised form as a kind of code”.¹¹⁹

Por esta razão, José Canero Gonzalez acredita que “não se pode negar a existência de uma trama que se encontra abaixo – ou descansa sobre – a espessa textura de suas linhas.”¹²⁰

Aliás, o próprio autor explicou a um amigo, Curtius, a trama básica de seu último livro: a história de uma “pequena família” que vive em Chapelizod¹²¹, um bairro de Dublin e lugar do nascimento da lenda de Isolda. Joyce também explicava que essa trama protagonizada por essa família se desenvolvia em três pontos da cidade de Dublin: num *pub* de Chapelizod à margem do Liffey, no Parque Phoenix e em cabo de Howth, conforme já mencionei.¹²²



Dublin: ● Chapelizod; ● Parque Phoenix; ● Rio Liffey; ● Cabo de Howth

¹¹⁹ NORRIS, Margot, 1997, p.163.

¹²⁰ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 78, 79.

¹²¹ Chapelizod significa “capela de Isolda”. (TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 51).

¹²² RABATÉ, Jean-Michel. op. Cit., p.184.

Para outro amigo, entretanto, explicou:

Eu poderia facilmente ter escrito essa história na maneira tradicional. Todo o romancista sabe a receita. Não é muito difícil seguir um esquema simples, cronológico, que os críticos entenderão. Mas eu, afinal, tento contar a história dessa família de Chapelizod de uma maneira nova. O tempo e o rio e a montanha são os verdadeiros heróis do meu livro. Mas os elementos são exatamente o que cada romancista poderia usar: homem e mulher, nascimento, infância, noites, sono, casamento, oração, morte. Não há nada paradoxal nisso tudo. Apenas tento construir muitos planos de narrativa com um único objetivo estético. Você alguma vez leu Laurence Sterne?¹²³

O certo, todavia, é que não se pode reduzir *Finnegans Wake* a essa trama, nem falar do seu enredo sem compreender a lógica das imprecisões e incoerências do sonho.

Na verdade, o romance não possui um enredo linear. Nem tampouco se pode falar de “enredo” no singular, por isso os estudiosos preferem falar em múltiplos fios narrativos: “todos dispersos no meio de pequenas cenas, estórias, fábulas, diálogos, anedotas, canções, rumores e brincadeiras, que muitas vezes são versões umas das outras, e que são todas versões dos conflitos de uma mesma família.”¹²⁴ Deste modo, sua trama se perde e se confunde entre numerosas alusões históricas e culturais, todas desorganizadas e sem importância para o próprio enredo do romance: “livro da noite, ele o

¹²³ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 684.

¹²⁴ NORRIS, Margot. In ATTRIDGE, Derek (org.). Op. Cit., p.164.

descreveu como uma montanha que abria túneis de todos os lados, sem saber o que se ia encontrar.”¹²⁵

Seamus Deane afirma que “it is difficult to say that the *Wake* is a novel; equally difficult to deny it”¹²⁶, pois o livro tem uma narrativa e pode-se vislumbrar nesta uma estória completa, a qual, de certa forma, é “manipulada” pelo escritor. Há, contudo, tantas digressões e repetições no transcorrer desta narrativa que só um leitor obstinado poderia sustentar a crença na sua primazia.¹²⁷

No prefácio à segunda edição de *Panorama do Finnegans Wake*, Augusto e Haroldo de Campos definem o romance de Joyce como livro-desafio e afirmam: “O *Finnegans Wake*, mais ainda que *Ulisses*, assinala o dissídio com a era da representação (do romance como raconto ou fabulação) e instaura, no domínio da prosa, onde se movimenta o realismo oitocentista com seus sucedâneos e avatares, a era da textualidade, a literatura do significante ou do signo em sua materialidade mesma (se o realismo subsiste, este será agora de natureza estritamente semiótica).”¹²⁸

Talvez aqui devêssemos comparar *Finnegans Wake* com seu antecessor, *Ulisses*. O crítico Edmund Wilson afirmou, em *O Castelo de Axel*, que, no que se refere a *Ulisses*, a chave do livro “está no título, e é indispensável a quem queira apreciar a verdadeira profundidade e intenção do

¹²⁵ O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p. 148.

¹²⁶ Outros críticos de Joyce, como, por exemplo, John Blades e Derek Attridge, também questionam o uso da palavra romance para referir-se a *Finnegans Wake*. Segundo Blades: “It was a startling new departure for Joyce as well as for the form of the novel – if novel is what it is.” (BLADES, John. Op. Cit., p.140). Já Derek Attridge refere-se a *Finnegans Wake* da seguinte maneira: “...o romance – se ainda se pode chamá-lo de romance – que faz da palavra-valise a pedra angular de seu método, permanece uma presença perturbadora nas instituições da vida literária.” (ATTRIDGE, Derek, “Desfazendo as Palavras-Valise ou Quem Tem Medo de *Finnegans Wake*.”, in, NESTROVSKI, Arthur (org.). Op. Cit., p.348).

¹²⁷ JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Op. Cit., pp. vii, viii.

¹²⁸ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. Op. Cit., p. 18.

livro.”¹²⁹ Com isso ele chama a atenção para o fato de que o *Ulisses* de James Joyce é uma *Odisséia* moderna, acompanhando de perto a *Odisséia* clássica tanto no tema quanto na forma. Daí concluiu Edmund Wilson: “(...) o significado das personagens e incidentes de sua narrativa ostensivamente naturalista não pode ser compreendido sem a referência ao original homérico.”¹³⁰

Se nos voltamos para *Finnegans Wake*, verificamos que não existe, como no romance que o precedeu, um modelo mítico único, dando forma e sentido aos episódios; ao contrário, no *Finnegans Wake*, temos uma proliferação de mitos, que se transformam uns nos outros, sem se estabilizar nunca num ponto de partida ou chegada. A obra é, como falaremos, cíclica, e seus episódios se modificam ao longo da narrativa. Aliás, *Finnegans Wake* é, como o próprio livro se conceitua, “one continuous present tense integument slowly unfolded all marryvoising moodmoulded cyclewheeling history”¹³¹, ou seja, uma série interminável de níveis que se encaixam em outros e assim sucessivamente.

Sem pretender, aqui, discutir a origem do gênero romance, nem as diversas metamorfoses pelas quais ele passou, a partir do século XVII e da obra de Cervantes até a era moderna, com Joyce, Proust e Kafka, gostaria agora de citar algumas considerações do escritor argentino Julio Cortázar sobre a natureza desse gênero narrativo, que ele definiu como o “preferido do nosso tempo”. Para Cortázar, o romance, sobretudo o moderno, não tem “escrúpulos”, possui “papo de avestruz” e se apropria de todas as linguagens à sua volta. O romance seria, em suma, um sistema verbal impuro, pois:

¹²⁹ WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel*. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 139.

¹³⁰ Idem, *ibidem*, p. 139.

¹³¹ JOYCE, James. *Op. Cit.*, pp. 185, 186.

Profundamente imoral dentro da escala de valores acadêmicos, o romance supera todo o concebível em matéria de parasitismo, simbiose, roubo com agressão e imposição de sua personalidade. Politétrico, amorfo, crescendo como o bicho do travesseiro no conto de Horácio Quiroga, magnífico de coragem e sem preconceito, leva seu avanço até nossa condição, até nosso sentido.¹³²

Se aceitarmos essa sugestão de Cortázar, poderíamos concluir que Joyce levou o romance, ou o fez avançar até a nossa condição de seres dotados de um inconsciente que, muitas vezes, nos controla e “fala” por nós, como diria Lacan. Talvez pudéssemos dizer que, ao escrever *Finnegans Wake*, Joyce quis revelar-nos nossa condição mais íntima, “onde a mão do homem jamais pôs os pés”, segundo a frase famosa que ele cunhou no capítulo VIII.

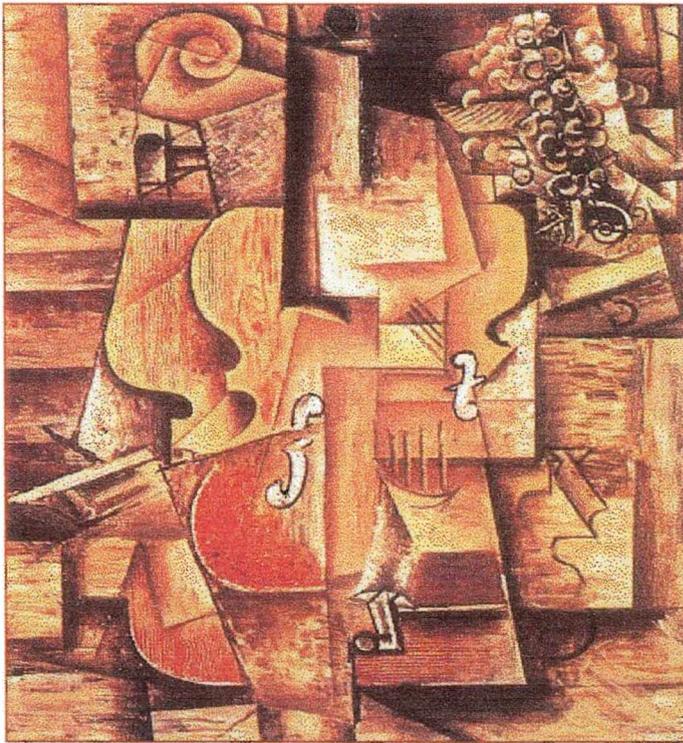
Por isso se torna tão difícil descrever o enredo do romance. Michel H. Begnal concluiu: “Joyce never has been very much for plot – not much really happens in *Dubliners*, perhaps a little more in *A Portrait*, perhaps a little more or less in *Ulysses* ... some recent studies assert that there is no plot in *Finnegans Wake*, or, if there is, it is so amorphous or treated so scantily that it cannot be perceived in any conventional fashion.”¹³³

Para muitos críticos, entretanto, o que menos importa no último romance de Joyce é saber do que este trata: resumir seu enredo, como se verá à frente, seria perder suas proporções enciclopédicas e lúdicas. Por esta razão, muitos estudiosos costumam comparar o livro às pinturas cubistas. Margot Norris, por exemplo, faz a seguinte análise:

¹³² CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p.68.

¹³³ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 77. (BEGNAL, Michel H. *Finnegans wake and Nature of Narrative Modern British Literature*, 1980,p.43.)

By way of analogy, consider the disservice of art critic who helps spectators understand a cubist painting by retrieving for them the residue of visible representation, the guitar and the bunch of grapes on the table, for example, and then encourages them to speculate on what the guitar, grapes, and table *mean*. Clearly something far more important is at stake in the cubist painting's distortion of representation, its spacial derangement, the play of textures, and the fragment of spectator's point of view, than the significance of the objects that are represented. Cubist painting is not about goods and furnitures, but about the relationship between media and phenomenon of seeing. Likewise, *Finnegans Wake* might be said to be 'about' not being certain what it is about: its subject is the nature of indeterminacy itself.¹³⁴



Violino e Uvas, 1912 – Pablo Picasso

135

¹³⁴ Margot Norris, 1997, p. 162.

¹³⁵ O cubismo foi introduzido originalmente por Picasso e Braque. Entre 1912 e 1915, o Cubismo Analítico ("análise" de objetos em seus componentes geométricos) foi substituído pelo "Cubismo Sintético" (a tela acima faz parte deste novo estilo), no qual o artista constrói

Antes mesmo de Joyce concluir o romance, Samuel Beckett já havia opinado que *Finnegans Wake* não era um livro “sobre alguma coisa”, era “a coisa em si”¹³⁶, ou seja, que no último romance de Joyce, “forma é conteúdo, e conteúdo é forma.”¹³⁷ Esse isomorfismo é tão evidente em *Finnegans Wake* que, para dar só um exemplo, “se o trecho é fluvial, nomes de rios se imbricam nos vocábulos, criando um circuito reversível de reflexos do nível temático ao nível formal.”¹³⁸

Se em *Finnegans Wake* forma e conteúdo se confundem talvez seja porque o romance narre um sonho. Como explica John Blades: “... if you were to try to analyse one of your dreams you could not justifiably distinguish the plot of it from the way in which your mind had presented it because the one is inextricably a part of the other.”¹³⁹

A linguagem do livro é, aliás, tão importante que muitos estudiosos, como, por exemplo, Michel Butor, acreditam que o romance nada mais é do que “um sonho sobre a linguagem.”¹⁴⁰ Ou, como sugere Harry Levin, “o verdadeiro romance se passa entre Joyce e a linguagem.”¹⁴¹

Penso que se poderia concluir que *Finnegans Wake* constitui um esforço para entender a natureza da língua num momento de sonho, quando, livre das inibições e convenções, a língua se apresenta entrelaçada

“uma imagem reconhecível a partir de elementos abstratos”. HARRIS, Nathaniel, *Vida e Obra de Picasso*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p. 32, 33.

¹³⁶ NORRIS, Margot, 1997, p. 161.

¹³⁷ BECKETT, Samuel. “Dante... Bruno... Vico... Joyce”, in NESTROVSKI, Arthur (org.). op. Cit., p. 331.

¹³⁸ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama de Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 22.

¹³⁹ BLADES, John. Op. Cit., p.149.

¹⁴⁰ BUTOR, Michel, 1974, p.155.

¹⁴¹ CAMPOS, Augusto de. *Poesia, Antipoesia, Antropologia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 09.

profundamente com nossas vivências e, por vezes, também mesclada com a experiência coletiva e fragmentária.¹⁴²

II. V. ALGUMAS FONTES DO SONHO JOYCIANO

No que diz respeito ao seu conteúdo propriamente dito, pode-se concluir, pelo que se viu até aqui, que *Finnegans Wake* constitui um imenso mosaico de idéias, fatos, mitos e histórias que se mesclam e se sobrepõem. Esse aglomerado vertiginoso de dados e informações, se por um lado contribui para dar-lhe maior obscuridade, por outro lado lhe confere grande flexibilidade, ao multiplicar as conotações e referências cruzadas que o leitor pode eventualmente identificar.

Compreende-se portanto que, numa história que declaradamente deseja englobar todas as histórias, “a alusão seja a coluna vertebral da narração”¹⁴³.

No último romance do escritor irlandês, as inumeráveis alusões têm por finalidade realçar e ampliar a história banal do taberneiro Earwicker e de sua família e, ao mesmo tempo, registrar os feitos bélicos, sociais, religiosos e culturais que deram origem e alimentaram a cultura humana desde Adão e Eva, possivelmente, visto que Joyce, como sabemos, queria contar a “história do mundo”.

Tais alusões, por serem tão variadas e múltiplas, justificam a diversidade de materiais utilizada por Joyce: para o escritor, qualquer fonte,

¹⁴² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.10.

¹⁴³ Idem, ibidem, p. 57.

qualquer referência de jornal, ensaios, ou escritos literários poderiam, *a priori*, servir aos seus propósitos.

Na opinião de James Atherton, "... the book is based fundamentally on two things: Joyce's life and Joyce's reading ... the essential business of *FW* is carried on in the head of James Joyce, a head which was crammed with knowledge of books of all kinds."¹⁴⁴ Embora neste trabalho eu não vá elencar todas as "leituras" de Joyce, gostaria de comentar pelo menos alguns dos livros que o escritor utilizou como fonte na composição de seu último trabalho, a partir da classificação de Atherton.

James Atherton classifica esses livros em duas categorias, de acordo com o uso que deles fez o escritor. A categoria mais numerosa, segundo o crítico, é formada por livros dos quais Joyce aproveitou apenas algumas poucas palavras, ou mesmo uma única palavra, ou frase, ou, talvez, no máximo uma ou duas páginas. Essas palavras ou frases eram escolhidas por ele não por aquilo que elas diziam, mas por causa da maneira como foram escritas - "it was the words themselves that interested him, not the ideas which they expressed."¹⁴⁵ A outra categoria de livros, bem menor que a primeira, é formada por volumes dos quais Joyce extraiu não apenas palavras, mas idéias.

Os livros citados em *Finnegans Wake* constituem um amálgama heterogêneo que vai desde a *Enciclopédia Britânica* até o *Livro dos Mortos* e o *Alcorão*. Os autores mencionados no romance poderiam configurar, igualmente, uma ampla história da literatura universal: Homero, Cervantes, Dante, Shakespeare, Swift, Ibsen, Rabelais, Santa Teresa, são apenas alguns

¹⁴⁴ ATHERTON, James S.. *The Books at the Wake*. Nova Iorque: Mamaroneck, p.16.

¹⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.27.

nomes da extensa lista de escritores relevantes que desempenham, ao lado de outros menos conhecidos, algum papel em *Finnegans Wake*.¹⁴⁶

As citações, entretanto, não se limitam ao âmbito literário, mas se estendem pelo campo da filosofia, teologia, matemática, mitologia, geografia, psicologia, etc., contribuindo para que a universalidade da obra discorra por diferentes planos.

Para que se compreenda melhor como Joyce citava ou incorporava no seu romance idéias e autores tão diferentes, é suficiente citar alguns exemplos. Começo com *The Book of Kells*, de sir Edward O'Sullivan, o primeiro livro a ser mencionado por Joyce numa carta a Harriet Weaver, antes mesmo do início da redação do seu romance, conforme vimos no primeiro capítulo desse trabalho. Esse livro, "produzido na Idade Média entre os séculos VI e IX por monges irlandeses na cidade de Kells, provavelmente, encerra os quatro evangelhos no latim de Jerônimo. Este conjunto, uma das mais preciosas obras da arte irlandesa antiga, traz iluminuras que na abundância ornamental escondem o texto, só perceptível a olhar atento."¹⁴⁷ Conforme reconhecem hoje os estudiosos, as iluminuras intrincadas do livro iriam ecoar a seguir em todo o romance de Joyce, influenciando principalmente a elaboração da sua linguagem: segundo Stuart Gilbert "a similaridade entre a grafia rebuscada dos monges irlandeses e a pirotecnia verbal de *Wake* tem sido freqüentemente comentada."¹⁴⁸ Existiam, no entanto, outras razões para que o livro fosse citado e "incluído" em *Finnegans Wake*; uma delas consiste no fato de o mesmo ter sido "roubado durante à noite ... e ter sido encontrado alguns meses

¹⁴⁶ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 59.

¹⁴⁷ Durante a elaboração desse capítulo, tive acesso às notas ainda inéditas que Donald Schüler publicará no terceiro volume da sua tradução, a sair em breve.

¹⁴⁸ ATHERTON, James. Op. Cit., p.62.

mais tarde, escondido debaixo da terra"¹⁴⁹, dessa forma o livro entrou literalmente no mundo do sonho e da morte, representado em *Finnegans Wake*; além disso, Joyce descobriu no nome do fundador do monastério de Kells, San Columbano, uma série de associações: o escritor relacionou este nome com o do escritor irlandês Padraic Colum e com a pomba - *columba*, em latim - do Espírito Santo, entre outras alusões.



Book of Kells, (c 800AD).

¹⁴⁹ ATHERTON, James. Op. Cit., p.63. Em *Finnegans Wake*, a absolvição de H.C.E., acusado de cometer atos obscenos no Parque Phoenix diante de duas jovens, depende de uma carta escrita por Anna Livia Plurabelle. Esta carta, assim como o livro dos evangelhos, havia sido perdida. Mais tarde, no entanto, uma galinha a encontra enterrada no estrume. Shem a recopiou, mas foi Shaun quem a roubou e a deu a público, fazendo com que passasse por obra sua. O manuscrito é tão longamente descrito no romance que, para muitos críticos, acaba por ser o próprio *Finnegans Wake*. Pelas razões acima, na minha opinião, a carta "perdida" e "usurpada" do *Wake* faz uma alusão ao livro ilustrado dos evangelhos.

Outros livros sagrados ou míticos também foram relevantes para a composição do romance: o *Velho Testamento* e o *Novo Testamento*, o *Livro dos Mortos*, o *Alcorão*, os *Edas*, etc., cada um foi útil ao escritor por diferentes razões. O *Livro dos Mortos*, por exemplo, que descreve os procedimentos para se alcançar a imortalidade, parece estar ligado ao tema central do romance, que é a ressurreição. Do *Alcorão* Joyce tirou grande parte do vocabulário árabe que aparece no seu livro, mas distorceu profundamente as palavras para que pudessem ser confundidas com vocábulos da língua inglesa. Além disso, o *Alcorão*, por sua ambigüidade intrínseca que lhe confere uma flexibilidade tal que o torna capaz de adaptar-se aos mais diferentes povos e raças, interessava ao escritor, que o via como modelo a imitar, já que *Finnegans Wake* também deveria ser uma obra universal.¹⁵⁰

Esses e outros livros também influíram na própria estrutura do romance de Joyce.

II. VI. A ESTRUTURA DE *FINNEGANS WAKE*

Quanto à estrutura do romance, James S. Atherton acredita que *Finnegans Wake* foi estruturado sobre certos axiomas, ou leis fundamentais, provenientes de determinados livros e autores. Ao longo do romance, Joyce oferece pistas sobre quais seriam esses axiomas, cabendo ao leitor, no entanto, elucidá-los por conta própria.¹⁵¹

¹⁵⁰ *The Books at the Wake*, de James S. Atherton, traz um estudo profundo sobre os livros, autores, teorias que Joyce usou para compor *Finnegans Wake*.

¹⁵¹ ATHERTON, James. Op. Cit., p. 28.

Joyce desejou que seu livro incorporasse ou concretizasse o símbolo da mandala budista - \oplus -, que representa o universo circular com seu centro intemporal, “usado como instrumento de meditação: o homem – microcosmo – ao entrar mentalmente na mandala - símbolo visual do macrocosmo – e avançar até seu centro é, por analogia, guiado através de processos cósmicos de desintegração e reintegração.”¹⁵²

A circularidade da existência do homem na terra (vida-morte-renascimento), ou seja, o ciclo da história universal espelhando o ciclo natural, pode-se dizer, é um tema central em *Finnegans Wake*. Joyce foi buscar essa idéia, ou procurou pelo menos fundamentá-la, como sabemos, nas teorias do filósofo, jurista e historiador italiano Giambattista Vico (1668-1744) e no religioso “herege” Giordano Bruno (1548-1600).

James Joyce leu a *Ciência Nova* de Vico quando vivia em Trieste, entre os anos de 1905 e 1910, e “...ficou fascinado pelas idéias de Vico sobre o mito, sobre a metáfora, sobre Homero, sobre a linguagem, sobre a psicologia e muitas outras coisas. “Minha imaginação cresce quando leio Vico”, confessou Joyce certa vez, “o que não acontece quando leio Freud ou Jung”¹⁵³. Ele estava particularmente interessado na interpretação viquiniana da história em

¹⁵² GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p.20. Outro símbolo que Joyce utiliza em suas cartas e notas para referir-se ao romance é $_$, que na opinião de Roland MacHugh simboliza o livro como objeto físico, enquanto que \oplus é mais abstrato, representando a sensação de se contemplar a mandala que o romance simboliza. (GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., pp. 20, 21.) A respeito dos símbolos do *Wake*, Margot Norris tem a seguinte opinião: “Critics over time reduced the confusion of Wakean character identity by using little signs, called sigla,...that Joyce used in his working copies of the text in order to keep track of different figures, to produce a sort of cast characters.” (NORRIS, Margot, 1997, p.163, 164). Em *Finnegans Wake*, Anna Livia Plurabelle é representada pelo delta - Δ -, como se verá adiante.

¹⁵³ “A partir da Segunda Guerra Mundial houve algo como um renascimento de Vico, e ele chegou finalmente a ser reconhecido como uma figura maior na história do pensamento europeu, um “mestre do passado”..., alguns entusiastas chegam ao ponto de considerar Vico o precursor da psicanálise, do existencialismo, do estruturalismo e de outros movimentos intelectuais contemporâneos.” (BURKE, Peter. *Vico*. São Paulo: Unesp, 1997, p. 19, 20).

termos de ciclos, “‘ciclos vicosos’ como os chamou em *Finnegans Wake*.”¹⁵⁴ Há uma alusão a essa teoria do filósofo italiano já na primeira página do romance:

riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs.¹⁵⁵

Uma segunda referência à teoria de Vico, também na primeira página do romance, é indireta: o trovão, composto de cem letras, que discutirei no capítulo quarto, representaria nessa página de *Finnegans Wake* o início do processo da linguagem falada. Segundo o filósofo italiano, a fala começa com sons onomatopaicos que estabelecem uma relação natural entre significante e significado.¹⁵⁶

Vico, ao descrever em sua *Ciência Nova* as idades da humanidade, considerou a história como um processo cíclico, em que o progresso histórico e a humanidade moviam-se através de três períodos, que ele denominava “divino”, “heróico” e “humano”. Findo o último período, haveria uma fase de transição, de caos e, então, tudo recomeçaria, constituindo um ciclo de morte-ressurreição, caos-desordem.¹⁵⁷

Samuel Beckett resumiu essa tese de Vico da seguinte maneira:

¹⁵⁴ Idem, *ibidem*, p.19.

¹⁵⁵ JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Londres: Penguin Books, 1992, p.3.

¹⁵⁶ BURKE, Peter. Op. Cit., p. 54.

¹⁵⁷ O trovão que dá início à narrativa joyciana e inaugura a nova linguagem de *Finnegans Wake* parece-me ter sido inspirado pela obra máxima de Vico: “...a famosa imagem da sociedade primitiva apresentada na *Ciência Nova*, uma imagem de homens e mulheres vivendo na floresta como animais selvagens, permanece próxima da de Lucrécio em seu grande poema filosófico *Sobre a natureza do Universo*, inclusive no que se refere à trovoadas que os faz acreditar num deus.” Ademais, a linguagem falada, segundo Vico, teria começado com sons onomatopaicos. (Idem, *ibidem*, p. 28, 54).

No começo era o trovão: o trovão liberou a Religião, em sua forma mais objetiva e não-filosófica – o animismo idólatra: a Religião produziu a Sociedade, e os primeiros homens sociais foram os habitantes das cavernas, refugiando-se nelas de uma Natureza passional: essa vida de família primitiva tem seu primeiro impulso para a evolução na chegada de vagabundos aterrorizados: admite-se que foram os primeiros escravos: cada vez mais fortes, eles obtêm concessões agrárias, e o despotismo transforma-se num feudalismo primitivo: a caverna torna-se uma cidade, o sistema feudal uma democracia: depois uma anarquia: isso é corrigido por um retorno à monarquia: o último estágio é a tendência à destruição mútua: as nações são dispersadas, a Fênix da Sociedade ergue-se de suas cinzas.¹⁵⁸

No tocante à estrutura de *Finnegans Wake*, o próprio Beckett, num ensaio escrito para o livro *Our Exagmination Round His Factification for Incamination of Work in Progress* de 1929 – o primeiro volume de ensaios sobre o ainda inacabado romance de Joyce –, esboçou um esquema para desvendar a estrutura do romance de Joyce, baseado na teoria da circularidade histórica de Vico: “A Parte 1 é uma massa de sombra passada, correspondendo por isso à primeira instituição humana de Vico, a Religião, ou a sua era Teocrática, ou simplesmente a uma abstração – Nascimento. A Parte 2 é o jogo amoroso das crianças, correspondendo à Segunda instituição, o Casamento, ou à era Heróica, ou a uma abstração – a Maturidade. A Parte 3 baseia-se no sono, correspondendo à terceira instituição, o Enterro, ou à era Humana ou a uma abstração – Corrupção. A Parte 4 é o dia recomeçando, e corresponde à Providência de Vico, ou a uma abstração – Geração.”¹⁵⁹

¹⁵⁸ BECKETT, Samuel, 1992. pp. 324, 325.

¹⁵⁹ Idem, ibidem, pp. 326, 327.

Segundo Margot Norris, os críticos, de modo geral, tendem a encontrar nos quatro livros que constituem *Finnegans Wake* uma estrutura análoga ao modelo cíclico viconiano, dividido em quatro idades. Para Norris, no entanto, o que mais impressiona na estrutura do último romance de Joyce não é a circularidade viconiana mas a “repetição temática”, ou seja:

a persistência de relacionamentos estáveis entre personagens cujas características proteiformes nos lembram aqueles personagens que podem sofrer transmutações em mitos e contos de fadas, aparecendo como seres humanos (Shem e Shaun), como animais (Ondt e Gracehoper), como seres inanimados (rocha, pedra e tempo).¹⁶⁰

Na opinião de Norris, *Finnegans Wake* explora a idéia de transmutação, ou transformações contínuas, formando redes intertextuais no próprio tema do livro, através de histórias que se repetem – nelas a “substância” se mantém, mas os “acidentes” mudam -, sendo que este fenômeno estaria ligado aos mecanismos oníricos e à formação de mitos, daí por que processos semelhantes são encontrados em culturas muito diferentes entre si. Norris cita Claude Lévi-Strauss, antropólogo que estudou os mitos latino-americanos como um conjunto restrito de oposições polares que sofrem contínuas transformações e inversões: “A função da repetição é tornar a estrutura do mito aparente”¹⁶¹. Desta forma, a estrutura de *Finnegans Wake* seria semelhante à estrutura “folheada” dos mitos ameríndios, estudados nas *Mitológicas*, de Lévi-Strauss.¹⁶²

¹⁶⁰ NORRIS, Margot, 1992, pp. 374, 375.

¹⁶¹ Idem, ibidem, p. 375.

¹⁶² LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mitológicas*. Paris: Plon, 1964.

Uma frase do livro parece apontar para isso:

(There extend by now one thousand and one stories, all told, of the same)

[FW. 5.28]

Não foi por outra razão que Campbell e Robinson afirmaram:

Besides being a Dream Confessional, *Finnegans Wake* is also a Treasury of Myth. Myths, like dreams, are an upworking of the unconscious mind ... *Finnegans Wake* is the first literary instance of myth utilization on a universal scale. Other writers - Dante, Bunyan, Goethe - employed mythologic symbolism, but their images were drawn from the reservoirs of the West. *Finnegans Wake* has tapped the universal sea.¹⁶³

Em relação ao aproveitamento em *Finnegans Wake* do sistema filosófico de Vico, Norris acredita que, uma vez que os ciclos tratam de relações de poder inevitáveis entre os seres humanos, de seus movimentos de uma posição a outra dentro dessa hierarquia e, por fim, de seu aprisionamento num mesmo sistema, o princípio estrutural descrito pelo filósofo italiano estaria associado, no romance de Joyce, à relação entre pais, filhos e irmãos, pois nessa relação percebe-se claramente as idéias de ascensão e queda, fim-início, num renascer cíclico.¹⁶⁴

O certo, no entanto, é que o próprio Joyce reconhecia a filosofia de Vico como um de seus modelos estruturais básicos.

¹⁶³ CAMPBELL, Joseph e ROBINSON, Henry Morton. Op. Cit., p. 294.

¹⁶⁴ NORRIS, Margot, 1992, p. 379.

Para alguns críticos, entretanto, as idéias do filósofo italiano teriam influenciado não só a estrutura do romance de Joyce, mas também a sua linguagem.

Talvez a maior influência de Vico sobre a linguagem de *Finnegans Wake* esteja relacionada à idéia de circularidade das frases, e que pode ser percebida na última página do romance: ali, uma frase inacabada, “A way a lone a last a loved a long the”, remete à frase inicial do livro, também incompleta, “riverrun, past Eve and Adam’s,...”, criando um círculo, uma sentença completa que anula a distinção ou oposição entre fim e início. Além disso, certos recursos estilísticos utilizados por Joyce, tais como os trocadilhos e as palavras-valise, possivelmente também trazem a marca de Vico, uma vez que dão à linguagem um caráter de simultaneidade e circularidade.

Segundo os estudiosos alemães Klaus Reichert e Fritz Senn, é preciso ainda não esquecer que, conforme a teoria de Vico, cada palavra conta uma pequena história; ou cada palavra é um pequeno mito. Essa concepção também estaria presente no romance de Joyce, através dos recursos estilísticos utilizados pelo escritor. Cito, como exemplo, a palavra composta, ou palavra-valise “finneagain”¹⁶⁵, que por si só conta uma história, a história dos ciclos de Vico e dos ciclos de *Finnegans Wake*.

No tocante à teoria filosófica de Bruno, que mencionei atrás como tendo sido importante para Joyce, sabe-se que esse pensador pregava a “coincidência dos opostos”, ou seja, tudo que há na natureza desenvolve um oposto e, a partir dessa antítese, forma-se uma nova síntese, sendo que essas transmutações seriam circulares. Segundo John Blades, “in the *Wake* this

¹⁶⁵ Conferir capítulo IV, onde estudo a palavra-valise.

doutrine is manifested on one level in the continual juxtaposition of opposing entities: Shem and Shaun, the Mookse and the Gripes, Ondt/ gracehoper, time/ space, father/ son, all of which are invariably conflicting aspects of the same individual.”¹⁶⁶ Tais oposições, convém lembrar, também estão presentes nos mitos universais e nos ameríndios em particular, segundo Claude Lévi-Strauss, não podendo ser atribuídas só às idéias filosóficas de Bruno.

Vale ressaltar que, de acordo com a teoria de Bruno, “infinita é a vida, porque infinitos indivíduos vivem em nós, assim como em todas as coisas compostas. O morrer não é apenas morrer, porque ‘nada se aniquila’. Assim, o morrer é apenas uma mudança accidental, ao passo que aquilo que muda permanece eterno.”¹⁶⁷ Essa idéia talvez já esteja presente no próprio título do romance: *Finnegans Wake*. Segundo o escritor, tradutor e ensaísta Donald Schüler:

...assinalado por s, alcançamos o despertar dos Finnegans. Quem são eles? Todos os homens? Por que não? Homens Concorrem. Ei-los. (Here Comes Everybody), HCE, o Homem a Caminho Está ... Morrer e renascer é o destino de todos. Os que morrem renascem em filhos, em feitos, em livros, em monumentos, em casas, em árvores... De muitas formas se regenera a mesma energia vital. Finn MacColl revém em Tim Finnegan,...¹⁶⁸

Além disso, em *Finnegans Wake*, “James Joyce presents, develops, amplifies and recondenses nothing more nor less than the eternal

¹⁶⁶ BLADES, John. Op. Cit., p.153.

¹⁶⁷ REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – Volume II*. São Paulo: Paulus, 1990, p.166.

¹⁶⁸ JOYCE, James, 1999, p.16.

dynamic implicit in birth, conflict, death, and resurrection.”¹⁶⁹ Deste modo, a eterna ressurreição do livro poderia ser uma representação da “vida infinita” da teoria do filósofo italiano.

A influência da teoria de Bruno também poderia ser identificada em certos aspectos da linguagem do último romance de Joyce: a “coincidência dos opostos” pode ser exemplificada a partir da conjugação de duas palavras opostas, “laughter” (riso, risada) e “tears” (lágrimas), que originou uma terceira palavra, “laughtears”¹⁷⁰, ou “lágrima-festiva”, na tradução de Donaldo Schüller.

Outras teorias - além das teorias de Vico e Bruno - também ajudaram Joyce a estruturar seu *Finnegans Wake*. James Atherton, por exemplo, cita certas teorias “místicas” ou “obscuras”, como o ocultismo, o espiritualismo, a alquimia, a cabala. Cita ainda as teorias de Jung e Freud sobre mito e sonho.

Muito embora Joyce nunca se referisse aos trabalhos de Jung ou Freud como tendo sido fundamentais para elaborar sua escritura (preferia dizer que desgostava de ambos os autores), estes são mencionados várias vezes em *Finnegans Wake*. Para alguns críticos, o romance se basearia num sonho descrito por Freud no livro *Interpretação dos Sonhos*, embora esse sonho não tenha sido claramente identificado.¹⁷¹ Além disso, segundo Atherton, Joyce talvez tenha incorporado de Freud a teoria de que cada palavra, sendo um ponto de ligação de conceitos variados, representa sempre uma ambigüidade.¹⁷²

¹⁶⁹ CAMPBELL, Joseph e ROBINSON, Henry Morton. Op. Cit., p.21.

¹⁷⁰ O músico e poeta norte-americano John Cage via nessa palavra-valise um símbolo do livro de Joyce, ou seu resumo. (cf. Sérgio Medeiros, “A Máquina de Sonhar”, CULT – REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA. São Paulo. Ano III – nº 31).

¹⁷¹ ATHERTON, James S. Op. Cit., p. 38.

¹⁷² Idem, ibidem, p. 39.

Quanto às teses de Jung, os estudiosos parecem duvidar que Joyce tenha delineado a estrutura do livro a partir de alguma de suas teorias, ainda que o inconsciente coletivo esteja presente em *Finnegans Wake* e termos como “subnesciouness” [FW 224] e “sobsconscious” [FW 377] apareçam no romance. Na opinião de Atherton, esses termos “junguianos”, geralmente modificados, podem sugerir que sua função é apenas decorativa. Outros estudiosos, entretanto, acreditam que a relação entre mito e sonho, proposta em *Finnegans Wake*, tenha recebido influência dos trabalhos de Jung.¹⁷³ Essa é uma questão aberta, que não pretendo aprofundar aqui. O certo é que, no último romance de Joyce, encontramos um grande número de referências feitas a Jung, ou ao seu trabalho: “ondrawer of our unconscionable, flickerflapper for our unterdrugged” [FW 266].

Além das teorias citadas acima, não se pode esquecer que *Finnegans Wake* absorveu também grande parte do espírito de sua época. Embora não vá discutir aqui essas questões, gostaria de citar alguns fatos históricos e culturais importantes da época (1922 – 1939), como, por exemplo, o surrealismo. A palavra foi criada em 1917, em Paris, pelo escritor Guillaume Apollinaire, mas o movimento foi lançado apenas em 1924, por André Breton e Philippe Soupault (o último colaborou na primeira versão do capítulo VIII de *Finnegans Wake* para o francês), com a divulgação do *Manifesto do Surrealismo*.¹⁷⁴ “O surrealismo buscou a comunicação com o irracional e o ilógico, deliberadamente desorientado e reorientando a consciência por meio do inconsciente.”¹⁷⁵ Deste movimento surgiram pintores como, entre outros, Dalí. Na década de 1929-39, Dalí pintou suas obras mais famosas, usando um

¹⁷³ ATHERTON, James S. Op. Cit., p. 37, 38, 39.

¹⁷⁴ BRADLEY, Fiona. *Surrealismo*. São Paulo: Cosac e Naify, 1999, p. 06.

¹⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 06.

“método crítico-paranóico” imaginado por ele próprio, que consistia em registrar imagens múltiplas que variavam conforme a percepção do observador. Parece-me que, de certa forma, as pinturas oníricas dessa fase do pintor podem ser associadas à última obra de Joyce.



Mulher Adormecida, Cavalo e Leão Invisíveis, 1930 - Salvador Dalí.

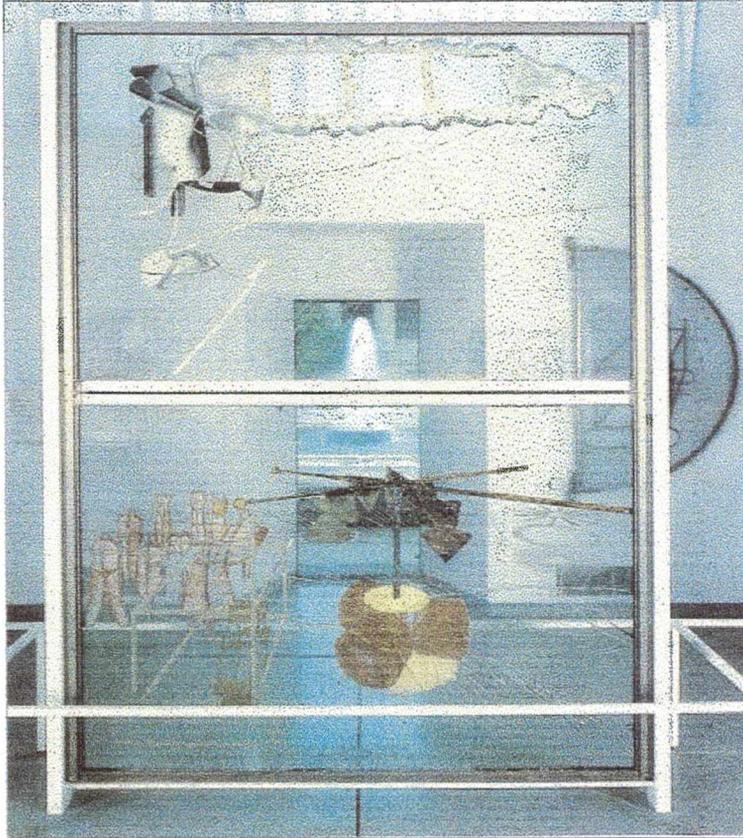
176

Outro movimento cultural dos anos do *Work in Progress* foi o dadaísmo, criado em 1916 pelo escritor Hugo Ball. O dadaísmo é considerado o precursor do surrealismo, muito embora, segundo André Breton, os dois movimentos são “como duas ondas quebrando uma na outra.”¹⁷⁷ Já se relacionou *Finnegans Wake* ao “Grande Vidro” do artista Marcel Duchamp, um dos representantes desse movimento. Duchamp se dedicou à elaboração de o “Grande Vidro” de 1912 a 1923, quando o dadaísmo já parecia superado.

¹⁷⁶ HARRIS, Nathaniel. *Vida e Obra de Dalí*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, pp. 06, 18, 19.

¹⁷⁷ BRADLEY, Fiona. Op. Cit., p.12.

Nesta obra, assim como em *Finnegans Wake*, os significados se sobrepõem, além do que o “Grande Vidro” também exige do espectador uma contemplação ativa, uma participação criadora, e poderia ainda ser entendido como uma versão moderna do mito.¹⁷⁸



O Grande Vidro, 1923 – Marcel Duchamp.

179

A época de *Finnegans Wake* é também a de um mundo em crise entre duas grandes guerras, da psicanálise, das perspectivas fragmentadas, como podemos observar no cubismo de Picasso. É época também das dissonâncias na música, da atomização da melodia e da valorização da

¹⁷⁸ PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

¹⁷⁹ MINK, Janis. *Marcel Duchamp*. Colônia, 2000, p.75.

percussão, como ocorre, por exemplo, nas composições de Stravinsky, Schönberg, Webern, Varèse, ou no jazz. No livro *Obra Aberta*, o escritor e ensaísta Umberto Eco compara a situação do leitor de *Finnegans Wake* à de um indivíduo que ouve uma composição serial dodecafônica, recorrendo à seguinte descrição de Pousseur: “Já que os fenômenos não são mais concatenados uns aos outros segundo um determinismo conseqüente, cabe ao ouvinte colocar-se voluntariamente no centro de uma rêde (sic) de relações inexauríveis, escolhendo, por assim dizer, ele próprio (embora ciente de que sua escolha é condicionada pelo objeto visado), seus graus de aproximação, seus pontos de encontro, sua escala de referências; é ele, agora, que se dispõe a utilizar simultaneamente a maior quantidade de graduações e de dimensões possíveis, a dinamizar, a multiplicar, a estender ao máximo seus instrumentos de assimilação.”¹⁸⁰

Mencionei até aqui uma série de idéias e autores que estariam “por trás” e “ao lado” da elaboração de *Finnegans Wake*. O estudioso James S. Atherton tentou ordenar esse caos erudito das fontes do livro em *The Books at the Wake*, oferecendo de forma sucinta ao leitor aqueles que “parecem ser os principais axiomas do *Wake*”¹⁸¹ (e suas possíveis origens), os quais reproduzo a seguir:

“ I. A Estrutura da História. (Vico)

a. A história é um processo cíclico repetindo eternamente certas situações típicas.

¹⁸⁰ ECO, Umberto, 1997, p. 49.

¹⁸¹ ATHERTON, James. Op. Cit., p.52.

- b. Os incidentes de cada ciclo têm seus paralelos em todos os outros ciclos.
- c. O caráter de cada ciclo volta a acontecer sob novos nomes em todos os outros ciclos.

II. A Estrutura do Universo. (Vico, Bruno, Nicolau de Cusa, Klee):

- a. Há um número infinito de mundos. (Bruno, Klee).
- b. Como cada átomo tem sua própria vida individual (de acordo com Bruno) então cada letra em *Finnegans Wake* tem sua própria individualidade.
- c. Cada palavra tende a refletir na sua própria estrutura a estrutura do *Wake*. (Bruno, a Cabala.).
- d. Cada palavra tem 'uma ambigüidade predeterminada' (Freud), e uma tendência natural de transformar-se em outra condição (Bruno).
- e. Caracteres, como palavras, não só transmigram de era para era (Vico e Bruno), mas também tendem a trocar suas identidades. Isso é mais marcado quando são opostos (Nicolau de Cusa).

II. Número:

- a. Unidade e diversidade são estados opostos cada um tendendo constantemente a se tornar o outro.
- b. Dualidade é a forma mais típica de pluralidade. Dois de uma espécie representam portanto tudo desta espécie. (Lévy- Bruhl).
- c. Números têm um significado mágico, não aritmético. (A cabala). Os números de um a doze também indicam certos caracteres ou grupos de

caracteres. Certos números (por exemplo 1132) têm propriedades mágicas especiais.

IV. Teologia. (Vico, Bruno, Notas de Budge para O Livro dos Mortos):

- a. O pecado original foi cometido por Deus. É o simples ato da criação.
- b. 'Cada civilização tem seu próprio Jove'. (Vico).
- c. Cada Jove perpetra novamente, de uma forma nova, para começar seu ciclo, o pecado original de que depende a criação.

V. Estilo. (Symons, Mallarmé, a teoria da música, Pound):

- a. 'Toda palavra deve ser carregada de significado até o mais elevado grau.' (Pound).
- b. 'É o objetivo da linguagem aproximar-se da música.' (Pater).
- c. Técnicas musicais podem ser, por isso, aplicadas ao *Wake*. O *leit-motiv* wagneriano, e o conceito de 'Vozes' na polifonia são freqüentemente usados.
- d. Visto que o livro é um todo, todas as partes devem estar ligadas por uma lógica.

VI. Linguagem (Vico, Freud, Gautier, Jousse):

- a. 'Tudo pode ser expressado.' (Gautier.)

b. Na representação da eterna história ideal, o *Wake* deve usar as três formas através das quais a linguagem se desenvolveu: são elas:

1. Atos simbólicos, gestos. (Vico, Jousse.)
2. Heráldica. (Vico)
3. Fala humana.

Essa última envolve as tentativas dos homens de reproduzir o voz do trovão. Suas primeiras tentativas foram gegas. (Vico.)

c. A gagueira indica culpa. (Freud, Carroll.)

d. Como as palavras contêm nelas mesmas a imagem da estrutura do *Wake*, elas também contêm a imagem da estrutura da história. (Bruno.)

e. O trovejar, sendo ele mesmo uma espécie de gagueira, é uma indicação de culpa.”¹⁸²

O esquema de Atherton, até aqui, é bastante claro e rigoroso; há, porém, uma última parte que, como ele mesmo esclarece, é mais especulativa do que explicativa. Ei-la:

"VII. Espaço-Tempo.

A experiência de Joyce ao criar o que Larionov chamou “uma nova combinação de espaço-tempo” foi deixado para o final desta secção porque eu tampouco estou seguro da precisão da minha interpretação ou sequer ciente de todas as fontes literárias dos métodos de Joyce. Minha sugestão é que os quatro homens velhos de Joyce representam, em primeiro lugar, o Espaço,

¹⁸² ATHERTON, James. Op. Cit., p. 52, 53, 54.

sendo geograficamente os quatro pontos do compasso e literalmente as primeiras quatro letras do alfabeto hebraico – assim, representam todas as outras letras e, deste modo, representam o espaço literário. Eles têm, é claro, muitas qualidades sobrepostas, tal como sua identificação com os Struldbrugs de Swift, que eram imortais impotentes. Mas eles adquirem essas personificações extras porque são primeiramente Espaço. Eles representam as quatro paredes do quarto e os quatro pilares da cama, observando de maneira impotente e invejosamente as ações das eternas figuras mutantes que ocupam o espaço entre eles. Eles são Aleph, Beth, Ghimel and Daleth, seres eternos: ‘semper as oxhousehumper’ (107.34) dá-nos o significado em inglês dos seus nomes – ox (boi), house (casa), camel (camelo); Daleth, the door (a porta), é nomeado em ‘till Daleth, mahomahouma, who oped it closeth thereof the Dor’ (20.17). Como letras eles têm ‘fourdimmansions’ (367.27); como pontos do compasso ‘the bounds whereinbourne our solid bodies all attomed attain arrest’ (367.29). Sua ordem é inalterável: Norte, Sul, Leste, Oeste. E, provém talvez da velha oração ‘Mateus, Marcos, Lucas e João, abençoem a cama onde me deito’ o fato de que eles se tomam também os evangelistas que estão sempre na mesma ordem. Como as quatro províncias, eles aparecem usualmente como Ulster, Munster, Leinster a Connaught; raramente escapando dessa seqüência precedente, e usualmente falando até mesmo nesta ordem. Mas acredito que é como Espaço circundante que eles são realmente importantes. Eles estiveram lá todo o tempo e sabem tudo o que aconteceu. Por isso podemos dizer que ‘the quad gossellers may own the targum’ (112.6) quando a dificuldade de compreender o *Wake* está sendo discutida pelo Targum, o livro que explica o Velho Testamento, e eles estavam lá quando os acontecimentos

descrito no Velho Testamento ocorreram. Este balanço da personificação do Espaço de Joyce pode estar completamente errada; mas parece-me que várias coisas fazem sentido das muitas que, por outro lado, são incompreensíveis se minha teoria for aceita. Mas estou menos seguro da minha interpretação no tocante ao tratamento que Joyce dá ao Tempo. O Tempo é, acredito, personificado por Tom, o empregado que leva e traz as coisas. Seu nome também é Tim, que é aquilo que nós discamos na Inglaterra para verificarmos a hora por telefone. Ele é por vezes 'tompip' (178.27), o que sugere 'time-pip' (imagem da hora) dado pela B.B.C.. Seu nome transforma-se em Atem e assim por diante, por Tempo entende-se uma espécie de Deus, o qual representa uma condição para as nossas vidas. Tom Tompion, o relojoeiro (151.18), produz uma típica ligação que Joyce sempre parecia capaz de encontrar entre fantasia e história. Tudo o que eu posso afirmar com convicção, contudo, é que se Tom é Tempo, um número de coisas misteriosas no *Wake* tornam-se um pouco menos misteriosas. E isso é tudo o que pode ser dito, com respeito à maioria das minhas sugestões.”¹⁸³

Segue um guia de leitura do romance, com a hora, o local, a técnica narrativa e o símbolo de cada capítulo, retirado da edição italiana de *Finnegans Wake* (JOYCE, James. *Finnegans Wake I - IV*. Milão: Oscar Mondadori, 1993, pp.LII, LIII)

¹⁸³ ATHERTON, James. Op. Cit., p. 54; 55.

II. VII. ANEXO:

GUIA DE LEITURA DE *FINNEGANS WAKE*

Scena

	Ora	Livello naturalistico	Livello simbolico
I.I	11.32 a.m.	Taverna	Dublino dintorni
I.II	imprescisata	"	"
I.III	"	"	"
I.IV	"	"	Tribunale
I.V	"	"	Sala conferenze
I.VI	"	"	Palcoscenico
I.VII	"	"	per quiz Dublino-Trieste Zurigo-Parigi
I.VIII	6 p.m.	"	Rive del fiume
II.I	8.30-9 p.m.	Chapelizod, strada	Teatro
II.II	9-10 p.m.	Stanza dei bambini	Cosmo
II.III	10-11 p.m.	Taverna	Sebastopoli
II.IV	11-11.32 p.m.	"	Nave di Re Marco
III.I	12 p.m.-1 a.m.	Camera da letto	Strade di Dublino
III.II	1-2.30 a.m.	"	Chiesa, lungofiume
III.III	2.30-3.30 a.m.	"	Uisnach Hill
III.IV	3.30-4.32 a.m.	"	Phoenix Park
IV	6 a.m.	bagno	Chiesa, lungofiume

Tecnica	«Arte»	Simboli
Leggenda annali	Archeologia Architettura	Gigante, Montagna
aneddotica	Epistemologia	Graal, Perse O'Reilly
giornalismo	Politica	Vichingo bara
verbale giudiziario	Giurisprudenza	Volpe, leone
conferenza	Paleografia	Lettera, gallina
catechismo	Sociologia	Famiglia
monologo (maschile)	Letteratura	Scarabeo, penna, via crucis
dialogo (femminile)	Geografia	Delta, albero, pietra
dramma	Dramma	Diavoli, angeli
testo scolastico	Pedagogia Cosmologia	Quincunx (· ·)
trasmissione radiofonica	Informatica	Schermo televisivo
memorie	Storia	Nave, gabbiani
dialogo (maschile)	Musica	Asino, spettro
sermone	Teologia	Eucaristia
relazione di seduta spiritica	Spiritismo	Ombelico, fallo
naturalismo e simbolismo	Fotografia Cinematografia	Natiche, barile
sommario, lettera, monologo (femminile)	Escatologia	Sole

III. SINOPSE:

“One continuous present tense integument slowly unfolded all marryvoising moodmoulded cyclewhelling history” [FW 185/186]

Conforme vimos no capítulo anterior, a qualidade mais intrínseca de *Finnegans Wake* é a pluridimensionalidade de seus elementos e o número quase infinito de níveis de significados que possui. Por isso, os estudiosos falam com certa reserva sobre a possibilidade de se fazer um resumo ou uma sinopse linear de sua narrativa, uma vez que esta “deterioraria” os múltiplos sentidos da obra. Da mesma forma, uma interpretação parafraseada do livro empobreceria e desvirtuaria seus componentes mais essenciais.

O crítico americano John Blades, após apresentar ao leitor um sumário do livro de sua autoria, concluiu: “What does this description tell us about the book? Well, it reveals just how difficult it is to do justice to this magnificent work in trying to reduce its encyclopaedic proportions to a few lines.”¹⁸⁴

Todavia, embora seja difícil tentar reduzir *Finnegans Wake* a um enredo, várias tentativas nesse sentido já foram feitas¹⁸⁵ e a tendência a resumi-lo é bastante freqüente, “e até normal, devido à própria natureza do livro”¹⁸⁶. Num ensaio intitulado *Working Outline of Finnegans Wake*, Bernard Benstock esclarece a possível função de um resumo argumentativo da obra: “having to handle a vast panorama of events and personages and allusions, the working analyst attempts to offer some sort of guidelines both for himself and the reader, lest concentration on any particular part obscure its significance within the framework of the whole.”¹⁸⁷

¹⁸⁴ BLADES, John. Op. Cit., p. 143.

¹⁸⁵ Conferir no anexo deste capítulo.

¹⁸⁶ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 75.

¹⁸⁷ Idem, ibidem, p. 75. Jose Carnero Gonzalez cita Bernard Benstock: BENSTOCK, Bernard. *Joyce-Again's Wake: An Analysis of Finnegans Wake*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 1965, p. 06.

A apresentação linear da obra, entretanto, é sempre uma interpretação parcial e limitada, por isso não deve tomar o lugar obviamente da leitura de *Finnegans Wake*. Sua função é oferecer (mas com reservas) uma orientação relativa para o leitor que pretende caminhar mais “desperto” pelas páginas noturnas do último romance de Joyce, servindo para aproximá-lo do texto e ajudá-lo talvez a entender melhor os efeitos especiais da linguagem de Joyce.

O resumo que segue tem por objetivo destacar a trama básica, ou superficial do romance, e seus personagens mais importantes, todavia apenas em alguns momentos cito uma ou outra metamorfose sofrida por eles.

Finnegans Wake, conforme comentei atrás, está dividido em quatro Partes, ou Livros, aos quais Joyce não deu título. Posteriormente, tentou-se imaginar possíveis títulos para eles: “Campbell e Robinson deram nomes a esses Livros, baseando-se para tanto na relação do ciclo quadripartido de Joyce com as idades do *Corso-Ricorso* de Vico; subdividiram-nos, ainda, em 16 capítulos, a que apuseram títulos adaptados das frases do texto.”¹⁸⁸

Usei os títulos de Campbell e Robinson para, a partir deles, criar meu próprio resumo de *Finnegans Wake*.

LIVRO I: O LIVRO DOS PAIS (3 – 216)

Cap. 1: A Queda de Finnegan (3 –29): As páginas iniciais de *Finnegans Wake* (que são a continuação das páginas finais) relatam a queda, o

¹⁸⁸ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 79.

velório e a ressurreição de Tim Finnegan. Estas cenas se fundem com a descrição topográfica e histórica de Dublin e seus arredores. Tim Finnegan ressuscita como o misterioso H. C. Earwicker, que se instala no seu pub com sua mulher e seus filhos, uma menina e dois meninos.

Cap. 2: H.C.E. – Seu Apelido e Reputação (30 – 47): Surgem boatos acerca de H.C.E., sobre a origem do seu nome e do possível delito que cometeu no Parque Phoenix. Os boatos tomam proporções ainda maiores depois que um mendigo encontra H.C.E. no parque e conta isso à sua mulher. “A Balada de Persse O’Reilly”, uma canção com perguntas e suposições a respeito da vida de H. C. E., é o clímax de todo esse mexerico.

Cap. 3: H. C. E. – Seu Julgamento e Prisão (48-74): As suposições acerca da vida de H.C.E. são distorcidas e tornam-se mentirosas. H.C.E. é preso. Durante seu julgamento aparecem diferentes versões sobre sua vida e, aos poucos, sua identidade funde-se na de outras pessoas, inclusive seus inimigos.

Cap. 4: H.C.E. – Sua Libertação e Ressurreição (75 –103): H.C.E. morre e é enterrado no Lago Neagh. Mesmo estando o réu morto, seu julgamento prossegue e, para escapar da sentença, H.C.E. transforma-se em uma raposa e desaparece do lago. No entanto, a verdade a seu respeito pode vir à tona por meio de uma carta que sua esposa, A.L.P., havia dirigido a ele. Seu filho Shem redigiu a carta e seu outro filho, Shaun, tomou público o documento.

Cap. 5: H.C.E. – O Manifesto de A.L.P. (104 –125): Anna Livia Plurabelle (A.L.P.) entoava louvores a seu marido perante a Corte, ato que é conhecido como “mamafesta”, e ainda apresenta um fragmento da carta para

análise. Esta carta é examinada à exaustão até as últimas páginas do livro. Muitos estudiosos acreditam que a carta seja o próprio *Finnegans Wake*.¹⁸⁹

Cap. 6: Enigmas – Os Personagens do Manifesto (126 –168): Shaun, conhecido como Shaun o Carteiro, toma a forma de Professor Jones e, como tal, examina o texto da carta, lançando doze perguntas sobre seu conteúdo.

Cap. 7: Shem, o Escriba (169 –195): Shem é apresentado por seu irmão Shaun como “Pain the Shamman” (“Dor o Impostor”), um embusteiro escandaloso e debochado, um escritor de contos pornográficos que perde prematuramente a visão e apresenta certos problemas psíquicos. Shem se autocensura, mas sua mãe o absolve de seus erros.

Cap. 8: As Lavadeiras no Vau (196 –216): Duas lavadeiras, enquanto lavam roupa à margem do rio Liffey, falam sobre a vida de Anna Livia, que aos poucos se confunde com o rio Liffey. Outros personagens são citados na fofoca das lavadeiras, que só termina com o anoitecer e a transformação das mesmas em pedra e árvore.

LIVRO II: O LIVRO DOS FILHOS (219 – 399)

Cap. 1: A Hora das crianças (219 – 399): Enquanto H.C.E. dorme, seus filhos participam de uma festa na frente do seu pub: Shem e Shaun aparecem agora como Glugg e Chuff, junto com sua irmã Issy e suas 28 amigas, que representam o arco-íris. Eles jogam e brincam de adivinhações com cores. Com um grito ensurdecedor H.C.E. chama seus filhos e as amigas de Issy partem.

¹⁸⁹ Conferir, em anexo, o resumo de Michel Butor.

Cap. 2: O Período do Estudo – Triv e Quad (260 – 308): As crianças iniciam os deveres de casa. O texto é cheio de anotações. Na margem esquerda quem escreve é Shem (Dolph), na margem direita, Shaun (Kev).

Cap. 3: A Taverna em Festa (309 – 382): Enquanto isso, acontece uma barulhenta festa no pub. Escutam-se, entre os muitos ruídos, anedotas, fragmentos de um programa de rádio e também de televisão (neste programa atuam Shem, agora chamado de Butt, e Shaun, agora chamado de Taff). Narram-se também algumas histórias, como, por exemplo, a de um capitão norueguês. Chega a hora de fechar o pub, H.C.E recolhe os copos de seus clientes, que estão sonolentos e bêbados.

Cap. 4: Navio-noiva e Gaivotas (383 – 399): H.C.E. deita-se exausto. Os quatro pilares da cama se transformam em quatro juizes (“Mamalujo”) e registram as fantasias de H.C.E., que sonha com a lenda de Tristão e Isolda. Ele é Rei Mark, o marido enganado por seu filho Tristão (Shaun). Isolda é sua filha Issy.

LIVRO III: O LIVRO DO POVO (403 – 590)

Cap. 1: Shaun diante do Povo (403 – 428): H.C.E. dorme profundamente e Shaun domina a história. Shaun lê uma fábula, “The Ondt and the Gracehoper”, e através dela demonstra seu ciúme. A carta de A.L.P. reaparece sob os cuidados de Shaun, que pretende lê-la e devolvê-la, mas transforma-se num barril e rola rio abaixo.

Cap. 2: Jaun diante da Academia de St. Bride (429 – 473): Shaun/Jaun descansa na margem do rio e aconselha Issy, que flerta com as suas 28

seguidoras. O sermão é puritano, repressivo. Ele pune Shem por escrever histórias obscenas. Issy sonha com seu amor fictício.

Cap. 3: Yawn sob Inquérito (474 – 554): Shaun, ou Yawn (bocejo em inglês) agora aparece como um espectro de H.C.E., o gigante adormecido no parque Phoenix. Dormindo sobre um monte de lixo, ele é interrogado por quatro juizes. Aos poucos a voz de H.C.E é ouvida. Ele se defende das acusações que lhe são feitas e afirma-se inocente, um cidadão respeitável que ama sua mulher.

Cap. 4: H.C.E. e A. L. P. – Seu Leito de Julgamento (555 –590): Voltamos à cama de H.C.E. . H.C.E e A.L.P. namoram. Shem/Jerry chora e os interrompe. Eles o confortam e retornam ao leito. O amanhecer se aproxima.

LIVRO IV: RICORSO (593 – 628)

Por volta das seis horas da manhã, a claridade começa a iluminar os objetos do quarto e a paisagem. A família desperta. Eles vão tomar café. A carta de Anna Livia reaparece na forma de monólogo (monólogo de A.L.P.). H.C.E. renasce uma vez mais. As identidades dos pais se fundem nas dos filhos. O passado transforma-se em presente e futuro. É Páscoa, época de ressurreição. A.L.P. é novamente o rio Liffey e retoma seu curso, que deságua no mar e, assim, reinicia seu ciclo, levando-nos mais uma vez ao começo da história.

Seguem-se os resumos dos estudiosos norte-americanos Campbell e Robinson, do romancista francês Michel Butor e dos especialistas

alemães Klaus Reichert e Fritz Senn. Temos, então, mais três versões diferentes do livro, as quais não coincidem necessariamente entre si.

III. I. ANEXO:

**SINOPSE DO *FINNEGANS WAKE* RETIRADA DO LIVRO A
SKELETON KEY TO FINNEGANS WAKE DE JOSEPH CAMPBELL E
HENRY MORTON ROBINSON**

Chapter 2: HCE—His Agnomen and Reputation

(pp. 30-47)

A half-trustworthy account is given of the earliest days of HCE and of how he came by his curious name. The rumours of his misconduct in the Park are reviewed. We next are regaled with the story of how these rumours grew after his encounter with a certain tramp in Phoenix Park. The scurrilous tales culminate in a popular lampoon, 'The Ballad of Perse O'Reilly,' which fixes on HCE the blame for all local ills.

Chapter 3: HCE—His Trial and Incarceration

(pp. 48-74)

Through the fog screen of scandal little can be clarified. As the author points out, it all happened a long time ago and the participants are no longer alive—yet their counterparts dwell among us. A series of per-sonages voluntarily arise to explain HCE's case. Somehow they all resemble the accused. Passers-by are interviewed for their opinion of the celebrated wrongdoer (pp. 48-62). The story is told of his arrest. His fate is compared to that of an American sugar-daddy. The women in the case are said to have come to unhappy ends. After the hurly-burly is over, HCE, the eternal scapegoat, is incarcerated for his own protection and roundly insulted through the keyhole of his cell by a visiting hog-caller from the U.S.A. (pp. 62-74).

Chapter 4: HCE—His Demise and Resurrection

(pp. 75-103)

Various thoughts pass through the mind of the captive HCE. Meanwhile, a subaqueous grave is prepared for him at the bottom of Lough Neagh, which, presently, he is induced to enter. During the general chaos that immediately ensues, phantom apparitions of HCE are variously reported from several battlefields (pp. 75-79).

The filthy paganism of his day and the origin of a certain mud mound in which a letter was deposited are described by the scrubwoman, Widow Kate. This is the first hint of the great Letter theme which foliates hugely throughout the book (pp. 79-80).

A fresh encounter and arrest, and the trial of a certain Festy King, reproduce with important variations the case of HCE. Festy King is Shaun the Postman; his accuser, Shem the Penman; they are the sons of the great figure. All now await a certain letter which, it is expected, may reveal the whole truth. Meanwhile, the Four Old Judges ruminate the days of HCE (pp. 81-96).

It is found that the inhabitant of the

the dream figments are dissolving back into the furnishings of the room. Everybody is asleep. A little cry is heard from Jerry (Shem) who has been having a nasty dream (pp. 555-59).

The anxious mother leaps from bed, seizes the lamp, and, followed by her husband, hastens upstairs to the child's room. Child comforted, mother and father return downstairs to bed (pp. 559-82). Their shadows on the windowblind flash far and wide the copulation of HCE and ALP. The cock crows; it is dawn (pp. 582-90). The male and female relax for an early-morning nap (p. 590).

BOOK IV: *RECORSO*

Angelic voices herald the day. The sleeper has rolled over; a beam of light troubles the back of his neck. The world awaits the shining hero of the new dawn (pp. 593-601).

Issuant from the lake of night and celebrated by girly voices, arises the form of innocent St. Kevin. The idyllic moment is suggestive of Ireland's lovely Christian dawn of the fifth century (pp. 601-6).

Day is gaining. The sleepers are passing from sleep. The ambiguities of night will soon be dispelled (pp. 606-9).

The moment of the triumph of wakefulness over deep mythological dream is represented as the arrival of St. Patrick (ca. A.D. 432) and his refutation of mystical Druidism. All thereafter moves toward enlightenment. Yet things are not essentially changed, only refreshed (pp. 609-15).

The morning paper and ALP's letter in the mail will tell you all the news of the night just past (pp. 615-19).

The woman, during the morning sleep, has felt her husband turn away from her. Time has passed them both; their hopes are now in their children. HCE is the broken shell of Humpty Dumpty, ALP the life-soiled last race of the river as it passes back to sea. The mighty sweep of her longing for release from the pressing shores and for reunion with the boundless ocean swells into a magnificent final monologue (pp. 619-28). Anna Liffey returns to the vast triton-father; at which moment the eyes open, the dream breaks, and the cycle is ready to start anew.

DEMONSTRATION

THE FIRST FOUR PARAGRAPHS OF FINNEGANS WAKE

The first page and a half of *Finnegans Wake* hold in suspension the seed energies of all the characters and plot motifs of the book. Here the Joycean volcano in full eruption vomits forth raw lumps of energy-containing lava, a mythogenetic river still aflame as it floods across the page. The first impression is one of chaos unrelied by any landmark of

Chapter 3: Tavernery in Feast (pp. 309-82)

This chapter, nearly one-sixth of *Finnegans Wake* in bulk, is ostensibly a great feast held in the tavern of HCE. Yarns go round and the radio breaks in constantly. We overhear the tavern customers telling the fabulous histories of a Flying Dutchman sea-rover whom we come to suspect is HCE in an earlier phase. The whole story of HCE's presence in the town, and of his misadventure in the Park, is being rehearsed under cover of the Flying Dutchman yarn (pp. 309-37).

As the drinks and stories go round, we reach the midpoint of *Finnegans Wake* with an installment of the television skit of 'Butt and Taff'. These vaudeville characters rehearse the story of how one Buckley shot a Russian General at the Battle of Sevastopol in the Crimean War. Amidst echoes of 'The Charge of the Light Brigade' the figure of the Russian General appears on the television screen; he is the living image of HCE (pp. 558-55).

When the radio is shut off the entire company sides with Buckley. But the tavernkeeper arises to the support of the Russian General. The company agrees in a powerful condemnation of their host who, it appears, is running for public office. It is nearly closing time. From afar come sounds of an approaching mob, singing a ballad celebrating the guilt and overthrow of HCE. Feeling that he has been rejected by his people whom he came to rule, the tavernkeeper clears his place and is at last alone. In desperation he laps up the dregs of all the glasses and bottles, and collapses drunkenly on the floor. He now beholds, as a dream, the vision of the next chapter (pp. 355-82).

Chapter 4: Bride-Ship and Gulls (pp. 383-99)

HCE, dreaming on the floor, sees himself as King Mark, cuckolded by young Tristram who sails away with Iseult. The honeymoon boat is circled by gulls, i.e., the Four Old Men, who regard the vivid event from their four directions. HCE, broken and exhausted, is no better now than they.

BOOK III: THE BOOK OF THE PEOPLE

Chapter 1: Shaun before the People (pp. 403-28)

HCE has gathered himself up to bed with his wife. His dream vision of the future unfolds. Shaun the Post is seen to stand before the people recommending himself to their votes, and abusing his rival Shaun T.

illustrate the brother contrast Shaun recounts the Aesopian fable of 'The Ondt and the Gracehoper' (pp. 414-19). His principal point against Shem is that his language is beyond the pale of human propriety. The vision fades and a keen is lifted for the departed hero.

Chapter 2: Jaun before St. Bride's (pp. 429-73)

Shaun, now called Jaun (Don Juan), appears before the little girls of St. Bride's Academy, Iseult and her twenty-eight playmates. To them he delivers a long farewell sermon, shrewdly prudential and practical, cynical, sentimental, and prurient. He is about to depart on a great mission.

Jaun is an imperial-salesman parodist of the Christ of the Last Supper, leaving advice to the little people of his Church. He introduces Shem, his brother, the Paraclete who will serve his bride while he is gone. Sped with pretty litanies, he departs—celebrated Misdelperer of the Word.

Chapter 3: Yawn under Inquest (pp. 474-554)

Shaun (now Yawn) lies sprawled atop a ridge in the centre of Ireland. The Four Old Men and their Ass arrive to hold an inquest. Ruthlessly they question the prostrate hulk, and it gradually disintegrates. Voices break from it, out of deeper and deeper stratifications. Shaun is revealed as the Gargantuan representative of the last and uttermost implications of HCE.

As the examination proceeds, it becomes more than the four old investigators can handle. The complaints of raped India and Ireland, the garbled reports of self-contradictory witnesses and juries, wild, fragmentary outcries of subliminal voices long forgotten, the primeval scene of *Finnegans Wake* itself, come forth from the expiring titan. A group of young Brain Trusters takes over, to press the inquest to a conclusion. Their sheafs of questionnaires quickly co-ordinate the evidence. They summon Kate, the widow of earliest times, and finally evoke the father presence himself. The voice of HCE pours forth in a vastly welling, all-subsuming tide, and the entire scene is dissolved in the primordial substance of HCE.

Chapter 4: HCE and ALP—Their Bed of Trial (pp. 555-90)

The Four Old Inquisitors now are sitting around the parental bed. They are the next of kin.

having heard his story, what we want to hear now is the history of the suffering and forgiving wife (pp. 97-103).

Chapter 5: The Manifesto of ALP
(pp. 104-25)

This chapter discusses at length the origin and calligraphy of the Great Letter, which has gone by various names in various times and places. It was dug from a mud mound by a hen, was saved by Shem, but then passed off by Shaun as his own discovery. Scholarly analysis of the letter by a professor-figure shows it to be pre-Christian, post-Barbaric, and peculiarly Celtic. The scribe responsible for this letter manuscript, working under the dictation of ALP, is suggested to have been much like Shem the Penman.

(This letter, which is to go through many metamorphoses during the course of *Finnegans Wake*, is Mother Nature's partial revelation of the majesty of God the Father; simultaneously, it is the broken communication of that revelation through poetry and myth—ALP the Muse, Shem the scribe; finally, it is the germ and substance of *Finnegans Wake* itself.)

Chapter 6: Riddles—the Personages of the Manifesto
(pp. 126-68)

In the form of a classroom quiz the professor who has just analyzed the letter manuscript now propounds a series of riddles touching the characters therein revealed: (1) The Father, (2) The Mother, (5) Their Home, (4) Their City, (5) The Manservant, (6) The Scrubwoman, (7) The Twelve Sleepy Customers, (8) The Temptresses, (9) The Man's Story, (10) His Daughter, dreaming Love into her Mirror, (11) The Battle Polarity of his Sons, (12) That Cursed Shem.

Question 11 is answered by a ponderous Professor Jones, who discusses at great length the history and metaphysics of the brother conflict and demonstrates the relationship of the Shem-Shaun-Iseult triangle to HCE-ALP. To aid those unable to follow his complex thesis he supplies the parable of 'The Mookse and The Gripes' (pp. 152-59), wherein the conquest of Ireland by Henry II with the encouragement of Pope Adrian IV is presented as an Alice-in-Wonderland fable translated from the Javanese. Professor Jones is of the Shaun type and his speech is an *apologia pro vita sua*.

Chapter 7: Shem the Penman
(pp. 169-95)

The low character, self-exile, filthy dwelling, vicissitudes, and corrosive writings of the other son of HCE comprise the subject matter of this

It is a short chapter, highly amusing and comparatively easy to read.

Chapter 8: The Washers at the Ford
(pp. 196-216)

Two washerwomen rinsing clothes on opposite banks of River Liffey gossip about the lives of HCE and ALP. Every garment reminds them of a story, which they recount with pity, tenderness, and ironic brutality. The principal tale is of ALP at her children's ball, where she diverts attention from the scandal of the father by distributing to each a token of his own destiny. The mind is thus led forward from recollections of the parents to the rising generation of sons and daughters. As the stream widens and twilight descends, the washerwomen lose touch with each other; they wish to hear of the children, Shem and Shaun; night falls and they metamorphose gradually into an elm-tree and a stone; the river babbles on.

BOOK II: THE BOOK OF THE SONS
Chapter 1: The Children's Hour
(pp. 219-59)

The children of the taverner play in the evening before the tavern. Shem and Shaun, under the names of Glugg and Chuff, battle for the approval of the girls. Glugg (Shem) loses out, and retreats with a rancorous threat to write a revenging Jeremiad. The children are summoned home to supper and to bed. Again playing before sleep, they are finally silenced by the thunderous noise of their father slamming a door.

Chapter 2: The Study Period—Trivium and Quad
(pp. 260-308)

Dolph (Shem), Kev (Shaun), and their sister are at their lessons. Their little tasks open out upon the whole world of human learning: Cabalistic Theology, Viconian Philosophy, the seven liberal arts of the Trivium and Quadrivium, with a brief recess for letter-writing and belle-lettristics. The mind is guided by gradual stages from the dim mysteries of cosmogony down to Chapelized and the tavern of HCE (pp. 260-86).

While the little girl broods on love, Dolph assists Kev with a geometry problem, revealing to him through circles and triangles the mother secrets of ALP. Kev indignantly strikes him down; Dolph recovers and forgives (pp. 286-306).

The chapter concludes with a final examination and commencement. The children are ready to create their New World, which will feed upon the Old (pp. 306-8).

III. II. ANEXO:

SINOPSE DO *FINNEGANS WAKE* RETIRADA DO LIVRO

***REPERTÓRIO* DE MICHEL BUTOR**

- I. A história de Finnegan, que dá seu nome ao livro, se apresenta sob uma enorme amplificação e dá nascimento a muitas outras espécies de narrativas, através das quais se discernem pouco a pouco as constantes que definirão H.C.E.
2. Retrato e vida de H.C.E. Os boatos que correm a seu respeito.
3. Inquérito sobre o escândalo causado por H.C.E. Seu erro no parque. Ele é sumariamente julgado e condenado.
4. Revisão do processo de H.C.E. Pode-se saber a verdade a seu respeito por meio de um documento de primeira importância: a carta a ele dirigida por A.L.P., redigida por Shem, transmitida por Shaun.
Esses quatro primeiros trechos formam um bloco de estilo bastante uniforme, uma segunda amplificação da balada de Finnegan.
5. Exame dessa carta, que é evidentemente o próprio *Finnegans Wake*. Por vários de seus aspectos, os quatro trechos precedentes eram um longo prelúdio, e é aqui o verdadeiro começo do livro.
6. Doze perguntas sobre o texto e suas respostas.
7. Retrato, vida e julgamento de Shem, o escritor. Ele é condenado por ele mesmo e absolvido por sua mãe.
8. Retrato e julgamento de A.L.P., que liga Shem a H.C.E. Duas lavadeiras que lavam a roupa suja de H.C.E., apagando assim a mácula que lhe causou Shem, falam de sua esposa Ana Lúvia. Esta se identifica cada vez mais com o próprio rio, e somos assim remetidos novamente ao começo do livro: *riverrun*. Assim termina a terceira amplificação da balada de Finnegan.

II

1. O Mimo de Mick, Nick, e as Maggies. A luta de Shem e Shaun pela conquista de Isolda.

visão do futuro se revela como sendo apenas um sonho de presente; no capítulo da aurora, temos a passagem do presente ao futuro; o fim desse trecho retoma o ritmo de Ana Livia Plurabelle, último capítulo da primeira parte, da qual ele é o prolongamento. O começo nos remete a um passado imemorial.

Oh, Tim Finnegan, H.C.E., incapaz de ladrilhar com as pedras atraentes e irisadas que conviriam, o patamar desta brumosa porta de chifre que tu entreabres em nossas cabeças adormecidas, peço-te que aceites como homenagem este pequeno maço de notas secas que eu ali depositei, como os egípcios modernos suspendem, à entrada de sua casa, nos dias de festa, uma réstea de cebolas.

(1957)

2. Os gêmeos fazem suas lições de casa. O texto se apresenta cercado de anotações.

3. Um episódio das aventuras de Butt e Taff (Shem e Shaun) na televisão, comentado e julgado na taberna de H.C.E. por seus doze clientes.

4. Nas batalhas pela posse de Isolda, não é somente Shem que é suplantado, é o próprio H.C.E., o rei Marcos, pelo jovem Tristão, Shaun. Os quatro velhos registram o acontecimento.

III

1. Shaun é a personagem principal dessa terceira parte. Vêmo-lo primeiramente interrogado pelo povo, do qual ele é a esperança. Ele se apaga progressivamente.

IV

Este último fragmento retoma todos os temas do livro. É de manhã, tudo começa, o dia recomeça. Vimos John se tornar Shaun, depois Jaun. Haun, Yawn e *dawn*, encontramos-lo agora sob a forma de *dawn*, a aurora. Todas as histórias que até agora encontramos podem ser lidas de um modo novo, por exemplo a história de Finnegan, e somos trazidos de volta ao primeiro fragmento.

A ligação entre o começo e o fim, o anúncio dos temas e sua retomada, é sublinhado pelo paralelismo dos dois diálogos entre Mutt e Jute, Muta e Juva.

A figura geométrica no meio do capítulo das lições escolares representa o papel de um centro de simetria: antes dela, as anotações da margem direita tinham o estilo de Shaun, as da esquerda o de Shem, depois é o contrário; antes dela é o lado de Shem, depois o de Shaun, e os dois capítulos que lhes são consagrados se encontram à mesma distância. Reatando o último fragmento ao primeiro, encontramos-nos diante de um círculo dividido em dezesseis secções, cujos pontos cardiais são H.C.E., Shem, a oposição dos irmãos, Shaun que nos traz de volta a H.C.E.

Quanto às quatro partes principais, designadas pelos algarismos romanos, é fácil reatá-las às dimensões temporais que predominam em todo instante e, portanto, em todo acontecimento. A primeira corresponde ao passado, à história. A segunda ao presente, o espetáculo e o estudo. A terceira ao futuro tal qual ele é sonhado, a quarta ao futuro tal qual ele se realiza e assim como se tornará passado. Os últimos fragmentos de cada parte formam transições de uma a outra. O capítulo de Ana Livia Plurabelle evoca a passagem do passado ao presente; no episódio do rei Marcos, através do presente, o passado dá lugar ao futuro; naquele em que H.C.E. e A.L.P. estão no leito, essa

III. III. ANEXO:

SINOPSE DO *FINNEGANS WAKE* RETIRADA DO LIVRO *JAMES JOYCE: FINNEGANS WAKE* DE KLAUS REICHERT E FRITZ SENN

Synopsis

Finnegans Wake läßt sich so wenig zusammenfassen wie paraphrasieren. Die Syntax der Geschehnisfolge hat sich noch keiner überzeugenden Analyse erschlossen. Gleichwohl brauchen wir als Leser etwas wie einen vorläufigen Halt, eine provisorische Übersicht. Sie ist von verschiedenen Kommentatoren ungefähr auf folgende Weise versucht worden:

I.1

Die Themen werden vorgeführt, der Fall, die Geschichte von Tim Finnegan aus der Ballade, der bei seiner Totenfeier aufersteht. Zivillisation, Kriege, Kommentare, Beschwichtigungen.

I.2

Die Legenden um H. C. E. oder Humphrey Chimpden Earwicker, wie er zu seinem Namen kommt, was ihm bei einer eigenartigen Begegnung im Phoenix Park widerfährt und wie daraus Gerüchte entstehen, weitergegeben werden, die schließlich in einer Ballade von Persse O'Reilly einen Höhepunkt finden.

I.3

Der Skandal um H. C. E. zieht weitere Kreise, wird immer unbestimmter und vielfältiger. Widersprüchlichste Fassungen zirkulieren. Teilnehmer und Zeugen sind von dem Täter kaum zu trennen.

I.4

H. C. E. scheint gefangen, vielleicht ist er tot, vermutlich lebt er inkognito weiter. Ein Verdächtiger wird vor ein Gericht zitiert, bei dem nichts Konkretes herauspringt. H. C. E. ist vielleicht entkommen, vielleicht begraben.

I.5

Ein Dokument taucht auf, ein Brief von amerikanischen Verwandten oder ein geheimnisvolles Dokument, dessen Titel, Text, Be-

gleitumstände wissenschaftlichen Untersuchungen und Spekulationen unterliegen. Das geheimnisvolle Dokument hat Ähnlichkeiten mit *Finnegans Wake*.

I.6

Das Kapitel ist ein Mikrokosmos und besteht aus zwölf unterschiedlichsten Fragen und nicht überzeugenden Antworten über die männliche Vaterfigur, die Mutter, das Heim, die Stadt, die Dienstboten, zwölf ältere Männer, die Tochter, die Rivalität zwischen den Söhnen, usw. In der Fabel vom Mookse und Gripes (dem Fuchs und den Trauben) wird die Rivalität durchgespielt.

I.7

Vorstellung des einen Sohns, Shem, mit unverkennbaren Zügen des Autors James Joyce: Shem, der Linke, der Rebell, der Künstler, der Nichtsnutz und Tunichtgut.

I.8

Anna Livia Plurabelle, das Lied der Frau und Mutter; sie wäscht, besorgt ihre Familie, bringt allen ein Geschenk, durchschaut alle männlichen Tricks. Gleichzeitig das Plätschern des Flusses Liffey in Dublin und damit alle Flüsse. Joyce beschrieb das Kapitel auch als Gespräch zweier Waschfrauen von einem Ufer des Flusses zum gegenüberliegenden.

II.1

Bei anbrechender Dämmerung spielen die Kinder des Wirts vor der Kneipe. Die beiden Knaben, jetzt Glugg und Chuff, werben in einem Ratespiel um die Gunst der Mädchen. Alle werden hereingerufen.

II.2

Hausaufgaben der beiden Knaben oder aber eine gelehrte Abhandlung mit Randbemerkungen links und rechts sowie Fußnoten; in der Mitte eine geometrische Aufgabe, die Konstruktion eines obszönen Dreiecks in zwei Kreisen, mit der Frage nach dem Herkommen der Kinder.

II.3

In der Kneipe am Abend läuft inmitten des üblichen Lärms und Durcheinanders ein Radio und so etwas wie ein früherer Fernseher; gehört oder gesehen werden verzerrte archetypische Geschichten, vor allem eine Episode aus dem Krimkrieg, wie Buckley, ein irischer Soldat, auf einen russischen General schießen will. Der Wirt wird von seinen Stammkunden beschimpft und sucht sich zu verteidigen, am Ende scheint er zusammenzuberechnen.

II.4

In einer Vision sieht er sich als König Marke, dessen Isolde entführt worden ist; die Geschichte von Tristan und Isolde wird von vier lusternen Männern, die auch die vier Evangelisten darstellen, aufmerksam und neidvoll kommentiert.

III.1

Shaun, auch als Postbote, tritt vor eine Art Wahlversammlung und wettet gegen den Rivalen Shem. Zur Illustration dient die Fabel von dem Ondt und dem Gracehoper.

III.2

Nummehr Jaun, predigt er salbungsvoll und anzüglich vor der Schwester Issy und ihren 28 Gefährtinnen, die ihm antworten und ihn aufzischen.

III.3

Als Yawn scheint er, hingestreckt und bewußtlos, wie ein Medium vier alten Männern Auskunft zu geben. Aus ihm dringen die Stimmen der anderen Figuren, die die altbekanntesten Themen neu variieren.

III.4

Nächtliche Szene im Haus: Die Eltern liegen im Bett, die Kinder schlafen und träumen. Vier verschiedene Berichte über die Vorfälle. Die Mutter steht auf und beruhigt die Söhne, am Ende eine heftige, unvollkommene Kopulation der Eltern.

Der Tag bricht an, die Sonne geht bald auf; lauter Neubeginne des längst Bekannten. Eine Gesichte um den Heiligen Kevin, eine Begabung eines Erzdruiden mit dem Heiligen Patrick; der Brief erscheint von neuem. Der resignierte Monolog von Anna Livia Plurabelle läuft aus in ein nach Ergänzung verlangendes »the«

F. S.

**IV. *FINNEGANS WAKE*:
ASPECTOS ESPECÍFICOS**

"This is nat language at any sinse of the world" [FW 83]

Sabemos que *Finnegans Wake* pode ser definido, segundo as palavras de Augusto e Haroldo de Campos, como uma “literatura do significante”, que rompeu radicalmente com a “era da representação” para instaurar a “era da textualidade”.

Vejamos, pois, a partir de agora, qual é a linguagem do último romance de Joyce.

Se, como disse atrás, um dos objetivos declarados de Joyce ao compor seu último romance era contar a “história da humanidade” através de uma linguagem onírica, ele o fez recorrendo a um idioma próprio (um dialeto joyciano), capaz tanto de expressar essa sua intenção quanto de traduzir o inconsciente da mente durante o sono: “Botei a linguagem para dormir”, Joyce declarou certa vez a August Suter. E para outro amigo, Max Eastman, explicou mais tarde:

escrevendo sobre a noite eu realmente não pude, senti que não podia, usar palavras em suas ligações habituais. Usadas dessa maneira elas não expressam como são as coisas à noite, nos diferentes estágios – conscientes (sic), depois semiconsciente, depois inconsciente. Achei que isso não poderia ser feito com palavras em suas relações e conexões comuns. Quando a manhã chegar naturalmente tudo ficará claro outra vez. (...) Eu lhes devolverei sua língua inglesa. Não a estou destruindo em definitivo.¹⁹⁰

Ao percorrer *Finnegans Wake*, o leitor é confrontado de fato com uma linguagem nova, que recorre aos mais variados recursos estilísticos e que ainda utiliza a mescla de palavras de mais de sessenta e cinco línguas

¹⁹⁰ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 673.

diferentes - Joyce incluiu no seu novo idioma tanto as línguas modernas quanto as antigas, orientais e ocidentais, e ainda distorceu e disfarçou muitas delas, criando, assim, um enorme “quebra-cabeças cheio de adivinhações e jogos de palavras”¹⁹¹.

A primeira dificuldade que o leitor enfrenta ao iniciar a leitura do romance é saber em que língua este está escrito; ou melhor, qual é sua língua básica, uma vez que nem sempre é evidente ser o inglês a língua que prevalece sobre as outras. “Não sei em que língua, não sei em quantas línguas” está escrito o romance, concluiu o filósofo Jacques Derrida.¹⁹²

Na opinião de Seamus Deane, “the ‘dream-language’ of the work is a polyglot amalgam, occasiobally observant of conventions of English grammar and syntax but more usually subversive of them.”¹⁹³

Outros estudiosos preferem falar num “inglês irlandês”, ao discutir a estranheza do dialeto joyciano. Para David Norris, por exemplo, “*Finnegans Wake* is written in a night-time dream language. Its basic syntax and rhythm is that of Dublin-accented English, but there are echoes of almost 50 languages from all over the world.”¹⁹⁴

Mas o que se poderia concluir a esse respeito é que, no último romance de Joyce, “the story is told in the language wich contains all languages”¹⁹⁵, e tomo como exemplo a sentença: “Are we speachin d’anglas landage or are you sprakin sea Djoytsch?” (Estamos parlando anglês ou você está sprechando-se em Djoycenamarquês?) (FW485). Nesta única frase, Joyce

¹⁹¹ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 04.

¹⁹² DERRIDA, Jacques. “Duas Palavras por Joyce”, in NESTROVSKI, Arthur (org.). op. Cit., p. 17.

¹⁹³ JOYCE, James, 1992, p.xxviii.

¹⁹⁴ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit p.150.

¹⁹⁵ DEANE, Seamus, “Joyce the Irishman”, in ATTRIDGE, Derek (org.). Op. Cit., pp. 49, 50.

usa o francês ('d'anglais), o alemão ('sprechen Sie Deutsch?'), o inglês e, poderia-se dizer, o "joyce", ou "Djoytsch", uma vez que muitas dessas palavras na verdade foram construídas por ele.

Mesclar línguas diversas numa obra literária não foi, todavia, uma invenção de Joyce: esse mesmo recurso já havia sido usado, quase um século antes da publicação de *Finnegans Wake*, pelo poeta irlandês Clarence Mangan (1803–1849). Mangan era um competente lingüista, conhecia vários idiomas e a literatura de diversos países, além de ser também um nacionalista fervoroso. Em seus poemas ele mesclava outros idiomas com o inglês, como forma de protesto contra a dominação inglesa na Irlanda.¹⁹⁶

A obra de Joyce, sobretudo seus dois últimos romances, *Ulisses* e *Finnegans Wake*, revela, como sabemos, essa mesma inquietação lingüística. Desde jovem, aliás, Joyce já refletia sobre a possibilidade de uma língua literária universal, que não fosse nenhuma das línguas conhecidas.¹⁹⁷ Em julho de 1905, o então jovem escritor declarou: "eu gostaria de uma língua que estivesse acima de todas as línguas, uma língua que todos pudessem utilizar. Eu não me posso expressar em inglês sem encerrar-me numa tradição."¹⁹⁸

Além disso, já nessa época, Joyce estava convencido de que só poderia escrever a história do seu país quando encontrasse uma língua que se

¹⁹⁶ Idem, ibidem, p. 32.

¹⁹⁷ Na América Latina, o pintor, místico e poeta argentino Oscar Alejandro Agustín Schulz Solari, ou simplesmente Xul Solar, contemporâneo de Joyce, iniciou também, na década de 20, um trabalho similar com a linguagem. O envolvimento de Xul com os movimentos da vanguarda levou-o a criar dois idiomas, a "panlíngua" e o "creol", ou "neocrioulo". O primeiro idioma era filosófico, já o outro era uma reforma do espanhol, com palavras inglesas, alemãs, gregas e a retomada do idioma guarani. Este segundo idioma, o "neocrioulo" apresenta certas semelhanças com a língua criada por Joyce em *Finnegans Wake*: é formado por uma mescla de línguas e pretendia ser uma língua cosmopolita e sem fronteiras - o objetivo de Xul era criar uma língua para a América Latina, alternativa àquela do colonizador europeu -; os textos que ele escreveu em "neocrioulo" vêm acompanhados por uma "glosa" que ajuda a decifrar o vocabulário do texto. Além disso, os textos nesse idioma exigem uma participação ativa do leitor, por permitirem uma multiplicidade de significados.

¹⁹⁸ SHEEHAN, Sean (org.). *The Sayings of James Joyce*. Duckworth, 1995, p.53.

adequasse às experiências irlandesas.¹⁹⁹ Essa língua, segundo sua visão estética, possivelmente não seria o inglês, idioma do povo que dominou por tantos anos a Irlanda, nem mesmo o irlandês, língua perdida entre tantas outras que foram faladas e depois esquecidas ao longo da história de sua terra natal (a Irlanda sofreu o domínio de outros povos além do inglês, tais como os viquingues e os franceses).

Em meio a esse afã de buscar uma língua mais apropriada à sua arte, Joyce procurou também reproduzir a maneira de falar dos irlandeses, a tal ponto que, quando compunha *Finnegans Wake*, ele declarou que a linguagem do seu novo romance tinha o ritmo da fala do povo do seu país, quando este se expressava em inglês. Devemos entender que Joyce se referia a um inglês falado no final do século dezenove e início do século vinte na Irlanda, inglês esse profundamente alterado na sua sintaxe, gramática e vocabulário, após haver migrado da Inglaterra para os falantes do seu país natal.

IV. I. PROTESTO POLÍTICO E EXPERIMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA

Quando se discute o uso do inglês em *Finnegans Wake*, muitos ensaios a respeito dão indícios de que Joyce teria tentado “destruir” ou “fragmentar” esse idioma como uma forma de protesto contra a ocupação inglesa da Irlanda. Ou seja, Joyce teria agido por motivações políticas exatamente como seu predecessor Clarence Mangan, outro “terrorista” da linguagem.

¹⁹⁹ DEANE, Seamus, 1997, pp. 32.

Essa parece ser a opinião de David Norris, que afirma: “Joyce’s revolutionary language is also to some degree a sophisticated linguistic revenge upon the English colonizers for 800 years of occupation. Joyce took over their most prized possession – the language of Milton and Shakespeare, smashed it into fragments and used the resulting “mess of mottage” to rewrite the history of the world.”²⁰⁰

Parece que Joyce quis despertar do pesadelo da história irlandesa (para usar a expressão de Stephen Dedalus no livro *Ulisses*, já citada atrás) através da destruição/reinvenção da linguagem do vencedor. Segundo Seamus Deane, “the book is written in the English language and also against the English language; it converts itself into english and perverts itself from English.” Se é assim, então no último romance de Joyce temos “a language not patrolled by frontier guards, an English Pale not secure from the wild Irish beyond.”²⁰¹

Talvez não se possa realmente analisar e compreender a motivação que teria levado Joyce a criar um dialeto “universal”, o dialeto do sonho da humanidade, sem levar em conta uma questão regional, a “questão irlandesa”. Aqui, convém lembrar que, cerca de quarenta e cinco anos antes de Joyce nascer, a Irlanda havia perdido quase metade de sua população e também a sua língua nativa. Assim, na opinião de Seamus Deane, “*Finnegans Wake* is Joyce’s answer to an Irish problem. It is written in a ghost language about phantasmal figures; history is haunted by them and embodies them over and over again in specific people, places and tongues. If Ireland could not be

²⁰⁰ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 151.

²⁰¹ JOYCE, James, 1992, pp. viii; ix.

herself, then, by way of compensation, the world would become Ireland.”²⁰²

Além disso “in Ireland, the recovery of the language, either in itself or through English – if that was not too paradoxical an ambition – was widely regarded as psychological as well as a cultural necessity. Only through that achievement could the Irish assert their difference, only through that could they perform an act of self-possession that would begin to heal the wounds of the mutilated past.”²⁰³

A discussão da “questão irlandesa”, aqui apenas esboçada, exigiria uma compreensão aprofundada do contexto político-social em que viveram Joyce e outros artistas irlandeses da sua época. Pretendo estudar esse tema numa pesquisa de doutorado, em que desejo abordar os aspectos pós-colonialistas da última obra de James Joyce.

O escritor deixou a Irlanda ainda jovem, aos 22 anos, mas nunca se distanciou do seu país, nem ignorou os problemas políticos que este continuava a enfrentar. Da mesma forma, nunca se separou realmente da sua cidade natal. Por isso, Dublin sempre esteve presente em sua ficção: “If Dublin were ever to be destroyed, it could be rebuilt from the pages of my works.”²⁰⁴, declarou o escritor na época em que escrevia *Ulisses*.

No século XX, várias capitais, algumas provincianas ou periféricas, tomaram-se “centros”, pelo menos na literatura: Lisboa, para Fernando Pessoa, Buenos Aires, para Jorge Luis Borges. Quanto a Dublin, esta era uma província que Joyce quis transformar, nos seus romances, em um modelo da cidade moderna e num centro da história da humanidade. Seus escritos refletem este paradoxo, por isso, segundo Seamus Deane, “he had to

²⁰² DEANE, Seamus, 1997, p. 50.

²⁰³ JOYCE, James, 1992, p. xli.

²⁰⁴ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p.12.

find the language which would register both aspects of the city...his strange language vacillates and develops."²⁰⁵ Além disso, "Dublin was a strange mix of the oral and the literate cultures. It prided itself on its reputation for wit, good conversation, malicious gossip, oratory, drama, and journalism. Joyce's work reflects this aspect of the city's culture. It is a mosaic of set pieces – sermons, speeches, stories, witticism, rhetorical extravaganzas, and mimicries."²⁰⁶ Em todos os escritos de Joyce talvez se possa perceber a musicalidade da fala dos irlandeses, em todos os níveis, do popular ao erudito.



Dublin em 1904: ano que Joyce deixa sua terra natal. ²⁰⁷

IV. II. ASPECTOS DA LINGUAGEM ONÍRICA

²⁰⁵ DEANE, Seamus, 1997, p. 42.

²⁰⁶ Idem, ibidem, p. 43.

²⁰⁷ JAMES JOYCE - BLOOMSDAY MAGAZINE. Dublin, 1999, p.21.

Além da mescla de línguas, encontramos em *Finnegans Wake* novas relações e conexões entre as palavras e as regras da gramática. É por essa razão que podemos dizer que se trata de “um novo idioma” - “a ‘chaosmos’ governed by its own laws”²⁰⁸ -, capaz de registrar novos sentidos e novas experiências da mente do ser humano.

Alguns críticos acreditam que esta linguagem onírica usada por Joyce tenha facilitado o tratamento de temas considerados tabus, tais como questões sexuais, crimes contra os costumes, e também certas discussões políticas: “It is taboo to speak of it in day language, therefore unavoidable in night language.”²⁰⁹ Ademais, o uso desse dialeto próprio permitiu ao escritor libertar-se das amarras da lógica, da razão, inaugurando um nível discursivo mais livre para a arte e passando a explorar domínios novos, como o do inconsciente, que permite qualquer “arbitrariedade”.²¹⁰

A complexidade da linguagem inovadora do romance é ainda acentuada pela tentativa de dar a ela circularidade e simultaneidade – características motivadas não apenas por razões estilísticas, mas também filosóficas, visto terem sido baseadas nas teorias dos pensadores italianos Giambattista Vico e Giordano Bruno, como se viu atrás. Contudo, se no conjunto o livro é circular, suas partes contêm sentenças compostas numa seqüência normal, ou seja, a do inglês padrão.

Afirmam os estudiosos que Joyce empregava geralmente a construção normatizada ao escrever suas sentenças, encaixando nelas, porém,

²⁰⁸ BLADES, John. Op. Cit., p. 155.

²⁰⁹ JOYCE, James, 1992, pp. xxviii, xxix.

²¹⁰ JOYCE, James. *Ulysses*. Buenos Aires: Rueda, 1986, p.27.

vocábulo fora dos padrões. Desse modo, sua sintaxe é de certo modo normal, enquanto suas palavras podem provocar muita estranheza no leitor.²¹¹

Caberia dizer, então, que na língua noturna de Joyce a maior distorção (elaboração onírica) ocorre nos vocábulos: “aqui as palavras formam uma nova matéria: nenhuma palavra permanece intacta, nenhuma palavra se furta à metamorfose”.²¹²

Em *Finnegans Wake*, a palavra pode concentrar dois ou mais significados, sendo que esta acumulação de significados “se realiza através de associações semânticas, fônicas, gráficas e morfológicas, todas se amontoando sobre si mesmas, ao mesmo tempo, em um reduzido e mínimo espaço.”²¹³ Trata-se de um trabalho de deslocamento e condensação de sentido similar àquele descrito por Freud em sua *Interpretação dos Sonhos*.

Assim, no último romance de Joyce, a multiplicidade de relações e conexões acontece não apenas entre duas palavras, mas também dentro de cada palavra isolada: “cada vocábulo é um microcosmo de inumeráveis irradiações”²¹⁴, que deve ser apreendido como um todo e num mesmo instante – aliás, parece ter sido este o objetivo do autor, desde o início da elaboração do livro: criar algo que pudesse ser captado como um conjunto harmônico, composto de diferentes níveis e estratos, unidos entre si para formar um todo indivisível.

Numa passagem metalingüística, o próprio *Finnegans Wake* se conceitua como “the book of Doublends Jined” (FW 20), o que significa que seus componentes não são apenas *blends* (combinações), mas *double blend*

²¹¹ BLADES, John. Op. Cit., p. 147.

²¹² JOYCE, James, 1986, p.26.

²¹³ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p.20.

²¹⁴ Idem, ibidem., p. xiii.

joined (duplas combinações unidas/combinadas): isso reforça a idéia de simultaneidade, igualdade e inseparabilidade, que os estudiosos identificam na linguagem da obra. As três palavras – *double*, *blends*, *joined* – são, em certa medida, termos sinônimos, mas *double* pode significar também repetição numérica de um feito e, nesse caso, sugere a multiplicação por dois das possibilidades de combinação.

Joyce consegue obter essa reação em cadeia das palavras, gerando um efeito multiplicador de significados, ao utilizar principalmente dois recursos estilísticos: o trocadilho e a palavra-valise, que passaremos a discutir a seguir.

Os trocadilhos são jogos de palavras semelhantes no som, mas com significados diferentes. Por isso, costuma-se dizer que ele “... representa um truque artístico, impondo duplicidade e autoconsciência sobre a singularidade e a simplicidade da natureza.”²¹⁵ O trocadilho não visa a elucidar, mas a gerar sentidos múltiplos. Daí porque “o contexto do trocadilho, em vez de eliminar uma ambigüidade latente, se constrói deliberadamente a fim de reforçar a ambigüidade”²¹⁶. Segundo Michel Butor, o trocadilho “reserva uma surpresa. Ele revela que a palavra que você pensava ter lido ou ouvido era apenas uma aparência, e que a significação verdadeira escondida por baixo era bem outra. Não A, mas B.”²¹⁷

O trocadilho não é só um procedimento literário, é também “uma característica do sonho, do *Witz* e do falar impensado.”²¹⁸ Fora desses domínios, esse recurso estilístico é geralmente desvalorizado.

²¹⁵ ATTRIDGE, Derek, 1992, p. 340.

²¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 341.

²¹⁷ BUTOR, Michel, 1974, p. 156.

²¹⁸ ATTRIDGE, Derek, 1992, p. 340.

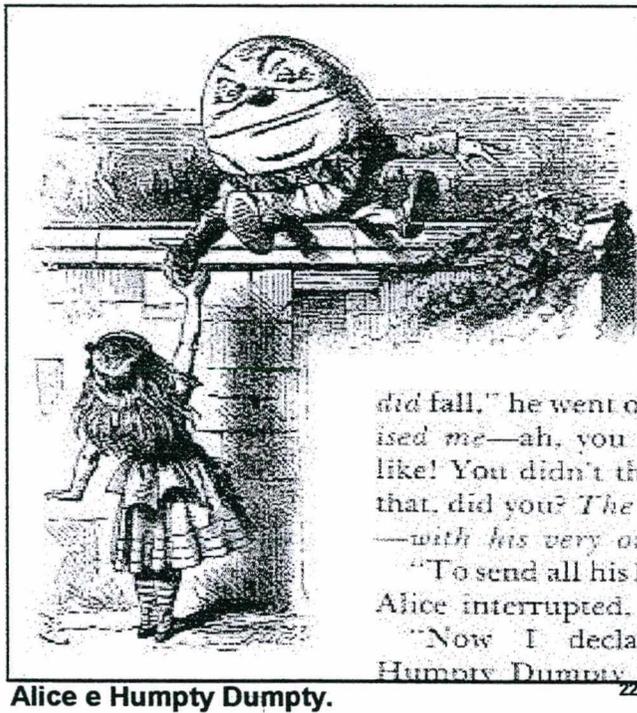
Para esclarecer melhor a natureza do trocadilho, cito alguns exemplos retirados de *Finnegans Wake*: “Maria full of grease” (Maria cheia de graxa), que toma o lugar da expressão “Maria, full of grace” (Maria cheia de graça); “Talk save” (Fala me livre), expressão usada reiteradas vezes no livro, que toma o lugar da frase “God save” (Deus me livre) ; ou, ainda, a expressão “making loof” (fazendo rumor), no lugar de “making love” (fazendo amor).

A partir do trocadilho surge um novo recurso estilístico em *Finnegans Wake*, a paródia. Segundo Michel Butor, “pode-se considerar a paródia como uma extensão do trocadilho. Ao invés de seguir somente uma palavra ou uma fórmula, segue-se todo um texto, não em geral, nos pormenores, mas em seu estilo, em seu jeito. Assim teremos a impressão de que um trecho descreve, ou conta, tal gênero de História, e percebemos de repente que se trata de coisa bem diferente.” Ainda na opinião do escritor e crítico francês, “em *Finnegans Wake*, assistimos a uma generalização da paródia, no sentido de que será impossível decidir qual das duas leituras é melhor. Perceberemos perpetuamente que uma outra história se conta, sem que nunca possamos eliminar uma delas.”²¹⁹ Não tratarei aqui, porém, da paródia em *Finnegans Wake*, visto que agora me interessa analisar outro tema, mais essencial, talvez, para a compreensão da linguagem do sonho joyciano: a palavra-valise.

O termo *portmanteau word* (palavra-valise), foi cunhado por Lewis Carroll no livro *Através do Espelho* (1871), protagonizado pela menina Alice. No capítulo seis deste livro, Humpty Dumpty – estranho personagem oriundo de um poema infantil inglês, que é referido muitas vezes em *Finnegans Wake* e

²¹⁹ BUTOR, Michel, 1974, p. 156, 157.

está relacionado a H.C.E., o “herói” do romance de Joyce – diz-se intérprete de todos os poemas escritos e não escritos, e explica a Alice o sentido das palavras do misterioso poema “Jabberwocky”. Na primeira estrofe desse poema, aparece a palavra “*slithy*”, de sentido incompreensível. O hermenêuta Humpty Dumpty explica então: “Well, “*slithy* “ means “lithe and slimy”. “Lithe” is the same as “active”. You see, it’s like a portmanteau – there are two meanings packed up into one word.”²²⁰



Alice e Humpty Dumpty.

Esse mesmo recurso é levado às últimas conseqüências em *Finnegans Wake*, onde Joyce vai seguidamente “empacotar” duas, três, ou

²²⁰ CARROLL, Lewis. Op. Cit., p.271. Na tradução brasileira desse livro, o termo “*slithy*” foi traduzido como “lesmolisas”. Diz o Humpty Dumpty brasileiro: “Ora, significa “lisas como lesmas”. Veja bem, é uma palavra-valise: dois significados embrulhados numa palavra só.” (CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Através do Espelho. Alice Encontrou Lá*. Trad. por Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana/ Summus, 1977, p.197.

²²¹ CARROLL, Lewis. Op. Cit., p.264.

mais palavras numa só, sendo que utiliza muitas vezes palavras de línguas diferentes. Esse procedimento não existe na obra de Lewis Carroll.

As palavras-valise joycianas formam palavras compostas, as quais podem, no ato da leitura, separar-se distintamente umas das outras, ou dar origem a uma nova palavra que o autor sequer havia pensado. Dessa forma, as palavras adquirem um poder germinador, e são, como disse Joyce, “palavras fermentadas”.²²² Isso confere um caráter onírico ao vocabulário de Joyce, visto que, no sonho, cada imagem é instável e se modifica continuamente.

Ofereço alguns exemplos de palavras-valise de *Finnegans Wake* (retomarei às vezes termos já referidos atrás): “laughtears”, que conjuga duas outras palavras, “laught” (riso, risada) e “tears” (lágrimas); “chaosmos”, originada a partir das palavras “chaos” (caos) e “cosmos” (cosmo); “funferall”, construída a partir das palavras “funeral” (funeral) e “fun for ali” (divertimento para todos); “finneagain”, composta de uma palavra latina “finis” (fim) e de uma palavra inglesa “again” (novamente); “dredgerous”, formada por três palavras, “dangerous” (perigoso), “treacherous” (traíçoeiro, enganoso), “dredging” (dragagem); “djoytsch”, que contém “Deutsch” (alemão) e “Joyce”, ou “joy” (alegria).

Na opinião de Derek Attridge, “a palavra-valise desafia dois mitos que servem de base à maioria das suposições com respeito à eficácia da literatura. Como o trocadilho, a palavra-valise nega que as palavras possam ter, numa dada ocasião, um único significado; e como os vários recursos de assonância e rima, nega que os padrões múltiplos de semelhança, ao nível do

²²² BUTOR, Michel, 1974, p. 155.

significante, sejam desprovidos de significado.” Por isso, segundo o crítico, “não se pode escapar de sua insistência de que o significado é um efeito da linguagem (não uma presença por dentro ou por trás dela) e que esse efeito é instável e incontrolável.” Attridge afirma ainda que “... é mais difícil não concluir que a palavra-valise não seria outra coisa senão um aspecto definidor da própria língua, porque a palavra-valise deriva do fato de que os mesmos segmentos (letras, fonemas, sílabas) podem se combinar de modos diferentes.”²²³

O certo é que a palavra-valise problematiza até mesmo o significante mais estável, mostrando como suas relações com outros significantes podem ser produtivas e induzindo o leitor a testar sempre novas associações, não só quando se depara com as palavras-valise óbvias mas também quando lida com palavras aparentemente “normais”. Em *Finnegans Wake*: “a expressão “bangled ears” (orelhas argoladas) não se apresenta como palavra-valise, e na maioria dos textos seria lida como uma conjugação um tanto estranha de adjetivo e substantivo, mas semanticamente precisa. No entanto, o estilo palavra-valise do *Wake* nos encoraja, como já sugeri, a ouvi-la também como “bandolier” (boldrié), a combinar os atributos do selvagem ou do estrangeiro com os do soldado.”²²⁴ Essa leitura talvez pareça demasiado “sonhadora”, mas não nos podemos esquecer que o sonho é a matéria-prima da literatura joyciana, especialmente em *Finnegans Wake*.

Compreende-se então por que, na opinião de certos críticos, “a palavra-valise é um monstro, uma palavra que não é palavra, que não é autorizada por nenhum dicionário, que garante a possibilidade de que livros,

²²³ ATTRIDGE, Derek, 1992, p.348.

²²⁴ Idem, ibidem, p. 356.

em vez de confortavelmente reciclarem os termos que já conhecemos, tenham a liberdade infinita de inventar novas palavras.”²²⁵ Isso gera certo desconforto no leitor, fazendo com que nem sempre a palavra-valise seja aceita pacificamente em obras literárias. Os próprios escritores podem se mostrar refratários ao seu uso, como costuma acontecer, aliás, com o trocadilho.

Fora dos sonhos e das anedotas, a palavra-valise e o trocadilho têm sido relegados a uma área periférica da comunicação, existindo principalmente na forma de impropriedades no discurso diário, ou em versos sem sentido da poesia *nonsense*, quando não na linguagem das pessoas incultas, das crianças e dos idiotas. A partir de Carroll e Joyce, porém, a palavra-valise foi alçada à condição de importante recurso estilístico da literatura.

Além das palavras-valise, Joyce recorreu também a outros “truques verbais” criados por Lewis Carroll, como, por exemplo, a inversão de letras de uma palavra: no romance *Sílvia e Bruno*, publicado na maturidade pelo escritor inglês, o personagem Bruno usa a palavra *evil* no lugar de *live*, e esse procedimento também ocorre em *Finnegans Wake*. Joyce inclusive parece ter invertido o nome da heroína Alice, quando escreveu: “Secilas through their laughing classes” (FW 526 – 35)²²⁶, fazendo uma alusão ao livro *Através do Espelho*.

Lewis Carroll também criou a “Word Ladder” – a Escada de Palavra, que foi incorporada por Joyce. Em 1879, o escritor explicou da seguinte maneira as regras da sua nova criação:

²²⁵ Idem, *ibidem*, pp.347, 348.

²²⁶ ATHERTON, James S.. Op. Cit., pp.125, 126.

Duas palavras são propostas, com a mesma extensão. O quebra-cabeça consiste em ligá-las pela interposição de outras palavras, cada uma diferindo da anterior apenas em uma letra. Isto é, uma letra deve ser mudada numa das duas palavras, depois outra na nova palavra obtida, e assim por diante, até chegar à outra palavra proposta. As letras não podem ser trocadas entre si, cada uma tem de conservar o seu próprio lugar. Como exemplo, a palavra *head* (cabeça) pode ser transformada em *tail* (cauda) pela interposição das palavras *heal*, *teal*, *tell*, *tall*. Chamo as duas palavras de Doublet (parelha), as palavras interpostas de Elos, e a série inteira de Cadeia, da qual lhe dou aqui um exemplo: HEAD/ heal/ teal/ teel/ tall/ TAIL. É desnecessário dizer, talvez, que é de *rigueur* que os elos devem ser palavras inglesas, correntemente usadas.²²⁷

Em *Finnegans Wake* temos o seguinte exemplo de “Word Ladder” : “Item ... Utem ... Otem ... Atem ...” (FW 223 – 4).²²⁸ No entanto, os “elos” de Joyce nem sempre são palavras inglesas corretamente usadas.²²⁹

Pode-se ainda descobrir outra analogia importante entre a obra de Carroll e a de Joyce: tanto o *Finnegans Wake* quanto *Sílvia e Bruno* começam no meio de uma frase. Martin Gardner, estudioso da obra de Lewis Carroll, enfatizou isso: “Como no *Finnegans Wake*, de James Joyce, a história começa no meio de uma sentença. Acredito que isso quer indicar que o narrador

²²⁷ CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Através do Espelho. Alice Encontrou Lá*. Trad. por Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana/ Summus, 1977, p.p. 261, 262.

²²⁸ ATHERTON, James S.. Op. Cit., p.125.

²²⁹ O poeta, tradutor e ensaísta Augusto de Campos também criou alguns ‘doublets’ em português, a partir da técnica de Carroll: CÉU/ cem/ com/ cor/ dor/ dar/ MAR. E ainda criou os ‘triplets’ como MANHÃ/ manha/ manda/ mando/ bando/ bardo/ tardo/ TARDE/ tardo/ tordo/ mordo/ morto/ morte/ norte/ NOITE. (CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Através do Espelho. Alice Encontrou Lá*. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Fontana/ Summus, 1977, p. 263.

vivenciou subitamente a sua primeira OBE ('Out-of- body experience', experiência extra-sensorial)...”²³⁰

Deste modo, pode-se concluir que Joyce dialoga com Carroll, e que sua técnica verbal foi em parte um desenvolvimento das criações lingüísticas do escritor inglês.

Não só as palavras são exploradas em *Finnegans Wake*, pois a unidade básica de construção da sua linguagem, tanto em termos de significado quanto de musicalidade, pode ser às vezes a sílaba. Por isso, opina Jacques Mercanton: “não é assim a palavra, é a sílaba, às vezes um fragmento de sílaba, o que chega a ser a célula orgânica da linguagem”.²³¹ O melhor exemplo disso são os chamados “soundsenses”, vocábulos formados por uma associação de inúmeras letras.²³² Constam do livro cerca de dez “soundsenses” (nas páginas: 03, 23, 44, 90, 113, 257, 314, 414 e 424) e seu significado talvez só possa ser devidamente decifrado numa leitura em voz alta, como, aliás, Joyce sugeriu. Um exemplo de “soundsense” é o barulho do trovão que aparece já na primeira página do romance:

BababadaIgharagatakamminarronkonntonneronntuonnthunntrovarrhounaw

nskawntoohooorderenthurnuk!

[FW 03]

²³⁰ CARROLL, Lewis. *Algumas Aventuras de Sílvia e Bruno*. Trad. por Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 1997, p.12. (Contém uma seleção dos contos que compõe a edição original).

²³¹ JOYCE, James, 1986, p.26.

²³² Na opinião de Martin Gardner, responsável pelas edições comentadas das *Alices* e do poema “A Caça ao Snark”, os “soundsenses” também são exemplos de palavras-valise: “Portmanteau Word” will be found in many modern dictionaries. It has become a common phrase for words that are packed, like a suitcase, with more than one meaning. In English literature, the great master of the portmanteau word is, of course, James Joyce. *Finnegans Wake* (like the *Alice* books, a dream) contains them by the tens of thousands. This includes those ten hundred-letter thunderclaps that symbolize, among other things, the mighty fall from the ladder of Tim Finnegan, the Irish hod carrier. Humpty Dumpty himself is packed up in seventh thunderclap: Bothalichoractorschumminaroundgansumumminarumdrumstrumtruminahumptadumpwaultopoooolooderamaunsturnup.” (CARROLL, Lewis. Op. Cit., p. 271.)

Este “soundsense”, que significa, dentre outras coisas, a voz de Deus, a queda de Tim Finnegan e da linguagem padrão, o início de um novo período, repercutirá por todo livro.²³³

Outro exemplo de “soundsense” é o barulho da queda de um copo:

**Kiikkaklakakakiaskaklopatzklatschabattacreppycrottygraddaghsemmihsammih
noulthappluddyappladdykonpkoy! [FW 44]**

Certos críticos afirmam, baseados nos “soundsenses” e em outros procedimentos análogos, que em *Finnegans Wake* a audição precede a visão, e que, por isso, o livro não deveria apenas ser lido em silêncio, mas também deveria ser ouvido. O próprio Joyce, aliás, aconselhou: “se alguém não entender uma passagem, tudo que tem que fazer é ler em voz alta”²³⁴.

Assim, em *Finnegans Wake*, a leitura em voz alta pode esclarecer determinados termos, ou realçar o valor estético de sentenças inteiras, que possuem no ritmo, ora acelerado, ora entrecortado, seu potencial expressivo. No final do capítulo VIII, por exemplo, cai a noite e as palavras “adormecem”, aparecendo então frases entrecortadas como: “Can’t hear with the waters of. The chittering waters of.” [“Nãouço com as agitadas águas de. As sussurantes águas de.”] (FW 216). Outro exemplo desse tipo aparece no segundo capítulo do livro, quando as palavras “cantam” ao expressarem o ato de cantar: “Some apt him Barth, Voll, Noll, Soll, Will, Weel, Wall but I parse him Persee O’Reilly else he’s called no name at all. Together.” [“Alguns o habilitam Arth, outros o

²³³ Segundo o crítico alemão, Klaus Reichert, o trovão é uma palavra formada por mais de duas dúzias de palavras de diferentes idiomas.

²³⁴ SHEEHAN, Sean (org.). Op. Cit., p. 36.

batizam Barth, Coll, Noll, Soll, Will, Weel, Wall mas eu o roclamo Persee O'Reilly do contrário ele não é chamado de nome algum. Todos juntos.”] (FW 44).

Diante disso, pôde opinar Michel Butor que:

***Finnegans Wake* é antes de tudo uma sinfonia. A linguagem é aí tratada, de ponta a ponta, como uma matéria musical no interior da qual se desenrolam temas e variações. A sonoridade das palavras se reveste de uma importância considerável e o ritmo das frases é particularmente estudado e diversificado; feito por vezes de uma sucessão dialogada de palavras curtas, por vezes, ao contrário, estendendo-se em imensos períodos de várias páginas sustentadas por palavras indefinidamente longas.**²³⁵

A linguagem de *Finnegans Wake* poderia, talvez, ser definida como uma linguagem poliglota, poética e musical, através da qual o escritor levou às últimas conseqüências sua experimentação com a língua e as palavras, indo à raiz da fala, à fonte obscura e ilógica do inconsciente, retirando daí os “soundsenses”, as palavras sem sentido óbvio, os ruídos, as onomatopéias, etc. A dimensão poética dessa linguagem onírica é evidente em todo romance, pois além dos jogos de linguagem já mencionados, aparecem com freqüência rimas e aliterações, como ocorre, por exemplo, na frase: “Tell me every tiny teign. I want to know single ingul” [“Conta-me toda minúscula minúcia. Eu quero saber tudo tudo”] (FW 201).

Em suma, como os demais elementos da obra, também a linguagem do romance é formada por elementos que se modificam e se diluem,

²³⁵ BUTOR, Michel. Op. Cit., pp. 141, 142.

abandonando suas formas habituais para criarem um mundo de “sonhos” e “ilusões”. Mas o “dialeto” criado por Joyce não é meramente “anytongue athall” (umúnica língua qualquier) (FW 117), apresenta-se, ao contrário, como uma fascinante exploração das possibilidades da comunicação humana.²³⁶

IV. III. QUESTÕES DE LEITURA

Falamos em “dialeto” joyciano. Isso implica uma questão básica: é possível ler e fruir *Finnegans Wake*, quando sabemos que este explora dimensões novas da linguagem literária, sem se furtar a jogos que “obscurecem” o sentido?

Sobre a leitura do romance, Seamus Deane afirma, “ a primeira coisa a se dizer sobre *Finnegans Wake* é que ele é, em grande parte, ilegível.”²³⁷ No entanto, o mesmo crítico admite a possibilidade de se fazer uma leitura do livro, desde que o leitor “renuncie” à boa parte das convenções estabelecidas sobre leitura e linguagem. A leitura deve ser uma aventura.

Michel Butor, por exemplo, declarou nunca haver lido *Finnegans Wake* no sentido que damos à palavra ler, uma vez que jamais foi capaz de

²³⁶ A linguagem de *Finnegans Wake* é possivelmente um dos aspectos mais fascinantes e ricos do livro. Trabalhar este aspecto do romance abre um amplo horizonte para a pesquisa. Os estudos comparativos podem ser amplamente trabalhados: a linguagem de Joyce em *Finnegans Wake* nos permite traçar paralelos com a linguagem de outros escritores, tais como os já mencionados Clarence Mangan, Lewis Carroll, Xul Solar, John Cage e ainda Guimarães Rosa, Juan Ruifo, dentre outros. A questão política da língua de *Finnegans Wake* é da mesma forma um assunto que desperta o interesse e esse poderá ser meu objeto de pesquisa no doutorado, como já disse atrás, uma vez que, parece-me, no último romance de Joyce a língua inglesa é usada como “bode expiatório”, “o inocente que polariza sobre si o ódio universal”, segundo o conceito de René Girard (GIRARD, René. *La Ruta Antigua de Los Hombres Perversos*. Barcelona: Anagrama, 1989, p.15), ou seja, em *Finnegans Wake* recai sobre ela a culpa pelos problemas políticos e sociais entre a Inglaterra e a Irlanda.

²³⁷ JOYCE, James, 1992, p. vii.

percorrer o romance a partir da primeira até a última linha, sem pular uma palavra, uma frase e, às vezes, páginas inteiras:

Partindo da sua experiência de leitura, o crítico e romancista francês esclarece o que entende pelo adjetivo “ilegível”, empregado por muitos estudiosos para qualificar o romance: “a última obra de Joyce, proibindo-nos de ter a seu respeito a ilusão de uma leitura integral (e é isso que se quer dizer quando se declara que ele (sic) é ilegível), desmascara essa ilusão naquilo que concerne às outras, que nunca conseguimos ler tão integralmente quanto imaginamos, saltando muitas vezes páginas inteiras, relaxando nossa atenção, pulando linhas, esquecendo letras, tomando uma palavra por outra e adivinhando o sentido daquelas que não conhecíamos, sem nos dar o trabalho, no mais das vezes, de verificá-los.”²³⁸

Ao ler este romance obscuro, o leitor é convidado a agir por conta própria, criando uma leitura particular, sonhando o sonho de Joyce segundo sua própria experiência, de modo que se pode considerar que se trata mais de uma “performance” do que de uma leitura no sentido comum do termo – esta, via de regra, supõe um agente passivo, que absorve uma mensagem que lhe é dada pronta. Não é este o caso de *Finnegans Wake*.

Um exemplo de leitura performática seria exatamente a de Butor: ele leu o romance “abrindo o texto aqui e ali, ao acaso, parando quando algumas palavras, algumas frases, alguma história ou algum sonho se delineava” para ele, ou atraía-o²³⁹, sem se preocupar em obter uma apreensão total ou linear do livro.

²³⁸ BUTOR, Michel, 1974, p.152.

²³⁹ Idem, ibidem, p.151.

O músico e poeta norte-americano John Cage, da mesma forma que o ensaísta e romancista francês, também fez uma leitura bastante idiossincrática do livro, abrindo as páginas do romance ao acaso e “absorvendo” apenas certas palavras que lhe pareciam interessantes.²⁴⁰ Tendo freqüentado o livro dessa maneira, compôs então *Writing for the Second Time Through Finnegans Wake*, que é uma releitura resumida de *Finnegans Wake*, na forma de mesósticos sobre o nome de James Joyce e sem respeitar a sintaxe padrão do inglês, usada no livro de Joyce. Para Cage, a sintaxe convencional estava associada (sob inspiração de Henri Thoreau) a uma tropa de exército marchando.²⁴¹ Em 1979, John Cage realizou “Roaratorio”, uma composição construída a partir de vozes humanas, sons naturais, sons do ambiente, ruídos, canto e música. Entre esses ruídos, Cage incluiu a leitura de sua versão de *Finnegans Wake*.²⁴²

Haroldo de Campos, ao falar da leitura do romance, opinou:

Uma obra com as características do *Finnegans Wake* requer uma operação de leitura muito diversa daquela a que estamos acostumados. Escrevemos em 1956 (“A Obra Aberta”, *Diário de São Paulo*, 3 de julho) que *Finnegans* retinha a propriedade do círculo, da equidistância de todos os pontos em relação ao centro: a obra é porosa à leitura por qualquer das partes através das quais se procure assedia-la. Assim, *Finnegans* há de ser uma leitura topológica, em progresso, que não termina nunca, que se está fazendo sempre e que está

²⁴⁰ CULT – REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA. São Paulo. Ano III – nº 31 (cf. Sérgio Medeiros “A Máquina de Sonhar”).

²⁴¹ CAGE, John. *Empty Words*. Londres: Marion Boyars, 1980, p. 133, 134.

²⁴² TÁPIA, Marcelo (org.). *Joyce Revém*. São Paulo: Olavobrás/ABEI, 1999, pp. 40, 41.

sempre por fazer, tais os meandros do texto, as dificuldades que o inçam, as multifacetadas desse maravilhoso caleidoscópio.²⁴³

Tratando do mesmo assunto, Donald Schüler entende que “como na sinfonia, os primeiros acordes anunciam o desenvolvimento futuro. Acompanhemos algumas das repercussões. Só algumas. Se déssemos atenção a todas, não sairíamos do primeiro parágrafo.”²⁴⁴

A leitura do último romance de Joyce também exige do leitor outro sentido além do da visão. Conforme já mencionei, o escritor aconselhava uma leitura em voz alta caso o leitor encontrasse alguma dificuldade de compreensão. Assim, reforça-se a idéia do livro como uma performance, pois este exige de quem o lê o emprego de outros sentidos além daquele a que estava habituado.

Se por um lado Joyce desejava dar liberdade ao leitor - o escritor pretendia publicar o romance sem especificar número de páginas (a numeração foi acrescentada posteriormente pela editora Faber), a fim de permitir que este pudesse ler o livro a partir de qualquer parte -, por outro lado ele introduziu na obra “certas chaves”, que indicam talvez a intenção de que o livro também fosse lido num determinado sentido. O “sentido” de *Finnegans Wake* tem, entretanto, “a riqueza do cosmo”, como já se falou até aqui, cabendo ao leitor se colocar no centro de uma rede de relações inexauríveis e escolher, ele próprio, “seus graus de aproximação, seus pontos de encontro, sua escala de referências.”²⁴⁵

²⁴³ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. Op. Cit., p. 23.

²⁴⁴ JOYCE, James, 1999, p. 90.

²⁴⁵ ECO, Umberto, 1997, pp. 48,49.

Pode-se afirmar que James Joyce, ao criar uma linguagem nova, criou também um novo tipo de leitor. Um leitor que necessita estar familiarizado com diferentes línguas e culturas para absorver uma gama enorme de fatos históricos e culturais e para conseguir administrar a riqueza verbal do livro. Para os leitores de língua inglesa, a identificação dos provérbios, das canções, das fábulas infantis e de outros similares usados pelo escritor ajudam a recompor o sentido do livro. No entanto, não raramente, esses mesmos leitores poderão se sentir “desamparados”, se não conhecerem as outras línguas ou culturas referidas no livro. Nesse aspecto, o leitor estrangeiro talvez tenha certa vantagem sobre o leitor nativo. Assim, somos levados à conclusão (ou ao devaneio) de que, para compreender melhor o romance, uma leitura coletiva seria a ideal: cada leitor encontrará diferentes significados no texto, conforme sua nacionalidade ou domínio de outros idiomas, ou conhecimento de outras culturas. Aliás, já se afirmou que, “paradoxalmente, *Finnegans Wake* é o mais proibitivamente xenófobo de todos os livros e ao mesmo tempo estende boas-vindas ecumênicas a todos os estrangeiros, encontrando-os em seu território e muito especificamente nele.”²⁴⁶

Além de conhecimento, paciência e uma boa dose de “insônia” (para usarmos uma palavra mencionada no *Finnegans Wake*: “that ideal reader suffering from na ideal insomnia” [FW120]), o leitor “desperto” do sonho de Joyce necessita de “uma preparação prévia e ainda uma vocação e caráter determinados”²⁴⁷. Mas, mesmo assim, muitos leitores que reúnem todas essas qualidades, e mesmo depois de anos de dedicação à leitura do romance, sentem-se frustrados por não poderem decifrá-lo: Clive Hart, um dos mais

²⁴⁶ SENN, Fritz., “Leituras de Estrangeiro”, in NESTROVSKI, Arthur (org.), op. Cit., p. 259.

²⁴⁷ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 09.

conhecidos estudiosos da última obra de Joyce, por exemplo, confessou não saber ainda do que trata o romance, mesmo depois de vinte anos de estudo e dedicação exclusiva a ele.²⁴⁸

A leitura de *Finnegans Wake* é, na realidade, como afirmou Haroldo de Campos, uma leitura “em progresso, que não termina nunca”²⁴⁹, tantas são as dificuldades e pluralidades de significado do texto. Mas “quem se confia a jogos sonoros, ao ludismo de imagens e idéias, pode ler Joyce com prazer”²⁵⁰, concordo inteiramente com essa opinião de Donald Schüler.

Muitos críticos acreditam que, por essa razão, nenhum outro trabalho literário precisaria tanto de um “guia” quanto *Finnegans Wake*, com sua língua estranha, seus neologismos, suas ambigüidades e alusões obscuras.²⁵¹

De certa forma, Joyce já oferece no próprio romance um “guia” de leitura através de conselhos inseridos aqui e ali. Mas tais conselhos encontram-se muitas vezes dispersos no meio da linguagem “pouco clara” do livro. Outras vezes aparecem de forma implícita, ajudando muito pouco o leitor. Na página 108, temos o seguinte conselho, aliás bastante pragmático:

“Now, patience; and remeber patience is the great thing ...” (“Agora paciência; e lembre-se paciência é a melhor coisa.”)

E na página 453, o conselho é este:

²⁴⁸ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 10.

²⁴⁹ CAMPOS, Augusto e Haroldo de. Op. Cit., p. 23.

²⁵⁰ JOYCE, James, 1999, p. 25.

²⁵¹ NORRIS, Margot, 1997, p. 161.

“So now, i’ll ask you, let ye create no scenes in my poor primmafore’s wake.” (“Então agora, eu pedirei a vocês, não criem nenhum espetáculo no meu pobre préprimeiro despertar.”)

Ou seja, Joyce pede que o leitor não faça nenhum pré-julgamento do livro antes de começar a folheá-lo.

Atualmente, além dos próprios conselhos de Joyce inseridos no romance, tanto o leitor comum quanto o pesquisador têm ao seu alcance um volume considerável de “guias” de leitura de *Finnegans Wake*. Por vezes, o principiante, desencorajado e desalentado já nas primeiras páginas do romance, busca refúgio numa leitura substituta de algum manual “milagroso” que possa guiá-lo pelas páginas quase impenetráveis do livro, esperando ingenuamente encontrar, aí, a solução definitiva do seu mistério.

V. "ANNA LIVIA PLURABELLE":

"Anna was, Livia is, Plurabelle's to be." [FW 215]

De todos os capítulos de *Finnegans Wake*, talvez o mais conhecido, estudado e traduzido seja o oitavo, que se tornou famoso ainda em vida do autor, que o batizou de “Anna Livia Plurabelle”, desde o primeiro esboço, enviado à sua mecenas Harriet Weaver, em 1924. Na edição final do romance, esse capítulo, assim como os demais, foi publicado sem título ou identificação numérica.

O título que lhe deu Joyce, e que foi logo adotado pelos estudiosos²⁵², pode ser à primeira vista enganoso, por sugerir que o assunto principal é a vida de Anna Livia Plurabelle, unicamente. Os críticos identificam, nesse capítulo, quatro elementos fundamentais²⁵³, um deles, é claro, seria Anna Livia, e os outros: H.C.E., seu marido; duas lavadeiras que conversam entre si enquanto lavam a roupa suja da família Earwicker; e o rio Liffey, em cujas margens ambas estão sentadas. Convém lembrar que a mesma personagem, Anna Livia, atua igualmente em outros capítulos do livro, como, por exemplo, no último, conhecido como “Recurso” (sic).

A ênfase que darei a este capítulo não é casual: “Anna Livia Plurabelle”, além de ser, entre todas as seções de *Finnegans Wake*, a mais conhecida e admirada²⁵⁴, talvez seja também o capítulo que permite uma aproximação mais fácil do leitor com o romance, na opinião dos estudiosos.²⁵⁵

Sabe-se que Joyce sentia por esse episódio do romance um “carinho especial”, recitando-o de memória a amigos e conhecidos. Além disso, ele próprio incentivou Stuart Gilbert a escrever uma sinopse de todo o capítulo, com o objetivo de transformá-lo em filme. Em agosto de 1929, Joyce gravou as

²⁵² Campbell e Robinson, na sua sinopse do livro, intitularam este capítulo “The washers at the Ford” (“As Lavadeiras no Vau”, segundo a tradução dos irmãos Campos).

²⁵³ TORTOSA, Francisco García, p. 84.

²⁵⁴ NORRIS, Margot, 1997, p.p. 166.

^N NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 161.

últimas páginas do episódio (p.p. 213 –216) a pedido de C. K. Odgen, no Instituto Ortológico em Londres. Essas mesmas páginas, em 1932, foram “traduzidas” para o inglês básico pelo próprio C. K. Odgen.²⁵⁶

Desde as primeiras publicações de “Anna Livia Plurabelle”, em revistas como *Navire d`Argent* e *Two Worlds*, a crítica foi pródiga em elogios, ao contrário do que aconteceu com outros capítulos do livro, em geral recebidos com reservas ou mesmo incompreensão: o escritor inglês John Drinkwater, por exemplo, considerou o episódio “as melhores páginas da literatura inglesa.”²⁵⁷

James Stephens, dois anos após a primeira publicação do capítulo, afirmou: “Anna Livia Plurabelle é a melhor prosa já escrita por um homem”.²⁵⁸

O próprio Joyce já havia declarado a Harriet Weaver: “se o último capítulo da primeira parte [“Anna Livia”] não é algo bem feito, eu sou um imbecil em questões de linguagem”.²⁵⁹

A composição do capítulo, apesar da satisfação que proporcionou ao escritor, deixou-o exausto. Em março de 1924, Joyce confessou a Harriet Weaver: “Terminei o capítulo “Anna Livia Plurabelle”. Aqui ele está, depois de tanto trabalho, preocupações, má visão e outras circunstâncias adversas, só me restam forças para sustentar uma pluma.”²⁶⁰

Provavelmente, nada do que Joyce escrevera até então havia sido tão árduo e ao mesmo tempo tão satisfatório.

²⁵⁶ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 761, 805./ JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Frankfurt: Suhrkamp, 1982, p.26.

²⁵⁷ JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Frankfurt: Suhrkamp, 1982, p.27.

²⁵⁸ TORTOSA, Francisco García, p. 80.

²⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 80.

²⁶⁰ Idem, *ibidem*, p. 81.

De fato, dentre todos os capítulos de *Finnegans Wake*, “Anna Livia Plurabelle” foi o que teve maior repercussão: em outubro de 1928, uma edição de luxo do capítulo, com apenas 850 exemplares, foi publicado por Crosby Gage em Nova Iorque.²⁶¹ Em agosto de 1929, o episódio mereceu uma publicação em forma de livro pela Faber & Faber. Para esta edição, também limitada, Joyce compôs um “poeminha humorístico”²⁶² :

Compre um livro em papel castanho

De Faber & Faber

Para ver Annie Liffey viajar, tropeçar e saltar,

Setepecados em seus cantocoisas,

Plurabelle em sua prosa,

Concha de mar maré música riocaminho ela flui.²⁶³

V. I. “ANNA LIVIA PLURABELLE”: SUAS FONTES

O primeiro esboço do capítulo surgiu em 1924 e foi descrito por Joyce como “um diálogo coloquial por sobre o rio de duas lavadeiras que, quando a noite cai, se transformam em árvore e pedra. O rio chama-se Anna Liffey. Algumas das palavras no começo são um híbrido de dinamarquês-inglês²⁶⁴. Dublin é uma cidade fundada por vikings (sic). O nome irlandês é

²⁶¹ JOYCE, James. Op.Cit., 1982, p.24.

²⁶² O'BRIEN, Edna. Op. Cit., p. 151.

²⁶³ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 760. “Joyce escreveu rimas para a publicidade na sobrecapa de *Anna Livia Plurabelle* e de *Haveth childers everywhere*”, este um fragmento do romance também publicado individualmente.

²⁶⁴ A palavra “wildgaze” [FW 197], por exemplo, é, segundo Roland MacHugh, um misto de dinamarquês e inglês: *wild* (selvagem), é uma palavra inglesa; *gæs* (ganso), é uma palavra dinamarquesa. Outras palavras formadas a partir dessas duas línguas podem ser encontradas em todo o capítulo.

Baila atha Cliath. Ballyclee = Town of Ford of Hurdles.²⁶⁵ A caixa de Pandora dela contém as doença que a carne herdou. A torrente é bastante castanha, rica em salmão, muito sinuosa, superficial. A divisão pelo final (sete diques) é a cidade. Issy será a futura Isolde (cf. Chapelizod).²⁶⁶ O estudioso alemão Klaus Reichert, ao traduzir para o alemão a penúltima frase dessa afirmação de Joyce, escreveu: “O estilhaço ao final (sete diques) é a cidade em construção”²⁶⁷, o que talvez ajude a tornar a sentença mais clara.

A idéia desse capítulo, contou Joyce certa vez, “veio-lhe numa viagem a Chartres, onde viu mulheres lavando roupas nos dois lados do Eure.”²⁶⁸ No entanto, o escritor também afirmava ter concebido o episódio depois que ouviu uma conversa entre suas irmãs, Eileen e Eva Joyce. Nessa conversa, Eileen descrevia a Eva a beleza do cabelo de Livia Schmitz, mulher do escritor italiano Italo Svevo, que conhecera em Trieste, quando ali morou com a família de James Joyce:

And trickle me through was she marcellewaved or was It weirdly a wig she wore. (E escorra-me extenuamente estava ela de permanente ou por ventura era uma peruca quela usava) **[FW 204]**

Tendo ouvido essa conversa, Joyce concebeu a estrutura do capítulo como um diálogo entre duas mulheres discutindo a vida de uma terceira.²⁶⁹

²⁶⁵ Town of Ford of Hurdles: Cidade do Vau dos Obstáculos.

²⁶⁶ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 695

²⁶⁷ JOYCE, James. Op.Cit., 1982, p.23. “Die Aufspliterrung gegen Ende (sieben Dämme) ist die Stadt im Bau.”

²⁶⁸ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 695.

²⁶⁹ NORRIS, Margot, 1997, p.p. 166, 167.

Do you know what she started cheeping after, with a choicely voicey like water glucks or Madame Delba to Romeoreszk? You'll never guess. Tell me. Tell me. (Sabes o que ela começou a cacarejar depois, com voz variada como a maré ou como Madame Delba em Romeoreszk? Nunca vais adivinhar. Me conta. Me conta) **[FW 200]**

O rio como metáfora da mulher, tão importante no capítulo, parece também ter saído do diálogo entre as duas irmãs do escritor. Em 1924, Joyce revelou a um jornalista italiano como lhe veio essa idéia:

Dizem que imortalizei Svevo,²⁷⁰ mas também imortalizei as tranças da signora Svevo. Eram lonas (sic) de um louro – avermelhado. Minha irmã que costumava vê-las soltas me falara delas. O rio de Dublin passa por casas de tintura e por isso tem águas avermelhadas. Assim comparei ludicamente as duas coisas no livro que estou escrevendo. A dama que está nele terá tranças que são na verdade as da signora Svevo.²⁷¹

Na gravura da próxima página:

Livia Schmitz, Ettore Schmitz (Ítalo Svevo) e sua filha Letizia.²⁷²

²⁷⁰ O apoio de Joyce foi fundamental para que Svevo, autor de *A Consciência de Zeno* e outros romances, alcançasse reconhecimento internacional. Através de Joyce, ele conseguiu espaço em revistas literárias e jomais fora de sua terra natal. (ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 691.)

²⁷¹ Idem, ibidem, p. 692.

²⁷² ANDERSON, Chester G.. op. Cit., p. 97.



**anner frostivying tresses ... (anner dos longos cachos
desafriadores ...) [FW 199]**

Alguns estudiosos, como, por exemplo, Margot Norris, acreditam entretanto que o embrião do capítulo esteja num conto do livro *Dublinenses*, ou *Gente de Dublin*, como também é conhecido em português, chamado “Argila”. O conto narra a história da criada Maria, uma mulher solitária e humilde.

A opinião de Norris:

If we compare the two representations of washerwomen, in ALP chapter and in ‘Clay’, we can see an intricately inverted structural relationship between them ... ‘Clay’ introduces the washerwomen when they are finished with their washing: ‘In a few minutes the women began to come in by twos and threes, wiping their steaming hands in their petticoats and pulling down the sleeves of their blouses over their red steaming arms.’²⁷³

²⁷³ NORRIS, Margot, 1997, p. 167.

O capítulo VIII de *Finnegans Wake*, invertendo essa situação, começa com o trabalho das lavadeiras:

Wash quite and don't be dabbling. Tuck up your sleeves and loosen your talktapes. (Lava aí e não me enroles. Arregaça as mangas e solta a língua)
[FW 196]

Em “Argila”, não sabemos o que as lavadeiras dizem e fazem – literal e figurativamente (“washing dirty linen in public”) – durante o trabalho. Na opinião da estudiosa citada, “The washerwomen of ‘Clay’ probably talk about Maria behind her back, but because the story’s narrator is so determined to put only the best face on Maria’s environment, they are quickly dismissed as vulgar and unimportant ... The washerwomen of ‘Clay’ are silenced except when quoted as singing Maria’s praises.”²⁷⁴. Já em “Anna Livia Plurabelle”, as lavadeiras, à medida que lavam a roupa suja dos moradores de Dublin, comentam sem nenhuma discrição e pudor suas vidas²⁷⁵:

Look at the shirt of him! Look at the dirty of it! He has all my water black on me ... I know by heart the places he likes to sale, duddurty devil. (Olha a camisa dele! Olha que suja ela está! Ele deixou em mim toda minh’água escura ... Sei de cor os lugares que ele gosta de manchar, suujeito suujo.) **[FW 196]**

O silêncio das lavadeiras em “Argila” dá lugar, assim, à expressividade das vozes das lavadeiras de “Anna Livia Plurabelle”, que se

²⁷⁴ Idem, ibidem, p. 168.

²⁷⁵ Idem, ibidem, p. 167.

expressam muitas vezes numa fala vulgar e inculta, sem prejuízo da musicalidade do texto²⁷⁶.

Lordy, lordy, did she so? Well, of all the ones ever I head! Throwing all the neiss little whores in the world at him! (Deus, deus, ela fez isso? Bem, nunca ouvi coisa igual! Lançando todas as encantadoras prostitutinhas do mundo sobre ele!) [FW 200]

Outra relação inversa entre o conto dos *Dublinenses* e o capítulo VIII de *Finnegans Wake*, apontada por Norris, é a seguinte: “the virginal, loveless, childless little old maid in ‘Clay’ is transformed in ‘Anna Livia Plurabelle’ into the little wife with a generous sexual history and many children, the figurative ‘proper mother’ of ‘Clay’ (‘Mama is mamma but Maria is my proper mother’ (D 100) turned into the literal mother of a nearly countless in *Finnegans Wake*.”²⁷⁷ Um exemplo do que se acabou de afirmar, poderia ser esta passagem do capítulo VIII:

Some says she had three figures to fill and confined herself to a hundred eleven, wan by-wan bywan. (Alguns dizem que ela teve três figures para preenche-la e limitá-la a cento e onze, um depilpois do outro e doutro, ...) [FW 201]

Finalmente, se em “Argila” a personagem Maria é descrita como uma mulher modesta, que usa poucos enfeites (“Trocou também de blusa e, ao olhar no espelho, pensou em como costumava arrumar-se para a missa de

²⁷⁶ NORRIS, Margot, 1997, pp. 168, 169.

²⁷⁷ Idem, ibidem, p. 168.

domingo quando era jovem.²⁷⁸), em *Finnegans Wake* Anna Livia é descrita como uma mulher vaidosa, que gosta de enfeitar-se.²⁷⁹

**Then she made her bracelets and her anklets and her armetlets and jetty amulet
for necklace of clicking cobbles and pattering pebbles ... (Então ela fez seus
bracelets, suas presilhas e seus anklets e uma amuleto de molhe para o colar
de contas de carvão ...) [FW 207]**

Embora a tese de Margot Norris seja interessante, a leitura do conto, na minha opinião, não evidencia que nele esteja o embrião ou o ponto de partida do capítulo VIII de *Finnegans Wake*.

Não pretendo, porém, solucionar o enigma da origem do capítulo, mas apenas indicar algumas fontes prováveis, como as citadas acima.

V. II. DA NASCENTE À FOZ

Em 1925, “Anna Livia Plurabelle” foi publicada pela primeira vez na revista francesa *Navire d’Argent*, depois que a revista inglesa *The calendar* recusou-se a fazê-lo, receando problemas com a censura.²⁸⁰ Contudo, o capítulo sofreria ainda alterações, pois somente em 1931 o escritor redigiu sua

²⁷⁸ JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. por: Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p.99.

²⁷⁹ NORRIS, Margot, 1997, p. 168.

²⁸⁰ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 708.

versão final, que foi publicada em 1º de maio de 1931, na revista *Nouvelle Revue Française*.²⁸¹

Durante esse período, “Anna Livia Plurabelle” teve dezessete versões diferentes²⁸², mas o escritor manteve em todas elas o plano narrativo original, ou seja, duas lavadeiras à margem do Liffey lavam roupa e falam da vida de Anna Livia Plurabelle e de seu marido Humphrey Chimpden Earwicker.

Cada nova versão do capítulo era, entretanto, uma amplificação da anterior, graças à acumulação de elementos que se correlacionavam e às distorções de vocábulos que visavam aumentar a carga semântica da narrativa.²⁸³

O primeiro rascunho de “Anna Livia Plurabelle” era, assim, uma versão bastante reduzida do que deveria ser o capítulo final, constando de quatro páginas que se converteram em vinte²⁸⁴, depois das várias revisões.

As versões iniciais do capítulo estavam escritas num estilo que se poderia chamar “convencional”. O diálogo entre as lavadeiras se desenvolvia numa linguagem marcadamente coloquial e as únicas irregularidades da língua usada por Joyce provinham da representação da fala inculta das duas mulheres.²⁸⁵

Nas versões seguintes, se a estrutura essencial do primeiro texto permaneceu inalterada, o trecho foi se enriquecendo com a acumulação de referências e relações – “um significado se converteria em polissemia, mais

²⁸¹ JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Frankfurt: Suhrkamp, 1982, p.27.

²⁸² Fred H. Higginson, no livro *Anna Livia Plurabelle. The Making of a Chapter*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1960, faz um estudo das diferentes versões pelas quais o capítulo VIII passou.

²⁸³ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 84.

²⁸⁴ Idem, ibidem, p. 83.

²⁸⁵ JOYCE, James, 1982, p.23.

plena em cada nova versão”²⁸⁶ -, até que o capítulo adquiriu, nos anos posteriores, o tom noturno e onírico que exigia a obra.

Assim, o que parecia ser, na primeira versão do capítulo, apenas uma conversa trivial entre duas lavadeiras, foi adquirindo aos poucos uma dimensão universal, que se evidenciava tanto no conteúdo quanto na forma. À medida que a personalidade das lavadeiras e suas funções tornavam-se mais complexas, também a língua ficava mais intrincada, o estilo “se obscurecia”, a fim de adaptar o conteúdo à forma. Em razão disso, nas versões finais do capítulo, a linguagem deixou de ser clara e direta, como o foi na primeira versão.

Ao redigir o primeiro rascunho do capítulo, Joyce já estava preocupado em dar-lhe “universalidade”, mas talvez só tenha obtido isso a partir da oitava versão, quando o autor decidiu incluir no texto numerosos nomes de rios, nem sempre de forma explícita, fazendo alusões a todo o planeta.

“Anna Livia Plurabelle” já havia sido publicada em duas revistas (*Navire d'Argent* (outubro de 1925) e *Two Worlds* (março de 1926)), mas foi somente na terceira – *transition* (novembro de 1927) -, que o episódio começou a apresentar-se repleto de nomes de rios. Em outubro de 1927, Joyce escreveu a Harriet Weaver: “Centenas de rios percorrem o texto. Creio que se move.”²⁸⁷

Para compor “Anna Livia Plurabelle” dessa maneira, Joyce buscou informações em mapas e enciclopédias e contou com o apoio de amigos e familiares, que lhe serviam de informantes. A partir dessas

²⁸⁶ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 89.

²⁸⁷ Idem, ibidem, p. 88.

Joyce me recitou várias linhas ... linhas em que havia trabalhado seiscentas horas e nas quais havia inserido nomes de quinhentos rios, no entanto eu não percebi nenhum. Voltei a examinar depois estas linhas e não fui capaz de encontrar mais de três rios e meio. E mais ainda, uma vez que o assunto está relacionado com a lógica indutiva e dedutiva, se foram necessárias seiscentas horas para inserir esses rios em tal prosa, da mesma forma serão necessárias cerca de seis mil horas para encontrá-los. Pergunto-me quantas pessoas se dariam a esse trabalho e que prazer obteriam nesse empenho. Se a idéia original de Joyce é proporcionar deleite aos demais, parece necessário dizer que desperdiçou quinhentas das seiscentas horas que empregou enterrando os nomes desses rios onde as pessoas que querem encontrá-los não são capazes de descobri-los.²⁹²

Na opinião de David Norris, entretanto, "Joyce deliberately collected river names from all over the world for inclusion in the text because, as he said, he wished in the future that young people reading this section in many different parts of the world would feel at home once they spotted the name of their own river."²⁹³ Alguns leitores sul-americanos, por exemplo, poderão "sentir-se em casa" ao descobrir uma menção, na página 197, ao rio Pilcomayo, que separa a Argentina do Paraguai e começa próximo da fronteira com o Brasil, ou na página 198, quando decobre uma referência ao rio Negro, no Brasil, e ao rio da Prata, na Argentina:

²⁹² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit, p. 89. Tortosa cita Max Eastman: EASTMAN, Max. *Poets Talking to Themselves*. Harper's Magazine, 977, outubro de 1931.

²⁹³ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 168.

**Pilcomayo! Suchcaughtawan! And the whale's away with the grayling!
(Pilcomayo! Pescoumaetanto! E lá se foi o grande peixe do mar com seu
peixinho doce!) [FW 197]**

**As El Negro winced when he wonced in La Plate (Assim como El Negro recuou
quando ele trinfou em La Plata.) [FW 198]**

Além disso, segundo Philippe Soupault, "pour chaque épisode et pour chaque partie de son Oeuvre en marche, James Joyce adopte une categorie de noms qui devra donner à cet épisode et à cette partie le ton, au sens musical du terme. Pour Anna Livia Plurabelle ce sont les noms de fleuves qu'il faut entendre."²⁹⁴

O certo é que, a partir de 1927, Joyce introduziu no capítulo um número indeterminado de nomes de rios e pôs-se a distorcer o inglês, em revisões sucessivas, a fim de aclimatá-los todos no mesmo capítulo:

**My wrists are wrusty rubbing the mouldaw [Rio Moldau] stain. The dneepers
[Rio Dnieper] of wet and the gangres [Rio Ganges] of sin in it. (Meus pulsos
estão emperrujando de tanto esfregar esfregar as nódoas de bolor e as
porções de umidade e as gangegrenas de pecado) [FW 196]**

O escritor elegeu, ainda, seqüências de palavras cuja melodia e cujo sentido por si só sugerissem os sons da água, como ocorre neste exemplo:

²⁹⁴ BOUCHET, André du. Op. Cit., p.90. O primeiro capítulo do Livro III, que trata da longa vigília de Shaun, por exemplo, foi "organizado sobre estradas" (ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 707).

Drop me the sound of findhorn's name, Mtu or mti, sombogger was wisness.
 And drip me why in the flenders was she freckled. And trickle me through ...
 (Pinga-me o som do nome do hadoque, Mtu ou Mti, alguém foi testemunha. E
 goteja-me por que na senna estava ela salpicada. E escorra-me extenuamente
 ...) [FW 204]

Os recursos que estudei no capítulo IV deste trabalho, como palavras-valise e assonâncias, também são abundantes na linguagem de “Anna Livia Plurabelle”, com exceção do “soundsense”, que nele não aparece. Por já haver comentado tais recursos de linguagem, não irei me deter neles aqui.

V. III. OS ELEMENTOS TEMÁTICOS DE “ANNA LIFFEY”

Quatro elementos estão na base da riqueza temática e simbólica do capítulo VIII: as duas lavadeiras, o rio, Anna Livia Plurabelle e H. C. Earwicker.

Começando pelas lavadeiras, cujos os nomes só nos são revelados nas últimas páginas do romance – “Queer Mrs Quickenough and odd Miss Doddpebble” [FW 620]²⁹⁵ -, o fato de lavarem roupa significa, para muitos estudiosos, como, por exemplo, Francisco García Tortosa, que a ação ocorre depois da queda de Adão e Eva, uma vez que, de acordo com o relato bíblico, antes desse fato era desnecessário usar roupa. Além disso, as lavadeiras mencionam uma situação de pecado, malícia e engano²⁹⁶.

²⁹⁵ SHELDON, Brivic. *Joyce's Waking Women: An Introduction to Finnegans Wake*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1995, p. 35.

²⁹⁶ TORTOSA, Francisco García. *Op. Cit.*, p. 84, 85.

Mixing marriage and making loof. (Levianamente acasalando e fazendo rumor.)

[FW 196]

By the smell of her kelp they made the pigeonhouse. Like fun they did! (Pelo cheiro da alga dela eles fizeram um pombal. Como se divertiram!) [FW 197]

Tell me, tell me, how cam she camlin through all her fellows, the neckar sh was, the diveline? (Me conta, me conta, como ela pôde prosseguir através de todos os seus companheiros, a divinabólica?) [FW202]

Por estarem envolvidas num mundo de pecado e confusão, costuma-se associar as lavadeiras a certas figuras míticas como as bruxas de Macbeth, ou mesmo aos coveiros de Hamlet. As duas mulheres podem ser comparadas também a Shem e a Shaun, os filhos rivais de Anna Livia, à personagem Kate (a criada da família Earwicker, que representa Anna Livia envelhecida²⁹⁷), ou a qualquer outra personalidade dividida, ou até mesmo a Earwicker diante do espelho, conforme veremos à frente.²⁹⁸

Como Shem e Shaun, as lavadeiras representariam a dualidade intrínseca a todo ser humano, e, tal como os gêmeos, elas se transformam, no final do capítulo, em pedra (Shaun) – ente inanimado, sem vida, permanente, incapaz de modificar por si mesmo sua própria condição, e, por isso, inalterado -, e árvore (Shem) – ente animado, com vida, capaz de crescer e modificar-se²⁹⁹.

²⁹⁷ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 145.

²⁹⁸ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 85.

²⁹⁹ GONZALEZ, Jose Carnero. Op. Cit., p. 142.

I feel as old as yonder elm. A tale told of Shaun or Shem: All Livia's daughters. Dark hawks hear us. Night! Night! My ho head halls. I feel as heavy as yonder stone. (Me sinto tão velha como aquele olmo além. Um conto contado de Shaun e Shem? Todas as filhas e filhos de Livia. Falcões da noite escutem-nos. Noite! Noite! Toda minha cabececoa. Me sinto tão pesada quanto aquela pedra lá no chão.) [FW 215-216]³⁰⁰

Essa metamorfose as introduz num intrincado círculo de símbolos e alusões, uma vez que a pedra e a árvore possuem um número infindável de significados, simbólicos e mitológicos; a metamorfose também pode representar um distanciamento, no sentido figurado, entre as lavadeiras que, com a transformação, começam a enrijecer seus sentidos, passando a compartilhar da insensibilidade do reino mineral e da vida inconsciente do reino vegetal e, portanto, a não mais se entenderem.³⁰¹ A árvore e a pedra representam um dos temas mais repetidos em *Finnegans Wake*, e significam, entre muitas outras coisas, vida e morte.

A mutação das lavadeiras também as inclui na rotação cíclica de Vico, já discutido no capítulo II, pois, nesse processo, "se consagra o mesmo princípio de perpetuidade e continuidade". A teoria do filósofo italiano também pode ser percebida em certas passagens da fala das lavadeiras. Segundo o estudioso alemão Klaus Reichert, "as lavadeiras contam uma história, mas não linear, senão circular, sempre voltando ao mesmo ponto."³⁰²

³⁰⁰ A árvore que absorve a personalidade de uma das lavadeiras é o olmo, humilde versão da árvore da vida.

³⁰¹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 85.

³⁰² JOYCE, James, 1982, p.30. "Die Wäscherinnen erzählen eine Geschichte. Aber nicht linear, sondern eher kreisförmig, immer wieder zurückkommend auf ein und dasselbe."

Ainda segundo Reichert, o rio “provocaria” essa fala circular, uma vez que entre o seu curso e as lavadeiras existiria um “contato mágico”, surgido do simples fato das duas mulheres lavarem roupa à sua margem. Por isso, de acordo com o estudioso alemão, a história que contam acaba por acompanhar o percurso do rio Liffey: sabe-se que “as 70 milhas irlandesas que o rio perfaz é quase um círculo”.³⁰³

Segundo outra teoria, o rio também seria o responsável pelo afastamento das lavadeiras, no final do capítulo VIII. Na opinião do tradutor e estudioso espanhol Francisco García Tortosa, no decorrer do capítulo elas foram levadas pela correnteza do rio e, por estarem em margens opostas do Liffey, rio que se “alarga consideravelmente na sua foz”, o distanciamento entre elas se tornou inevitável.³⁰⁴

Certos críticos acreditam, contudo, que as lavadeiras estejam sentadas lado a lado, na mesma margem. Assim, David Norris afirma: “two washerwomen are overheard gossiping on the banks of the Liffey at Chapelizod on Dublin’s outskirts.”³⁰⁵ E ilustra essa afirmação da seguinte maneira:



³⁰³ Idem, *ibidem*, p.30. “der 70 irische Meilen lange Lauf der Liffey ist fast Kreis.”

³⁰⁴ TORTOSA, Francisco García. *Op. Cit.*, p. 85.

³⁰⁵ NORRIS, David e FLINT, Carl. *Op. Cit.*, p. 162.



Onon! Onon! Tell me more. Tell me every tiny teign. I want to know every single ingul. (Onon! Onon! Me conta mais. Me conta toda a minúscula minúcia. Quero saber tudo tudo.) [FW 201]³⁰⁶

O rio Liffey, conforme vimos até aqui, é portanto elemento de grande importância no capítulo. Da imitação do seu curso surge o fluxo ou a melodia das frases que compõem o episódio – “é a tentativa de subordinar as palavras ao ritmo da água”, Joyce explicou a um amigo que se queixou de que tudo no capítulo era muito dadaísta³⁰⁷ -, e a escolha de determinadas palavras que deveriam simbolizar o universo fluvial. Citarei dois exemplos para ilustrar esse último ponto:

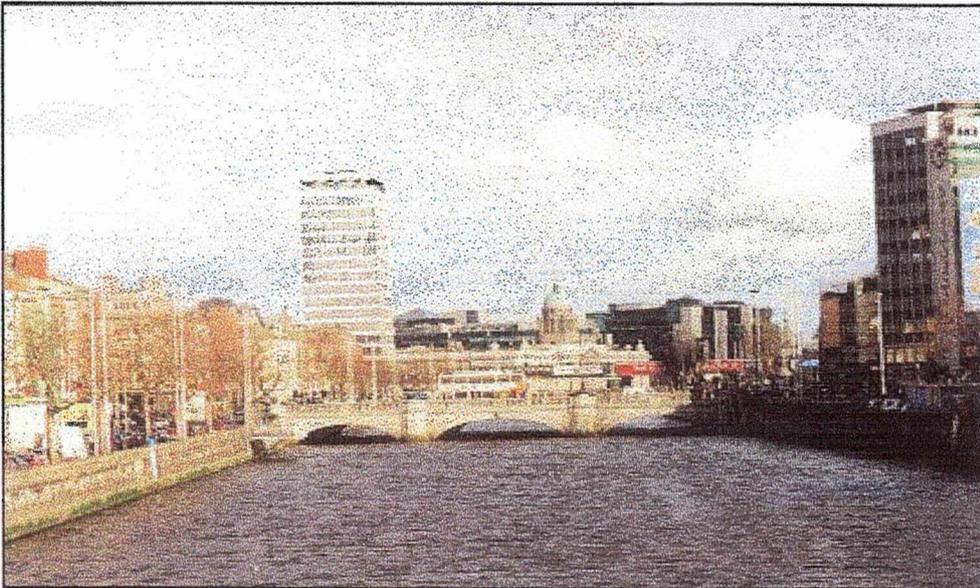
Sabrina asthore, in a parakeet's cage, by dredgerous lands and devious delts,... (Sabrina amaratriz, na gaiola do periquito, por terras peringanosas e deltas tortuosos, ...) [FW 197]

³⁰⁶ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 162.

³⁰⁷ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 695.

Wasserbourne the waterbaby? Havemmarea, so he was. (Floatuanye filhodágua? Havemmarea, então era ele.) [FW-198]

Sobre o ritmo da linguagem do capítulo VIII, Philippe Soupault concluiu: “Enfin le rithme du recit que soutiendra encore celui du language est comparable au cours d’une rivière tantôt rapide, tantôt dormante, tantôt même marécageuse, puis molle près de son embouchure.”³⁰⁸



Rio Liffey cortando a cidade de Dublin.³⁰⁹

Além disso, a “idéia de rio” influenciou a disposição das sentenças no capítulo. No início do episódio, por exemplo, as sentenças formam um delta que se alarga até sua foz, tal como faz o rio Liffey:

³⁰⁸ BOUCHET, André du. Op. Cit., p. 89.

³⁰⁹ Arquivo pessoal.

O

tell me all about

Anna Livia! I want to hear all

about Anna Livia. Well, you know Anna Livia? ...

(O

Me conta tudo sobre

Anna Livia! Eu quero saber tudo

sobre Anna Livia. Bem, conheces Anna Livia? ...) [FW 196]

O outro elemento básico do capítulo é, finalmente, Anna Livia Plurabelle, que seria, segundo Edna O'Brien, "a personagem mais acessível e, na verdade, mais amada concebida por Joyce."³¹⁰

A personagem dá título ao episódio e, ainda que as vozes não sejam dela, o diálogo – monólogo? – das lavadeiras contém o tempo todo fragmentos de sua vida.

Who? Anna Livia? Ay, Anna Livia. Do you know she was calling bakvandets sals from all around, nyumba noo, chamba choo, to go in till him, her erring cheef, and tickle the pontiff aisy-oisy? (Quem? Anna Livia? Ah, Anna Livia. Sabias que ela estava chamando backseatantes girlrotas de toda a parte, nyumba noo, chamba choo, para ir até ele, seu comandante transgressor, e exitar o pontífice daqui-dali?) [FW 198]

Then riding the ricka and roya romanche, Annona, gebroren aroostokrat Nívia, dochter of Sense and Art, with Sparks' pirryphlickathims funkling her fan, anner frostivying tresses dasht with virevlies,... (Então liberando o ricko e

³¹⁰ O'BRIEN, EDNA. Op. Cit., p. 151.

royal romanche, Annona, nata aroostokrat Nivia, fils do engenho e Arte, com Centelhas de pyrasobreonome cintilando sua excitação, anner dos longos cachos desafriadores mesclou-se vigorenganosamente, ...) [FW 199]

Como sucede com os outros elementos temáticos do capítulo, já comentados, o nome e a personalidade de Anna Livia, bem como os fatos de sua vida, foram enriquecidos por um acúmulo de alusões mitológicas e históricas.

No tocante ao nome do personagem em especial, podemos extrair do estudo da sua composição muitos esclarecimentos e uma melhor compreensão do “método acumulativo” utilizado por Joyce no romance.

“Plurabelle”, por exemplo, pode ser entendido inicialmente como uma palavra composta: ‘plura’, do latim ‘pluris’, e ‘bella’, também do latim ‘bellus’. O adjetivo ‘bella’ cria um nexos de união com Isabel, ou Issy, filha de Anna Livia, especialmente através de sua personificação como Isolda, que segundo a tradição lendária era chamada de “Isolda a bela”, estabelecendo assim um vínculo entre essas personagens.

O termo “bella” é elemento freqüente em topônimos irlandeses. Pode também representar a palavra “Bile”, árvore sagrada, e “Bili”, “objetos de culto incrustados em pedras circulares”³¹¹.

Quanto a *Plura*, que significa plural e diverso, modificando e condicionando os outros elementos do nome, sugere a natureza cambiante e variada da pessoa que o incorpora. Isso nos autoriza, por sua vez, a interpretar

³¹¹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 90.

Anna Livia como a síntese de outros personagens que estão dentro e fora de *Finnegans Wake*³¹² e também como o próprio rio Liffey.

Assim, Anna Livia, graças à sua natureza “plural”, dissolve-se em todos os personagens femininos que aparecem no livro, ou que estejam fora deste, e todos esses personagens, reais e virtuais, configuram seu caráter. Como Eva, ela é a mãe da humanidade, e como Issy (que pode representar Anna Livia quando jovem), é a filha por excelência, frágil, inocente, etc. Em suma, todas as conexões estão justificadas pelo nome “Plurabelle”³¹³.

She can't remember half of the cradlenames she smacked on them by the grace of her boxing bishops's infallible slipper, ... (Ela nem se lembra de um terço dos nomes que ela jogou nos berços pela graça do inflável bastão do seu bispo pugilista, ...) [FW 201]

... she was just a young thin pale soft shy slim slip of thing ... (... ela era apenas uma magra pálida delicada acanhada imatura débil criatura ... [FW 202])

She must have been a gadabout in her day, so she must, more than most. Shoal she was, gidgad. She had a flewmen of her own. (Ela deve ter sido uma vagaabundante nos seus dias, sim ela foi, mas do que a maioria. Shoaltamente que ela foi, por Deueus. Ela teve excasos homens para si.) [FW 202]

O segundo elemento do seu nome, Livia, pode representar a latinização do nome do rio Liffey, cuja denominação provém, segundo a lenda,

³¹² Idem, ibidem.

³¹³ Idem, ibidem.

da palavra “Life”³¹⁴. Além disso, o nome Livia tem um parentesco homógrafo com o inglês *life*, vida, e homófono com *leafy*, frondoso. No capítulo VIII, Anna Livia é, aliás, o próprio rio. Segundo Klaus Reichert, “o que ela faz como mulher, ela o faz como rio”³¹⁵.

... I badly want a brandnew bankside, ... (... eu apenas preciso ardentemente de um novíssimo leito, ...) [FW 201]

Não é a primeira vez que Joyce, seguindo uma tradição iniciada por outros escritores, identifica a mulher com o princípio da vida, da terra e da fertilidade. Em *Ulisses*, a personagem Molly, mulher do herói Leopold Bloom, representa a vida entre homens que sofrem de paralisia mental numa “cidade morta” como Dublin.³¹⁶

O nome Anna, finalmente, também encerra diferentes significados, todos adequados à personalidade de Anna Livia. Do hebreu, o nome traz a acepção de “graça”, do gaélico, “riqueza”, do grego, o sentido de “voltar outra vez”. Além dessas conotações, a mitologia irlandesa a identifica com *Ana* ou *Anu*, a deusa da abundância e mãe dos deuses, descrita algumas vezes como a Eva irlandesa.³¹⁷

Ademais, em irlandês, Ann e Anna procedem ambas da palavra “Eanach” e da locução “Ath na”, que são elementos freqüentes em nomes próprios. “Eanach” deriva da raiz “ean”, que significa água, ou, dependendo da

³¹⁴ “Traditions says that this (“Life”) was the name of the woman who gave her name to the River Liffey that flows though Dublin. This is a pleasant story, but unfortunately seems to have been made up to account for the name of the river, which otherwise cannot be explained.” (CRESSWELL, Julia. *Irish First Names*. Glasgow: Harper Collins, 1999, p. p.163, 164.).

³¹⁵ JOYCE, James, 1982, p. 28, 29. “Was sie als Frau tut, tut sie als Fluss.”

³¹⁶ TORTOSA, Francisco Garcia. Op. Cit., p. 91.

³¹⁷ CRESSWELL, Julia. *Irish First Names*. Glasgow: Harper Collins, 1999, p. p.163, 164.

ligação, pode adquirir também o sentido de “lugar com água”, “charco”, “lago”, “pântano”, etc. “Ath na” significa “vau de ...”, “passo de ...”.³¹⁸ Além disso, segundo David Norris, “an old maps, the Liffey was called “Anna Liffey”, from the Irish *amhain*, a river.”³¹⁹

Em *Finnegans Wake*, como afirmam os estudiosos, a personagem Anna Livia Plurabelle contém todas as virtudes e os defeitos no mais alto grau, e sua fertilidade é ilimitada. Isso ocorre porque Joyce incorporou nessa personagem o maior número possível de significados, esgotando por assim dizer as conotações de cada um deles.³²⁰

Por fim, Anna Livia Plurabelle encarnaria, por si mesma, a teoria da circularidade histórica de Giambattista Vico, uma vez que, como nos afirma Norris, “Anna Livia herself is indestructible in this magical landscape.”³²¹ O capítulo VIII confirma essa afirmação:

Tys Elvenland! Teems of times happy returns. The seim anew. Ordovico or viricordo. Anna was, Livia is, Plurabelle's to be. (Tyslenciosa Elvenland! Tempos de farturas e felizes retornos. O esmo prati. Ordovico ou viricordo. Anna foi, Livia é, Plurabelle será) [FW 215]

Ainda que o título do capítulo VIII contenha o nome da mulher de H.C.Earwicker, o taberneiro de Chapelizod também tem um papel importante neste episódio.

Se *Finnegans Wake*, como acreditam alguns estudiosos, é o sonho de um só personagem, e se esse personagem é Earwicker, torna-se evidente

³¹⁸ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 93.

³¹⁹ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 155.

³²⁰ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 93.

³²¹ NORRIS, David e FLINT, Carl. Op. Cit., p. 171.

então que toda essa seção do romance se passa na sua mente. Mas se aceitarmos que o livro é o sonho de vários personagens, o que parece mais provável, então deveríamos acreditar que todos eles sonham ao mesmo tempo e, neste caso, Earwicker perderia sua centralidade. Qualquer que seja a opinião, no entanto, não se pode negar o papel relevante de Earwicker neste episódio, pois parte do capítulo se dedica a contar alguns de seus “pecados” ou “inclinações”, e também seu casamento com Anna Livia e suposições sobre a infidelidade de sua mulher. Veja-se, como exemplo, a passagem abaixo:

And how long was he under loch and neagh? It was put in the newses what he did, nicies and priers, the King fierceas Humphrey, with illysus distilling, exploits and all. (E quanto tempo ele ficou trancafiado no lago? Ta nos jornais o que ele fez, do nascimento ao sacerdócio, o Rei violento como Humphrey, distilando ilisiões, façanhas e tudo mais.) [FW-196]

Caberia ainda acrescentar que, nesse capítulo do romance, existem provavelmente vários elementos autobiográficos: a página 197, por exemplo, descreveria a fuga de Nora e Joyce da Irlanda e sua conseqüente vida em comum no continente, só legalizada anos mais tarde ³²².

Was her banns never loosened in Adam and Eve's or were him and her but captain sliced? (Seus proclamas nunca foram comentados no Adão e Eva ou foram ele e ela enlaçados apenas pelo capitão?) [FW 197]

³²² James Joyce e Nora Barnacle conheceram-se em 1904, mas só vieram a se casar em 4 de julho de 1931.

... when he raped her home, Sabrine asthore, in a parakeet's cage, by dredgerous lands and devious delts, ... (... quando ele a raptou para sua casa, Sabrina amaratriz, na gaiola do periquito, por terras peringanosas e deltas tortuosos, ...) [FW 197]

Já as páginas 202 e 203 relatariam as experiências amorosas do casal:

She sid herself she hardly knows whuon the annals her graveller was, a dynast of Leinster, a wolf of the sea, or what he did or how blyth she played or how, when, why, where and who offon he jumpnad her and how it was gave her away. (Ela disse a si mesma que dificilmente entende quemsteve nos confusos anais, uma dinastia do Leinster, um lobo do mar, ou o que ele fez ou quão feliz ela se desfrutou ou quão, quando, como, onde e quem foi ele que freqüentemente saltou sobre ela e como foi cedido seu lugar.) [FW 202]

Outros elementos também biográficos teriam entrado, segundo alguns críticos, na composição de Anna Livia Plurabelle, uma vez que Joyce poderia ter-se inspirado na sua mulher para traçar o perfil básico da sua múltipla "heroína". Na opinião de Tortosa:

Podemos ver refletidos em Anna Livia vários aspectos da personalidade de Nora: seu cabelo avermelhado, seu gosto por vestidos e em particular por sapatos, o receio de perder a graça de sua juventude, etc. Mas a semelhança mais recôndita se evidencia na Anna Livia bela e feia ao mesmo tempo, cansada e solitária, depois de ter consumido sua vida na dedicação aos filhos

e ao esposo, que nos recorda Nora nos anos em que Joyce escrevia *Finnegans Wake*.³²³

Por isso, afirma-se que Anna Livia também poderia ser lida como uma homenagem de Joyce a Nora e à sua abnegação durante os anos em que o escritor se dedicava a escrever o romance. O certo é que em “Anna Livia Plurabelle”, podemos encontrar uma referência explícita a ela:

Not where the Finn fits into the Mourne, not where the Nore takes lieve of Bloem, not where the Braye divarts the Farer, not where the Moy changez her minds twixt Cullin and Conn tween Cunn e Collin? (Não onde Finn se encaixa no Mourne, não onde Nore despede-se do Bloem, não onde Braye distrai o Timmoneiro, não onde o Moy cambia sua inclinação entre Cullin e Conn entre Cunn e Cullin?) [FW203]

V. IV. SINOPSE

A sinopse de cada página do capítulo VIII, que apresento a seguir, tem por objetivo destacar a trama básica do episódio e orientar sua leitura.

Conforme afirmei no capítulo três, o resumo linear da narrativa “deterioraria” os seus múltiplos sentidos, por isso deve ser visto com reserva.

³²³ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 107, 108.

CAPÍTULO VIII:

Pág. 196: As três primeiras linhas do capítulo VIII formam um triângulo ou delta, símbolo de Anna Livia Plurabelle³²⁴. Além disso, o delta representa a foz do rio Liffey. Já a interjeição “O”, com a qual as lavadeiras iniciam o diálogo, indica a circularidade da obra, e também recordaria a pronúncia da palavra francesa *eau*, “água”.³²⁵

Nessa primeira página, duas lavadeiras, enquanto lavam roupa às margens do rio Liffey, discutem a vida de Anna Livia. Uma das lavadeiras, antes mesmo de falar sobre Anna Livia, menciona seu companheiro, H.C.E., e o possível crime que este cometeu no parque Fiendish.

Pág. 197: A descrição de H.C.E. prossegue. As lavadeiras indagam sobre a sua identidade e, logo em seguida, relatam seu possível casamento com A.L.P, ou o rapto de A.L.P e a subsequente fuga dos amantes para o continente. Uma das lavadeiras descreve a vida em comum do casal.

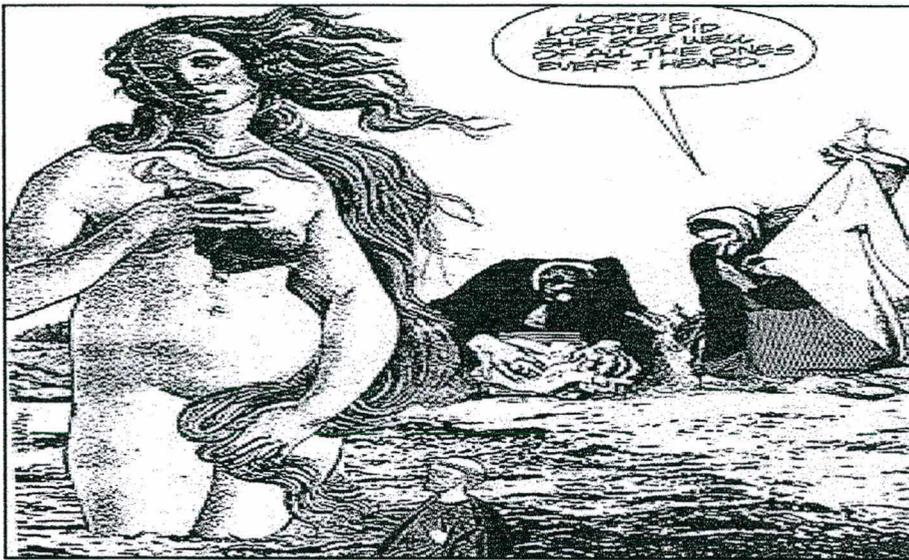
Pág. 198: A vida de A.L.P. e H.C.E. é sensualmente narrada. Para assombro de uma das lavadeiras, entretanto, Anna Livia transforma-se rapidamente em prostituta: é provocante, sensual e tem muitas “seguidoras”. H. C. E. parece estar resignado com o comportamento da esposa, ou talvez tudo o que se narrou tenha sido apenas um sonho seu.

³²⁴ Conferir: MCHUGH. *The Sigla of Finnegans Wake*. Londres: Edward Arnold, 1976.

³²⁵ TORTOSA. Francisco García. Op. Cit., p. 98.

Pág. 199: Agora Anna Livia é dona de casa e prepara quitutes estranhos e afrodisíacos para seu marido. Descreve-se uma briga do casal. Depois da contenda, Anna Livia junta-se a outras prostitutas.

Pág. 200: Uma das lavadeiras conta a vida de A.L.P. nas ruas ao lado de suas companheiras. Comenta-se uma carta escrita por ela.



Lordy, lordy, did she so? Well, of all the ones ever I heard! (Deus, deus, ela fez isso? Bem, nunca ouvi coisa igual! [FW 200])

Pág. 201: O conteúdo da carta é revelado e, nela, Anna Livia diz como é sua vida com H.C.E.. O diálogo toma outra direção e as lavadeiras passam a falar dos muitos filhos de Anna Livia e de seus possíveis pais.

Pág. 202: Anna Livia teria tido vários homens na juventude, sendo que o primeiro, quando ainda era apenas uma menina, foi H.C.E..

Pág. 203: H.C.E. a desejou ardentemente, esquecendo sua vida pregressa de homem solitário.

Pág. 204: Anna Livia esquece também seu passado, que é novamente descrito pelas lavadeiras. Nessa página, a protagonista transforma-se em rio, que circula por todas as partes da cidade: “sujos e parados charcos chuvosos”. Como rio entrega-se mais uma vez a H.C.E.. As lavadeiras discutem o seu trabalho e falam sobre as roupas que estão lavando.

Pág. 205: A.L.P. ainda é descrita como rio, um rio sinuoso, cheio de curvas e atrativos. E H.C.E. é um viajante que já esteve em todas as partes, freqüentando os mais diversos locais.

Pág. 206: Anna Livia planeja vingar-se, talvez, de seus (ex-)companheiros, ou apenas de H.C.E., e, para tanto, rouba uma sacola dos seus filhos e se disfarça. A.L.P. lava o cabelo, cuida da pele.

Pág. 207: A.L.P. continua enfeitando-se para seu provável casamento. Logo em seguida, transforma-se numa delicada mãe.

Pág. 208: Anna Livia se disfarça novamente. As lavadeiras descrevem minuciosamente sua nova roupa. Anna Livia comporta-se como uma feiticeira.

Pág. 209: A.L.P. enfeitiça os homens, transformando-se finalmente em Pandora, e traz na sua sacola estranhos presentes para seus filhos.

Pág. 210: A.L.P. tira da sacola os presentes a serem doados, e dá início à sua distribuição.

Pág. 211: Anna Livia continua distribuindo presentes.

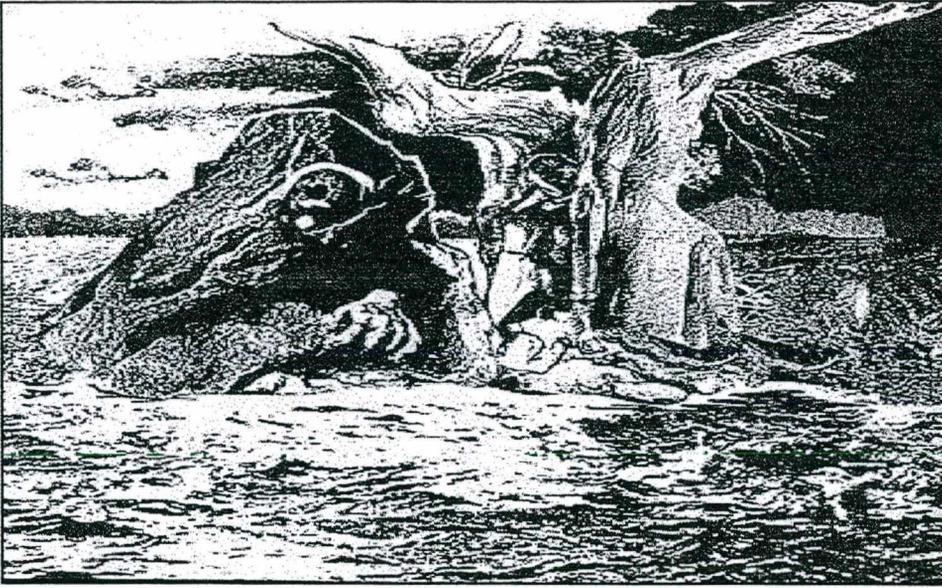
Pág. 212: As lavadeiras admiram-se da quantidade e da excentricidade dos presentes doados por Anna Livia. Os filhos afastam-se dela. As lavadeiras falam sobre o seu trabalho.

Pág. 213: O crepúsculo aumenta. Uma das lavadeiras procura dar um desfecho à história de Anna Livia. Elas torcem e estendem as roupas.

Pág. 214: A escuridão confunde as lavadeiras. Elas perdem a noção do tempo. Entre orações e queixam, elas vão terminando o seu serviço.

Pág. 215: As lavadeiras planejam se reencontrar. Voltam a falar de Anna Livia e H.C.E.. Não mais se entendem. As águas agitadas, o anoitecer, o cansaço as confundem. Começam a perguntar sobre os filhos e filhas de Anna Livia. Uma das lavadeiras se transforma em árvore, o olmo.

Pág. 216: A outra lavadeira se transforma em pedra. As indagações acerca dos filhos de Anna Livia, Shem e Shaun, continuam. Mas faz-se noite e as lavadeiras, como árvore e pedra, não podem mais prosseguir seu diálogo.



Tell me, tell me, tell me, elm! (Me conta, me conta, olmo, me conta!) [FW-216]

VI. A TRADUÇÃO DE “ANNA LIVIA PLURABELLE”

“Anna foi , Livia é, Plurabelle será” [FW 215]

A primeira tradução do capítulo VIII de *Finnegans Wake* foi publicada em 1931: o texto foi vertido para o francês, com o apoio e incentivo de Joyce, por uma equipe constituída por Samuel Beckett, Eugène Jolas, Paul Léon, Alfred Perron, Ivan Goll, Adrienne Mounier e Phillipe Soupault, que acreditavam, tanto quanto o próprio escritor, que “não há nada que não possa ser traduzido”³²⁶.

Essa versão do capítulo, que manteve o título de “Anna Livia Plurabelle” já utilizado por Joyce, contém unicamente as páginas 196 – 201 e 215 – 216 do episódio.

Na introdução a essa tradução, Phillipe Soupault explicou os métodos que os tradutores utilizaram:

La traduction des fragments d'Anna Livia Plurabelle qui suivent a été faite ainsi: un premier assai a été tenté par Samuel Beckett, irlandais, lecteur à l'École Normale. Il a été aidé dans cette tâche par Alfred Perron, agrégé de l'Université, qui avait séjourné pendant un an à Dublin. Une révision de cette première version fut exécutée sous la direction de l'auteur par Paul-L. Léon, Eugène Jolas et Ivan Goll.

A la fin de novembre 1930, nous nous réunîmes, M. Joyce, M. Paul-L. Léon et moi-même, rue Casimir-Périer, chez notre ami Léon. Nous avons adopté un jour par semaine, le jeudi. A deux heures et demie M. Joyce arrivait et nous nous mettions immédiatement au travail. Nous étions installés autour d'une grande table ronde. M. Joyce dans un fauteuil fumait des *maryland*. M. Léon lisait le texte anglais, et je suivais la version française revue. Paul Léon détachait une phrase du texte anglais, je lisais la traduction de la phrase et nous discussions. Nous rejetions, d'accord avec M. Joyce, ce qui nous paraissait contraire au rythme, au sens, à la métamorphose des mots, et nous

³²⁶ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 779.

essayions à notre tour de proposer une traduction. M. Joyce nous exposait les difficultés, nous cherchions d'un commun accord des équivalents, nous trouvions une phrase plus rythmée, un mot plus fort. "Un moment", disait M. Joyce pour nous arrêter. Nous réfléchissions et tout à coup M. Joyce, Paul Léon ou moi-même découvriions exactement ce que nous cherchions. Ces séances duraient trois heures.³²⁷

Segundo o tradutor espanhol Francisco García Tortosa, que consultou essa versão, suas características principais seriam:

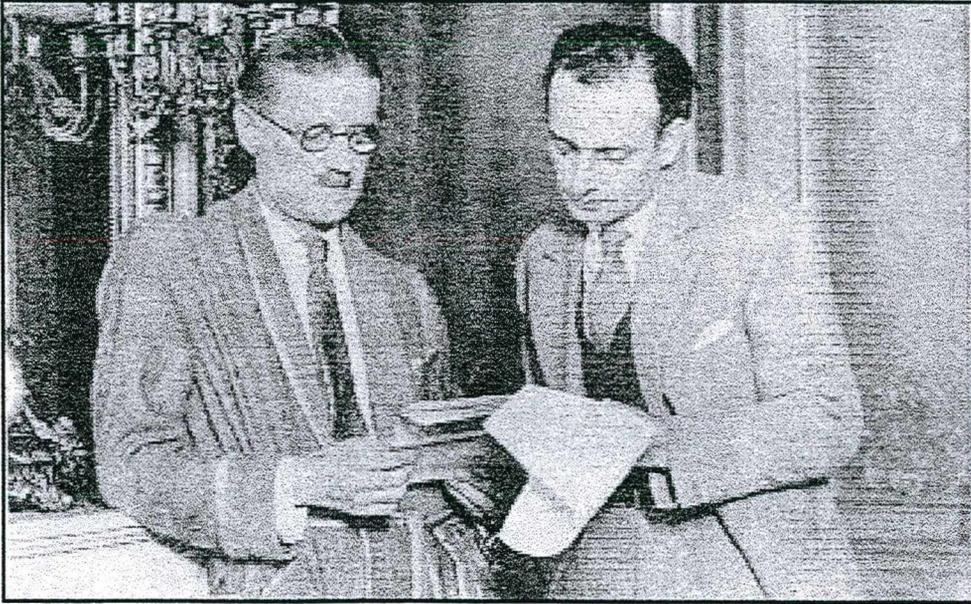
Nela, a maioria dos jogos de palavras do texto original foram eliminados, no seu lugar foram criados outros novos, cuja relação com o inglês é "marginal", em alguns casos nula, quando não contraditória. As alusões literárias e históricas são respeitadas unicamente quando em francês podem ser identificadas, ou porque são amplamente conhecidas, ou porque de alguma maneira o contexto as esclarece, nos casos restantes foram substituídas por outras mais próximas à cultura francesa. A sonoridade da língua tem um lugar de destaque, de tal modo que não se hesitou em ampliar uma frase, se assim se conseguisse o ritmo apropriado.³²⁸

A apresentação de Soupault, citada atrás, parece revelar algo da atitude de Joyce diante do processo de tradução. O próprio autor admitia e permitia que a tradução de *Finnegans Wake*, feita sob seus olhos, fosse antes de tudo um processo de reconstrução e recriação, mesmo porque não seria possível de outra maneira conservar a musicalidade do original em nenhuma outra língua;

³²⁷ BOUCHET, André du. Op. Cit., p.p. 87,88.

³²⁸ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 113, 114.

nem mesmo as onomatopéias, tão abundantes na obra, puderam ser excluídas desse processo de recriação, simplesmente porque os mecanismos que permitem recriar e distorcer os vocábulos variam de um idioma para outro.³²⁹ Enquanto tradutor da própria obra, Joyce procurou sempre enfatizar o fluir de uma frase, “cuidando mais do som e do ritmo que do sentido.”³³⁰



Joyce com Philippe Soupault, um dos tradutores de “Anna Livia Plurabelle”.³³¹

A primeira tradução integral de *Finnegans Wake*, porém, só veio a ser publicada na França meio século depois, em 1982, tendo como tradutor Philippe Lavergne, que verteu sozinho todo o texto. Na opinião de alguns estudiosos, como Francisco García Tortosa, “apesar de seu relativo êxito de vendas e do esforço indubitável de se traduzir a obra completa, o resultado foi decepcionante. O trabalho de Lavergne consistiu principalmente em tornar

³²⁹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 114.

³³⁰ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 779.

³³¹ Idem, *ibidem*, p. 713.

compreensível um livro cujo mérito não é precisamente a clareza”.³³² Ainda segundo o tradutor espanhol, Lavergne teria escolhido “entre os numerosos níveis narrativos aquele que se refere à biografia de Joyce, e escolheu as alusões mais imediatas e anedóticas, perdendo no caminho profundidade e ritmo”.³³³

Lavergne não explicou seu método de tradução, apenas acrescentou ao texto algumas notas que nada esclarecem nesse sentido.

Em 1929, cerca de um ano antes do início da primeira tradução francesa de “Anna Livia Plurabelle”, Georg Goyert, o tradutor alemão de *Ulisses*, iniciou a sua versão desse capítulo de *Finnegans Wake*. O próprio Joyce e Ivan Goll, um dos tradutores da primeira versão francesa do episódio, foram seus revisores.

Essa primeira tradução alemã de “Anna Livia Plurabelle” foi publicada pela primeira vez em 1933, na Holanda, uma vez que, segundo o editor Daniel Brody, “o clima para a aparição de senhora ALP entre o público alemão não era favorável”.³³⁴ Somente em 1946 a tradução de Goyert foi novamente publicada, desta vez na Alemanha.

Outras traduções do capítulo VIII e de alguns fragmentos do romance vieram à luz depois dessa, na Alemanha. “Anna Livia Plurabelle” ainda foi traduzida por Wolfgang Hildesheimer em 1960, por Hans Wollschläger em 1982 e, em 1993, foi publicada a tradução integral de *Finnegans Wake*, assinada por Dieter H. Stündel.

No mesmo ano em que Goyert iniciava sua versão de “Anna Livia Plurabelle”, Charles K. Ogden, lingüista e co-autor com I. A. Richards de O

³³² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 115, 116.

³³³ Idem, *ibidem.*, p.116.

³³⁴ REICHERT, Klaus e SENN, Fritz. Op. Cit., p.14.

Significado do Significado (1923), o qual também já havia discutido, a convite de Joyce, a estrutura de *Finnegans Wake*³³⁵, aceitou o desafio lançado pelo próprio escritor para traduzir o capítulo VIII para o “inglês básico”. Ogden, que no seu estudo havia sintetizado a linguagem do romance num núcleo semântico básico, traduziu então as quatro últimas páginas de “Anna Livia Plurabelle”, as quais foram publicadas na revista *transition*, em março de 1932.

A tradução de Ogden evidencia a dificuldade em se definir a língua de *Finnegans Wake*³³⁶. Segundo a estudiosa italiana Rosa Maria Bollettieri Bosinelli, “imerso num contexto anglófono, *Finnegans Wake* não está escrito em inglês, a ponto do próprio Joyce não ter se oposto, mas ao contrário aceito de bom grado, que o fragmento de *Anna Livia* fosse traduzido para a língua inglesa.”³³⁷

Finalmente, em 1937, Joyce propôs a Nino Frank que traduzissem juntos “Anna Livia Plurabelle” para o italiano. Joyce disse a Frank: “temos que fazer o trabalho agora antes que seja tarde demais. De momento há pelo menos uma pessoa, eu mesmo, que pode entender o que estou escrevendo. Não garanto porém que em dois ou três anos ainda serei capaz de fazer isso”.³³⁸

O método que ambos adotaram para traduzir o capítulo VIII foi quase o mesmo utilizado na tradução francesa: Nino Frank e James Joyce passaram a se encontrar duas vezes por semana, durante três meses, e novamente o escritor enfatizou o ritmo e a sonoridade das frases e dos jogos verbais, “para o sentido das coisas ele parecia indiferente e infiel, e Frank muitas vezes tinha de lembrá-lo disso. Com descuido refinado, Joyce jogava no texto nomes de mais

³³⁵ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 757.

³³⁶ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. *Anna Livia Plurabelle*. Torino: Giulio Einaudi, 1996, pp. 64, 65.

³³⁷ Idem, ibidem, p. 64. Conferir capítulo IV dessa dissertação.

³³⁸ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 862.

rios.³³⁹ Certa ocasião, Frank protestou contra uma frase sugerida por Joyce, que parecia sacrificar o ritmo original do capítulo. Joyce entretanto respondeu: “eu gosto do novo ritmo”.³⁴⁰

Essa primeira tradução italiana do capítulo VIII foi publicada em 1940 na revista *Prospettive* e abrange as mesmas páginas da tradução francesa de 1931. O trabalho foi assinado por Ettore Settanni, pois o nome de Nino Frank, antifascista, e o do próprio Joyce, foram censurados por questões políticas.³⁴¹

Segundo os estudiosos, a tradução italiana conseguiu recriar a riqueza semântica do original e alcançou musicalidade semelhante, perdendo unicamente aquelas conotações que as diferenças culturais e a natureza das duas línguas impõem.³⁴²

Como sucedeu na primeira tradução francesa, também nessa tradução italiana de Nino Frank, Joyce e Settani a recriação predomina sobre a literalidade, podendo-se conjeturar, de certa forma, que Joyce estava levando avante seu *Work in Progress* em outra língua.

Outras traduções italianas surgiram após a de Settani, Frank e Joyce. A que merece mais atenção é a tradução de Luigi Schenoni, de 1982.

Schenoni traduziu até o momento os oito primeiros capítulos do romance, finalizando assim a primeira parte, ou Livro I, de *Finnegans Wake*. Segundo os estudiosos, sua tradução é a que mais se aproxima do texto original (o tradutor italiano foi, nesse aspecto, muitas vezes mais fiel ao texto do que o próprio Joyce havia sido nas traduções que auxiliou), mas sua versão

³³⁹ ELLMANN, Richard. Op. Cit., p. 862.

³⁴⁰ Idem, ibidem, p. 862.

³⁴¹ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. Op. Cit., p. 54. Segundo se lê em algumas das cartas de Joyce a Mary Colum e James Johns Sweeny, o escritor teria sido o verdadeiro autor da tradução. (TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 114/ GILBERT, Stuart. *The Letters of James Joyce*, vo. Nova Iorque: Viking, 1957, pp. 410 – 412.)

³⁴² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.114, 115.

é no conjunto menos criativa.³⁴³ A tradução de Schenoni procura “conservar todas as palavras ‘funcionais’ ou nucleares, como: artigos, preposições, conjunções, etc.; manter as aliterações e ritmos especiais; respeitar as alusões geográficas, históricas, religiosas e literárias; e, finalmente, empregar o maior número de línguas estrangeiras. Muito embora seja lógico duvidar das possibilidades de chegar a pôr em prática muitas dessas normas”.³⁴⁴

Conforme vimos até aqui, a história das primeiras traduções de fragmentos do capítulo VIII corre paralelamente à história da própria composição de *Work in Progress*, como se a reescritura desse texto numa outra língua também fosse um projeto criativo de Joyce, que colaborou ativamente com seus tradutores. De fato, foi o próprio autor, antes mesmo de escrever a versão definitiva de “Anna Livia Plurabelle”, que encorajou e promoveu a tradução desse capítulo para os idiomas que vimos acima.

Na opinião da ensaísta italiana Rosa Maria Bolletieri Bosinelli, é difícil dizer se tal postura do escritor em relação a “Anna Livia Plurabelle” teria derivado “do desejo de ser lido também fora do mundo de língua inglesa, da vontade de controlar os possíveis resultados da sua manipulação tradutória ou, acima de tudo, do fato de estar convencido de que a tradução em outra língua poderia enriquecer e integrar o próprio processo de composição do capítulo.”³⁴⁵ Para essa estudiosa, haveria uma ligação entre a versão francesa do capítulo VIII de 1931, a italiana de 1940 e o texto original. Bosinelli cita, entre outros exemplos, a frase da página 199 de Anna Livia Plurabelle: “metauwero rage it swales and rises”, que na versão de 1928 era escrita da seguinte forma: “his towering rage it swales and rieses”. Segundo Bosinelli, a transformação de

³⁴³ JOYCE, James. *Finnegans Wake. Livro Primo I – IV*. Milão: Oscar Mondadori, 1993, p. LI.

³⁴⁴ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p.115.

³⁴⁵ BOSINELLI, Rosa Maria Bolletieri. Op. Cit., p.43.

“towering” em “metauwero” é resultado de uma italianização do texto, com a introdução do rio Metauro, que possui semelhança sonora com a palavra inglesa “tower”.

Além das traduções citadas acima, “Anna Livia Plurabelle” foi traduzida na íntegra para o espanhol por Francisco García Tortosa (1993), para o japonês por Yanese Naoki (1991), que também traduziu os demais capítulos do romance, e para o português por Donaldo Schüller, uma tradução ainda inédita, a ser publicada em 2002, à qual tive acesso e reproduzo no final deste capítulo.

Fragmentos do capítulo VIII e de outros episódios do romance também foram traduzidos para o húngaro por André Bíró (1964), para o português por Haroldo e Augusto de Campos (1971) e para o espanhol por Victor Pozanco (1993).

Josep-Miquel Sòbre (1982) traduziu fragmentos de “Anna Livia Plurabelle” para o catalão, Ricardo Silva-Santisteban (1982) para o castelhano, Leopoldo R. L. Rodriguez (1969) para o galego e Laurent Milesi (1994) para o romeno.³⁴⁶

Estas são as traduções mais citadas, porém existem outras traduções do capítulo VIII e de diversos fragmentos do romance, que não arrolei aqui.

³⁴⁶ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. Op. Cit., p. 78, 79.

VI. I. TRADUZINDO *FINNEGANS WAKE*:

Para os estudiosos e tradutores de *Finnegans Wake*, o romance representa um caso especial dentro da problemática da tradução, já que, em primeiro lugar, não se sabe bem o que se vai traduzir, ou seja, qual é a língua de origem.

Na opinião de Umberto Eco, por exemplo, "*Finnegans Wake* não está escrito em inglês, mas em 'Finneganian', e o Finneganian é uma língua inventada". Muito embora, segundo o ensaísta italiano, a linguagem do último romance de Joyce não se inclua totalmente em nenhum dos vastos conceitos de língua inventada. Segundo uma das definições, a "língua inventada" seria aquela em que, ao menos parcialmente, o léxico e a sintaxe foram criados pelo seu autor, como é o caso da língua de Foigny (citada por Eco), ou aquela que se reduz a um efeito sonoro, como ocorre, por exemplo, nos poemas de Hugo Ball³⁴⁷ ou ainda, parece-me, nos poemas de John Cage, sobretudo naqueles do livro *Empty Words*.

Eco concluiu dessas definições que *Finnegans Wake* seria "antes de tudo um texto plurilíngüe. Portanto é igualmente inútil traduzi-lo, porque já foi traduzido. Traduzir determinado *pun* que tem um radical alemão A e um radical italiano I, significa no máximo transformar o sintagma AI em um sintagma IA."³⁴⁸ Conforme vimos no capítulo IV, o romance foi escrito num léxico que incorpora mais de sessenta e cinco línguas e, "de fato, cada radical que se aglutina nos seus *puns* pertence a alguma língua."³⁴⁹

³⁴⁷ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. Op. Cit., p. VI, VII.

³⁴⁸ Idem, ibidem, p. VII.

³⁴⁹ Idem, ibidem.

Na opinião de alguns estudiosos, caberia perguntar se o esforço de tradução do livro é realmente válido ou se “não seria mais útil e fácil que o possível leitor aprendesse inglês e se informasse dos fundamentos e técnicas de Joyce”³⁵⁰

A tradução de *Finnegans Wake*, entretanto, é possível e válida, segundo demonstrou o próprio Joyce, que incentivou seus tradutores e colaborou em pelo menos três traduções: a francesa, a italiana e a alemã.

No entanto, se levamos em conta a complexidade e as nuances da língua de Joyce, compreendemos facilmente que uma tradução literal da obra não é possível, nem mesmo uma tradução para o inglês padrão. Segundo Donald Schüler, “traduzir para uma língua particular um romance como *Finnegans Wake*, em que se misturam mais de sessenta línguas, é efetivamente uma traição. Traduzir é sempre trazer outro universo lingüístico ao nosso.”³⁵¹ Caberia, idealmente, realizar na língua de chegada a (mesma) experimentação lingüística que Joyce realizou na língua de origem, o “inglês”, partindo das mesmas premissas e tentando conservar o maior número de registros lingüísticos, jogos de palavras, alusões, etc.

Na opinião de Francisco García Tortosa, a tradução de *Finnegans Wake* é contudo “uma tradução hermenêutica, em essência não muito diferente de qualquer outra da mesma modalidade.”³⁵² Pois, aceitando-se a premissa de que duas línguas nunca são totalmente equivalentes, deve-se buscar compreender a função e significação de todos os elementos lingüísticos do texto e procurar as correspondências aproximadas em outra língua. O tipo de experimentação a que uma língua pode ser submetida varia muito de uma para

³⁵⁰ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 110.

³⁵¹ Folha do Povo. Campo Grande, 20 de maio de 2001.

³⁵² TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 111, 112.

outra, já que cada língua contém recursos diferentes. Deste modo, segundo Tortosa, “o trabalho do tradutor de *Finnegans Wake* consistirá em descobrir as equivalências funcionais, na sua vertente diacrônica e sincrônica, e em inserir modificações na norma lingüística que sejam capazes de gerar ramificações semânticas similares às do original, embora não idênticas, o que, por outro lado, considera-se um intento impossível.”³⁵³

Na opinião de Fritz Senn, o livro permanecerá como um desafio aos tradutores e não haveria razões para não ser traduzido:

A translator is bound to reduce the semantic complex to a strand of arbitrarily selected meaning, with perhaps some flutters of additional significance. This poor substitute is perhaps no longer worth doing. Or is it? For, having said that *Finnegans Wake* cannot be properly translated, I would go on to say there is no reason why it shouldn't be. Provided that we all know what is going on. For whatever our pontifications about the impossibility – it will be tried. The book remains the challenge for the translator.³⁵⁴

O fato é que uma tradução de *Finnegans Wake* é sempre questionável, ou, segundo Umberto Eco, é uma tradução “que a cada passo diz, implicitamente, esta tradução não é uma tradução”.³⁵⁵

No entanto, conforme vimos atrás, traduções parciais e integrais do romance foram tentadas em diversas línguas, o que demonstra na prática que a tradução de *Finnegans Wake* é possível e tem sido realizada, com maior ou menor êxito estético. Em todas essas traduções existem elementos comuns e

³⁵³ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 111.

³⁵⁴ BATES, Ronald e POLLOCK, Harry J. *Litters from Aloft*. Tulsa: The University of Tulsa. Fritz Senn, “Joycean Translatitudes: Aspects of Translation”, p. 48.

³⁵⁵ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. Op. Cit., p. V.

planos de significados semelhantes, o que evidencia a presença de leituras coincidentes e, o mais importante, que as traduções podem “abrir uma brecha no mundo sombrio de *Finnegans Wake*.”³⁵⁶

Para demonstrar o que se acabou de afirmar, foram inseridas, no final deste capítulo, algumas versões de “Anna Livia Plurabelle”, selecionadas dentre aquelas com as quais trabalhei ao longo do meu processo de tradução: a tradução espanhola, italiana, francesa e alemã. As traduções para as línguas latinas permitem que se estabeleça uma comparação entre textos escritos em idiomas com origem comum.

Paradoxalmente, como reconheceu Umberto Eco, “pelo fato mesmo de ser teoricamente intraduzível, *Finnegans Wake* é também – entre todos – o texto mais fácil de se traduzir porque consente o máximo de liberdade inventiva e não cobra a obrigação de fidelidade em qualquer que seja o modo narrado.”³⁵⁷ O próprio Joyce, aliás, nas traduções de que participou, nunca permaneceu estritamente fiel ao seu texto, ao contrário, procurou ser fiel à natureza da língua na qual o repensava, buscando, desta forma, renovar a língua de chegada com os recursos que lhe eram próprios.³⁵⁸

Assim, a tradução de *Finnegans Wake* é, segundo os estudiosos, necessariamente alguma coisa mais, ou menos, do que uma tradução e atinge sempre o grau de recriação.³⁵⁹ Essa liberdade das traduções, aliás, sugeriu a muitos críticos a idéia de uma obra paralela, que conservaria do original o argumento, ou argumentos, e a intencionalidade rítmica.

³⁵⁶ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 116.

³⁵⁷ BOSINELLI, Rosa Maria Bollettieri. Op. Cit., p. XI.

³⁵⁸ Idem, ibidem, p. XVII.

³⁵⁹ TORTOSA, Francisco García. Op. Cit., p. 111.

VI. II. A TERCEIRA MARGEM DO LIFFEY: “ANNA LIVIA PLURABELLE” EM PORTUGUÊS:

No Brasil, a primeira tradução de fragmentos de “Anna Livia Plurabelle” e outros capítulos de *Finnegans Wake* foi publicada em 1962. Augusto e Haroldo de Campos assinaram o trabalho e, a respeito dele, opinaram o seguinte:

Traduzir James Joyce, especialmente fragmentos de *Finnegans Wake*, é uma ginástica com a palavra: um trabalho de perfeccionismo. Algo que nunca assume o aparato estático do definitivo, mas que permanece em movimento, tentativa aberta e constante, trazendo sempre em gestação novas soluções, “pistas” novas, que imantam o tradutor, obrigando-o a um retorno periódico ao texto e seus labirintos.”³⁶⁰

Conforme vimos nos capítulos antecedentes, a linguagem é um dos aspectos mais fascinantes da última obra de Joyce. Em *Finnegans Wake* o escritor levou ao extremo a “minúcia artesanal” com a língua, valorizando aspectos que vão além de qualquer significado. Daí por que, segundo os irmãos Campos:

A tradução se torna uma espécie de jogo livre e rigoroso ao mesmo tempo, onde o que interessa não é a literalidade do texto, mas, sobretudo, a fidelidade ao espírito, ao “clima” joyciano, frente ao diverso feixe de possibilidades do material verbal manipulado. E há uma rede renhida de

³⁶⁰ CAMPOS, Augusto e Haroldo de, 1971, p.21.

efeitos sonoros a ser mantida, entremeada de quiproquós, trocadilhos, malapropismos.”³⁶¹

Sem dúvida, a tradução de Augusto e Haroldo de Campos parece bastante fiel ao “clima” joyciano, embora eles tenham traduzido apenas pequenos fragmentos, retirados de diferentes capítulos da obra. Particularmente agrada-me a versão do trecho final do último capítulo do livro, que citei no segundo capítulo deste trabalho.

Da tradução de fragmentos de *Finnegans Wake* à tradução de capítulos integrais da obra passaram-se quase trinta anos, pois só em 1999 foi publicado o primeiro capítulo do romance, traduzido na íntegra por Donald Schüler. Hoje já temos os quatro primeiros capítulos do livro traduzidos e publicados, conforme vimos no primeiro capítulo desta dissertação.

Sobre a tradução de *Finnegans Wake*, Schüler opinou o seguinte:

Traduzir não é possível. Não há correspondência entre uma e outra língua. Excetuando as linguagens técnicas: tradução mecânica. A língua literária rompe com todas as subordinações. As decisões do texto criativo são imprevisíveis. Joyce não faz mais do que acentuar este processo. Todos os textos são intraduzíveis. Por isso é necessário recriá-los. Haroldo de Campos: só os textos intraduzíveis merecem ser traduzidos. Traduzir Joyce significa revitalizar um texto em estado de deteriorização, ativar o ciclismo viconiano. Em tradução, o texto morre.³⁶²

³⁶¹ CAMPOS, Augusto e Haroldo de, 1971, p. 21, 22.

³⁶² Folha do Povo, 20 de maio de 2001, Palavra Boa, p. 04.

E ao avaliar seu próprio trabalho, o tradutor brasileiro definiu sua tradução da seguinte maneira:

Quem traduz Joyce não se pode abster da obrigação de criar similares aos da língua de origem. Distanciamos-nos com freqüência da literalidade para captar efeitos que ultrapassam significados. Joyce não é nada austero. Tivemos o cuidado de não destruir a jocosidade (para não dizer *joycosidade*). Como não dispomos em português do aparato crítico que se formou ao longo das décadas em torno do texto original, procuramos manter-nos no âmbito da língua portuguesa e de línguas muito próximas ao português ao ensaiar jogo verbal joyciano. Não se espere, nem assim, inteligibilidade completa do texto. Num discurso deliberadamente onírico, luminosidade intensa não se atingirá nunca. Poderá ser recomendável, numa primeira leitura, passar pelo texto sem preocupação de explorar o que ele esconde.³⁶³

No tocante à tradução e ao trabalho de Donald Schüler, podemos encontrar algumas informações na apresentação de orelha do terceiro volume de *Finnicius Revém* (publicada previamente no jornal "Folha do Povo", citado atrás), escrita por Sérgio Medeiros:

Impressa no português do Brasil e não em várias línguas sobrepostas, repleta de estilos e sotaques nacionais, inclusive o sulista, sotaque de origem do tradutor (veja-se a saborosa expressão "Lumptytumptupy Já Deu pra Ty"), a epopéia joyciana é principalmente (creio) a "terra da jocosidade", embora no original, ou em outras línguas (a obra já foi traduzida na íntegra para o francês,

³⁶³ JOYCE, James, 1999, p. 25.

o alemão, o japonês) possa também ser outras “terras”, comportando outras linguagens, outros tons, ou todos os tons.³⁶⁴

A respeito das “notas de leitura” de Schüler, que acompanham a sua tradução, Medeiros opinou que seriam também uma tradução da obra:

Se o tom geral que Donaldo Schüler conferiu à sua tradução, até aqui, é o tom cômico, às vezes carnavalesco e grotesco, as “notas de leitura” são, ao contrário, “sérias”, mas isso não significa que sejam acadêmicas. Para começar, Donaldo Schüler preferiu não citar suas fontes, mas para seus propósitos isso é irrelevante: ele não assume o tom do especialista e sim o tom sereno de um emérito narrador, um contador de mitos universais (o que Joyce sem dúvida também é, sobretudo em *Finnegans Wake*, obra que pode ser lida como um compêndio de mitos similar às *Mitológicas* de Claude Lévi-Strauss). Munido de grande erudição (Donaldo Schüler é professor de literatura antiga, vale dizer, grega) mesclada de devaneios deliciosos, nosso tradutor reconta, às vezes com desconcertante simplicidade, o que Joyce teria pretendido dizer na sua linguagem onírica... As “notas de leitura” de Donaldo Schüler, simples e diretas, não procuram decifrar (quase) nada, mas recriam a atmosfera do livro, recontando de outra maneira seus mitos basilares. Um canto paralelo, outra tradução do original que nos permite reler Joyce, já que lê-lo não é possível.³⁶⁵

³⁶⁴ Folha do Povo, 20 de maio de 2001, Palavra Boa, p. 03.

³⁶⁵ Idem, ibidem, p. 03. As apresentações de orelha dos dois primeiros volumes publicados de *Finnicius Revém*, escritas por João Alexandre Barbosa e Walnice Nogueira Galvão, respectivamente, não oferecem informações acerca da tradução de Donaldo Schüler nem opinam sobre seu valor estético.

Quanto à tradução do capítulo VIII que apresento a seguir, ela surgiu inicialmente como um modo prático de estudar e compreender as técnicas narrativas e estilísticas de Joyce. Para realizar a minha versão do capítulo, adotei um princípio bastante similar ao do professor Schüler: “cada texto a ser traduzido impõe suas próprias leis. Não se podem criar leis gerais para a tradução. O tradutor deve aprender com o texto que traduz.”

Duas leituras rigorosas do capítulo VIII precederam a minha versão de “Anna Livia Plurabelle”: a primeira foi feita em Cambridge, em janeiro de 2000, com uma falante nativa do inglês, a professora de literatura e língua inglesa Joanna Parker; a segunda leitura foi feita no Brasil, com o auxílio do professor de teoria literária Sérgio Medeiros, da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir dessas duas leituras, e apoiada em outras traduções de “Anna Livia Plurabelle”, dentre as quais destaco a tradução ainda inédita de Donald Schüler, gentilmente cedida pelo autor no início da minha pesquisa, e no livro *Annotation to Finnegans Wake*, de Roland MacHuge, um estudo minucioso do vocabulário utilizado por Joyce em *Finnegans Wake*, empreendi a minha versão do texto, uma versão feminina (todas as outras traduções que consultei e citei neste trabalho foram assinadas por homens) do universo das duas lavadeiras.

No meu ensaio de tradução, procurei recriar o ritmo do texto, e não reproduzir simplesmente o ritmo joyciano, baseado em monossílabos - comuns na língua inglesa, mas não no nosso idioma -; obtive assim um ritmo brasileiro, talvez latino, um ritmo mais lento, ao usar palavras mais longas do que as do original.

Ao enfatizar o ritmo (acento, rimas, aliterações, assonâncias), entretanto, deixei de lado a recriação de outros aspectos da obra Joyce, embora tenha valorizado também seus aspectos semânticos e, em particular as palavras-valise. Procurei ainda preservar o diálogo entre diferentes línguas, já que, como já afirmei, meu objetivo foi usar a tradução para compreender melhor as técnicas narrativas e estilísticas empregadas por Joyce na composição de *Finnegans Wake*. Concordo, por isso, com Augusto e Haroldo de Campos, quando opinaram que a tradução, especialmente de *Finnegans Wake*, “nunca assume o aparato estático do definitivo, mas permanece em movimento, tentativa aberta e constante.”³⁶⁶ Tentativa, talvez, de se atingir – o inatingível – o todo.

Segue-se portanto a minha versão de “Anna Livia Plurabelle”, precedida do texto original e seguida de outras versões que consultei (a versão brasileira de Donald Schüler, a francesa de Soulpault, a versão alemã de Georg Goyert, a italiana de Luigi Schenoni, a versão espanhola de Francisco García Tortosa). A versão japonesa segue apenas como ilustração.

³⁶⁶ CAMPOS, Augusto e Haroldo de, 1971, p.21.

VI. III. ANEXO:

VERSÃO ORIGINAL DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*

Reeve Gootch was right and Reeve Drughad was sinisterous! And the cut of him! And the strut of him! How he used to hold his head as high as a howeth, the famous eld duke alien, with a hump of grandeur on him like a walking wiesel rat. And his dettry's own drawl and his corkswon blather and his doubling sturter and his gullaway swank! Ask Lictor Hackett or Lector Reade of Garda Growley or the Boy with the Billyclub. How elster is he a called at all! Qu'appelle! Huges Caput Earlyfouler. Or where was he born or how was he found? Uργοthland, Tvistown on the Kattekat? New Hunshire, Concord on the Merrimaker? Who blocksmitt her saft anvil or yelled lep to her pail? Was her banns never loosened in Adam and Eve's or were him and her but captain spliced? For mine ether duck I thee drake. And by my wildgaze I thee gander. Flowey and Mount on the brink of time makes wishes and fears for a happy isthmass. She can show all her lines, with love, license to play. And if they don't remarry that hook and eye may. O, passmore that and oxus another! Don Dom Dombdomb and his wee follyo! Was his help inshored in the Stork and Pelican against bungelars, flu and third risk parties? I heard he dug good tin with his doll, delvan first and duvlin after, when he raped her home, Sabrine asthore, in a parakeet's cage, by dredgerous lands and devious delts, playing catched and mythed with the gleam of her shadda, (if a flic had been there to pop up and pepper him!) past auld min's manse and Maisons Allfou and the rest of incurables and the last of immurables, the quaggy waag for stumbling. Who sold you that jackalantern's tale? Pemnican's pasty pie! Not a grasshooop to ring her, not an antsgrain of ore. In a gabgard he barqued it, the boat of life, from the harbourless Ivernikan Okean, till he spied the loom of his landfall and he loosed two croakers from under his tilt, the gran Phenician rover. By the smell of her kelp they made the pigeonhouse. Like fun they did! But where was Himself, the timoneer? That marchantman he suivied their scutties right over the wash, his cameleer's burnous breezing up on him, till with his runagate bowmpriss he roade and borst her bar. Pilcomayo! Suchcaughtawan! And the whale's away with the grayling! Tune

O

tell me all about

Anna Livvia! I want to hear all

about Anna Livvia. Well, you know Anna Livvia? Yes, of course, we all know Anna Livvia. Tell me all. Tell me now. You'll dic when you hear. Well, you know, when the old cheb went futt and did what you know. Yes, I know, go on. Wash quit and don't be dabbling. Tuck up your sleeves and loosen your talk-tapes. And don't butt me — hike! — when you bend. Or whatever it was they threed to make out he thried to two in the Fiendish park. He's an awful old reppe. Look at the shirt of him! Look at the dirt of it! He has all my water black on me. And it steeping and stuping since this time last wik. How many goes is it I wonder I washed it? I know by heart the places he likes to saale, duddurdy devil! Scorching my hand and starving my famine to make his private linen public! Wallop it well with your battle and clean it. My wrists are wrusty rubbing the mouldaw stains. And the dneepers of wet and the gangres of sin in it! What was it he did a tail at all on Animal Sendai? And how long was he under toch and neagh? It was put in the newses what he did, nices and priers, the King fierceas Humphrey, with illysus distilling, exploits and all. But toms will till. I know he well. Temp untamed will hist for no man. As you spring so shall you neap. O, the roughy old rappe! Mimming marrage and making loof.

your pipes and fall aluumming, you born ijypt, and you're no-thing short of one! Well, prellomey soon and curb your escumo. When they saw him shoot swift up her sheba sheath, like any gay lord salomon, her bulls they were ruhing, surfed with spree. Boyarka buah! Boyana bueh! He erved his lille Bumbath hard, our staly bred, the trader. He did. Look at here. In this wet of his prow. Don't you know he was kaldt a bairn of the brine, Wasserbourne the waterbaby? Havemmarea, so he was. H.C.E. has a codfick ee. Shyr she's nearly as badher as him herself. Who? Anna Livia? Ay, Anna Livia. Do you know she was calling bakvandets sals from all around, nyumba noo, chamba choo, to go in till him, her erring cheef, and tickle the pontiff aisy-oisy? She was? Gota pot! Yssel that the limmat! As El Negro wined when he wonced in La Plate. O, tell me all I want to hear, how loft she was lift a laddery dextro! A coneywink after the bunting fell. Letting on she didn't care, sina feza, me absantee, him man in passession, the proxenete! Proxenete and phwhat is phthat? Emme for your reussischer Honddu jarkon! Tell us in franca langua. And call a spate a spate. Did they never sharee you ebro at skol, you antiabecedarian? It's just the same as if I was to go par examplum now in conservancy's cause out of telekinesis and proxenete you. For coxyt sake and is that what she is? Botlettle I thought she'd act that loa. Didn't you spot her in her windaug, wubbling up on an osiery chair, with a meusic before her all cunniform letters, pretending to ribble a reedy derg on a fiddle she bogans without a band on? Sure she can't fiddan a dee, with bow or abandon! Surc, she can't! Tista suck. Well, I never now heard the like of that! Tell me moher. Tell me moast. Well, old Humber was as glommen as grampus, with the tares at his thor and the buboes for ages and neither bowman nor shot abroad and bales allbrant on the crests of rockies and nera lamp in kitchen or church and giant's holes in Grafton's causeway and deathcap mushrooms round Funplus grave and the great tribune's barrow all darnels occumule, sittang sambre on his sett, drammen and drommen, usking queasy quizzers of his ruful continence, his childlinen scarf to encourage his obsequies where he'd check their

debths in that mormon's thames, be questing and handset, hop, step and a deepend, with his berths in their toiling moil, his swal-lower open from swolf to fore and the snipes of the gutter pecking his crocs, hungerstriking all alone and holding doomsdag over hunselv, drecing his weird, with his dander up, and his fringe combed over his eygs and droming on loft till the sight of the sternes, after zwarthy kowse and weedy broeks and the tits of buddy and the loits of pest and to peer was Parish worth thiette mess. You'd think all was dodo belonging to him how he durmed adranse in durance vaal. He had been belching for severn years. And there she was, Anna Livia, she darent catch a winkle of sleep, purling around like a chit of a child, Wendawanda, a finger-thick, in a Lapsommer skirt and damazon cheeks, for to ishim bonzour to her dear dubber Dan. With neuphraties and sault from his maggias. And an odd time she'd cook him up blooms of fisk and lay to his heartsfoot her meddery eygs, yayis, and staynish beacons on toasc and a cupenhave so weeshywashy of Greenland's tay or a dzoupgan of Kaffue mokau an sable or Sikiang sukry or his ale) of ferns in trueart pewter and a shiin-kobread (hamjambo, bana?) for to please that man hog stay his stomicker till her pyrraknees shrunk to nutmeg graters while her togglejoints shuck with goyt and as rash as she'd russ with her peakload of viviers up on her sieve (metauwero rage it swales and rises) my hardey Hek he'd kast them frome him, with a stour of scorn, as much as to say you sow and you sozh, and if he didn't peg the platteau on her tawe, believe you me, she was safe enough. And then she'd esk to vistule a hymn, *The Heart Bowed Down* or *The Rates of Mallow* or Chelli Michele's *La Calumnia è un Vermicelli* or a balfy bit ov *old Jo Robidson*. Sucho fuffing a fifeing 'twould cut you in two! She'd bate the hen that crowed on the turrace of Babel. What harm if she knew how to cockle her mouth! And not a mag out of Hum no more than out of the mangle weight. Is that a faith? That's the fact. Then riding the ricka and roya romanche, Amnona, gebroren aroostokrat Nivia, dochter of Sense and Art, with Sparks' pirryphlickathims funkling her fan, anner frostivying tresses dasht with virevlies, —

while the prom beauties sreeked nith their bearers' skins! — in a period gown of changeable jade that would robe the wood of two cardinals' chairs and crush poor Cullen and smother Mac-Cabe. O blazerskate! Theirs porpor patches! And brahming to him down the feedchute, with her femtyfyx kinds of fondling endings, the poother rambling off her nose: *Vuggybarney, Wickerymandy! Hello, ducky, please don't die!* Do you know what she started cheeping after, with a choicy voicey like water-glucks or Madame Delba to Romeoreszk? You'll never guess. Tell me. Tell me. *Phoebe, dearest, tell, O tell me and I loved you better nor you knew.* And letting on hoon var daft about the warbly sangs from over holmen: *High hellskirt saw ladies hensmoker liby-hung pigger:* and soay and soan and so firth and so forth in a tone sonora and Oom Bothar. below like Bheri-Bheri in his sandy cloak, so umvolosy, as deaf as a yawn, the stult! Go away! Poor deaf old deary! Yare only teasing! Anna Liv? As chalk is my judge! And didn't she up in sorgues and go and trot doon and stand in her douro, puffing her old dudheen, and every shirvant siligirl or wensum farmerette walking the pilend roads, Sawy, Fundally, Daery or Maery, Milucree, Awny or Graw, usedn't she make her a simp or sign to slip inside by the sullyport? You don't say the sillypost? Bedoux but I do! Calling them in, one by one (To Blockbeddum here! Here the Shoebenacaddie!) and legging a jig or so on the silhl to show them how to shake their benders and the dainty how to bring to mind the gladdest garments out of sight and all the way of a maid with a man and making a sort of a cackling noise like two and a penny or half a crown and holding up a silliver shiner. Lordy, lordy, did she so? Well, of all the ones ever I heard! Throwing all the neiss little whores in the world at him! To inny captured wench you wish of no matter what sex of pleissful ways two adda tammam a lizzy a lossie to hug and hab haven in Humpy's apron!

And what was the wyerye rima she made! Odet! Odet! Tell me the trent of it while I'm lathering hail out of Denis Florence MacCarthy's combies. Rise it, flut ye, pian piena! I'm dying down off my iodine feet until I lerryn Anna Livia's cushionloo,

that was writ by one and rede by two and trouved by a poule in the parco! I can see that, I see you are. How does it tummel? Listen now: Are you listening? Yes, yes! Idneed I am! Tarn your ore ouse. Essonne inne.

By earth and the cloudy but I badly want a brandnew bankside, bedamp and I do, and a plumper at that!

For the putty affair I have is wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer, my life in death companion, my frugal key of our larder, my much-altered camel's hump, my jointspoiler, my maymoon's honey, my fool to the last December, to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to.

Is there irwell a lord of the manor or a knight of the shire at strike, I wonder, that'd dip me a dace or two in cash for washing and darning his worshipful socks for him now we're run out of horse-brose and milk?

Only for my short Brittas bed made's as snug as it smells it's out I'd lep and off with me to the stobs della Tolka or the plage au Clontarf to feale the gay aire of my salt troublin bay and the race of the saywint up me ambushure.

Onon! Onon! tell me more. Tell me every tiny teign. I want to know every single ingul. Down to what made the potters fly into jagsthole. And why were the vesles vet. That homa fever's winning me wome. If a mahun of the horse but hard me! We'd be bundukiboi meet askarigal. Well, now comes the hazel hatchery part. After Clondalkin the Kings's Inns. We'll soon be there with the freshet. How many aleveens had she in tool? I can't rightly rede you that. Close only knows. Some say she had three figures to fill and confined herself to a hundred eleven, wan by-wan bywan, making meanacuminamoyas. Olaph lamm et, all that pack? We won't have room in the kirkeyaard. She can't remember half of the cradlenames she smacked on them by the grace of her boxing bishop's infallible slipper, the cane for Kund and abbles for Eyolf, and ayther nayther for Yakov Yea. A hundred and how? They did well to rechristien her Pluhurabelle. O loreley! What a loddon lodes! Heigh ho! But it's quite on the cards she'll shed

more and merrier, twills and trills, sparefours and spoilfives, nord-sihkes and sudsevers and ayes and neins to a litter. Grandfarthing nap and Messamisery and the knave of all knaves and the joker. Heehaw! She must have been a gadabout in her day, so she must, more than most. Shoal she was, gidgad. She had a flewmen of her owen. Then a toss nare scared that lass, so aimai moe, that's agapo! Tell me, tell me, how cam she camlin through all her fellows, the neckar she was, the diveline? Casting her perils before our swains from Fonte-in-Monte to Tidingtown and from Tidingtown tilhavet. Linking one and knocking the next, taping a flank and tipping a jutty and palling in and pietaring out and clyding by on her eastway. Waiwhou was the first thur- ever burst? Someone he was, whuebra they were, in a tactic attack or in single combat. Tinker, tilar, souldrer, salor, Pieman Peace or Polistaman. That's the thing I'm elwys on edge to esk. Push up and push vardar and come to uphill headquarters! Was it waterlows year, after Grattan or Flood, or when maids were in Arc or when three stood hosting? Fidaris will find where the Doubt arises like Nieman from Nirgends found the Nihil. Worry you sighin foh, Albern, O Anser? Untie the gemman's fistknots, Qvic and Nuancee! She can't put her hand on him for the moment. Tez thelon langlo, walking weary! Such a loon waybash-wards to row! She sid herself she hardly knows whuon the annals her graveller was, a dynast of Leinster, a wolf of the sea, or what he did or how blyth she played or how, when, why, where and who offon he jumpnad her and how it was gave her away. She was just a young thin pale soft shy slim slip of a thing then, sauntering, by silvamoonlyake and he was a heavy trudging lurching lieabroad of a Curraghman, making his hay for whose sun to shine on, as tough as the oaktrees (peats be with them!) used to rustle that time down by the dykes of killing Kildare, for forstfellfoss with a plash across her. She thought she's sankh neathe the ground with nymphant shame when he gave her the tigris eye! O happy fault! Me wish it was he! You're wrong there, corribly wrong! Tisn't only tonight you're anacheronistic! It was ages behind that when nullahs were nowhere, in county

Wickenlow, garden of Erin, before she ever dreamt she'd lave Kilbride and go foaming under Horsepass bridge, with the great southernwestern windstorming her traces and the midland's grain-waster asarch for her track, to wend her ways byandby, robecca or worse, to spin and to grind, to swab and to thrash, for all her golden lifey in the barleyfields and pennylofts of Humphirey's fordothurdlestown and lie with a landleaper, wellingtonorseher. Alesse, the lagos of girly days! For the dove of the dunas! Was-uit? Izod? Are you sarthin suir? Not where the Finn fits into the Mourne, not where the Note takes lieve of Bloem, not where the Braye divarts the Farer, not where the Moy changez her minds twixt Cullin and Conn tween Cunn and Collin? Or where Neptune sculled and Tritonville rowed and leandros three bumped heroines two? Neyya, narev, nen, nonni, nos! Then whereabouts in Ow and Ovoca? Was it yst with wyst or Lucan Yokan or where the hand of man has never set foot? Dell me where, the fairy, ferse time! I will if you listen. You know the dinkel dale of Luggelaw? Well, there once dwelt a local heremite, Michael Arklow was his river-end name, (with many a sigh I aspersed his lavabibs!) and one venersderg in junojuly, oso sweet and so cool and so limber she looked, Nance the Nixie, Nanon L'Escout, in the silence, of the symcomores, all listening, the kindling curves you simply can't stop feeling, he plunged both of his newly anointed hands, the core of his cushlas, in her singimari saffron strumans of hair, parting them and soothing her and mingling it, that was deep-dark and ample like this red bog at sundown. By that Vale Vowclose's lueydac, the reignbeau's heavenarches arranged orranged her. Afroth-dizzying galbs, her enamelled eyes indergoading him on. to the vierge violetian. Wish a wish! Why a why? Mavro! Letty Lerck's lafing light throw those laurals now on her daphdaph teasesong petrock. Maass! But the majik wavus has elfun anon meshes. And Simba the Slayer of his Oga is slewd. He cuddle not help himself, thurso that hot on him, he had to forget the monk in the man so, rubbing her up and smoothing her down, he baised his lippes in smiling mood, kiss akiss after kisokushk (as he warned her niver to, niver to, nivar) on Anna-na-Poghue's of

the freckled forehead. While you'd parse secheressa she hielt her souff'. But she ruz two feet hire in her ainsne aestumation. And steppes on stilts ever since. That was kissuahaaling with bantur for balm! O, wasn't he the bold priest? And wasn't she the naughty Livvy? Nautic Naama's now her navn. Two lads in scoutsch breeches went through her before that, Barefoot Burn and Wallowme Wade, Lagnaquillia's noblesse pickts, before she had a hint of a hair at her fanny to hide or a bossom to tempt a birch canoeeder not to mention a bulgic porterhouse barge. And ere that again, leada, laida, all unraidy, too faint to buoy the fairiest rider, too frail to flirt with a cygnet's plume, she was licked by a hound, Chirripa-Chirruta, while poing her pee, pure and simple, on the spur of the hill in old Kippure, in birdsong and shearingtime, but first of all, worst of all, the wiggly livvly, she sideslipped out by a gap in the Devil's glen while Sally her nurse was sound asleep in a sloop and, feepee fiefee, fell over a spillway before she found her stride and lay and wriggled in all the stag-nant black pools of rainy under a fallow coo and she laughed innocesfree with her limbs aloft and a whole drove of maiden hawthorns blushing and looking askance upon her.

Drop me the sound of the findhorn's name, Mtu or Mti, som-bogger was wisness. And drip me why in the flenders was she frickled. And trickle me through was she marcelleaved or was it weirdly a wig she wore. And whitside did they droop their glows in their florry, aback to wist or affront to sea? In fear to hear the dear so near or longing loth and loathing longing? Are you in the swim or ate you out? O go in, go on, go an! I mean about what you know. I know right well what you mean. Rother! You'd like the coifs and guimpes, snouty, and me to do the greasy jub on old Veronica's wipers. What am I rancing now and I'll thank you? Is it a pinny or is it a surplice? Arran, where's your nose? And where's the starch? That's not the vesdre benediction smell. I can tell from here by their *eau de Colo* and the scent of her oder they're Mrs. Magrath's. And you ought to have aird them. They've moist come off her. Creases in silk they are, not crampton lawn. Baptiste me, father, for she has sinned!

Through her catchment ring she freed them easy, with her hips hurrahs for her knees'dontelleries. The only parr with frills in old the plain. So they are, I declare! Welland well! If tomorrow keeps fine who'll come tripping to sightsee? How'll? Ask me next what I haven't got! The Belvedarean exhibitioners. In their cruisery caps and oarsclub colours. What hoo, they band! And what hoo, they buck! And here is her nubilee letters too. Ellis on quay in scarlet thread. Linked for the world on a flushed-caoured field. Annan exe after to show they're not Laura Keown's. O, may the diabololo twisk your seifety pin! You child of Mammon, Kinsella's Lilit! Now who has been tearing the leg of her drawers on her? Which leg is it? The one with the bells on it. Rinse them out and aston along with you! Where did I stop? Never stop. Continuarration! You're not there yet. I amstel waiting. Garonne, garonne!

Well, after it was put in the Mericy Cordial Mendicants' Sitter-dag-Zindeh-Munaday Wakeschrift (for once they sullied their white kidloves, chewing cuds after their dinners of cheeckin and beggin, with their show us it here and their mind out of that and their when you're quite finished with the reading matarial), ever the snee that snowdon his hoaring hair had a skunner against him. Thaw, thaw, sava, savuto! Score Her Chuff Esquire! Everywhere erriff you went and every bung you arver dropped into, in cit or suburb or in addled areas, the Rose and Bottle or Phoenix Tavern or Power's Inn or Jude's Hotel, or wherever you scoured the countryside from Nannywater to Vartryville or from Porta Lateen to the lootin quarter you found his ikom etshed tipside down or the cornerboys cammocking his guy and Morris the Man, with the role of a royss in his turgos the turrible, (Evro-peahahn cheic house, unskimmed sooit and yahooort, hamman now cheekmee, Ahdahm this way make, Fatima, half turn!) reeling and railing round the local as the peihos piped und uban-jees twanged, with oddfellow's triple tiara bushby rotundarinking round his scalp. Like Pate-by-the-Neva or Pete-over-Meer. This is the Hausman all paven and stoned, that cribbed the Cabin that never was owned that cocked his leg and hennad his Egg. And

the mauidrin rabble around him in areopage, fracassing a great bingkan cagnan with their timpan crowders. Mind your Grimm-father! Think of your Ma! Hing the Hong is his jove's hang-nomen! Lilt a bolero, bulling a law! She swore on croststyx nyne wyndabouts she's be level with all the snags of them yet. Par the Vulnerable Virgin's Mary del Dame! So she said to herself she'd frame a plan to fake a shine, the mischiefmaker, the like of it you niiever heard. What plan? Tell me quick and dongu so crould! What the meurther did she mague? Well, she bergened a zakbag, a shammy mailsack, with the lend of a loan of the light of his lampion, off one of her swapsons, Shaun the Post, and then she went and consulted her chappoucqs, old Mot Moore, Casey's Euclid and the Fashion Display and made herself tidal to join in the mascarete. O gig goggle of gigguels. I can't tell you how! It's too screaming to rizo, rabbit it all! Minneha, minnehi minnache, minneho! O but you must, you must really! Make my hear it gurgle gurgle, like the farest gargle in the dusky dingle dargle. By the holy well of Mulhuddart I swear I'd pledge my chanza getting to heaven through Tirry and Killy's mount of impiety to hear it all, aviary word. O, leave me my faculties, woman, a while! If you don't like my story get out of the punt. Well, have it your own way, so. Here, sit down and do as you're bid. Take my stroke and bend to your bow. Forward in and pull your overtheoise! Lisp it slaney and crisp it quiet. Deel me long-some. Tongue your time now. Breathe thet deep. Thouat's the fairway. Hurry slow and scheldt you go. Lynd us your blessed ashes here till I scrub the canon's underpants. Flow now. Ower more. And pooleypooley.

First she let her hair fal and down it flussed to her feet its tevious winding coils. Then, mothernaked, she sampood herself with galawater and fragrant pistania mud, wupper and lauar, from crown to sole. Next she greased the groove of her keel, warthes and wears and mole and itcher, with antifouling butter-scauch and turfentide and serpenthyme and with leafmould she ushered round prunella isles and eslats dun, quinceuncunt, allower her little mary. Peeld gold of waxwork her jellybelly and her

grains of incense anguille bronze. And after that she wove a garland for her hair. She plaited it. She plaited it. Of meadowgrass and riverflags, the bulrush and waterweed, and of fallen griefs of weeping willow. Then she made her bracelets and her anklets and her armlets and a jetty amulet for necklace of clicking cobbles and pattering pebbles and rumbledown rubble, richmond and rehr, of Irish rhunerhinstones and shellmarble bangles. That done, a dawk of smut to her airy ey, Annushka Lutetiavitch Pufflovah, and the lillipos cream to her lippeleens and the pick of the paintbox for her pommettes, from strawbirry reds to extra violates, and she sendred her boudeoire maids to His Affluence, Ciliegia Grande and Kirschie Real, the two chirsines, with respects from his missus, seepy and sewery, and a request might she passe of him for a minnikin. A call to pay, and light a taper, in Brie-on-Arrosa, back in a sprizzling. The cock striking mine, the stalls bridely sign, there's Zambosy waiting for me. She said she wouldn't be half her length away. Then, then, as soon as the lump his back was turned, with her mealiebag slang over her shulder, Anna Livia, oysterface, forth of her bastein came.

Describe her! Hustle along, why can't you? Spitz on the iern while it's hot. I wouldn't miss her for irthing on nerthe. Not for the lucre of lomba strait. Oceans of Gaud, I mosel hear that! Ogowe presta! Leste, before Julia sees her! Ishekarry and washe-meskad, the carishy caratimaney? Whole lady fair? Duodecimo-roon? Bon a ventura? Malagassy? What had she on, the liddel oud oddity? How much did she scallop, harness and weights? Here she is, Armistiy Ann! Call her calamity electrifies man.

No electress at all but old Moppa Necessity, angin mother of injons. I'll tell you a test. But you must sit still. Will you hold your peace and listen well to what I am going to say now? It might have been ten or twenty to one of the night of Allclose or the nexth of April when the flip of her hoogly igloo flappered and out toetippit a bushman woman, the dearest little moma ever you saw, nodding around her, all smiles, with ems of embarras and aues to awe, between two ages, a judyqueen, not up to your

elb. Quick, look at her cute and saise her quirk for the bicker she lives the slicker she grows. Save us and tagus! No more? Werra where in ourthe did you ever pick a Lambay chop as big as a battering ram? Ay, you're right. I'm epte to forgetting, Like Liviam Liddle did Loveme Long. The linth of my hough, I say! She wore a ploughboy's nailstudded clogs, a pair of ploughfields in themselves: a sugarloaf hat with a gaudyquiviry peak and a band of gorse for an arnoment and a hundred streamers dancing off it and a guildered pin to pierce it: owlglassy bicycles bogged her eyes: and a fishnetzeveil for the sun not to spoil the wrinklings of her hydeaspects: potatorings boulded the loose laubes of her laudsnarers: her nude cuba stockings were salmospotspeckled: she sported a galligo shimmy of hazevaipar tinto that never was fast till it ran in the washing: stout stays, the rivals, lined her length: her bloodorange bockknickers, a two in one garment, showed natural nigger boggers, fancyfastened, free to undo: her black-stripe tan joseph was sequansewn and teddybearlined, with wavy rushgreen epaulettes and a leadown here and there of royal swansruff: a brace of gaspers stuck in her hayrope garters: her civvy codroy coat with alpheubett buttons was boundaried round with a twobar tunnel belt: a fourpenny bit in each pocket-side weighed her safe from the blowaway windrush; she had a clothes-peg tight astride on her joki's nose and she kep on grinding a sommething quaint in her fumy mouth and the rreke of the fluve of the tail of the gawan of her snuffdrab siouler's skirt trailed fifty odd Irish miles behind her lungarhodes.

Hellsbells, I'm sorry I missed her! Sweet gumptyum and nobody fainted. But in whelk of her mouths? Was her naze alight? Everyone that saw her said the dowce little delia looked a bit queer. Lotsy troisy, mind the poddle! Missus, be good and don't fol in the say! Fenny poor hex she must have charred. Kickhams a frumpier ever you saw. Making mush mullet's eyes at her boys dobelon. And they crowned her their chariton queen, all the maids. Of the may? You don't say! Well for her she couldn't see herself. I recknitz wharfore the darling murrayed her mirror. She did? Mersey me! There was a koros of drouthdropping sur-

facemen, boomslanging and plugchewing, fruiteyeing and flower-feeding, in contemplation of the fluctuation and the unification of her filimentation, lolling and leasing on North Lazers' Waal all celfare week by the Jukar Yoick's and as soon as they saw her meander by that marritime way in her grasswinter's weeds and twigged who was under her archdeaconess bonnet, Avondale's fish and Clarence's poison, sedges an to aneber, Wit-upon-Crutches to Master Bates: *Between our two southsates and the granite they're warming, or her face has been lifted or Alp has doped.*

But what was the game in her mixed baggyrhaty? Just the tembo in her tumbo or pilipiti from her pepperpot? Saas and taas and specis bizaas. And wheré in thunder did she plunder? Fore the battle or effer-the ball? I want to get it frisk from the soorce. I aubette my-bearb it's worth while poaching on. Shake it up, do, do! That's a good old son of a ditch! I promise I'll make it worth your while. And I don't mean maybe. Nor yet with a goodfor. Spey me pruth and I'll tale you true.

Well, arundgiron in a waveney lyne aringarouma she pattered and swung and sidled, dribbling her boulder through narrow mosses, the diliiskydrear on our drier side and the vilde vetchvine agin us, curara here, careero there, not knowing which medway or weser to strike it, edereider, making chattahoochee all to her ain chichiu, like Santa Claus at the cree of the pale and puny, mistling to hear for their tiny hearties, her arms encircling Isolabella, then running with reconciled Romas and Reims, on like a lech to be off like a dart, then bathing Dirty Hans' spatters with spittle, with a Christmas box apiece for aisch and iveryone of her childer, the birthday gifts they dreamt they gabe her, the spoiled she fleetly laid at our door! On the matt, by the pourch and in- under the cellar. The rivulets ran aflood to see, the glashaboys, the pollynooties. Out of the paunschaup on to the pyre. And they'll all about her, juvenile leads and ingenuinas, from the slime of their slums and artesian wellings, rickets and riots, like the Smyly boys at their vicereine's levee. Vivi vienne, lirtle Annchen! Vielo Anna, high life! Sing us a sula, O, susuria! Ausone sidulcis! Hasn't she tambre! Chipping her and raising a bit of a chir or a

jary every dive she'd neb in her culdee sacco of wabbash she
 raabed and reach out her maundy meerschaundize, poor souvenir
 as per ricorder and all for sore aringarung, stinkers and heelers,
 laggards and primelads, her furzeborn sons and dribblederry
 daughters, a thousand and one of them, and wickerpottluck for
 each of them. For evil and ever. And kicks the buch. A tinker's
 bann and a barrow to boil his billy for Gipsy Lee; a cartridge of
 cockaleekie soup for Chummy the Guardsman; for sulky Pen-
 der's acid nephew deltoïd drops, curiously strong; a cough and
 a rattle and wildrose cheeks for poor Piccolina Petite MacFarlane;
 a jigsaw puzzle of needles and pins and blankets and shins between
 them for Isabel, Jezebel and Llewelyn Mmarriage; a brazen nose
 and pigiron mittens for Johnny Walker Beg; a papar flag of the
 saints and stripes for Kevineen O'Dea; a puffuff for Pudge Craig
 and a nightmarching hare for Techertim Tombigby; waterleg
 and gumboots each for Bully Hayes' and Hurricane Hartigan;
 a prodigal heart and fatted calves for Buck Jones, the pride of
 Clonliffé; a loaf of bread and a father's early aim for Val from
 Sklberreen; a jauntingcar for Larry Doolin, the Ballyclee jackeen;
 a seasick trip on a government ship for Teague O'Flanagan; a
 louse and trap for Jerry Coyle; slushmincepies for Andy Mac-
 kenzie; a hairclip and clackdish for Penceless Peter; that twelve
 sounds look for G. V. Brooke; a drowned doll, to face down-
 wards for modest Sister Anne Mortimer; altar falls for Blanchissé's
 bed; Wildairs' breechettes for Maggeg Woppington; to Sue Dot
 a big eye; to Sam Dash a false step; snakes in clover, picked and
 scotched, and a vaticanned viper catcher's visa for Patsy Presbys;
 a reiz every morning for Standfast Dick and a drop every minute
 for Stumblestone Davy; scruboak beads for beatified Biddy; two
 appletweed stools for Eva Mobbely for Saara Philpot a jordan
 vale teargne; a pretty box of Pettyñb's Powder for Eileen Aruna
 to whiten her teeth and outflash Helen Arhoney; a whippingtop
 for Eddy Lawless; for Kitty Coleraine of Butterman's Lane a
 penny wise for her foolish pitcher; a putty shovel for Terry the
 Puckaun; an apotamus mask for Promoter Dunne; a niester egg
 with a twicedated shell and a dynamight right for Pavl the Curate;

a collera morbous for Mann in the Cloack; a starr and girton for
 Draper and Deane; for Will-of-the-Wisp and Barry-the-Bark two
 mangolds noble to sweeden their bitters; for Oliver Bound a
 way in his frey; for Seumas, thought little, a crown he feels big;
 a tibertine's pile with a Congoswood cross on the back for
 Sunny Twimjim; a praises be and spare me days for Brian the
 Bravo: penteplicity of pity with lubilashings of lust for Olona
 Lena Magdalena; for Camilla, Dromilla, Ludmilla, Mamilla, a
 bucket, a packet, a book and a pillow; for Nancy Shannon a
 Tuami brooch; for Dora Riparia Hopeandwater a cooling douche.
 and a warmingpan; a pair of Blarney braggs for Wally Meagher;
 a hairpin slatepencil for Elsie Oram to scratch her toby, doing
 her best with her volgar fractions; an old age pension for Betty
 Bellezza; a bag of the blues for Funny Fitz; a *Missa pro Messa* for
 Taff de Taff; Jill, the spoon of a girl, for Jack, the broth of a boy;
 a Rogerson Crusoe's Friday fast for Caducus Angelus Rubicon-
 stein; three hundred and sixtysix poplin tyn for reverry warp in
 the weaver's woof for Victor Hugonot; a stiff steaded rake and
 good varians muck for Kate the Cleaner; a hole in the ballad for
 Hosity; two dozen of cradles for J.F.X.P. Coppinger; tenpounten
 on the pop for the daulphins born with five spoiled squibs for
 Infanta; a letter to last a lifetime for Maggi beyond by the ashpit;
 the heftiest frozenmeat woman from Lusk to Livienbad for Felim
 the Ferry; spas and speranza and symposium's syrup for decayed
 and blind and gouty Gough; a change of naves and joys of ills
 for Armoricus Tristram Amoor Saint Lawrence; a guillotine
 shirt for Reuben Redbreast und hempen suspendeats for Bren-
 nan on the Moor; an oakanknee for Conditor Sawyer and mus-
 quodoboits for Great Tropical Scott; a C3 peduncle for Karma-
 lite Kane; a sunless map of the month, including the sword and
 stamps for Shemus O'Shaun the Post; a jackal with hide for
 Browne but Nolan; a stonecold shoulder for Donn Joe Vance;
 all lock and no stable for Honorbright Merreytricks; a big drum
 for Billy Dunboyne; a guilty goldeny bellows, below me blow
 me for Ida Ida and a hushaby rocker Elletrouvetout for Who-is-
 silvier — Where-is-he?; whatever you like to swilly to swash,

Yuinness or Yennessy, Laagen or Niger, for Festus King and Roaring Peter and Frisky Shorty and Treacle Tom and O. B. Behan and Sully the Thug and Master Magrath and Peter Cloran and O'Delawarr Rossa and Nerone MacPacem and whoever you chance to meet knocking around; and a pig's bladder balloon for Selina Susquehanna Stakelum. But what did she give to Pruda Ward and Karry Kanel and Peggy Quilty and Briery Brosna and Teasy Kieran and Ena Lappin and Muriel Maassy and Zusan Camac and Melissa Bradogue and Flora Ferns and Fauna Fox-Goodman and Grettna Greaney and Penelope Inglesante and Lezba Licking like Leytha Liane and Roxana Rohan with Simparica Sohan and Una Bina Laterza and Trina La Mesmc and Philomena O'Farrell and Irmak Elly and Josephine Foyle and Snakeshead Lily and Fountainoy Laura and Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? She gave them *icka madre's* daughter a moonflower and a bloodvein: but the grapes that ripe before reason to them that devide the vine-dress. So on Izzy, her shame-maid, love shone befond her tears as from Sthem, her penmicht, life past befoul his prime.

My colonial, wardha bagful! A bakereen's dusind with tithe tillies to boot. That's what you may call a tale of a tub. And Hibernonian market. All that and more under one crinoline envelope if you dare to break the porkbarrel seal. No wonder they'd run from her pison plague. Throw us your hudson soap for the honour of Clane! The wee taste the water left. I'll raft it back, first thing in the marne. Merced mulde! Ay, and don't forget the reckitts I lohaned you. You've all the swirls your side of the current. Well, am I to blame for that if I have? Who said you're to blame for that if you have? You're a bit on the sharp side. I'm on the wide. Only snuffers' cornets drifts my way that the cracka divine chuckes out of his cassock, with her estherear's marsh narcissus to make him recant his vanity fair. Foul strips of his chinook's bible I do be reading, dodwell disgustered but chickled with chuckles at the tittles is drawn on the tattle-page. *Senior ga dito: Factasi Omo! E omo fu fa. Ho! Ho! Senior ga dito: Factasi Hidamo! Hidamo se ga faccessà. Ha! Ha! Ha! And Die Windermere*

Dichter and Lefanu (Sheridan's) *Old House by the Coachyard* and Mill (J.) *On Woman with Ditto on the Floss*. Ja, a swamp for Altmuehler and a stone for his flossies. I know how racy they move his wheel. My hands are blawcauld between isker and suda like that piece of pattern chayney there, lying below. Or where is it? Lying beside the sedge I saw it. Hoangho, my sorrow, I've lost it! Aimih! With that turbary water who could see? So near and yet so far! But O, gihon! I lovat a gabber. I could listen to maure and moravar again. Regn onder river. Flies do your float. Thick is the life for mere.

Well, you know or don't you kennet or haven't I told you every telling has a taling and that's the he and the she of it. Look, look, the dusk is growing. My branches lofty are taking root. And my cold cher's gone ashley. Fieluhr? Filou! What age is at? It saon is late. 'Tis endless now senne eye or erewone last saw Waterhouse's clogh. They took it asunder, I hurd thum sigh. When will they reassemble it? O, my back, my back, my back! I'd want to go to ~~Aches-tes-Pains~~ Pingpong! There's the Belle for Sexaloitez! And Concepta de Send-us-pray! Pang! Wring out the clothes! Wring in the dew! Godavari, vert the showers! And grant thaya grace! Aman. Will we spread them here now? Ay, we will. Flup! Spread on your bank and I'll spread mine on mine. Fliep! It's what I'm doing. Spread! It's churning chill. Der went is rising. I'll lay a few stones on the hostel sheets. A man and his bride embraced between them. Else I'd have sprinkled and folded them only. And I'll tie my butcher's apron here. It's suety yet. The strollers will pass it by. Six shifts, ten kerchiefs, nine to hold to the fire and this for the code, the convent napkins twelve, one baby's shawl. Good mother Jossiph knows, she said. Whose head? Mutter snores? Deataceas! Wharnow are alle her childer, say? In kingdome gone or power to come or gloria be to them farther? Allalivial, allalivial! Some here, more no more, ~~more~~ again. lost alla stranger. I've heard tell that same brooch of the Shannons was married into a family in Spain. And all the Dunners de Dunnes in Markland's Vineland beyond Brendan's herring pool takes number nine in yangsee's hats. And one of Biddy's

beads went bobbing till she rounded up lost histereve with a marigold and a cobbler's candle in a side strain of a main drain of a manzinahurries off Bachelor's Walk. But all that's left to the last of the Meaghers in the loup of the years prefixed and between is one kneebuckle and two hooks in the front. Do you tell me that now? I do in troth. Orara por Orbe and poor Las Animas! Ussa, Ulla, we're umbas all! Mezha, didn't you hear it a deluge of times, ufer and ufer, respond to spond? You deed, you deed! I need, I need! It's that irrawaddyng I've stoke in my aars. It all but husheth the lethest zswound. Oronoko! What's your trouble? Is that the great Finnleader himself in his joakimono on his statue riding the high horse there forehengist? Father of Otters, it is himself! Yonne there! Isset that? On Fallareen Common? You're thinking of Astley's Amphitheayer where the bobby restrained you making sugarstuck pouts to the ghostwhite horse of the Peppers. Throw the cobwebs from your eyes, woman, and spread your washing proper. It's well I know your sort of slop. Flap! Ireland sober is Ireland stiff. Lord help you, Maria, full of grease, the load is with me! Your prayers. I sonht zo! Madammangut! Were you lifting your elbow, tell us, glazy cheeks, in Conway's Carrigacurra canteen? Was I what, hobbledyhips? Flop! Your rere gait's creakorheuman bitts your butts disagrees. Amn't I up since the damp dawn, marthared mary allacook, with Corri-gan's pulse and varicoarse veins, my pramaxle smashed, Alice Jane in decline and my oneeyed mongrel twice run over, soaking and bleaching boiler rags, and sweating cold, a widow like me, for to deck my tennis champion son, the laundryman with the lavandier flannels? You won your limpopo limp from the husky hussars when Collars and Cuffs was heir to the town and your slur gave the stink to Carlow. Holy Scamander, I sar it again! Near the golden falls. Isis on us! Seints of light! Zezere! Subdue your noise, you hamble creature! What is it but a blackburry growth or the dwyergrey ass them four old codgers owns. Are you meanam Tarpey and Lyons and Gregory? I meyne now, thank all, the four of them, and the roar of them, that draves that stray in the mist and old Johnny MacDougal along with

them. Is that the Poolbeg flasher beyant, pharphat, or a fireboat coasting nyar the Kishna or a glow I behold within a hedge or my Garry come back from the Indes? Wait till the honeying of the-lune, love! Die eve, little eve, die! We see that wonder in your eye. We'll meet again, we'll part once more. The spot I'll seek if the hour you'll find. My chart shines high where the blue milk's upset. Forgive me quick, I'm going! Bubyee! And you, pluck your watch, forgetmenot. Your evenlode. So save to journa's end! My sights are swimming thicker on me by the shadows to this place. I sow home slowly now by own way, moy-valley way. Towy I too, rathmine.

Ah, but she was the queer old skeowsha anyhow, Anna Livia, trinckettoes! And sure he was the quare old buntz too, Dear Dirty Dumping, foostherfather of fingalls and dotthergills. Gammer and gaffer we're all their gangsters. Hadn't he seven dams to wive him? And every dam had her seven crutches. And every crutch had its seven hues. And each hue had a differing cry. Sudds for me and supper for you and the doctor's bill for Joe John. Befor! Bifur! He married his markets, cheap by foul, I know, like any Etrurian Catholic Heathen, in their pinky limony creamy birnies and their turkiss indienne mauves. But at milkidmass who was the spouse? Then all that was was fair. Tys Elvenland! Teems of times and happy returns. The seim anew. Ordovico or viricordo. Anna was, Livia is, Plurabelle's to be. Northmen's thing made southfolk's place but howmulty plurators made eachone in person? Latin me that, my trinity scholard, out of eure sanscreed into oure eryan. *Hircus Civis Eblanensis!* He had buckgoat paps on him, soft ones for orphans. Ho, Lord! Twins of his bosom. Lord save us! And ho! Hey? What all men. Hot? His tittering daughters of. Whawk?

Can't hear with the waters of. The chittering waters of. Flittering bats, fieldmice bawk. talk. Ho! Are you not gone ahohe? What Thom Malone? Can't hear with bawk of bats, all thim lifey-ing waters of. Ho, talk save us! My foom won't moos. I feel as old as yonder elm. A tale told of Shaun or Shem? All Livia's daughters. Dark hawks hear us. Night! Night! My ho head halls. I feel

as heavy as yonder stone. Tell me of John or Shaun? Who were
Shem and Shaun the living sons or daughters of? Night now!
Tell me, tell me, tell me, elm! Night night! Telmetale of stem or
stone. Beside the rivering waters of, hitherandthithering waters
of. Night!

II

VI. IV. ANEXO:

VERSÃO BRASILEIRA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO DE DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

O

Me conta tudo sobre

Anna Livia! Eu quero saber tudo

sobre Anna Livia. Bem, conheces Anna Livia? Sim, é claro, todo mundo conhece Anna Livia. Me conta tudo. Me conta já. Vais cair dura quando ouvires. Bem, sabes, quando o velho folgado falhou e fez o que sabes. Sim, sei, anda logo. Lava aí e não me enroles. Arregaça as mangas e solta a língua. E não me batas – ei! – quando te abaixas. Seja lá o que quer que tenha sido eles tentaram doiscifrar o que ele trestou fazer no parque Fiendish. É um grandessíssimo velhaco. Olha a camisa dele! Olha que suja ela está! Ele deixou em mim toda minh'água escura. E estão embebidas, emergidas toduma semana. Quanto tanto já lavei isso? Sei de cor os lugares que ele gosta de manchar, suujeito suujo. Esfolando minha mão e esfomeando minha fome pra lavar sua roupa suja em público. Bate bem isso com teu batedor e limpa elas. Meus pulsos estão emperrujando de tanto esfregar as nódoas de bolor. E as porções de umidade e as gangegrenas de pecado. O que foi isso que ele fez uma estola e tanto com o Anima Sancta? E quanto tempo ele ficou trancafiado

no lago? Tá nos jornais o que ele fez, do nascimento ao sacerdócio, o Rei violento como Humphrey, destilando ilisões, façanhas e tudo mais. Mas a masculinidade ele cultivará. Eu o conheço bem. O tempo selvagem não pára pra ninguém. Naquilo que semeares, colherás. O, rude raptor! Levianamente acasalando e fazendo rumor.

-196-

A Margem Esquerda era direita e o Direito era sinistro! E a pose dele! Que empertigado ele é! Como costumava manter sua cabeça tão alta quanto a de um nobre, o famoso velho duque estrangeiro, com uma corcunda de grandeur como um ruminante rato roedor. E o seu típico sotaque derryense e sua fala corketípica e sua gagueira duplinense e seu comportamento galowayense. Pergunta a Lector Hackett ou Lector Reade da Garda Growley ou ao garoto do Billyclub. Como então ele é chamado afinal? Qu'appele? Huges Caput Earlyfouler. Ou onde ele nasceu ou como foi encontrado? Urgothland, Tvistown on the Kattekat? New Hunshire, Concord na Marrimake? Quem ferreou a sua succulenta bigoma ou encheu seu vale de lágrimas? Seus proclamas nunca foram comentados no Adão e Eva ou foram ele e ela enlaçados apenas pelo capitão? Eu tua duckesa te recebo por meu ducke. E pelo meu fitar selvagem te prometo ser fiel. Flowey e Mount na beira do tempo fazem votos e vetos para um feliz Christmass. Ela pode mostrar rugas de amor, autorizada a brincar. E se eles não se casarem de novo aqueles unha e carne podem. O, passamore isso e quoxustone outro. Dim Don Dombdomb e sua pequenina loucurao! Sua ajuda foi segurada no Stork and Pelican contra estragos, resfriado e risco

contra terceiros? Ouvi dizer que ele cavou um bom dinheiro com sua boneca, sobre o delta primeiro e em Dublin depois, quando ele a raptou para sua casa, Sabrina amartriz, na gaiola do periquito, por terras peringanosas e deltas tortuosos, jogando escondida e mitificada pela luz da sua sombra (se um tira estivesse lá para flagr-lo e capturá-lo!), além do velho ministro do mosteiro e manicômios e do resto dos incuráveis e dos últimos dos encarcerados, o pantanoso caminho para tropeçar. Quem te vendeu o conto do Jackumlanterneiro? Pálido pastelão de pelicamms! Nenhum círculo de grama para circundá-la, nenhum grão de formiga de ouro. Numa barcaça ele embarcou, o barco da vida, do pequenoporto Invernikan Okean, até que ele viu surgir o primeiro vestígio da sua terra e soltou duas grasnadas de sob seu toldo, o gran rio Phenician. Pelo cheiro da alga dela eles fizeram um pombal. Como se divertiram! Mas onde estava ele próprio, o timonair? Esse marchandor ele suivriu o rastro deles bem em cima do enxagüe, a sua veste de cameleiro soprando sobre ele a sua brisa, até que com estrondo fugitivo ele ancorou e estourou o compasso dela. Pilcomayo! Pescoumaetanto! E lá se foi o grande peixe do mar com seu peixinho doce! Afina

-197-

tua gaita e solta o verbo, nasceste egipcota, e não és nada exceto uma! Bem, protocolomeu logo e controla o teu palavreado. Quando eles assistiram ele saltar suave sobre sua segura sabá, como um lascivo lorde salomão, os touros dela estavam uivando, saciados de satisfação. Boyarka buah! Boyana bueh! Ele meremceu sua pequena penosa vitória, nosso nobre garonhão, o

mercante. Ele mereceu. Olha aqui. Na umidade da proa. Não sabias que ele era shamado uma criança do oceano, Flutuante filhodágua? Havemmare, então era ele. H.C.E. tem um olho de bacalhau. Ah, ela é quase tão culpada quanto ele. Quem? Anna Livia? Ah, Anna Livia. Sabias que ela estava chamando backseatantes girrotas de toda parte, nyumba noo, chamba choo, para ir até ele, seu comandante transgressor, e excitar o pontífice daqui-dali? Estava? Deudossel é o cúmulo! Assim como El Negro recuou quando ele triunfou em La Plata. O, me conta tudo, eu quero saber, quantas vezes ela veio à tona! Uma cintilante garoupinha depois que os panos caíram. Fazendo revelações ela não se importava, eu sem dinheiro, na minha ausência, a ele homem aposeonado, a amanteretriz! A amanteretriz e uísque é uísso? Emme para teu russoscitado jargão hondu! Me diz in franca lingua. E fala claro e abertamente. Nunca te ensinaram ebbraico n'scola, sua analfabecedeta? É exatamente como se eu devesse conduzir par exampium agora um processo de proteção fora da telecinesia e te subprostituísse. Pelo amor dos eus e é isso quela é? Kecoragem eu pensei que ela tivesse se comportado conforme a lei. Não a percebeste na jaunela dela, se balançando numa cadeira de vime, na sua frente um musiaico de letras cunningformes, pretendendo proferir um agudo réquiem num violino sem arco? Na certa ela não sabe tocar uma nota, com som ou chanson. Claro que ela não sabe! Só uma sucsom. Bem, nunca tinha ouvido coisa igual! Conta-me mehrs. Conta-me most. Bem, o velho Humber era tão mal-humorado quanto um malmífero cetáceo, com taras no seu thorchedo e bulbous seculares e nem o arqueiro, nem o atirador ousaram ir ao estrangeiro e aos pirorituais nos cumes das colinas quando neróis iluminavam a cozinha ou a igreja e nas cavidades gigantescas da estrada de Grafton

cogumelos venenosos rodeavam a cova de Funglus, o temido tribuno do túmulo de todos os juntamontuados joios, sentado sombriamente no seu assento, tragando e tamborilando, qusktionando preocupantes perguntas sobre seu sentido semblante, seu lenço de linho infantil para alentar seus funerais onde ele conferiu seus

- 198 -

débitos naqueles templos mórmons, perguntando e respondendo, saltando e se aprofundando, com os seus ancoradouros nos seus mares revoltos, sua andorinha desembrulhada da boca do lobo pra a proa e pra palitar os dentes do João-ninguém, recusando se alimentar completamente solitário e levando-a ao dia do juízo final, tremendo sua má sorte, com sua fúria, e sua franja penteada sobre seus olhos e sonhando no sótão até o sinal das stellas, depois de tenegroso chaos e riocachos delgados e germinantes seioxos e moitas pragas e para assomar estava a Parisóquia digna desta desordem. Acharias que tudo pertencia a um dodorminhoco como se ele sonhasse em transe numa pequena prisão. Ele tem eructado por severnte anos. E lá estava ela, Anna Livia, ela não usava pregar os olhos à noite, ondulando por toda parte como uma sirigaita safada, Indoevindo, um palito de magra, numa saia veranilapônica e bochechas ameizônicas, para desejar bonzour ao seu amado atrapalhado Dublinamarquês. Com rins novos e salz dos seus mares. E em curiosas ocasiões ela preparava ovas de peixe e punha seus olhos mediciumentos para tranqüilizá-lo, oeuf, e fartos troucinhos sobre a tourrada e um copoandhalf de tão insípido chá da Greenlândia ou uma Dzoses de Kaffe mokae com asucré escura do Sikiang ou

cerveja de samambaias em estanhos genuínos e um pãodecanela (jamléia de presunto, banana?) para dar plaisir àquele porcalhão e satisfazer o seu estomicky até que seu pair de joelhos se retraíram como raladores de noz-moscada enquanto as juntas do seu cotovelo pelam-se com gota e tão rápido como ela se moveu com seu pesado pacote de víveres sobre ela mesma (violento mareteouro sobe e desce) meu resistente Hek os lançou para longe dele, com uma dose de desprezo, quando muito para dizer tu és assuína e assada e se ele não arremessou o platteau no rspeito dela, podes crer, ela estava devidamente segura. E então ela ordenou que assobiassem um himno, *The Heart Bowed Down* ou *The Rakes of Mallow* ou Chelli Michele's *La Calumnia è un Vermicelli* ou um pequeno pedaço do *old Jo Robidson*. Tamanha disputa e discussão podia ter te doisvidido! Ela abateu a galinha que cantava no towerraço de Babel. Que prejuízo se ela soubesse como enrugar a boca! E nem um rumor sem Zhumbido não mais do que sai de um utensílio de passar. É isso de fato? Esse é o fato. Então liberando o ricko e royal romanche, Annona, nata aroostokrat Nivia, fils do Engenho e Arte, com Centelhas de pyrasobreoreno cintilando sua excitação, anner dos longos cachos desafriadores mesclou-se vigorenganosamente,

- 199 -

enquanto as belas prost guinchavam sob suas condutoras peles! - um vestido de época de jade furta-cambiante que poderia vestir o tronco de cardeais e aniquilar o pobre Cullen e asfixiar Mac'Cabe. O absurdo! Seus remendos poorpuras! E brahmindo para ele na descida de sua corredeira alimentar, com

os seus cinqüenta e seis femininos trejeitos de mimosos desenlaces, o pudor escorrendo do seu nariz: *Vulgarbaby, Bienzinho! Olá, gracinha, por favor não te vás!* Sabes o que ela começou a cacarejar depois, com uma voz variada como a maré ou como Madame Delba em Romeoeszk? Nunca vais adivinhar. Me conta. Me conta. *Phoebe, amantíssima, dize, O dize-me e eu te amarei mais do que nem tu sabias.* E revelando tão louca era ela com trinadas chansons de sobre o Holmen: *Amo tanto essas bellas piccolindas jovens garotas: e assimsoeu e assim é ela e assim por primeiro e assim por diante numa sonora entonação e Oom Bothar abaixo tal como Bheri-Bheri no seu arenoso manto, tão relutante, tão surda quanto um sorvedouro, a estúpida! Vai! Pobre querida velha mouca! Tás brincando! Anna Liv? Juro por seus.* E ela não se elevou do sena e foi e fluiu e encostou-se no seu douro, soprando seu velho cachimbo, e toda tonta criada ou cativante lavradora caminhando pela rodovia pilend; Sawy, Fundally, Daery ou Maery, Milucre, Awny ou Graw, ela não costumava dar um sorriso simplório ou sinal para deslizar pelo portosujo? Queres dizer, o poste sowjo? Bemdigo é o que eu digo! Visitando-os, um por um (Para Couchernumleito aqui! Aqui no Urinoco!) e dançando uma jiga ou assim por diante sobre a soleira para mostrar a eles como sacudir seus esqueletos e a iguaria como para trazer à lembrança as mais delicadas indumentárias fora da vista e todos os jeitos de uma moça com um varão e executando uma espécie de um ruído tilintante como o de dois centavos e meio ou meia coroa e sustentando uma moeda de prata. Deus, deus, ela fez isso? Bem, nunca ouvi coisa igual! Lançando todas as encantadoras prostitutinhas do mundo sobre ele! Para toda meretriz detida tu desejarías não importa quais formas

plaiserosas de sexo duas adicionadas desfrutadas uma frágil uma frugal para afagar e se abrigar no avental de Humpy!

E qual foi a enfadostranha rima que ela fez! Odet! Odet! Me Conta com exatrentdão isso enquanto eu vou ensaboando os segredos das combinações de Denis Florence e McCarthy. Termina isso, cantarofa já, pianiana! Não me agüento de curiosidade até ficar sabendo sobre a epistobela de Anna Livia,

- 200 -

que foi escrita por um e lida por dois e trouveada por uma poule no parco! Sei disso, sei quem tu és. Como isso tummeinua? Agora escuta. Estás escutando? Sim, sim! É claro que estou! Sê toda ouvidos. Deixossom trar.

Pela terra e pelas nuvens eu apenas preciso ardentemente de um novíssimo leito, úmido e seria suficiente, e sobre ele abundância.

Quanto ao gomastoso romance eu entendo está desgastado, assim é, chocando, tagarelando e esperando pelo meu velho pedreiro tremulante Donomarquês, minha companheiro pela vida e pela morte, minha chave frugal da nossa despensa, minha corcova de camelo deveras-alterado, meu saqueador de tabernas, minha lua-de-maiol, meu louco até o derradeiro dezembro, para se despertar fora do seu cochilo hibernar e me dominar como ele sempre fazia.

Há por aí um senhor do sol ou um cavaleiro do condado em greve, eu me pergunto, que me desse um toastão ou dois em dinheiro para

lavar e cerzir para ele suas honráveis meias agora que não temos mais aveia para o cavalo e leite?

Se não fosse pelo meu estreito leito de Britta tão agradável quanto o seu aroma eu teria saltado fora para as imundícies della Folka ou da plage au Clontarf para sentir o prazeroso air da minha salgada e dublinmultuada baía e o curso da brisamar sobre a minha foz.

Onon! Onon! Me conta mais. Me conta toda a minúscula minúcia. Quero saber tudo tudo. Até mesmo o que fez os oleiros voarem para a covadomarujo. E por que estavam os vasos vúmidos? Essa falta de casa está me movento para o ventre. Se um cavaleiro ao menos me ouvisse! Estamos onde os manncebos encontram gayrotas. Bem, agora vem a parte da aveleirincubadora. Depois de Clondalkin as Tascas dos Monarcas. Logo chegaremos aí com a pororoca. Quantos élèvinos ela teve ao lodo? Honestamente não posso te contar isso. Só eus sabem. Alguns dizem que ela teve três figuras para preenché-la e limitá-la a cento e onze, um debilpois do outro e doutro, fazendo facilcent e onze. Ola lá, todo esse bando? Não teremos lugar no kirkgarden. Ela nem se lembra de um terço dos nomes que jogou nos berços pela graça do inflável bastão do seu bispo pugilista, o caniço para Kund e tallentos para Eyolf, e nenisso nemaquilo para Yakov Yea. Cento e quantos? Eles fizeram bem em rebatizar sua Pluhurabelle. O lorelai! Que ricocheteante regato! Ai-de-mim! Mas é realmente nas cartas que ela verterà

mais e melhor, gêmeos e trêmulos, quatro mimados e cinco estragados, nordisciplinados e suddivididos e os prós e contras de uma ninhada. Grande canastrão e Miserável desordeiro e o valete de todos os valetes e o coringa. Ah-ah! Ela deve ter sido uma vaga abundante nos seus dias, sim, ela foi, mais do que a maioria. Shoaltamente que ela foi, por Deueus. Ela teve excasos homens para si. Naquele tempo uma agitação não assustava essa moça, assim aimava mois, e isso qu'é amour! Me conta, me conta, como ela pôde prosseguir através de todos os seus companheiros, a divinabólica? Lançando seus perigos aos nossos camponeses de Fonte-in-Monte até Tidingtown e de Tidingtown à beira-mar. Recolhendo um e arremessando o próximo, desafiando um flanco e derrubando um molhe e enfraquecendo por dentro e fracassando por fora e deslizando em direção ao seu rumoriente. Quemdoquê foi o primeiro ater irrompido? Alguém ele foi, forquemseja eles estiveram, num tático ataque ou num solitário combate. Latoeiro, costureiro, soldado, marinheiro, Pieman Peace ou Polistaman. Assim é, tô sempre impaciente pra perguntar. Empurra pra cima e empurra mais forte e alcança o elevado quartel-general! Este era um ano de marés baixas, depois de Grattan ou Flood, ou quando donzelas estavam na Arca ou quando três formavam um exército? Fidarís descobrirá onde o Doubt nasce como Nieman de Nirgends encontrou o Nihilo. Por inquietação estás suuspirando, Sotte, O Simplória? Solta o rudenó dos cavalheiros, Ápido e Noesponda! Ela não pôde pôr nele sua mão por um momento. É um longaminho asguir, caminhando cansada! Que louco caminho ao passado para remar! Ela disse a si mesma que dificilmente entende quemsteve nos confusos anais, uma dinastia dos Leinster, um lobo do mar, ou o que ele fez ou quão feliz ela se desfrutou ou quão, quando, como, onde e

quem foi ele que frequentemente saltou sobre ela e como foi cedido seu lugar. Naquele tempo ela era apenas uma magra pálida delicada acanhada imatura delgada débil criatura, saracoteando por enlualagos prateados e ele um vadio caminhante enganador estrangeiro de um Curraghman, aproveitador de oportunidades, tão duro quanto o carvalho (turfas estejam com eles!) costumava farfalhar então desanimado através dos diques do destruidor Kildare, para o saltodaselva com um aguaceiro através dele. Ela pensou que estava submergida junto ao fundo do rio com ninfácia vergonha quando ele lhe deu o olho-de-tigre! O feliz engano! Queria que fosse ele! És injusta nesse ponto, terrivelmente injusta! Não só esta noite estás anacrônica! Isso foi há séculos quando nullas encontrava-se nenhures, no condado

- 202 -

de Wickenlow, jardim de Enin, antes mesmo que ela sonhasse ela abandonou Kilbride e foi espumando sob a ponte de Horsepass, com a grande tempestade ocidental ventaneando seus rastos e o destruidor de grãos do mediterrâneo procoolrando sua rota, para se dirigir por aqui e por ali, para melhor ou para pior, para torcer e moer, debulhar e sovar, por todo seu dourado lifey nos campos de cevada e lotts de um pêni da cidadevaubstáculo de Humphrey e dormir com um marionheiro, propensoaprotegela. Ai de Minho, os lagos dos primeiros dias! Pela pomba das dunas! Qu'est? Izod? Tens certeza? Não onde Finn se encaixa no Moume, não onde Nore despede-se do Bloem, não onde Braye distrai o Timmoneiro, não onde o Moy cambia sua inclinação entre Cullin e Conn entre Cunn e Collin? Ou onde Netuno remou e Tritão vogou e três

leandros colidiram com duas heroínas? Neyá, navev, nen, nonni, nos! Então onde em Ow ou Ovoca? Foi no leste com west ou no Lucas Yokan ou onde a mão do homem nunca pôs o pé? Fonte-me onde, pela primeira perfeita vez! Eu contarei se tu escutares. Tu conheces o vistoso vale de Luggelaw? Bem, lá uma vez morou um eremita local, Michael Arklow era seu rioverendo nome; (entre muitos um suspiro eu aspergi no seu lavababador!) e numa quarta-feira em junhojulho, tão doce, tão calma e tão flexível ela parecia, Nance the Nixie, Nanon L'Escaut, no silêncio, dos plátanos, todos ouvindo, as curvaturas dos gravetos tu não podes simplesmente parar de perceber, ele mergulhou ambas suas recém-ungidas mãos, o cerne do seu pulso, no curso do cabelo cantamarino açafreão dela, dividindo eles e suavizando ela e mesclando ele, aquilo era escuro-profundo e amplo como o pântano vermelho no pôr-do-sol. Por aqueles lucydoslagos do Vale Vowclose, os céutearcos do arco d'iris arranjados ao redor dela. Amaryellows afrodisizyarcos, seus esmaltados olhos indigoinstigando ele à beira da violetação. Desejo um Desejo! Por que um por quê! Mavro! Aquela luminosa faixa de agradável luz de Letty Lerck lauraando agora sua tãotola caçoante-canção petrárquica. Maass! Mas as mágicas ondas têm mille uma armadilhas. E Simba o Matador do seu Mar é lascivo, ele mesmo não pode evitar, aquele desejo ardente sobre ele, assim teve que esquecer o monge que habitava o homem, recordando-a e acalmando-a, ele abaiseou os lábios dele com alegre disposição, beijo umbeijo depois maisbeijo (como se ele a advertisse para não, não pára, nunca) sobre a sardenta fronte de Anna-na-Poghue.

Enquanto passavas sèche ela detenia seu sopr'. Mas ela subiu dois pés acima na sua auto-estima. E anda em pernas de pau desde então. Esse foi um therapeuticobeijo com bantu como bálsamo! O, ele não era um sacerdote saliente? E ela não era a perversa Livvy? Nautic Naama é agora seu name. Dois sujeitos em calças de escoteiro vagaram através dela antes disso, Barefoot Bum e Wallowme Wade, no cume noblesse de Lugnaquillia, antes mesmo que ela tivesse um vestígio de um pêlo para cobrir sua vulva ou peito para seduzir um afogoso vidadeiro sem contar ainda um barqueiro bêbado atrevido. E antes daquilo porém, lady, leider, inteiramente imatura, demasiadamente débil para salvar-vida do mais simples viajante, muito frágil para flertar com uma pluma de cisne, ela foi lambida por um cachorro qualquer, Chiripa-Chirruta, enquanto fazia seu pis pis, imaculada e inocente, na ponta do monte no velho Kippure, no canto-dos-pássaros e nos tempos-de-tosa, mas primeiro de tudo, pior de tudo, a serpenteante livvybertina, ela deslizou por uma brecha pelo profundo vale do Demônio enquanto Sally a pajem dela dormia profundamente numa vala e, kikeda kekeda, caiu sobre um vertedouro antes de encontrar seu passo e postura e ondular em todos os sujos e parados charcos chuvosos sob um descultivado namoro e ela riu livrinocente com seus membros para cima e toda uma multidão de mocinhas expinhentas corando e olhando de esquelha para ela.

Pinga-me o som do nome do hadoque, Mtu ou Mti, allguém foi testemunha. E goteja-me por que na senna estava ela salpicada. E escorra-me extenuamente estava ela de permanente ou por ventura era uma peruca quela usava. De quelado eles se curvaram as suas agitadas paixões, atrás do juízo

ou afronta do mar? Temendo escutar o amado se aproximar ou desejando detestar e detestando ardentemente? Tás na correnteza ou tás fora? Vai em frente, vai fundo, vai logo! Eu sei o que sabes. Sei muito bem o que pretendes. Arre! Tu gostarias de toucas e lenços, orgulhosa, e eu tenho que fazer o trabalho sujo sobre os velhos sudários de Verônica. O que estou enxagüando agora e deveria te ser grata? É uma salopette ou uma sobrepeliz? Arran, onde está o teu nariz? E onde está a goma? Isso não é o cheiro de sacristia em ação de graças. Posso te dizer daqui que pelo *eau de Colo* delas e pelo aroma do odeur dela elas são da Senhora Magraths. E devias tê-las airejado. Eles devem ter-se desprendido dela. Rugas na seda eram eles, não ganchos para fino tecido. Baptiste-me, pai, pelos seus pecados!

- 204 -

Por seu circular anel de represa ela se libertou deles naturalmente, com as suas vivas bacias em vez de articulações atadas. O único par com babados na velha planície. Assim eram eles, eu declaro! Manando maravilhosamente! Se amanhã continuar aprazível quem virá com passos curtos para admirar? Como virá? Me pergunta depois o que eu não alcancei! Os Belvederes exibicionistas. Nos seus quepes de cruzeiro e cores de clube de remo. Que rumo, eles reuniram! E por qual aoeste, eles avançaram! E aqui está sua casadoura letra também. Ellis sobre cais na linha escarlata. Ligada ao mundo num copioso-acolourado campo. Annan ex seguida mostrou que eles não eram de Laura Keown. O, que o diabolito retorça teu alfinete de segurança! Tu filha de Mammon, Lilith de Kinsella! Mas quem tem rasgado a perna das cerolas dela?

Que perna é essa? Aquela em forma de sino. Nunca pára. Continuação! Ainda não chegaste lá. Inda stô esperando. Anda, anta!

Bem, depois disso foi colocado no Wakesemanário de Salbado-Solmingo-Sailgunda do Merecy Cordial Mendicants (pelo menos uma vez eles sujaram suas brancas luvas de pelica, ruminando depois dos seus banquetes de galinha e bacon, com os quais nos mostraram isso aqui e o desejo deles distante daquilo e dos seus quando ainda nem tinhas terminado totalmente a leitura do journal), mesmo a neige que cobria seu cabelo gris tinha aversão a ele. É icessim, é icessim, sava, savuto! Anota Homo Camponês Excudeiro! A todo lugar que já foste e em todo o barril que já caíste, na stadt ou no subúrbio ou nas áreas podres, na Rose e Bottle ou na Taverna Phoenix ou no Power's Inn ou no Judes Hotel, ou por onde quer que tu percorras do distrito de Nannywater até Vatryville ou de Porta Lateen até o quartier ladrão encontrarias a imargem dele, com água quente gravada para baixo de cabeça ou os garotos da esquina zombimitando ele e Morris the Man, com rols de royces, em seu tourco terrível, (Evrospeus na casa do cheic, sebo não desnatado e yahoorte, baignendo agora miaface. Ahdahm progrediu aqui, Fátima, voltou dali!) vacilando e viajando em torno como peihonos que piam y banjos que ressoam, com boné de tiara tripla do desajustado-companheiro ringondeando ao redor do seu crânio. Como Pate-pelo-Neva ou Pete-sobre-o-Meer. Este é o Hausman todo calçado e pavimentado, que se confinou no Camarote que nunca foi dele que levantou sua perna e enalteceu o seu Eggo. E

a plebe embriagada ao seu redor dentro do areopagus, incitando uma grande clamorosa espirituosa-farra com seus tambores tumultuados. Lembra-te de teu aivô! Pensa na tua Ma! Hing the Hong é o seu hangnome de jove! Canta um bolero, burlando um mandamento! Ela jurou sobre o acrostifixo nove seguidas vezes que ela venceria todos os seus obstáculos novamente. Pela Vulnerável Virgem Mary dei Dame! Assim ela disse para si mesma que havia forjado um plano para falsificar uma luz, a promotora de desordens, coisa semelhante a isso tu nunca ouviste. Que plano? Me conta logo e não sê tão dexhumana! Que crime cometeu ela? Bem, ela se apronpriou de uma zakola, uma bolsa de camurça do correio, com o fornecimento de um empréstimo de uma luz do seu lampião, de um dos seus filhostrocados, Shaun o Carteiro, e então ela saiu e consultou seus contospopulares, o velho Mot Moore. Euclid de Casey e o Desfile de Moda e fez ela mesma um maremoto para participar do baile de máskara. O graciosa grandiosa gargalhada. Não posso te contar de que maneira! É de estourar de rir, raios que o partam todos! Minneha, minnehi minaaehe, minneho. O mas tu tens que, realmente tens que! Deixa-me ouvir o gorgolejo gorgolejo, como o mais distante gargarejo gargarejo na sombria e soturna soada canção. Pelo santo bem de Mulhuddart juro que empenhei minha chanzas de entrar no paraíso para ouvir todo o monte de impiedade de Tirry e Killy, palavra de ave. O, deixa-me minhas faculdades, mulher, um tempo! Se não gostas da minha história saia do barco. Bem, toma teu próprio rumo, então. Aqui, senta e faz como se tivesses de. Toma meu remo e te vira. Avante por e remove tua carga! Gagueja isso devogar e encrespa isso com calma. Gota-me piano e lontano. Não te pressapites agora. Vai fundo. Essas são as águas navegáveis. Apressa-te lentamente e irás rapidamente.

Empresta-nos tuas santas cinzas aqui até que eu lave as ceroulas do cânone.
Flui agora. Uma vez mais. E marschemarshe.

Primeiro ela deixou seu cabelo cair e embaixo ele se derramou sobre seus pés seus tortuosos sinuosos caracóis. Então, mãedespida, ela lavou o cabelo com água de Gala e fraguância de lodo da Pistânia, agitando e espumando, do cimo ao solo. Depois ela engraxou os vincos da sua barcaça, os defeitos e os desgastes e a mancha e a sarna, com excrementos de manteiga anti-sujeira e maré do prado e serpenterebintina e com fungo de folhas ela anunciou a todos das ilhas prunelle e das ilhotas cinzentas, cincodispostas, por toda parte sua pequena barriga. Dourada despida figura de cera seu farto ventre e seus

- 206 -

grãos de incenso de bronzeadas enguias. E depois disso ela teceu uma agrinalda para o seu cabelo. Ela a trançou. Ela a tramou. De grama do prado e de lírio-roxo do rio, de junco e de plantas aquáticas, e da queda dolorosa do salgueiro-chorão. Então ela fez seus braceletes, suas presilhas e seus ankletes e um amuleto de molhe para o colar de contas de carvão e tagarelando seixos e resmungando pedregulhos, ricos e restaurados, das runasricas da Irlanda e pulseiras de conchas de mármore. Feito isso, uma impressão de fuligem para seus illusórtos olhos, Annushka Lutetiavitch Pufflovah, e creme de leilipos para seus lábios e o pó do pote de maquiagem para a suas maçãs do rosto, de morangos vermelhos a extra-violentos, e ela mandou suas criadas de quarto para Sua Afluência, Ciliegia Grande e Kirschie Real, as duas primas, com

respecktos à senhora dele, infiltrando e costurando, e por uma licença ela passou ante ele por uma minuta. Uma visita ao bagno, e uma vela para ascender, em Brie-on-Arrosa, de volta em uma borrifada. O galo entoa fonte de riqueza, os coros das igrejas anunciam noivamente, Zambosy está esperando por Mim. Ela disse que não teria percorrido metade da sua extensão. Então, então, tão logo o inchaço das costas dele voltou, com o saco de corexponência de jargão dela sobre seus ombres, Ana Livia, cara de ostra, surgiu diante de sua bacia.

Me descreve ela! Te apressa adiante, por que não consegues? Malha o ferro enquanto está quente. Eu não sentiria sua falta por nauda nesse fundo. Nem pelo lucro da Lombard Strait. Oceanos de Pompas, eu tejo que ouvir isso! Ová presto! Lesto, antes que a Julia a veja! Ela está precavida e mascarada, a caríssima queridíssima? Toda dama formosa? Duodécimodelas? Bon a ventura? Malagasy? O que ela planejou, a singular senil Liddell? Quantas vieiras ela juntou, em couraças e pesos? Aqui ela está, Amnistry Ann! Chamam ela catástofre que eletrifica o homem.

Nenhuma Electress mas uma velha Mãe Necessidade, nouveamente a mãe das invenções. Vou te aplicar um teste. Mas precisas te sentar sossegada. Vais ficar tranqüila e ouvir bem o que eu tenho para te contar agora? Deve ter acontecido há dez ou vinte e uma noites de um fimpróximo ou do próximo abril quando o estalido do seu horrendo higloo estalava e revelava no cumedocasco uma bandoleira dama, a mais estimada pequena madder que jamais yiste, acenando para toda parte, todos os sorrisos, com ems embaraçosos e eau de admiração, entre duas idades, uma soberanarrapariga, não próxima do teu

- 207 -

cursovelo. Rápido, olha que graciosa e entende seu deslize pois quanto mais cintilante vive mais trapaceira se torna. Seiva-nos e leva-nos! Não mais? Wheronde na terra há uma costela de cordeiro tão grande quanto a de um corpulento carneiro? Ay, estás certa. Estou pronta presquecer, Como Liviam Liddle Loveou-me Longamente. Pelo comprimento do meu jarrete, eu disse! Ela calçou tamancos de tachas de um moço do arado, um par de terras aradas para eles mesmos: um chapéu de pão de açúcar com ponta exoticamente enfeitada e uma cinta de tojo como adorno e uma centena de serpentinas dançantes e um alfinete dourado para atravessa-lá: seus olhos cercados por bicíclicos ócurujos: e um véu de rede de pesca para o sol não danificar sua feição rugosa: argolas de batata para afivelar a liberdade do lóbulo da sua louvadorelha: suas meias desguarnecidas de cuba eram salpicadas de bebida salmão: ela exhibe uma chemise malhada de nebulosovapor tinto que nunca se firmou até que desbotou durante a lavagem: espartilhos espadaúdos, os riyals, marcavam sua extensão: suas calcinhas cor-de-sangue, um vestuário dois em um, expunham naturalmente negros pântanos, fixafantasia, pronta para desatar: sua capa bronzeada de negraslistas era cozida com leitejoulas, forrado de ursinhos, com dragonas flutuantes de juncos verdes e uma dezcepção aqui e dali de colar de cisne real: uma braçadeira de cigarros presa na sua liga de réstia de feno: seu casaco civil de cotelê com botões alfabéticos era limitado circularmente por um cinto subterrâneo com duplastranças: quatro pennys que perfuravam cada bolso lateral a ancoravam no caso duna remotaventania de rápidosventos; ela tinha um prendedor de roupa

esticadamente escarrapachado no seu fiamacento nariz e ela seguiu triturando algo estranho na sua riosonha boca e o horríver deltalhe da cauda do veustido da sua soulta saia cor-de-rapé deixava um rastro de estranhas cinquainta miles irlandesas ao longo do Kührso por onde passava.

Prosdiabos, eu sinto que eu a perdi! Doce iniciativa e ninguém desmaiou. Mas em qual de suas bocas? Seu promontório estava em chamas? Todo mundo que a via dizia que a douce piccola iguaria parecia um pouco esquisita. Que sena que sina, lembra-te do lamaçal! Dona, seja boa e não se joke ao meer! Pobre estranha feiticeira ela deve ter se chamuscado. Kickoisa uma maltrapilha como tu nunca viste. Fazendo olhos melosos para seus meninos de duoblind. E eles a coroaram a rainha da caridade, de todas as donzelas. De maio? Não me digas! Ainda bem que ela não podia ver a si mesma. Suponho que por essa razão a queridinha enlameou seu espelho. Ela fez isso? Merseyricórdia! Havia um chorus de gotejantestiagem na

- 208 -

face dos homens, e ela lançando gírias e mascando fumo, mirando frutos e comendo flores, em contemplação da flutuação e da ondulação da sua filiação, ociosamente e folgadamente em North Lazers' Waal durante toda a foguinfemal semana de Jukar Yoick e tão logo eles viram sua sinuosidade por akilles marítmos caminhos com sua aparência de mulher separada e imaginando quem estava sob seu gorro arquidiacônego, peixe de Avondale e pescado de Clarence, junças uma ao lado das outras, Wit – upon – Crutches

para Master Bates: *Entre nós dois sulsatisfeitos e o granito eles estão advertindo, ou seu rosto tem sido exaltado ou Ap-se dopou.*

Mas que jogo estava misturado na sua canastreira? Somente o bolo no seu bojo ou o pepper do seu pote de pimenta? Saas e tass e temperos assaz. E onde na trovoada a coisa por ela foi saqueada? Antes da batalha ou depois do baile? Quero pegar isso frisko direto da fonte? Aposto a minha barba que vale a pena tomar a pesca. Agita isso, assim, vai, vai! Esse é um bom filho da truta! Prometo que farei isso valer a pena pra ti. E não estou falando talvez. Tampouco promissórias. Dize-me a verdade e eu te conto com honestidade.

Bem, gironde em círculo numa linha ondulada da corrente do arenque ela correu e balançou e se moveu lateralmente, driblando sua pedra de rio até o musgodesfiladeiro, saborosas ervas daninhas na nossa margem seca e vioventos vinhedos de ervilha vinham de encontro a nós, torrente aqui, corrente ali, sem saber que meio caminho ou se o seguia, qualcumqualeutro, marmulhando seus próprios filhos, como Santa Claus no peito da pálida e pequena, prestando atenção para ouvir seus companheirinhos, seus braços circundavam Isolabella, então andavam em companhia dos reconciliados Romas e Reims, prosseguiam como uma sanguessuga para partir como uma flecha, então banhando Dirty Hans com borrifos de saliva, com uma cesta de Natal uma para cada e todas para as suyas crianças, os presentes de aniversário com os quais eles sonharam foram don aldos por ela, a pilhagem foi rapidamente atribuída a ela! No capacho, perto do pórtico e in-baixo no porão. Os regatos corriam pelo rio para miraromar, os mauninos, as marminas. Da casa de penhores à pira. E todos ao seu redor, jovens correntes e puras, da sujeira das suas sarjetas e poços artesianos, raquíticos e revoltados, como os

jovens Smyly no café da manhã da vice-rainha. Vivi vienne, pequena Annchen! Vielo Anna, vida de luxos! Assovia-nos um solo, O, sussurante! Ausonia si dulcis! Ela não tem tambre! Estilhaçando-se e aumentando um pouco a collmida ou

- 209 -

a zombaria todo dia ela prendia no seu cul-de-sac de lixo, ela roubava e tirava de dentro da sua santa marcadoria, pobre lembrança, como para ricordare e tudo para dolorosamente rememorar, filhos-da-gruta e fuzileiros, preguiçosos e jovens moços, seus primogênitos filhos e afluentes filhas, mil e um deieş, e uma pobre comida num pote de vime para cada um deles. Para todo o sempre. E stinkando a canela. Uma maldição do latoeiro e um capacete para cozer sua caneca de chá para Gipsy Lee; um cartucho de frango apimentado para Chummy o Soldado; para rabugento azedo sobrinho do Pender drops deltaeriã, demasiadamente ardidias, uma tossidela e uma taramela e bochechas rosa-selvagens para a pobre Piccolina Petite MacFarlane; um quebra-cabeça enigmático de câimbras e pernas e canelas entre elas para Isabel, Jezebel e Llewelyn Mmarriage; um nariz delatão e luvas de ferro fundido para Johnny Walker Beg; uma bandeira papal com listras sagradas para Kevineen O'Dea; um trezinho para Pudge Craig e um rápido pesadelo para Techertim Tombigby; pés d'água e botas de borracha uma de cada para Bully Hayes e Hurricane Hartigan; um pródigo coração e bezerrões para Buck Jones, o orgulho de Clonliffe; um pedaço de pão e uma paternal prematura intenção do progenitor para Val da Skibereen; cábriolé iriandês para Larry Doolin, o

Baile Átha Cliath dubllnense; uma viagem mareada num navio do governo para Teague O'Flanagan; um piolho e um alçapão parra Jerry Coyle; tortas de carne engraxadas para Andy Mackenzie; um lábio lepobrino e prato quebrado para Penceless Peter; aquelas doze vibrações sonoras expressivas para G. V. Brooke; uma boneca afogada, com a cabeça cabisbaixa para a modesta Irmã Anne Mortimer; lençol d'água para a cama de Blanchisse; calções à moda Wildair para Magpeg Woppington; para Sue Dot um olho grande; para Sam Dash um passo em faiso; uma cobra escondida, picada e inofensiva, e um visto para caçadores de víboras vaticanas para Patsy Presbys; um estimulante toda manhã para Standfast Dick e uma gota cada minuto para Stumblestone Davy; contas de arbustos de carvalhos para a belatificada Biddy; dois genuflexórios de macieira para Eva Mobbely; para Saara Philpot um vale jurndânico de lágrimas; uma bela caixa de Pólvora de mentiras para Eileen Aruna alvejar seus dentes e para reluzir Helen Arhone; uma coroa e um chicote para Eddy Lawless; para Kitty Coleraine da Travessa de Butterman um prudente centavo para o seu perdulário jarro; uma pá de pó para Terry o duende; uma máscara de apótema para Promoter Dunne; um ovo de páscoa com uma dupladata na casca e um direito dinamitado para Pavl o Cura;

- 210 -

uma cholera morbus para o Homem do Capote; corpo celeste e uma ordenança para Draper e Deane; para Will-o-Mordomo e Barney-o-Show duas nobres beterrabas suecas para adoçar seus amargores; para Oliver Bound um caminho livre; para Seumas, mente curta, uma coroa para que se sinta grande;

uma estaca tibetana com uma cruz de madeira do congo no verso para Sunny Twimjim; louvado seja e poupados sejam os meus dias para Brian o Bravo; contidas farturas de compaixão com fartas luxúrias para Olona Lena Magdalena; para Camilla, Dromilia, Ludmilla, Mamilla, um balde, um pacote, um livro e uma travesseiro; para Nancy Shannon um brooche de Tuam; para Doria Riparia Hopeandwater uma ducha fria e uma tina quente; um par de Agrados arrogantes para Wally Meagher; um lápenis de ardósia e um grampo de capelo para Elsie Oram rabiscar sua taraefa, dando o melhor de si com suas partes volgares; uma pensão por velhice para Betty Bellezza; uma bolsa de blues para Funny Fitz; uma *Missa pro Messa* para Taff de Taff; Jill, a menina de ouro, para Jack, o menino real; uma jejuante sexta-feira de Rogerson Crusoe para Caducus Angelus Rubiconstein; trezentos e sessentaeseis laços de popelinas para tecer de fantasias a trama do tecelão para Victor Hugonot; um cadáver no lugar do ancinho e variados bens de sujeira para Kate the Cleaner; um buraco na balada para Hosty; duas dúzias de berços para J.F.X.P. Coppinger; dez tiros de canhão para o nascimento dos delfins com cinco busca-pés estragados para a Infanta; uma carta para perseverar uma vida para Maggi além da uma de cinzas; a mais robusta carne congelada de mulher de Lusk a Livienbad para Felim o Jangadeiro; spas e speranza e xarope de simpósio para o prostrado e cego e gotoso Gough; uma alteração de nomes e um júbilo de desgosto para Armoricus Tristram Amoor Saint Lawrence; uma camisa de guilhotina para Reuben Redbreast et enforcordas de cânhamo para Brenan sobre o Moor; um joelho de carvalho para Conditor Sawyer e picadas de moscaitos para Great Tropical Scott; um C3 de pedúnculo para Karmalite Kane; um mapa sem sol do mês, incluindo o sabre e o selo, para Shemus

O'Shaun o Carteiro; um trapaceiro oculto para Browne não Nolan; um balançar de ombros para Donn Joe Vance; todo o cadeado e nenhum estábulo para Honorbright Merrytrickx; um grande tambor para Billy Dunboyne; um pulmão culpado e dourado, sob mim me soprando, para Ida Ida e um silêncio abismal de berço, Elletrouvetout, para Quem é silvier – Onde ele está?; o que quer que tu gostes de enxaguar de esguichar,

- 211 -

Yuinnes ou Yennesy, Lager ou Niger, para Festus King e Roaring Peter e Frisky Short e Treacle Tom e O. B. Behan e Sully o Matador e Master Magrath e Peter Cloran e O'Delawarr Rossa e Nerone MacPacem e qualquer um que tenhas tido a sorte de encontrar fazendo ruído aqui e ali; e um balão de bexiga de leitão para Selina Susquehanna Stakelum. Mas o que ela deu para Pruda Ward e Katty Kanel e Peggy Quilty e Briery Brosna e Teasy Kieran e Ena Lappin e Muriel Maassy e Zusan Camac e Meilissa Bradogue e Flora Ferns e Fauna Fox-Goodman e Grettina Greaney e Penelope Inglesante e Lezba Licking com cara de Leytha Liane e Roxana Rohan com a Simpatica Sohan e Una Bina Laterza e Trina La Mesme e Philomena O'Farrel e Irmak Elly e Josephine Foyle e Snakeshead Lily e Fountainoy Laura e Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? Ela deu a todas as filhas da mãe uma flor de luar e vinha sangüínea: mas as uvas que amadurecem antes da raison dividiram a videira. Assim como para Izzy, sua camareira, cujo amor reshaunrgiu além dos prantos e como o de Shem, seu poderoso escritor, a vida passava antes da flor da sua mocidade.

Minha colônia, que quantidade considerável! Um treze no lugar de doze com um diminuto décimo a mais. Isso é o que podes chamar um conto de um Cubas! E mercado Hibernial. Tudo isso e mais sob uma oculta anágua armada se ousasses quebrar o sigilo das verbas governamentais. Não é de admirar que eles tenham escapado da sua epidemia de veneno. Atira-nos teu sabão de hudson pela honra de Clane! O sabor de xixi a água deixou. Eu o trarei de volta, na primeira jangada da marnenhã. Mississipericórdia! Ah, e não esqueças do anil que eu te paguei. Tens todos os redemoinhos do teu lado da corrente. E sou culpada por aquilo que tenho? Quem disse que és culpada por aquilo que tens? Estás mais para o lado fechado. Estou na amplidão. Só cartuchos de rapé flutuam no meu caminho que o clérigo doidivino expulsou do seu sacerdócio, com os narcisos brejeiros dela do passado ano para fazer ele abjurar sua feira de vaidades. Obscenas faixas do seu livro sagrado dos chinuques que eu estou lendo, teologicamente aborrecida mas rindo aos cacarejos por causa dos títulos esboçados na página de rosto. *Senior ga dito: Faciasi Omo! E omo fu fò. Ho! Ho! Senior ga dito: Faciasi Hidamo! Hidamo se ga facessà. Há! Há! E Die Windemere*

- 212 -

Dichter e Lefanu (de Sheridan) velha *House by the Coachyard* e Mill (J.) *On Woman* com *Ditto on the Floss*. Sim, um brejo para o Vieuxmoulin e uma pedra para suas painas. Sei com quanto vigor eles movem suas rodas. Minhas mãos estão congelazuladas entre isker e suda como aquele par de exemplo de porcelana aí, abaixo no gramado. Ou onde está isso? No gramado junto à

junça, eu a vejo. Hoangho, que pena, acabo de perdê-la! Aimihil! Com essa água mursguenta quem poderia encontrar? Tão perto e agora tão longe! Mas, O, Contenie! Adoro um falatório. Poderia ouvir mais e mar de novo. Chove dentro do rio. Brempara a tua bóia. Cheia é a vida para mim.

Bem, tu sabes ou não sabes ou eu não te disse que toda a história tem sua hora e esse é o desfecho da dele e dela. Olha, olha, o crepúsculo está aumentando. Galhos elevados estão criando raiz. E meu frio assento ficou petrificado. Che ora è? Chesono! Que era é esta? Padece qu'é tarde. Faz um infinito desde queu ou qualqum viu pelúltima vez o relógio da Casa das Águas. Eles tomaram caminhos opostos, eu osso o suspiro deles. Quando eles vão se reagrupar? O, minhas costas, minhas costas, minha coast! Queria ir para Aches-les-Pains. Pingpong! Aí está a Belle das Sexhoras! E Concebida pela Força –da-nossa- oração! Pang! Torce as roupas! Torce no orvalho! Deudossel, evita os períodos de chuva! E concede a tua graça! Amen. Estenderemos elas aqui agora? Ah, nós vamos. Flip! Estende na tua margem e eu estenderei as minhas na minha. Flep! Está ficando frio. Le vent tá renascendo. Colocarei umas poucas pedras sobre os lençóis da estalagem. Um homem e sua noiva entrelaçados neles. Se não eu apenas os teria borrifado e dobrado. E atarei meu avental de açougueiro aqui. Está seboço de novo. Os andarilhos passaram próximos daqui. Seis mudanças, dez lenços, nove para refrear o fogo e esse para o registro, os doze guardanapos do convento, um xale de bebê. Boa mãe Jossiph sabe, ela disse. Quem disse? A mãe ronca? Queda quieta! Ondagora foram todos os seus fils, diz? Foram para o reino ou para o poder alcançar a glória do seu pai? Allelivial, allelivial! Uns aqui, mais não mais, mais e mais uma vez perdidos todos no étranger. Ouvi

dizer que o mesmo ramo dos Shannons estaria casado e com família na Espanha. E todos os Débeis de Dunnes na Terra das Vinhas de Markland além do reservatório de arenque de Brendan tiraram o número nove dos chapéus de yung-see. E uma das contas de Bidy

- 213 -

saiu rolando até que ela ajuntou histórias passadas com cravos-de-defunto e uma vela de sapateiro num lado do canal de um desaguadouro principal de precipitações à direita do Caminho do Bachelor. Mas tudo o que restou para o último Meaghers no curso dos anos prefixados e entre eles é uma fivela de joelho e duas armadilhas na dianteira. Me dizes isso agora? Eu te digo a währdade. Pela Terra e pelos pobres Animais! Ola, Ondas, somos somente sombras! Mezha, não ouviste isso um dilúvio de horas, de novo e de novo, rispond a porgunta? É certo, é certo! Eu sinto, eu sinto! É esse o chumaçodouvido que está preso em mear. É quase o silêncio do último zsound. Oronoko! Qual é o teu problema? Aquele é o grande Finnlider ele mesmo com seu teokimono na sua estátua cavalgando o soberbo cavalo lá do outro lado? Pai das Allguas, é ele mesmo! Aquelá acolá! É isset ali? No Fallareen Common? Tás imaginando no Amphitheayter de Astley onde o pê-eme te flagrou fazendo pedaços de pão de tocos de açúcar para o fantasmalvo cavalo de Peppers. Tira as teias dos teus olhos, mulher, e estende a roupa adequadamente! Tá certo eu conheço um tanto a tua lavação. Flap! Irlanda sóbria é Irianda morta. Deus te guarde, Maria cheia de graxa, o bolor é comigo! Tuas preces. Eu cria tbém! Mannbomdeus! Onde tu andas entomando teu

copo, conta-nos, cara lustrosa, na canteena Carrigacurra de Conways? Era eu o quê, ancamanca? Flop! Tua rara andadura greekrumana prende teus passos discordantes. Não stô eu de pé desde o úmido amanhecer, madre mãe allescook, com o pulso doente e as veias varigrossas, minha embarqueixão quebrada, Alice Jane em decadência e meu mestiço zarolho duplamente atropelado, molhando e alvejando ferventes farrapos, e suando frio, uma viúva como eu, para ornar meu filho campeão de ténis, o lavadeiro com as flanelas das lavadeiras? Venceste a tua hesitante manqueira frente aos fortes hussardos quando Collars e Cuffs eram herdeiros da cidade e tua fama exalava o mau cheiro até Cariow. Santo Scamander, eu veujo isso de novo! Perto da dourada catarata. Icis é conosco! Saintenas de luz! Vêla! Reduz teu ruído, renotumbante criatura! O que é isso senão um cultivo de amore-silvestre ou o asno grisparado dos quatro velhos rabugentos. Tu te reiferes a Tarpey e Lyons e Gragory? Merrefiro agora, graças a todos, aos quatro, e ao rugido deles, que conduziram aquele desencaminhado na névoa e o velho Johnny MacDougal junto com

- 214 -

eles. Aquele é o farol de Poolberg acolá, loinlonge, ou um barco antiincêndio navegando perto de Kishna ou um brilho eu vi aí dentro uma sebe ou meu Garry volta das Índias? Espera até a lune de melado, amor! Morre eve, pequena eve, morre! Vemos este assombro nos teus olhos. Nos encontraremos de novo, partiremos mais uma vez. O lugar eu buscarei se a hora tu encontrares. Meu mapa reluz intensamente onde a nebluelosa láctea

está derramada. Perdoamerápido, eu estou indo! Tschüstchau! E tu, arranca teu relógio, não esqueças. A tua crepuscular. Assim salva-te até o fim dos dias! Minha vista flutua cada vez mais turva pelas sombras desse lugar. Parto lentamente para casa agora pelo meu próprio curso, miovalleyoso curso. Então bem vou, pelo mio rio curso.

Ah, mas apesar de tudo ela era a estranha velha, Anna Livia, adornada! É claro que ele era também o velho companheiro esquisito, Dileto Duplinense Desprezível, paidesciação de finnhos e finnhas. Vadia e canalha somos todos da sua laia. Ele não tinha sete dammas para desposá-lo? E cada damma tinha seus sete sustentos. E cada sustento tinha suas nuances. E cada nuance tinha um variado pranto. Cevada pra mim e ceia pra ti e a conta do médico pra Joe John. Dantes! Antes! Ele se casou com sua espoça, aos trancos e barrancos, eu sei, como qualquer Etrusco Católico Herege, com suas mantas creames lumenosamente rosadas e suas malvas azuis-turkisses. Mass nora elegida quem foi a escolhida? Naquele tempo tudo que foi foi de acordo. Tyslenciosa Elvenland! Tempos de farturas e felizes retornos. O esmo prati. Ordovico ou viricordo. Anna foi, Livia é, Plurabelle será. O homem de Northmen abriu espaço ao povo do sul mas quantos plurais a mais fez cadum pessoalmente? Latiniza-me isso, minha sábia trindade, do teu sanscredo para o nosso éirelandés. *Hircus Civis Eblanensis!* Ele tinha tetas de bode, tenras para os órfãos. Ah, Deus! Gêmeos do seu seio. Deus nos livre! E ah! Hein? O que todos os homens. Quem? Suas risonhas filhas de. Falkê?

Não ouço com as agitadas águas de. As sussurrantes águas de. Alvorçados morcegos, rumor farfalhado de ratos do campo. Ei! Não foste embora? Que Thom Aflora? Não ouço com o farfalhar dos morcegos, todas as

lifferrantes águas de. Ah, rumor nos livre! Moss pés criam limo. Me sinto tão velha como aquele olmo além. Um conto contado de Shaun e Shem? Todas as filhas e filhos de Livia. Falcões da noite escutem-nos. Noite! Noite! Toda minha cabececoa. Me sinto

- 215 -

tão pesada quanto aquela pedra lá no chão. Me falas de John ou Shaun? Quem são Shem e Shaun os filhos ou filhas viventes de? Noite já! Me conta, me conta, olmo, me conta! Noite noite! Contaumconto de raiz ou rocha. Junto às ribeirinhas águas de, as correntesrecorrentes águas de. Noite!

- 216-

VI. V. ANEXO:

VERSÃO BRASILEIRA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO AINDA INÉDITA DE DONALDO SCHÜLER

O

Conta-me tudo sobre

Ana Livia! Quero ouvir tudo

sobre Ana Livia. Bem, conheces Ana Livia? Açaí, claro, todos conhecemos Ana Livia. Conta-me tudo. Conta-me agora. É de morrer o que escutarás. Bem, sabes, quando o velho velhaco fez fiasco e fez o que fez. Sim, sei, adiante. Lava limpo e deixa de fazer onda. Arregaça as mangas e abre o bico. Nada de abaeter em mim – ai! – quando te abayas. O que é que Tefé que tresandaram a descobrir o que ele doisdou de fazer no Fuscoix Parque. Trata-se de piolhento pilontra. Olha pra esta tamisa que é dele! Repara a sujeira. Ele preteou todágua Acala em minho. E bota e bate já lá vão dias sete de danúbio a tejo. Tantos tantos que já nem sei mais quantos. Guardo na mente os saales que de seu gosto emporcalha, esse diacho sujo. Ralo os dedos e rolo de fome pra que sua roupa privada sene em público. Bate bem na batalha pra clarear. Meus pulsos pulsam e moldam e limpam manchas. Com niéperes de lépera e gangerenas de pestemas in illo! Ao fim e ao cabo qual foi o rabo desta alma santa junto ao Sendai? E quanto tempo jouve lugnegado debaixo do lago? Noticiários moselaram o que fez, niesses e preces, o ardente Rei Humphrey com distilações ulissias, explorações e o resto. Mas tomos o titularão. Sei-o bem. Tempo que não se toma não se detém pra Ninguém. Líquido entra, líquido esco. O rude raptor! Mijando no mitrimônio e fazendo romance!

O Rio Esquerdo fluía direito, mas o Direito era sinistro. Eis o patife! Observa a empáfia! Como ele costumava manter o cocoruto à altura do Caveira, o famoso duque, o velho da estranja, o da corcova, ostentando grandeza como um rato do Wiesel. Com seu arrastado falar derryano, seu blabláblá corkiano, seu gaguejar dublinense e sua afetação gulla way ana. Pergunte a Lictor Picareta ou a Lector Leitura ou ao Guarda Rosnã ou ao Boy do Clube de Bill. Mas como o chamam no Elster? Como é o apelo? Huges Caput Eadesonra. Onde é que ele nasceu ou como foi achado? Godolândia, Discórdia ou Danônia. Nova Hunshire, Concórdia sobre o Rio da Felicidade? Quem lhe fornicou o líquido leite ou lhe encheu o vale de lágrimas? O casamento dela alguma vez foi proclamado na igreja Adão e Eva ou foram marido e mulher só na cerimônia do capitão? Em minhas plumas de pata tu és meu pato. Pros meus olhos selvagens tu és minha gansa. A Fluvial e o Montanhês do tempo fazem votos e medos de um istmo feliz. Ela lhe revela na margem todas as curvas, com amor, premissão de brincar. Se eles não são felizes, que eu e tu o sejamos! Oh, Passa o Fundo e Oxus tenta-me outro! Dom Dom-dom e a sim fonia nupcial. Sua ajudadora tinha seguro na companhia Cegonha e Pelicano contra roubo, gripe e os riscos de um terceiro partido? Ouvi dizer que ele fez das boas com sua boneca bonançando primeiro e dublinando depois quando a raptou pra sua casa, a querida Sabina numa gaiola de periquita, levando-a por terras traiçoeiras e desviados deltas, brincando de gato e rato com ela na sobra da sombra (se um pau-de-fogo os tivesse visto por lá tinha metido pimenta no tabuco!) além do asilo de velhos e a Casa de Todos os Loucos mais o resto dos incuráveis e os últimos dos emuralados, chão pantanoso, pesado pros passos. Quem te passou essa santelma da chorumela? Pedaco de gosmenta pamonha! Sem argola de casório pramarrá-la nem coleirinha de ouro. Numa chalupa ele a embarcou, o barco da vida, desde o Oceano Ivérnico sem portos, até vislumbrar vestígios de terra, soltou dois grasnadores guardados na camisa, o grande aventureiro fenício. No suor do seu rosto fizeram sua oca. A fizeram em festa! Mas onde estava o Próprio, o timoneiro? Este mercador seguiu os botes que endireitavam á costa, a brisa entufava seu albornoz de cameleiro, até que este renegado fugitivo a bordou e lhe desnudou o peito. Picomayo! Sassaia-dadagatamevou! E o valente sevadiu santogrelando o Graal! Sopra a

gaita e afina, seu egípcio idiota de nascença, não te falta nada pra sê-lo. Bem P tolo meu, curva já essa escuna. Quando o viram puxar ligeirinho a espada metida na bainha de sua Sabá, a modo de um alegre Rei Salomão, os touros dela urravam, fartos de farra. Buenarka buah! BuenAna bueh! Ele ganhou a coelhinha duro, seu pão de cada dia, o traidor. Foi o que fez. Olha aqui. No suor do seu rosto. Não sabeis que o chamaram filho do Oceano, Nascido-do-Mar, Filho-das-Águas? Avemaria, ele era assim! HCE e seu peix ê. Xi!, nem xei quem é mais xujo, cá dele ou cá dela. Quem? Ana Livia? Ai, Ana Livia. Sabes que ela chamava garotas dos arredores à casa úmida, ao esconderijo, para visitá-lo, Salso para seu Arenque-chefe, excitar o pontífice, Toc-an-tins, Toc-em-mins. Foi ela? Deus do léu! N Yssel a não chegou ao limite? Como quando El Negro dormiu com La Plata. Oh, conta-me tudo, quero ouvir, quantas vezes ela parou no Ladder do lado destro! Aceno de coelho depois que a bandeira tombou. Dando a entender que pouco lhe importava estar sem dinheiro, em minha ausência, confiava a mercadoria à posse dele, a proxeneta! Proxeneta... Que é isso? Vai à M com teu jargão russo-hindu! Trela-nos em língua franca. Se é pá, fala pá. Nunca te mostraram hebreu na eskola, Sua antiabecedária? É exatamente o mesmo como se eu fosse por exemplo agora ao comissariado por telekinesis e te proxenetasse. Por amor dus seius, é isso que ela é? Rio dos Enganos, jamais pulguei que ela fosse capaz de Passo Falso. Então não a viste à janela, sembalando em cadeira de vime, com uma partitura à frente em caracteres cuneiformes, pretendendo decifrá-los ao violino tocando o instrumento sem arco? É claro que ela não pode danubiar com arco ou Só limões! Certo, ela não é capaz! O Igu assunto é esse. Bem, eu nunca até hoje nada ouvi igual a isso! Diga-me Madre! Diga-me Madre de Deus. Bem, o velho Humber foi sombrio como o avô, com o Tar no seu Thor e Bubos por séculos à porta e nem o arqueiro nem o mosqueteiro ousaram atirar e chamas vibrantes nos céus de Abrantes, nas cristas das rochas, nereidas lampejam em nichos e igrejas, buracos gigantes na via do Larápio, cogumelos mortíferos cercam a campa de Funglo, a cova do grande tribuno as heras sufocam, sentado sombrio no assento, dramas em dromentes, demandando dementes demandas à Triste Figura, tarjas meninas para incitar exéquias onde se possam calcular

óbitos em tempos de pranto, por perguntas e respostas, sobe, avança, sepulta no mar, com seus anúncios de nascimentos nos tratos e tretas, as fauces abertas das doze às quatro e as aves dos charcos pegando nos bicos, em greve de fome pra provocar em versos o próprio juízo final, sofrendo o destino no calor da fúria, a franja dos cabelos sobre os olhos, dormindo no sótão até o despontar das estrelas, meias negras, calças lassas, peitos búdicos, prodigalidade pestilenta perguntando se Paris merece a missa. Poderias pensar que tudo foi dormência durante o transe desse inter Vaal O. Passou setemos anos arrostando. E lá estavela, Ana Lívia, nem ousou render-se a um Wink ulo de sono, marulhante como os murmúrios do infante, Wendawanda, a tamborilar, vestidos breves como os verões da Lapônia e faces afogueadas damazônia, augurando bom-dia a seu Divo Doce Dom. Com saudações de Neufrates e saltos de suas Maggias. E em tempos peculiares ela lhe prepararia pétalas de pescado e disporia ao pé de seu peito olhos e ovos a jeito, bacon danês sobre torradas, uma copenhagen semanal de chá da Groenlândia ou um dzoupgan de café moca sobre a areia ou um sikiang açucarado ou um ale de sambambaia com bênção do papa, um sanduíche de presunto (jamón, bana?) para apaziguar o estômago desse homem até que seus joelhos de Pirra se contraíram ao tamanho de uma noz de moscada, enquanto as juntas tremiam de gota, assaz como se num zás ela despachasse o pico de sua carga de víveres debaixo da manga (a fúria de Metauro se avoluma, se agiganta), ele repeliu esse vulcão, atirou as iguarias para longe de si, com certo desprezo, como se dissesse assim ou assado, e se ele não atirou o prato aos pés dela, creia-me, foi sorte dela safar-se dessa. Então a vistosa rogou-lhe para vistular-lhe hinos do Vistula: *O coração se inclinou* ou *Os ancinhos de Mellow* ou de Chelli Michele, *La Calumnia è un Vermicelli* ou algumas pitas de *O Velho Jo Robidson*. Tal fifiado fifiou a ventosa fifiadora, te cortaria em duas. Ela abateria até a franga que cantasse no alto da torre de Babel. Não lhe faria mal se ela soubesse enrugiar os beiços! Nem um ão saiu-lhe da boca, assim como não se ouve ão dum esfregão. Isso é de fé? Isso é o fato. Então ela montou em rica e rara romança, Annona, de nascimento aristocrata, Nívia, filha de Engenho e Arte, a lampear o ventoso leque piriflox da Parca, maixas embranquiçadas da geada balouçando em turbilhões de pirilampos

enquanto seus encantos espiariam sob a pele desnuda! –num vestido periódico de jade instável que privaria o mundo de duas cadeiras cardinalescas, escullambaria o pobre D. Cullen e maccabaria com D. Mac Cabe. Bobagem! A beleza do sinal purpurino! E deslizando por seus flancos, com cinqüenta e seis braços feminis, o pudor escorrendo de seu nariz, Bramaputra: *Queridinho, meu santinho de tempos imemoriais! Olá, patinho, não morra jamais!* Sabes o que ela começou a trin-ar, com vozinha espontânea como Alma Gluck ou ou Madame Delba, Julieta para o Rommeoreszk? Não adivinharias. Conta-me. Conta-me. *Phoebe, querida, conta, Oh, conta-me e te estimarei como ninguém te estimou.* Deixando rolar sua voz feminina, ela se pôs a cantar sobre o Holmem: *Amo tanto essas belas garotas do Pigger:* e isso e aquilo e coisa e tal e assim por diante no tom de Sonora. Mas ele se comBotha comOon botharrecido abaixo dum Beribéri capotado da cor dareia, tão atrofiado surdo como um bocejo, o estulto! Vai-te! Pobre imbecil! Tu ris! Anna Liv? Que Djura me julgue! E não navegou ela contra a corrente carregada de cuidados e não desceu para se deter no Douro, exaltando o velho cachimbo, e a qualquer criadinha minhota ou a qualquer componesinha atraente que andasse entre os pilares no fim da rua, Compreensiva, Gostosa, Paraguaçu ou Faceira, Milucra, Delgada ou Grânia, não costumava ela fazer um gesto simplório ou um sinal pra entrar pela porta da tropa? Queres dizer pela porta do posto? Justo, é o que digo! Convida-as a entrarem uma por uma (Boa-de-bundão por aqui! Boa-de-peitinho por alí!) e ginga na giga ou coisa que valha no Saal ão pra lhes mostrar como perder a vergonha e mostrar as delícias e como chamar à mente os melhores adereços escondidos da vista e todos os jeitos de uma moça tratar um rapaz e uma espécie de glu-glu como o tilintar de libras ou de coroas e erguendo nos dedos uma moeda de prata. Christe, Cristinho, foi assim que ela fez? Bem, isso bem mais picante do que tudo o que já ouvi! Atirar-lhe nos braços todas as graciosas putinhas do mundo! Não preciso te Inny ciar nos seis deliciosos modos dele para atrair ao seu estabelecimento sejam Adda, Tamar, Liz ou Lossie para as ter e haver ou qualquer outra do porto, falo do Humpy!

E que rimaroso Xingu que ela lhe fez! Odete! Odete! Relata-me a Treu dência dos fatos enquanto ensaboando arranco aplausos das combinações que cobriam *A Carne* de Júlio Ribairo. Fortíssimo, forte, piano, pianíssimo! Morro de meus pés iodinos enquanto não escutar de você o que fez o caxinguelê, Ana

Lívia, estória escrita por um, lida por dois e achada por uma franga no parque! Enxergo! Enxergo onde estás. Como Tummel tuar? Pois escuta. Estás me ouvindo? Sim, sim! Tarn a tuas orelhas. Essona bem aqui!

Pela terra e pelas nuvens mas é que preciso de margem nova, pelos diabos que preciso e é pra já.

Pois os recursos pras minhas necessidades estão no fim, assim é, aqui sentada e ganindo, espero por meu velho parasitário deus danês, companheiro meu na vida e na morte, chave da minha despensa frugal, meu camelo de bossas muito alteradas, deteriorador da nossa união, mel da minha lua de maio, meu bobo do último dia de dezembro, para que desperte do sono de inverno e me penetre como costumava fazer.

Há por aí um senhor de feudo ou um cavaleiro da beira do Shire à disposição, eu queria saber, que me desse uma moeda ou duas na mão pra eu lavar e reparar suas sacrossantas meias agora que estamos sem ração para os cavalos e sem leite?

Se eu não tivesse meu leito na pequena Baía de Brittas, confortável e de odor familiar, eu saltaria para as regiões pantanosas della Tolka ou à praia de Clontarf para sentir o ar alegre impregnar minha inquietante Dublin e as rajadas de vento marítimo varrer a embocadura.

Onon! Onon! Trela-me mais. Trela-me cada si de Sinos. Quero saber cada pé de igarapé. Até chegar a cada cova de toda Acouiari. E o que vesle desvela. Nessa febre remo rumo a roma. Que esta prece perceba o curso! Bântus equipados de quimbundo seremos. Vê, vem a parte espinhosa. Depois do Clonal a Taberna Real. Logo lá estaremos, derivando nessa deriva. Quantos alevinos teve ao todo? Reta resposta retardo. Certo sei pouco. Só Deus sabe. Segundo certa versão, ela tinha que ocupar três casas, confinada a cento e uma, uno por uno por uno, minha ana cumi na moyta. Ó Alfa fa na Lama e, Pe tardo. Regarde, aqui não há lugar nem mesmo para um só Kierkegarde. Ela não lembrametade dos nomes cria que ela levou à pia, obtidos por graça de infalíveis punhetadas de bispo, confunde pagão com cagão, abel com babel, Acaraú com Acari, Acre com ocre. Cento e Xanto? Fariam bem em recristianizá-la Pluracadela. Ó Lorelei! Quanto lodo que leva. Huang Ho! Está nas cartas que ela verterá

mas muitos ainda, duplos e triplos, quádruplos e quintuplos, norteños e sulinos, pelo sim e pelo não pelo bigode de abraão. No lance de naipes, venha rei, venha rainha, venha pau, venha espada. Hi Ho! Lá nos tempos dela, era moça que acaricava, tainha que, só tinha. Ondeada, águas turvas. Tinha rios de homens Só li-mões pra ela. A caveira de Tana tos não lhe metia medo, era yo te amo pra cá, e I love you pra lá. Trela-me trela-me como a piranha piranhou todos os seus companheiros, a sedutora, a endiabrada? Lançando pérolas peligrosa ante nossos porcos de Fonte-in-Monte ao Tidintão e de lá a la mer. Beliscando este, petiscando Acácio, roçando um flanco, mamuruando um molhe, pietarrindo, clydicando, resvalando aos braços do mar. Khor keng foi o primeiro cavalheiro? Foi alguém, escuta-me beng, em tático ataque ou em singular combate. Esteta, pateta ou poeta, piensa en la justicia ou na polícia. Isso foi siempre a cois ki eu queria te preguntar. Puxa, pervade o vardar e vai arriba ao Manicoré. Foi nos anos de Waterloo, depois da Grande Cheia, na dança das cores do arco da velha, na guerra dos três? Fidarís vai ver afinal onde o rioda Dúvida nasce como Nessuno de Nenhures foi à fonte do Nihiló. Talento toleras, meu tolo, o Enigma? Desate, seu, estes nós místicos, Já purá e Nuanceada! Ela não pode pôr a mão nele no momento. Leva-me leve ao Anglo, flui mansinho! Tão longas vias e vaus a percorrer! Ela me disse que vagamente sabia quando os anais registravam funerais: um dinasta de Leinster, um lobo do mar, o que ele fez, o papel que lhe coube ou como, quando, onde e por quê, onde quantas vezes a corneou ou como foi que ele cometeu Abdicação. Ela era só uma jovem miúda pálida fofa tímida lépida leve coisinha então, flanante junto a um liquipratenluaradologo e ele era farto forte percorria os mares de barco a refletir os raios do sol, rijo como os carvalhos (repousem em paz!) costumava rumorejar então junto aos densos diques de Kildare, preparando a úmida conjunção com ela. Sentiu como se fuera sumir sob o solo com os rubores da ninfa, quando lhe botou uns olhos de Tigre! Ó Falta feliz! Eu quero que Zeya ele! Estás errado, corriblemente errado! Não é só esta noite que eres anaqueronístico! Muitas idades rolaram quando Nullah corria para nenhures, no jardim

da Irlanda, parque de Erin, antes de ela sonhar que jamais deixaria Kilbride para fluir espumosa sob a ponte de Passacavalo, com o grande vento sudoeste em busca de seus rastros e os comboios ladecendo o rio comendo caminhos para se perder na distância, águas unidas na alegria e na doca, para fiar e moer, para esfregar e trilhar por todos seus áureos anos nas pastagens e nas lavouras em Humphrey, próspera aldeia e dormir com um rústico rurícola, um valentão praproprio tegê-la. Alice, secaram os lagos dos florescentes dias! Pequerruchinha pomba das dunas! Eras tu, Isolda? Tien s certeza, Lena? Ou era onde o Finn finda no Mourne ou onde o Nore se despede do Bloem, ou onde o Bravo recebe o Forte ou onde a água do Moy câmbia de mente entre Cullin e Conn entre Cunn e Collin? Ou na via Triton onde Netuno e três redentores leandros colidem com duas heroínas? Neya, narev, nen, nonni, nos! Por que não nas cercanias de Ow e Acova? Foi ysto a lyste deo Yukon ou onde a mão de homem algum acaratubou pé? Relata-me onde foi esse era-uma-vez! Quero escutar-te. Conheces o vistoso vale de Luggelaw? Being, lá em outros temps habitibita local heremita, Michael Arklow era o seu riverendo nome, (com muitos suspiros aspergi sua banheira feita de lava!) e numa vênere sex ta de junho-julho, oh, tão doce e fresca e lépida se desvelava e mui Nance, a Nixie, Nanon L'Escaut, no silêncio dos sicamores, toda ouvidos, as curvas tão tentadoras que tu simplesmente não podias resistir, ele afundou suas recém-ungidas mãos, o cerne do pulso, na caudalosa corrente de seus singimari cabelos, partindo-os, tranqüilizando-a, misturando-os, isto se deu na escuridão e na Vermelha amplidão do crepúsculo. Junto ao lucylado no Vale de Vaucluso, as arrongeadas cores do arco-íris a orangeavam. Afroginosos galbos, seus olhos esmaltados, índigo-envolventes, virginais, violáceos. Deseja um desejo! Por que o por quê? Moura! Dos sorrisos pendentes nos leves lábios de Letty Lerck aos de Laura laureando sedutores dáfnicos a Petrorca. Música! Maass as mágicas ondas ondeiam mil mechas red ondas Siva-Simbá sangra-singra libidinosos líquidos. Como deter cuchillos, o calor era tanto, teve que olvidar o monge no homem, ao erguê-la ao aconchegá-la, lábios nos lábios em sedosos sorrisos, valga no volga além da folga (sem prevenir a noturna noiva do Neva) deposita o beijo na fronte de Arna-na-Ponga

Ardente como os sóis da seca, ela fogosa o prendia. Mas deu dois passos acima de sua ondulosa auto-estima. Anda assim desde então a levada. Mas foi curada com bálsamo banto. Oh, não foi ele um cura atrevido? E não foi ela uma Lívia malvada? Éste agora su nombre naval. Dois rapazes de calção escocês já a tinham atravessado antes. Artelho Ardente e Wallow-me no Wau. Pictos da nobreza Lugnaquillia, antes de lhe ocorrer a ela o menor chumaço de cabelo para cobrir as partes ou um peitinho para seduzir um canoieiro cabaceiro sem mencionar um dengoso barqueiro d'abrideira. E antes disso também, lea, leda, toda enfiada, mui flaca pra sustentar o peso de soberbo cavaleiro, mui frágil pra flertar com a pluma dum cisnezinho que seja e veio lamber-lhe o monte um cão, Chirripa-Chirruta, da xota pó ndo o pinto na pinta, pura e simples, na fonte do monte, o velho Kippure, ao canto das aves e ao som da tosquia, mas antes que tudo, pior que tudo, a lépida Liffinha, ela fugiu por uma fenda para a garganta do Diabo enquanto Sally, a ama ressonava a sono solto num salto e, bebe baba, bate num estreito antes de achar o largo e sespremeu e se contorceu em estagnados lagos negros e úmidos guascaços de agua-ceiros na retaguarda e ela em livrinocência de pernas ao ar e toduma penca de púberes jovens tímidas rubras de olhares oblíquos sobre ela.

Verte-me o som do hadoque, quero o nome, Mtu ou Mti, algum gajo que testemunhou. Ad verte-me razões de senredar nas malhas da rede. Re verte-me se a cobriam fios ondeados ou se vinham perigos dos pelos dalguma peruca. E pra que lado divertiu ela sua glória nas águas floridas, retro a oeste ou propensa pro mar? Medo do dedo tão cedo no dado de ouvir o amado ou lânguida alongando a língua? Me segues na esteira da saia ou espreitas além? Oh, vai a, vai lá, vai An! é Anna! Penso no que sabes. Sei bem o que pensas. Ou Antas! Gostarias de carregar toucas e toalhas, esnobe, e pra mim fica o serviço sujo, te limpar a cara com os velhos panos de Verônica. Esperas que eu Loire os trapos e ainda diga merci? Isso é tortura ou é suplício? Arre, onde está teu nariz? Onde a dignidade? Isso não é o odor de Vεδre Santidade. Posso perceber daqui pela *eau de Colônia* e a fragrância do Oder das roupas que o cheiro é de Mrs Margrath. Devias tê-las secado. Essa umidade vem dela. São vincos em tecido de seda, não são panos de algo dão. Batista-me o Batista, pai, porque ela pecou!

Com seu anel encantado ela se livrou facilmente deles, no balouço das ancas e rendas roçando as rótulas. Ela é o único salmãozinho de babado em toda a planície. Assim são elas, declaro! Welland ando vem! Se o tempo amanhã continua bom, quem virá ver o que aconteceu? Quem? Pergunta depois o que não entendi! Exibicionistas universitários. Com bonés de estudante e cores dos clubes de ragata! Mas como eles se juntam! Como se dispersam! E aqui está sua carta de núbente. Corrente escarlata do Ellis no cais. Atada ao mundo em campo cor-carne. Anam, Exe após mostrar que não são Laura Keene, a estrela de Lincoln embevecido. Oh, que o diábolito torça teus grampos ensaboados! Filha de Mamom, Lilit de Kinsella! Mas quem foi que rasgou a perna das calças lá dela? De que perna me falas? A dos sininhos. Trata de enxaguá-las e te annamanda já daí. Onde é que parei? Não pares nunca. Continarração! ainda não chegaste lá. Estou esperando. Garonando, garonando!

Bem, depois que publicaram no Cemitério Sáb-Dom-Seg de Mericyci-Mendicantes-Cordiais (certa vez sujaram suas alvas luvas de pelica, ruminando após a ceia de frangalhos e bugalhos, com o mostra-nos isso e aquilo de mente ausente e me passa o material quando tiveres terminado a leitura), até a a neve que branqueava seu cabelo grisalho eskunnar contra ele. Tá, tá, Sava, Savuto! Marca Herr Chato Exnobre! Onde quer que Eriiff você for, cada tampa Aver que topas na cid ou no suburb ou em áreas podridas, Rosa, Gargalo, Taverna Fênix, Bar dos Poderes ou Hotel do Judas ou sempre que percorres a zona rural do Nanny Water até a urbe do Vartry ou da Porta Latina até o Quartier Latin, encontras seu ícone rE Cheado de alto abaixo ou malandrando sim na baía oH! dE Camocim e motejando os Morris e os Royce de rolo com um terno de reis nas barbas do turco (Evropeahn na casa do CHEique, escumante suifte e seus Yaús, Mammam memporcalhame, Ahdahm por aqui, Fátima meia-volta!) lacrainhando por estas partes, como piton pitoresco e usbanjos esbanjam, com a tripla tiara da confraria hussarda em torno do coco. Como Patrício-no-Neva ou Pedro-sobre-o-Mar. Este é o Barão Huesmão dos pavimentos e das pedras, confinado no casarão que nunca foi dele não, empernatigado e chocando sua huebra. E embaixo o

populacho cercando o aero pago, estourando tímpanos com vozeirão de canhão. Não olvidar o Cruelavuelo. Pensar sempre na Madre! Hing Hong é o hangnome do jove. O bom do bolero vive lei de torero! Ela jurou sobre o crucistyx em nove cruzamentos que ela seria venenosa como todas as serpes. Pela Vulnérável Maria das Damas da Virgem! Foi o que disse pra si mesma que forjaria um plano pra sculhambar o brilho, o malfeitor, cara como você nunca ouviu falar. Que plano? Fala dunga vez, não seja tão cruel! Que meurthe planejou a maguera? Bem, ele pediu um Zaco, um saco de correio Shemesco, com a anuência da cedência da luzência de seu lampião, de um dos gêmeos, o Postalista Shaun. Então se foi a consultar seus alfarrábios, seus alMoornaques, a marmática de Euclides, a Vitrine da Moda e fez-se o maremoto para juntar-se à mascarada. Rolam revoltos risos. Não sei dizer-lhe como! Ondas sonoras de riso, ror de rir! Mareta marejada marota marisa! É que tu debes, riolmente debes! Vim ouvir balbuciar borbotar como distante gargarejar de gargarejos na nostálgica anoitecida noite! Junto à sacra fonte de Muluddart vim dar-te jura, mululher de penhorar a chance de ascender ao céu por Tirryveis e aniKillyantes agiotas, montes dimpiidade para ouvir tudo, cadavariada palavra! Oh, poupa-me as faculdades, mulher, por um instante! Se não te agrada minha história, sai do barco. Bem, age lá do teu jeito, assim. Aqui, senta e faz como te digo. Segue meus passos e abaixa a cabeça. Vamos, atira teu peso pra frente! Ceceia-o em Slaney e Crispa-o quieto. Deelta-me deelta-me deelta-me. Tonga e toma teu tempo. Respira fundo. ATua de modo correto. Avança cautelosa aShelda-te mais. Destina-me tuas benditas cinzas enquanto esfrego estas calcinhas nas águas do Cannon. Corra o conto. Ower-te mais. Pingo a pingo.

Primeiro ela precipitou em queda seu cabelo e ele fluiu a seus pés em caracóis ondeados de Teviot. Depois, maternalmente nua, ela banhou-se com xampu imersa em Gala e barro odorante, Wupper e Laua, da coroa aos artelhos. Depois ela Greesou a gruta da quilha, cais e costas e molhe e grelo com manteiga antiferruginosa e terebintina e serpentina e com sombras do Liffey ela Usher-scureceu os cílios que envolvem ilhas e ilhotas quaisquer que sejam no pequen Omar. Bustos desenhados no seu ventre dourado,

grãos de incenso, bronze de enguias. Teceu, então, uma grinalda pra seus cabelos. Ela os frisou. Ela os trançou. Com relva do prado e gladiolos do rio, juncos e ervas aquáticas, lamentos pendentes de salgueiros em pranto. Fez então pulseiras, axorcas, braceletes, do cais por amuleto fez colar de barcos estalantes, seixos rangentes, cascalhos chocantes, Richmond e Rehr, jóias de ouro do Reno e mármore da Irlanda. Feito isso, um tanto de fuligem pros cílios, Annushka Lutetiavitch Pufflovah, creme liliputiano pros lábios, uma pitada de seu estojo de cores para as faces, desde o rubro-morango até o extra-violeta. Enviou suas auxiliares de toucador a Afluência, Ciliegia Grande e Kirschie Real, as duas primas, com respeitos de sua Missi Sipy e Miss Ouri com a solicitação de se passar com um minikinho. Uma visita a fazer, acender uma vela em Brie-on-Arrosa, voltar em uma mijadinha. O pêndulo bate nave, Briosas estrelas brilham, uma Paranagem me espera. Disse que não se distanciaria nem a metade de seu comprimento. Então, logo que se afastou do pantano, com a mala de correio às costas, Anna Lívia, Oysterface, retornou à sua bacia.

Descreve-a! Apressa-te, por que demoras? Malha o ferro enquanto está quente. Eu não o perderia por nada no mundo. Nem pelo lucro nas douradas correntes do Lomba. Oceanos de Gáudio, Va Mos ellevar orelhas para ouvi-lo. Tens quem OGOra ouWE-te, presto atenção! Lesto, antes que Júlia o veja! Ixe, agarrei, esteve mascarada a Caríssima Cara Tirimani? Quanto tempo, cara amiga? Decameron, Duodecimeron? Bon a ventura? Malagasy? Como se vestia a pequena Oudetty? Quanto ela pesava contando vieira e arnês? Aqui está ela, a Amnistiada Anna! Podes chamá-la: calamidade alektrifica o homem. Nenhuma electriz, mas Vovó Necessidade, antiga mamãe das invenções. Vou contar-te um conto. Agüenta firme. Queres ficar quietinha e escutar o que te vou dizer? Poderia ter sido dez ou vinte e um para uma na noite de Todasalmas ou depois de abril quando bateram à porta de seu inglório iglu e acudiu na ponta dos pés uma rústica dama, a mais querida nonninha que jamais você viu, saudando pra cà pra lá, toda sorrisos, Ems de Embarasso e Ohs de Awe, entre duas idades, rainha Judyda, não lhe Elbraçarias

nem o cotovelo. Vamos, lança sobre ela um olhar penetrante, apanha seu sestro, pois quanto mais ela vive, mais matreira fica. Save mos e Tagus tamos! Nada mais? Warrás! Em que pOurthe do mundo há uma costela Lambay do tamanho dum carneiro? Sal, tens razão. Estou Epto a esquecê-lo como de Livia Linda Louvo o Longafeto. Lindo como as águas do Linth, eu sei! Ela calçava tamancos de pregos só vês na Playboy, *esplayndidos* em si mesmos: um pão-de-açúcar na cabeceira com um pico guadalquiviresco, uma faixa de Arnomento, uma centena de flâmulas dançantes e um Guildourado broche no peito: duas corujosas rodas vidradas bicicletando sobre o nariz: um véu feito de rede de pescador pro sol não assaltar encrespamentos velados: brincos batatosos pendiam dos livres lobos de suas antenas: suas meias de mergulho estavam pontilhadas de salmões: vestia uma camisa esportiva da Galícia de enevoadado colorido do Vaipar, nunca veloz exceto lavada: ergue-se resoluto, os rivais, alongam-se alinhados: os calções dela rubro-laranja, duas vestimentas em uma, deixam exposto naturalmente o negro lodacal, fantasia aprisionada, fáceis de remover: sua capaTan de listas pretas foi Sequanada e ornada de ursinhos, verdes dragonas ondeadas e de quando em quando visitas de cisne real ao seu corpo de Leda: grampos de arenque presas a suas ligas européias: sua capa Codroy civil com botões Alpheubetados presa por um túnel que lhe circunda a cintura: uma quantia de quatro pêni em cada bolso de lastro contra o ímpeto de fortes rajadas; ela mantinha um cabide transversal no seu nariz de Joki, costumava triturar algo estranho na embocadura de Fiume e o rrio do flumen da cauda corrente de sua saia ordinária de Sioule se arrastava a cccinquentta milhas irlandesas em seu leito.

Sinosdodiabo, sinto, eu a perdi! Doce ímpeto e ninguém desmaiou! Mas em qual de suas bocas? Seu Nazas brilhava? Todos os que a viram declararam que a doce Deliazinha tinha certos ares estranhos. Lotsy trotsy, observa o Poddle! Senhora, por favor, não se lance no mar! A pobre bruxa deve ter rabanado no Fenny. Kickham, não viste nenhuma mais desleixada! Ela volvia olhos melosos aos rapazes de Dobelon. Elas a coroaram caridosa rainha, as moças todas. De maio? Não diga! Ainda bem que ela não podia ver-se a si mesma. Reconheço agora porque a Darling Murraycia espelho pra se Mirrar. Ela fez isso? Merseyricórdia! Havia um coro de trabalhadores

pingando secos, e ela serpeando molenga, mascando tabaco, degustando flores em contemplação da flutuação e undificação de sua filimentação, lânguida, plácida, sobre o Waal de North Lazer toda endiabrada semana junto ao Jukar de Yoick, logo que a viram Meandrando pelo maravilhoso caminho em suas verdes janelas de erva a observar quem estava sob seu toucado de arquidiaconisa, o peixe de Avondale e o veneno de Clarence, juncos vizinhos, Sonhos-sobre-Ben-Gala pra Mas Tor Bar: *Entre visões e granitos nossos dois advertem: sua face foi exaltada ou Alp se narcotizou!*

Mas qual foi o jogo em sua caótica bolsa? É só tembo em seu tumbo ou pilipili em seu pote de pimenta? Saas e taas e especiarias bizaas. Mas onde raios fez seus ensaios? Antes da batalha ou depois do baile? quero sabê-lo de fresca fonte. Aposto meus pelos que vale a pena buscar! Agita, vá, vá! Este é um grande filho da truta! Eu te prometo, vou fazê-lo valer. Não estou dizendo talvez. Nem avento prováveis. Espera atenta e ouvirás a verdade.

Bem, arungirando em Lynha ondeada aringarona tagarrelou e tagarrolou e sagueirou com seixos pingando pormusgos macios, os líquens de nosso lado mais seco e os ventos violentos contra nós, Curaray por aqui, corrente por lá, sem saber que rumo tomar pra alcançá-la, ou isso ou aquilo, fazendo tremer seus próprios filhos, como Papai-Noel no peito da pequena pálida, escutando pra ouvir as batidas do pequeno coração, os braços envolvendo Isolabella, correndo então com Rômulo e Remo reconciliados, a sanguessuga parte como um dardo, banhando então João Sujo com borifos de saliva, uma caixa natalina pra cada um dos filhos, deram-lhe os presentes sonhados, deixou os regalos em segredo à nossa porta! O excesso das águas pelo pórtico inunda o porão. Os filetes correm, fluem ao mar, garotos e rapazes. Da casa de penhores à pira. Todos a seu redor, juvenis e ingenuínas, do limo dos favelados da lomba e das fontes artesanais, raquitismo e dissipação, como o sorriso dos pagens no despertar da vice-rainha. Que Viva venha, Anninha! Annanciã, viva, viva! Sibilos de sula, oh, susúria Ausônia si dulcis! Atenta o timbre! Socorre ou recorre a sibi-

los, chia sempre que a apanhas mergulhando em beco sem saída, raptado ou reptado por misericordiosa mercadoria, pobre recordação como pra lembrar, dolorosamente rememorar, verso e anverso, molengões e apressadinhos, filhos ativos e filhas indolentes, mil e uma delas, não importa o rango. Para sofrer e sempre. E atina na tina. Praga de remendão, chaleira pra ferver uma chávena de chá pro Cigano Lee; sopa de frango pro Guarda do Tango; pro debilóide sobrinho de Pandora, gotas de ácido del-tóide, curiosamente forte; uma rosa, uma tosse e um banho de creolina pra senhorita Macfarlene Piccolina; um tico-tico, uma charada de agulhas e de grampos, um cobertor e um par de canelas pra Isabela, pra Jezabela e pra Noivinha da Cancela; nariz de bronze luvas de gusa e arnês pro Johnny do Uísqui Escocês; fiâmula papal e santos de cara cheia pra Quem T. O. Deia; maria-fumaça pra Zé Trapaça e um bom pesadelo pro Velho do Restelo; uma pema de pau e um par de botas pro Lobo-Mau e o Pirata Cambota; um coração magnânimo e um bezerro cevado pro Sr. Delegado, o esplendor de um Diretor; um naco de pão e um pai episódico pro Filho Pródigo; um carro de corrida pra Frida, poeta chinfrim pra Dublin; enjôo do mar em navio da marinha pro tio da vizinha; pulga e trapaça pro Gari da Praça; picadinho de neve pro rio Mackenzie; um lábio leporino e um saquinho de moedas pra João-Sem-Nada; este aceno sem valor pro grande ator; mulher afogada de cara pro fundo pra irmã de Plínio o Velho; lençóis de água pra cama de lavadeira; calções de brochete pra atriz da manchete; pra Boca Pequena, olho grande; pro Zé da Penitência, um mau passo, serpentes ao léu, picadas e gratinadas, visto de caçador de víboras passado pelo vaticano ao Presbítero Papista; um estimulante pela manhã ao Doutor das Dicas e uma gota a cada minuto pro Doutor Biruta, batidas de chaparreiro pra Brígida beata; duas estolas de tweed pra Donna È Mobile; pra Saara Penicão um vaso notOrne; um soberbo tubo de dentifício pra Eliana Patrício com ordens de branquear os dentes e suplantar Helena Suplício; um par de chicotes pra Eddy Sem-lei; pra Kitty Colerina da Travessa do Mantegueiro um centavo de saber prum lance certo; janelas cerradas pro Travesso Duende, uma máscara de hipopótamo pro Promovedor Dunnada; ovo de páscoa de casca bidatada com direito de se dinamitar pra Paulo o Cura;

collera morbus pro Homem da Capa; duro no mole pro Retalhista e a Balconista; pro William Botelha e pro Bernardo do Show dois nabos Nobel pra comer com pastel; pro réu de forca um infarto que o liberte; Pra Tomás, o minúsculo coroa-mento maiúsculo; uma lança tibetana e uma cruz congolesa, assim, pra Sunny Jim; poupe dias e bravos pra Brian o Bravo; pentapletora de dó com rios de prazer para Olena Lena Magdalena; para Camilla, Dromilla, Ludmilla, Manilla alcatruz, alcofa, alcorão, almofada; pra Nancy Shannon um broche de Tuami; para Dora Ripária Aquosa, um ducha pra refrescar e uma panela presquentar; calção de Praga pra Valentina Magra; um grampo e um lápis pra Elsie Oral coçar a xota, fazendo o melhor com suas frações Volgares; aposentadoria por velhice pra Betty Belleza; azulceste pra Celina Leta; *Missã pro Messã* pra Bento Batista; pra Gil amor de girl, pra Jacó afeto de coiô; o Macerado Sexta-Feira de Robinson Crusoe para Caducus Angelus, não é?, pro Rubicon Rocha; trezentas e trinta e seis popelinas no Tina pra urdidura de devaneios na trama do tecelão para Victor Hugonot; uma pá postada tesa e boa variedade de muco para Kate Tiramanchas; um vazio pra Hosty; uma dúzia de berços para J.F.X.P. Coppinger; dez libras de penhor para os filhos do senhor, cinco libras - isso espanta? - para a Infanta; uma carta pra durar a vida inteira a Maggi junto ao buraco de cinza além; da mulher congelada a carne mais pesada desde Luska Liveinbad para Felim de Ferry; paz, esperança e xarope de banquete pro decaído, cego e perebento de Gota: troca de naves e jóias de males pra Armoricus Tristam Amur São Lourenço, camisa-guilhotina pra Roubo Rubropeito, corda de cânhamo pra Breno da Moorte, Oconetos para o Conditor Sawyer e picadas de mosquito pra Scott Tropical Magno; pedúnculos C₃ para o Karmalita Kane; mapa do mês sem-sol, compreendendo a espada e os selos, pra Shemus O'Shaun o Postalista; Chacal oculto pra Browne mas Nolano; levantar de ombros petrofrígidos pra D. João Vence; paralisia cadavérica sem estrebaria sequer pra Honorável Mariaputriz, tambores sonoros pra Billy Tromboyne, ardentes lufadas de vento, venta venta-me pra Ida Ida e cândidas cantigas, Eletrovatorre, pra Quem-é-Sílvã e Quem-é-que-Silva? Swilly chora chuá.

Guinness ou Gênese, Laagen ou Níger, pra Festus King e Roaring Peter e Frisky Shorty e Tom A. Ntídoto e O. B. Behan e Sujo D'Adaga e Mestra Magra e Peter Cloro e D. A. Guerra das Rosas e Nerone MacPacem e todos os que a chance nos faz topar por aí; e um balão de tripa de leitão pra Selina Susquehanna Stakelum. Mas que foi quela ofereceu pra Pruda Warda e Ketty Kanela e Peggy Quilty e Brejeira Brosna e Teasy Keiram e Ena Lappin e Muriel Maassy e Zusana Cama e Melissa Pradogue e Flora Dosin Fernos e Fauna Fox-Goodman e Grettina Grana e Penélope Ingolesanto e Lezba Licking like A. Leytha Liane e Roxana Rohana com Simpática Sacana e Una Bina Laterza e La Trina Mesma e Philomena O. Farello e Irma Kulada Elly e Josephine Fula e Lily Cabeçadecobra e Laura Fontana e Marie Xavier Agnes Daizy Frances de Sales Mecaley? Ela ofereceu a cada filha da mãe um fluxolunar e flores de sangue: mas as uvas sazonadas antes da razão própria dividiu a vindima. Assim em Izzy, sua Sh ama, o amor Shamejou além das lágrimas, assim para Shem, Penagem dela, a vida finndou antes do Finn.

País colonial, que Saco! Dúzia de treze com uvas em excesso pra pisar. É isso que podeis qualificar de conto de cubas! Mercado Hibermonial! Tudo isso e muito mais sob capa de cremolina se ousas quebrar o selo do barril de Pandora. Não admira que sevadiram da praga peçonhenta. Atira-me teu santo sabão pelo amor do Clã. O sabor de xixi que a água deixou. To devolverei na primeira jangada do Marne. Merced mulde! Ah, não sesqueça de me devolver o anil quetemprestei. Todas as ondas da corrente estão do teu lado. Bem, devo ser culpada se estão do meu? Quem disse que és culpada daquilo que tens? Estás na banda das águas tranqüilas. Estou exposta. Por aqui circulam cartuchos de fungador que o clérigo biruta remove de sua batina com o narciso do brejo de seus anos de Ester para levá-lo a retratar-se de sua Feira de vaidades. Tiras imundas de sua bíblia em chinuco, que estou lendo, bem indigesto, mas gargalhei aos gracejos pelos títulos rabiscados na página de rosto, *Senior ga dito: Faciasi Omo! E omo fu fò. Ho! Ho! Senior ga dito: Faciasi Hidamo! Hidamo se ga fecessà. Ha! Ha! E Die Windermere*

Dichter e Lefanu (de Sheridan) velha House by the Coachyard e Mil (J.) On Woman com Ditto on the Floss. Sim, um fosso pro Velho Moageiro e uma mó pra suas flossas! Sei com que vigor movem a roda. Minhas mãos azularam de suor e soda como essa peça de padrão Tonkin que vês ali. Mas onde é que ela está? Lá junto da junça, eu a vi. Hoangho, ai, que dor, eu a perdi! Ai de mim! Nesta água turbulenta, quem pode enxergar? Tão perto e, oh, tão longe! Mas, O, continua! Odoro ouvir-te tagarelar. Se preciso, Morava aqui pra tescutar, juro que Morava. Chova nas ondas do rio. Chape chape chuva. A chuva de tua voz encharca o chão de meus dias.

Bem, sabes ou não conheces ou ainda não te contei que todo narrado termina num cabo e que aí está o esse ou essa ou isso. Atention, Atencion, se adensa a escuridão! Meus altos ramos viram raízes. E toda minha cult chura some em cinza. Que uhras são ? Urrou! Que idade é? O Ka! É tarde. Faz tempão agora que eu ou quem quer que senna vimos pela última vez o relógio da casa das águas. Puseram-no abaixo, inda ouço suspiros. Quando recolherão os pedaços? Ai, minhas costas, minhas costas, minha costa! Quero tratá-las em N. S. das Dores. Pinga Pongo! Ouço Belém de S. Chuvisco de Assis. Ela concebeu do Sant' Es Preita! Pan! Água suja pra fora dos panos! Orvalho puro pra dentro! Taquari, ver de chuva! Concedei-nos Thaya graça! Aman. Vamos estender a roupa aqui e agora? Vai, vou, vamos. Flip. Estende a tua na tua margem, que eu vou estender a minha na minha. Flep. É o questou fazendo. Estende! Está-se donando frio. Levanta-se o vento. Vou pôr algumas pedras nos lençóis do hotel. Um moço abraça a noiva enrolada neles. Senão eu os teria dobrado só. E aquiatarei meu avental de açougueiro. Não me fica mal. Quem passar não o perceberá. Seis lençóis, dez lenços, nove para secar em frente da lareira e este para o registro, os guardanapos do convento, doze, um xale de bebê. Nossa santa madre Mexerica o sabe, disse ela. Disse quem? A madre ronca? Beata seas! Donde están ahora todos sus hijos, diga-me? Ao reino se foram ou ao poder vindouro ou à glória do pai? Allalivial, allaluvial! Uns, aqui; outros, não mais; outros ainda, perdidos a los extranjeros. Ouvi dizer que o mesmo ramo dos Shannons entrou matrimoniado numa família d' Espanha. E que todos os Dunders de Dunnes nos vinhedos do rei Marc além dos harenques das águas de Brendan tiraram o número nove no chapéu de Yang-tse. Uma das

contas de Biddy caiu rolando até se perder ontem com um bem-me-quer finado e uma candeia morta de um remendão numa corrente local do escoadouro da história principal do Córrego-pra-Grande-apurado atrás das macieiras no Passeio do Solteirão. Mas tudo o que resta ao último dos Meaghers no correr dos anos prefixado e entre é uma fivela e dois ganchos de fachada. Me dizes isso agora? To lo digo na voracidade. Orar a pelo Orbe e todas Las pobres Ânimas! Ussa, Ulla, somos sombras só. Mezha, não ouviste nada disso, um dilúvio de vezes, de riba a riba, referido ao aferido? Douraste, douraste! Póseste, Póseste! Isso está irra-waddando nas minhas Arelhas. Uruguardei tudo sem wesesquecer nem Letes. Urinoca! O que te Kura? Não é este o próprio Finnleader renando de quimono em sua estátua eqüestre, uma amazônica égua faroeste? Pelo pai de los Otros, é ele mesmo. Este é Yonne! Isset é esse? Faliram os comuns? Estás pensando na ala feminina do Anfiteatro S. Pedro onde um tira te engavetou porque rio-negrecias o corcel branco como um fantasma do nosso Peppetrus? Tira as teiaranhas dos teus olhos, mulher, e trata de estender a roupa como convém! Ainda bem que sei a porcalhona que tu és. Flap! Irlanda sóbria é Irlanda morta! O Senhor é contigo, Maria, cheia de graxa, O Só-dor é comigo! Vamos com teu lavado seja. Eu sei, po! Mad ama angul! Entomaste um copo, tellurica-nos, cara de gelo, na cantina do Convento Carrega-me-cura? Eu o quê, coxa bamba? Flop! Teu retrovisor é grego ou romano, mas tua bunda é um disgrécia. Não stou eu de pé desde o rosa d'alva como amargarete maria allaloca com o mal do dr. Que-o-diabo-o-carregue, minhas pernas ciraram varicoisa, minhas vértebras, ver-se-te-quebras, Alice Janada em declive, cadela caolha duas vezes atro pelada, molhando e fervendo para alvejar trapos, suando frio uma viúva do meu quilate há de preparar meu filho pra ser campeão de tênis, o ak mofadim com flanelas de olfazema? Começaste a mancar sobre as águas do limpopo com teus rústicos hussardos quando o Duque de Colares e Rendas herdou tua cidade e o fedor de tua mancha fedeu até Calé. Santo Escamandro, vi o malandro! Perto das quedas do ouro. Ísis por nós! Santos da luz! Zezere! Retém teu ruído, humilde criatura! É só o negro burrico de groussas águas do greytante diário aos quatro cavalheiros de velhos veio. Me falas de Minho e Tarpey e Lyons e Gregório? Nada menos por ora, toma todos, penso na quadrilha e na quilha que congrega, que brilha e brama na bruma e com o velho mestre João milha

por milha. Vejo luzir o forte farol de Poolbeg, ou a barca dos soldados do fogo costeando o Kishtua ou um fugaz resplendor resguardado ou meu Garry que retorna do Indo? Me espera até o mel da lua, meu amor! Vem Eva, Evinha, vem! Maravilhas vemos no mar dos olhos teus. Te reverei, amor, partirei em dor! Procurarei o sítio acharás a hora. Minha rota brilha, espia lá onde luz no azul a láctea-via! Mil perdões, eu me vou! Até breve! E tu, tira o relógio, no me olvides. A luz se vai. Redime o fim do dia! Minha vista navega em águas que se adensam no vreu da bruma. Passos lentos me levam a meus aposentos pelo caminho do Minho. E meus, aos meus...

Ah, mas era, apesar de tudo, uma velhamiga bem exquisita, Ana Lívia nos trinques! E, claro, também ele era peça rara, Dito Torto. Dublixando, Pó-dastro de finnlhetes e finnlhetas. Velhotas e velhotes somos todos de seu bando. Não tinha sete damas pra matrimoniá-lo? E cada dama tinha sete forqu ilhas. E cada forquilha tinha sete cores. E cada corzinha tinha gritinho diferente. Satis pra mim, a ceia pra ti e a conta do doutor pra Joãozinho e José. Abisso! Obeso! Ele casou com sete liqui dações, sete franguinhas baratinhas, eu sei, como qualquer Etrúrio Católico Herético, em tules róseos citrinos cremosos e suas índicas turcarcias malvas. Mas na miguelina missa quem foi a petiça? Então tudo o que foi foi fino. Duendes de fluidas landas! Tem plus tempos e gratos retornos. O mesmo renoivado. Ordovico ou viricordo. Ana foi, Lívia é, Plurabelle será. O rei dos setentrimanos abriu espaço aos meridinenses, mas qual quantia de multy pluradores ecoa em cada pessoa? Latiniza-me isso, meu erudito lordescolar, de vuestro sanscredo pro meu eryano! *Hircus Civis Eblanensis!* Mamiferava mamas de cabra suaves aos órfãos. Ho, Senhor! Gêmeos do seu peito! Senhor, salva-nos! E oh! O quê? O que todos. Que é? Filetes tiritantes de! Kekié?

Não ouço com as correntes de! As lamurientas corrientes de. Mor dentes mor cegos, res postas de rústicos ratos. Ho! Você ao solar não iria? Que solitária Maria! Não ouço com o mortelar de morcegos, as liffey-hiantes águas de. Ho, o verbo nos salve! As pernas emperram. Me sinto velha como aquele carvelho. Uma narrativa narrada de Shaunou Shem? Livifilhaos todos. Noturnos falcões nos escutam. Noite! Noite! Tomba a testa.

Pende pesada qual pedra, aquela. Que me falas de John ou de Shaun?
Shem e Shaun, viventes, filhos ou filhas foram de quem? A noite noita!
Fala-me, fala-me, fala-me, carvelha! Noite noite! Conta-me contos
de Stem ou Stone. Junto às rio-revantes águas de, correntes-e-recor-
rentes águas De. Noite!

VI. VI. ANEXO:

**VERSÃO FRANCESA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*: TRADUÇÃO
DE SAMUEL BECKETT, EUGÈNE JOLAS, PAUL LÉON, ALFRED PERRON,
IVAN GOLL, ADRIENNE MOUNIER E PHILLIPE SOULPAULT**

Anna Livia Plurabelle
Französisch von Samuel Beckett, Philippe Soupault
und anderen (Teilübersetzung)

O, dis-moi tout d'Anna Livia! Je veux tout savoir d'Anna 196

Livia! Eh bien! tu connais Anna Livia? Bien sûr tout le monde connaît Anna Livia. Dis-moi tout, des-moi vite. C'est à en crever! Alors, tu sais, quand le vieux gaillarda fit karch et fit ce que tu sais. Oui je sais, et après, après? Lave tranquillement ton linge et ne patauge pas tant. Retrousse tes manches et délie ton battant. Et ne me cogne pas avec ta caboche, hein! Ou quel que fut le tréfleuve que le triplepatte qu'on dit qu'il trouva dans le parc de l'Inphernix. C'est un beau saalaud! Vois sa chemise à lui! Vois-moi cette saleté. Il m'a noirci toute mon eau. Et ça trempe et sa traîne toute une sommamaine! Et combien de fois l'ai-je lavée! Je sais paroker les endroits qu'il aime à seillir, le mymyserable. Brûlant mes mains et affamant ma faim pour laver en public son propre linge. Fous dur ton battoir et nettoie-là. Mes poignets sont pointus à force de farotter les taches de moidiou. Quelle vilainerie mouillée et quelle gangerène de vice. Mais queue fit-il comme histoire quelle histoire la fête Fauve? Combien resta-t-il au bloch et sous niefs? C'était dans les jurnaux le grabuge qu'il fit, les attendus quantes et les lus approuvés, le roi fiersus Onfroy avec toute l'histoire du faux saónage, les exploits illycite et le reste. Le tems le dira. Je suis sûr de lui. Le tomps qu'on ne dompte n'attend pour personne. Tu sèmes l'avon, tu récoltes l'eurage. O ce vieux rot de canail. Maréage mixte ou amour en thémise. Sbire Kauche était droit mais Sbire Troyt senestre. Et son chic! Et ses tics! Et son bec haut en pic de crête de monts, le vieux deuc alién célèbre, avec sa bosse de follyo grandeur tel sieur rat qui sort de sa tourte. Et sa voix qu'il traîne

derrière chaque phrase de sa bouche onflée de mots corquets et tous ses bégaitements à dublinter, le farceur qu'il est sans égalouégaux. Demande à Lictor Huckett ou à Lector Noiret ou à Gardar de Norval ou au Boydit Brown-ing. Comment le prénomme-t-on encore? Hughes Caput Earlyfowler. Est-il né nil part, où l'a-t-on trouvé? L'Urgothlande, Twistville sur le Kattagat? L'Humi, Concorde sur le Merrymake. A-t-on crié leur bans à la Damève ou furent-ils noués de par le capitaine? De mes ailes de victoire je te couvre ma poupoule. Et mon regard d'oie sauvage te fera mon jars. Coulette et Lemont, quant l'eure est Noël craignent et espèrent un isthme joyeux. O passe la main et pô selautre. Dom Dom Dombomb et elvette sa mie. Est-ce qu'il assura son aide chez Cigogne-Pélican contre boupilleurs, glippe et tiers périlleux? Il paraît qu'enlevée il la bel et bien fouilla, sa Sabrine saumoureuse, dans une cage de perruche boitant par les lyses, faux-filant par deltas, jouant shah qui pelotte les reflets de son ombre près Vils Vieillard et Maison-Alfou et Issy-le-Repos et Alta L'Oubliette surlaroutant viers lou capliot. Mais qui t'a vendue ce conte coqualampe? Pâté, pâteux et pemmi-canné. Il navigua en gabarre, archecanot, de la côte sans havres de l'Okéan Hivernike, jusqu'au jour où il vit de longue la promesse de son atterritoire et lança deux croasseurs de dessous ses dessous, le raabe rouleur phéniedicien! De par l'odeur de ses algues au colombier il fit cap. Histoire de navire, à l'autre pas à moi! Mais l'homme de timon était où? Ce digne marchand ensuivit leurs bouts sur la grande lessive, son burnous de chamelier ballonné par la brise jusqu'à ce qu'avec son Baumpresse runégat il monte et pourfend sa barre. Pilcomayo! Suchcaughtawan! Requin qui enlève gougeonnetta. Accorde tes flutiaux et refais ton bourdon, fille d'idygptien, c'est tout ce que tu es. Ptolemoi vite et avale ton escumeau. Il enfila-fruit-son fourreau de chas bas, tout comme un saulomon verge galant et

ses brisons rhurlaient, repus à cœurjoie. Boyarka buah! Boyana bueh! Il la paya cher sa faraiche Bonnebonne-notre pain crotidien ce shopkeeper. En effet. Regarde à ça! La suinte de son front. Ne sais-tu qu'on l'appelait marmot de la mère, Wassermane, bambins des eaux? Averde maréa! C'est bien ça. H. C. E. aux yeux de morue. Pour shire qu'elle en a comme lui elle-même. Qui elle? Anna Livia? Oui-da Anna Livia. Elle embauchait deci delà des salaudines de margottons pour entrer chez lui, Herr aarand chief, et chatouiller ce pontife en taptinoise. Que dis-tu? Pas d'éblague. Mais cela-ci est limmat. Comme pfit El Negro s'épiant dans la glace. O dismoi tout, je veux l'entendre combien elle se haussa sursum ételle corda. Un clin d'œil de couard après drapeau à terre. Faisant celle qui s'en fiche pas mal, la proxénète! Proxénète, mais kexxécé kexxé? Pousse le en franca lingua. Et appelle une crue une crue. Ne t'a-t-on pas instruit l'ébreu à l'escaule, espèce d'antibabébobu? C'est tout pareil comme si par exemple je te prends subite par télékinèse et te proxénétise. Nom de fieuve, voilà ce qu'elle est? Je n'aurais jamais pensé qu'elle eure fait ça. Ne l'avais-tu pas répérée à sa fenny-ètre se dandelinant sur une chaise en osier, et devant elle une meusique en tricoches conéiformes, affectant de faire suérinter une lémantation en saule d'un pleureur qu'elle frobichait avec un archet sans crins du touch? Sûrement elle ne peut pas juer un faa, que l'archet soit ou non à tous crins. Poursuir qu'elle ne peut pas! Belle fouraise! Je n'ai jamais rien entendu de tell. Dis-moi encore et seulement douvrai! Et bien le vieil Humber était morose comme une carpe avec ses tares à sa porte et ses bubons séculaires, avec ses archets morts et son plomb épuisé, ses ballots brulbrisés contre les arêtes des précifs, et par l'ombre d'un lampe dans la cuisine ou dans l'église; et des trous de géants dans sa chaussé d'antan, akkaroupisambrement sur son banc, trévant et tronflant avec son cache-né de

199 langues pour flatter ses obsèques thamisant leur profonds dans le journal des dégats tant legs que liquides, un saut, un pas et un bond dans le nul, et les accouchettes dans le troisième trantran sa remuegueule ouverte de proie à gouter, et les moineaux de gouttières lui becquetant les crocs, grevant de faim en vret solitaire, et se croyant lui-même et jugé et juré, faisant froncer à son sort, piqué au vif, sa frange ramenée sur ses yeux et aabsorbé dans la contemplation de la nef étalée et les bafs têtes-niger et les braies eauclair et les toitons de Buddah, les refalques de Pest et visant si Paroisse valait bien cette kermesse. T'aurais cru que tout lui appartenait in dodo tant il durrait en dranse, tigre enchainé. Il rottait d'orage depuis pluvieuses années. Et c'était elle, Anna Livia, elle n'odait pas chiper un cihl de sommeil, gazouillant comme un bout de bébé, avec sa jupe d'étélapon et ses joueuses de rose en damajunè pour souater bonzour à son cher Gouten Tage. Avec des pommes d'Oder nouvelles et du sèle de ses fenys. Et parfois elle lui faisait cuire du poisson frais et mettait à son piedicœur ses yeux en noyade et du foienal grillenez sur coast et une duppel tasse de tay de Groenland comme eau de Weyssel ou soupeau de Kaffue mokau sablonneux ou du sukri de Sikiang sa servoise de fougère dans un broc de Douai pierre et une bouchée à la Payne pour complaire à cet homme (Dieu lui serre la ventrière) tant ses ginous dépyrrhissaient en râpes gingembre, et si bravement qu'elle sellançât avec neckkarkaison de vives sur son tamis (sa colère tempestueuse s'ononfle et s'énormit) mon gaillard de Hiek les rejetaient en refoul avec un regard de haut en pouah comme pour dire s'petsch de chien, bougre de wach, et s'il ne lui flanquait pas le platteau sur la test, par ma frique, qui te parle, mais elle vinnait, de loing. Aleure elle demandait à sièvfler un hymne: *Je n'ai gardé dans mon malheur, ou Cadet Roussel a trois cheveux* ou *La Calunnia e un vermicelli* de Chelli Michele ou

un morceau bien charpenté du *Gouronnement de la Buse*. Fifrant et foufrant à vous fendre en doux. Elle en montrait à la mère poularde qui faisait cocurico sur la tourasse de Babil! Et elle qui ne savait pas faire la bouche en culdecoq! Et Hun qui ne pipait pas mot ou paroles pas plus que le poids du pressoir. Est-ce la foi? C'est un fait. Alors se balladait la brave et gronde Annona née aroostucrativement Nivia, tokteur ès Raison et Art, son éventail ruisselant de perlicoluminifichets réclatants, avec ses tresses frimassantes et creepétantes d'élucioles, pendant 200 que les belles promeneuses se puavanaient sous leurs peaux à poils d'ours, en robe de style de jade changeant qui couvraient deux sièges de cardinaux écrasant l'infâme Culen estouffant MacCabé. Patain de foudre! En voilà d'ar-tifeux! Et de lui brahmer dans l'avaloir avec toutes sortes d'intercalines pendant que la poudre se sauvait de chez son pif: »grosprès sauraille«, »même de maman«, »Allo mon coulon tu ne tournes pas de l'œil!« Si tu savais ce qu'elle s'est mise à gavouiller de sa voix si choisie comme des glückements de cane? Tu ne le saveras jamais. Dis-moi, dis-moi pour le plaisir d'amour. »J'ai tout quitté pour l'inchaste Sylvie«, et »je crains que t'avoir trop aimée«. Et de faire comme si Hon adourait follement les chansons gozillantes d'au-delà de l'armor: »Y a elle square sot lads insmoking lill et un piqué« et soaytera et soantera et Yangtsé de sweet, dans un »tone sonora«, pendant que Oom Bothar reste en bas dans son manteau de sable tout embarrassé et sourd comme un pô, le stupe! Va t'en! Dear dur d'untendre! Theiss en train de me charrier! Anna Livia que Gieu me juge! Et ne s'est-elle pas insorguée et mise à descendre à golo, puis à se tenir sur sa portenza tirant sur sa vieille bouflarde, et toutes les servantes à têtes de linottes, toutes les garcieuses fermierrettes qui cheminaient sur les raderoutes de l'île, Sawy, Fundally, Daery ou Maery, Milucré, Awny ou Graw, voilà-t-il pas qu'elle leur fai-

sait des moues et des signes qu'il fallait entrer en douce par la porte étroite. C'est vrai tu dis le sport à trois. J'ai dit et j'ai dû. Les racollant et une à une (Bleckbirum ici! ici la Shœbanacaddie!) gigotant des gîgues sur le sioul de la porte pour montrer comment on agitait les courbières et le chic sousgestif des parures cachées et les toutes manières des puelles devant homme, huitant un cliquetiçlaque comme pour dire »c'est cent sous« ou »c'est six frans trente« et en brandissant un écul doré. Zésus, Zétu, c'est-y possible! Eh bien elle est bonne cella-là! Lui jetant au cou toutes les putes de la terre. A n'importe quelle de ses captures de doubs sexes de minette pleissante deux douros d'argent, deux thunes chacune, prix de pelotage pour faire l'amarre dans le gironde de Pantalou cruel.

Quel fut le chant chanjant qu'elle fit? Odis, Odet! Dis m'en bienne le fil et je cinglerai savionneusement les combinaises de-Florence Mac Carthy dit Denis. — Elave la voix, bette la mesure, piano, piena. Je suis en nage jusqu'au pame de mes piodes d'apprendre d'Anna Livia la colinodie! Je le vois bien. Je vois que c'est vrai. — Attaque donc l'aar! Écoute maintenant. T'écoutes n'est-ce pas? Vouï, vouï, ben sûr, j'égoutte; — Retarne ton ouitre; voicée la cançon.

Par la terre et le nuageux, mais c'est que j'ai bougrement besoing d'une flancterge flambant neuf, pauvre de moite oui pour sûr et dodu avec çà!
Car l'aroumatique que j'icy possède est tout troyé, y a pas à dire, séante et béillante et guettante mon vieux Danois d'addodérateur, mon compagnon à la vie dans la mort, quaidenas de carême de mon garde manger, ma bosse de chameau bien aliérée, mon briseur à plat de ma jointeristance, le miel de mai lune mon grand fou jusqu'au bout de Désambre qui s'éveille enfin de son somme d'hiver et m'enquiquine comme au temps de ses rixes.
Y a-t-il quelque seigneur de mainoir ou quelque vidame

de comté sur la grève, je me le demande, qui voudrait me lâcher un louis ou même deux comme laveuse ravau-deuse des chausses honorables, maintenant qu'on est à sec de la chevaline et de lait.

Si ce n'était mon petit couchon de Brittas qui est aussi doux qu'il sent bon, vous parlez si je saunterais dehors et avoir mon coco reusspirer l'air de ma drublinte baie salée et la course du norret dans mon embonbouchure.

Arly! Arly! Dis-moi plus, dis-moi tout le moindre des moindres.

[202-214]

215

.....
 Est-ce Gris-naze Poulbeg au phare-ouest, là, là-bas ou un bateau à feu qui côtoie preto Kishna, ou une lueur se dévalleant dans une haie, ou mon Garry qui revient des Indus? Attends moun amour que la lune s'y mielle. Meurs petite soier, petite soier meurs. Dans tes yeux on voit le parradiu. Au revoir bientôt, au partir encore. Laisse à moi l'endroit et tient l'heure pour tienna. Ma charte brille là haut où le lacte s'épand bleu. Pardonne-moi vite, je file. Jurjour. Et toi cueille ta montre ne n'oublie pas. Ton leste vesperaimanté. Et sava jusqu'à tous à terre. Mes vues nagent grosses par les ombres pour ici. Je vaga vaga vhez moi voucement par ma valley. Et moi de memel du côté de chez tertre.

Tu parles, mais quelle drôle de drôlesse quand même qu'Anna Livia petontintamah. Et lui comme andouille fut azay rideaucul, Cher Crasseux Compère, papa lait en chef des titifils et des tétéfilles. Mémère et pépère, nous sommes tous de leur bande. N'avait-il pas eu sept fem pour le femer? Et chacune des fems avait sept crochettes. Et chaque crochette ses sept couleurs. Et toutes les couleurs des cris différents. Des ilmots pour moi, le souper pour toi et la note du docteur pour Jo Jean. Auvant! Paravant! Il s'allia ses marchés par monts et par vaux je le sais, comme tout

Étrusque Catholot Hérétique, dans leurs rosées, citronnes, crémantes, vertes duchesses et leurs turquises indiennes mauves. Mais la Saint-Cornélie qui était l'épouse? Alors tout ce qui était et était et juste. Royaume des elves? Abonbenz des ages, bienheureux retours. Paraleillement. Ordinvico et viricordo. Anna fut, Livia est, Plurabelle sera. Le Thing des nordiques céda plasz au sudvolk, mais combien bien d'incestres pour faire chaque seul nous? Latine-moi ça mon prieux escholier, des vosres sanscroi en notre erryen. Hircus Civis Eblanensis! Ses nénéés de gros bouc étaient flasques pour les trouvés-nés. Grâce Seigneur! Jumeaux de son sein. Seigneur nous veille! Et hein! Quoi? Ce que tout homme. Oua? Ces fouriantes filles de. Fau-quoi?

N'entends pas cause les ondes de. Le bébé babil des ondes de. Souris chauve, trottinette cause pause. Hein! Tu n'es pas rentré? Quel père André? N'entends pas cause les fuisouris, les liffeiyantes ondes de. Ehi Bruit nous aide! Mon pied à pied se lie lierré. Je me sens vieille comme mon orme même. Un conte conté de Shaun ou Shem? De Livie tous les fillefils. Sombres faucons écoutent l'ombre. Nuit. Nuit. Ma taute tête tombe. Je me sens lourde comme ma pierrestone. Conte moi de John ou Shaun. Qui furent Shem et Shaun en vie les fils ou filles de. Là-dessus nuit. Dis-mor, dis-mor, dis-mor, orme. Nuit, nuit! Contremoiconte soit tronc ou pierre. Tant rivrières ondes de, courretcourantes ondes de. Nuit.

Aus dem Englischen übersetzt von Samuel Beckett, Alfred Péron, Ivan Goll, Eugène Jolas, Paul-L. Léon, Adrienne Monnier und Philippe Soupault, in Zusammenarbeit mit dem Autor.

Erstveröffentlichung in La Nouvelle Revue Française XIX, 212, 1. Mai 1931.

Inhalt

- Einleitung von Klaus Reichert 7
James Joyce, »Anna Livia Plurabelle« (*Finnegans Wake*, Buch I, Kapitel 8, S. 196–216) 35
Deutsche Übersetzung von Wolfgang Hildesheimer 65
Parryotphrosed myth brockendootsch by
Hans Wollschläger 99

Anhang

- Teilübersetzung ins Basic English von C. K. Ogden 137
Deutsche Übersetzung von Georg Goyert 141
Französische Übersetzung von Samuel Beckett, Philippe Soupault und anderen (Teilübersetzung) 167

VI. VII. ANEXO:

VERSÃO ALEMÃ DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO DE GEORG GOYERT

Oh! Erzähle mir alles über Anna Livia! Alles will ich von 196
 Anna Livia wissen! Du kennst doch Anna Livia? Aber natürlich, wir alle kennen Anna Livia. Erzähle mir alles, erzähl's mir sofort. Lachst dich kaputt, wenn du es hörst. Na, du weißt doch, als der alte Holdrio hopps ging und tat, was du weißt. Ja, das weiß ich. Weiter, weiter! Wasch du deine Wäsche und mach kein Gewäsch. Kremple die Ärmel hoch, laß klöppeln die Zunge. Paß doch auf, bodk mich nicht, wenn du dich bückst. Oder was alles sie ihm zu beweisen sich erdreisten, was er in Pfuinix-Park zu entzweien versuchte. Ein ganz dreckiger Lümmel, das ist er. Was ist das für sein Hemd! Wie ist das für ein Schmutz! Hat mein Wasser mir ganz schwarz gemacht. Eine ganze Woghe schwimmt das und schwemmt das. Oft und wie oft hab ich's gewaschen? Auswendig kenn ich die Stellen, die er gerne beschludert, son lausiges Luder! Die Hände zerfetzt, von Hunger gehöhlt, mach ich seine Leibwäsch vor Krethi und Plethi. Hau feste drauf mit dem Schlagholz, daß endlich es rein wird. Meine Handgelänke sind rostig vom Reiben der verweserten Flecken. Welche Neiße der Pleiße, und Gangeräne der Sünde stecken da drina, o yemen, o je! Aber was tat er tun, war's nur Geschwänz, am Tierzon Tag? Wie lang saß er im Loch, mit dem Boden als See. In den Zittigen las Majadas Wasser tat, niedliche Weibsen und tolle Kärle, Staarkanwalt gegen Humphrey, wegen geheimen Schnapsens und allerlei Unfugs. Aber Zeit zeigt's zeitig. Wird sich schon zeigen. Du stundest die Flut, doch sie eilet mit Weile. Wer Springwind sät, Herbstleid erntet. O der rülpfende Raufboldrüpel! Geminxte Ehe und Liebesgekackel. Uferzier war im Recht, sein Rival doch sinister. 197
 Und sein Gang! Und sein Hang! Und wie hoch er das

Haupt hielt, hügelhoch, der famose alte Monarch, mit dem Hochmutsbuckel, wie Herr Ratz beim Parademarsch. Und seine Belfastreden und sein vercockstes Geplapper und sein Dublsinn-Gestotter und sein Galliwog-Stolz. Frag Lictor Hackett, frag Lector Ried, oder Garda Growley oder den Jung mit dem Jungnickel. Wie heyst er Ben ur? Heister? Huges Caput Earlyfouler? Oder wo wurd er geboren oder wie wurd er gefunden? Urgothland, Zwisststadt am Katerkat? Neu Hunstein, Friedensburg an der Kneipe? ~~Wur-~~ den sie nie in St. Adam bei Heva heruntergekanzelt oder ainte sie beide der Kapitän? Als meine Ente entricke ich dich. Und durch meinen Wildgansblick wirst du mein Gänserich. Flüßlein und Berg wünschen und fürchten in alle Ewigkeit zur Fitterzeit glückliche Reihnacht. ◊ O reich mir das und gib uns das Maiander. Don, Dom, Dombomb und sein leises, flustiges Folio. War seine Maiden bei Storch & Pelikan gegen Eisbrecher, Glippe und Haffpflicht versichert? Wie ich so hört, war sein Fang nicht schlecht, ◊ als das Püppchen er raubte, seine Sabrine in einem Kanarienkäfig schleppt er sie fort durch gefarfols Land und durchsickernde Delten, spielte Katz und Maus mit dem Schein ihres Schatt ◊, vorbei am Altmannsheim und der Maison Allfou, an der Letztenruh der Unheilbaren, der dauernd Vermauerten Fort nach dem waagen Moor, stolperdiholper. Von wem hast du die Irrlichtgeschichte? Pemmikans Preßpastete! ◊ In einer Gabarre barkte er ein, Schiff des Lebens, vom hafentlosen hibernikanischen Okean, bis ihm des Landes Abhang erglomm und löste zwei Krächzer von unter seinem Verdeck, der große phönizische Raaber. Bei dem Ruch ihres Kalps erreeuften sie Pigeonhouse. Tauben-teuffel! Taten sie das. Doch wo war denn Er, der Steyrmann? Der Schieber er schob dicht hinter den Schweifli her über die Gischt, sein Kameltreiberburnus wehte, bis er mit Bugsprietständer in sie fuhr und ihr die Sandbank zerpliß. Pilcomayo! Sasketchewan! Der Wal ist fort mit der Forelle.

198
Stimm deine Dudel und los mit dem Liedel, aus Agyptotien stammst du und mehr bist du nicht. Ramses rasch aus und halt dein Eskimaul. Als Salmon der Geille in Sabascheide schoß, ihre Bullen sie brülten wild vor Schaum. Boyarka buah! Boyana bueh! Er verdiente es saar, sein lütrjes Knusperchen, unser klägliches Brot, der Schieber. Tat er auch. Paß mal auf. Im Steiße seiner Schwirn. Weißt du denn nicht, daß man ihn Kimknirps nannte, Wasserbrunn, das Watterkindchen! Himelmarea, das wardar. H. C. E. mit dem Kabeljauge. Sistoch sie auchnich besser alster. Wer? Anna Livia? Ja, Anna Livia! Weißt nicht, wie sie Fräuleinzimmer von rundherum rief, ◊ hineinzugethen zu ihrem Herring, den Pontifick mal kitzzubühln. Das tat sie? Donaukiel! Das ist denn doch die Limmat. Wie El Negro zuckte, als er guckte in La Plata. Oh! Vertell mir, was ich wissen will, wie hoch sie stieg sursum die Leiter corda. Einen Winkblick später fiel die Flagge. Sie tut es, als wärs ihr wurst, ◊ die Proxenete. Proxenete, vasistas? Red teutsch. ◊ Nenn den Fluß beim Namen. Hast denn kein Ebröisch im Pennal gelernt, du Antiabecedarianerin? Es ist genau so als ob ich dich zum Exempel jetzt ◊ durch Telekinese proxenetisierte. Kotzdonner, und so eine istse? Häts nie geglaubt, daß sie so gemein tut. Hast du sie denn nicht an ihrem Windaug gesehn, wie sie in einem Weidenstuhl schaukelte, vor sich ein MUSAIKBLATT in Kuniform, und so tat, als spielte sie rohrrauschende Klageweise auf einer Fiedel, die sie bogt mit haarlosem Bogen? Dabei kann sie keinen Laut spielen, seis mit Hingabe, seis mit Stimmgabel. Kanns nicht. Sist alles nur Schummel. Nein, sowas hab ich doch nie gehört. Erzähle mir meer. Erzähle mir meerscht. Na, der alte Humbler war so patzig wie ein Polyp mit den Flecken am Thor und den uralten Pocken und dazu keine Bogenschützen noch Schuß und die Feuer erloschen auf dem Kamm der Felsen und keine Lamp in KÜCH oder Kirch und Riesenlöcher in Graftons Damm ◊ saß er draurig auf seiner Bank, knorrig

und knurrig ◊ mit seinem Kindelwindelhalstuch sein Began-
 gnis zu ermuntern, liest vom Hochwohlgestorbenen in
 Mormons Anzeiger, fragend und forschend, hops biste da
 und schon wieder weg, und dann das Kindelbett mit Ach
 und Krach und sein Maul kiefert von Zahn bis zwölf und
 die Spatzen aus der Gosse picken an seinen Hauern, schiebt
 Kohldampf allein, sitzt zu Gericht über sich selbst, draut
 seinem Schicksal, kochert vor Wutach! Seine Strähnen hän-
 gen ihm in die Eugen und grübelt bis hinein in die Sterne
 über Schwarzach Kühe und Wiesenbach und die Zitten
 von Blütha und Gelichter von Pesth und dachte ob Paris
 diese Meuse wohl wert. Man hätte geglaubt, daß ihm alles
 total tot war, wie er so dräumte im Tranceval. Ache Jahre
 schon rülpst er. Und sie, Anna Livia, kein pißschen waacht
 sie zu slapen, rieselt umher, der winzige Wurm, ◊ im
 Lapsommerkleid, amazurpfaublau sind ihre Backen, wünst
 dudendag ihm jieben dubber Dan. Mit frischem Garthop-
 peln und Salz von seinen Lysern. Und manchmal kochte
 sie ihm frischen Fisch und legte ihm zu Herzfüßen ihre
 Ruhreigen und ihre Rasketen auf Geast und dazu ein ha-
 gener Köpchen mit wischwaschigem Grönlanttee und eine
 Idee voll füstent Kaffue Mokau mit Sikianzugar oder Farn-
 bier in einem Saupeter-Krug und ein Sandwicht ◊, diesem
 Mannschwein zu gefallen und den Stomak zu füllen, bis
 Iriwada sich rauten wie Musikat Reiber, ◊ und so rasch
 wie wie rutscht mit dem Ballast von Fraß hoch auf dem
 Brett (seine türmende Wut ballongt immer dicker) jaxt sie
 mein wackerer Hek wieder weg mit vilainer Verachtung,
 als wollte er sagen, dusau, duvieh, und warfer ihr nicht das
 Brett an den Dätz, meiner drei sie konnte sich freun. Und
 dann wollte sie pfeifen ein Heulsarmeesies. *Nur wer die
 Spreesucht kennt* oder *Gaudeamus* oder Chelli Micheles *La
 calumnia é un vermicelli* oder ein Flötow-Stück vom
Alten Augustin. So piepen und Quieken da gehste Kapott.
 Die Henne auf dem Babelturm kontreß sicher nicht bessa.

Sie die die Mündung zu theißen nicht wußte. Und Hum-
 hmste kein Wort, wiene Mangel. Wahr und weeraftig? Tat-
 sache ists. Dann riclatscht sie los herrlich roman zisch, An-
 nona aristokratzig, geborene Nivia, Tochter der Fernunft-
 Kunst und feuerknallfunkelt ihr Fächer und raureifes Haar
 glüht Flitzfunken – während die Spazschönheiten in ihrem 200
 Bärenfell froren – in einem kotzbaren Kleid aus Phosjett
 mit dem leicht man bezöge das Holz der Stühle von zwei
 Kardinälen, das erdrücken würde den armen Cullen und
 ersticken MacCabe. Oh! Dieses Geflunker! Und die porpor
 Flecks. Und brunstete durch die Futterschleuse Süßworte
 ihm zu ◊ und der Puter ihr von der Nase fortwehte: Nüm-
 mel mein Stümmel, *Düssel obweh! Schnucki geh mir nicht
 drauß!* Und weißt du, was dann sie sachte wisperlispelnd,
 daß es gluckste als gluckste das Wasser ◊? Wirst es nie ra-
 ten. Sags mir. Sags mir. Sags mir. *Phoebe, Liebste, sag, ob
 sag mir und ich liebe nur Ismenen.* Und sie tat so, als fahr
 er versessen auf die Wirbellieder von jenseits der Holmen:
Je Hellseher so ledig in schmucker Lilli und Piggi: und
 Sozetera und Soweita und so firth und forth in Sonora und
 Oom Bothar bleibt unten ◊ wiggelt sich ein in den sandi-
 gen Mantel, stocktaub ◊ der Stockbuck. Watang. Alter Tau-
 ber süßer. Willst mich derblecken. Anna Liv? So jeremir
 Gotthelf. In Sock und Sorg stand sie in an ihrer Tür paffte
 die Pfeife und jedem Marjellchen, jedem Nettemädchen die
 über den Pfahlweg gingen, Sawy, Fundally, Daery oder
 Maery, Milucure, Awny oder Graw, lächelt sie zu oder gibt
 ihnen Zeichen heimlich zu schlüpfen ins Haus durch die
 Pforte. Was sagste, all eine Sorte? Jaja und so ists auch.
 Rief sie einzeln herein. (Bethase hier! Schuhbein da!)
 schwänkelt schwellendes Bein auf der Schwell will ihnen
 zeihen, wie sie Schwellschenkel schwänken und was aus dem
 Auge an lustigen Ferzen vors Auge sie setzen und wie eine
 Maid maidet den Mann gelddert dabei, zwei Mark zehin
 oder einen halben Dollar und lockt sie einen Silberglänzer.

Gittigitt und tat sie das? Tolleres hab ich nie gehört. Alle Hürchen der Welt treibt sie ihm zu. Und jedem gekätzchten Gör sie gab für sterzvolles Sexspiel zwei und nen Fußziger, wenn Humpty sie liebte und im Schurz sich ihm lotterte! Und welch Schauerschanson sang sie! Sag es! Saar es! Erseille mir etwas davon, während ich Höllenhagel aus Dennis Florence MacGarthys Combi haue. Los mal! Styr mal! Piano, piena! Ich find Karuh, hab jodige Füße solano ich
201 Anna Livias Schlaflied nicht kenne o. Ich sehe das wohl, ich sehe, daß das var ist. Wie tummelt es? Hörzu. Hörstu? Schon gut. Spotz die Iren. Beg Inn!

Bei der Erde und dem Wolkigen ich brauche brannneuen Rückendam, verflut, und nen runderen sogar.

Das kittige Ding hier ist ganz kaput, schau mal her, und schäbig vom Sitzen und Stausen und Warthen auf meinen alten Dänen, den Kaddeldaddeldu, mein lebenslangweiliger Todesgefährte, mein karger Schlüssel zu unserer Speckkammer, mein vielgeänderter Kamelhöcker, mein Suppenverderber, meines Maimonds Honig, närrisch bis zum letzten Dezemberer, der endlich aufwacht aus seinem Wintergedös und mich dann wieder quellt wie sonst er auch tat.

Gibt es denn keinen Labnherrn oder gräßlichen Ritter im Striek, so frage ich mich, der mir gäbe ein Pfund bar oder zwei für das Waschen und Stopfen seiner ehrwürdigen Socken, jetzt wo es aus ist mit Rosfleisch und Milch.

Hätt ich mein kurzes Brittabett nicht so mollig wie ich duße, ich spränge raus und liefe d'Avon nach dem Sumpf della Tolka oder dem Strand von Clontarf, daß die Lustige Luft meiner salzigen Rauschbucht ich fühle und das Tosen des Seewinds an meiner Mündung.

Fix! Fix! Erzähle mir meer. Das Klitzkleinste. Das Klitzkleinste möcht ich auch wissen. Sogar warum die Arbeiter ins Boxhorn flogen. Und warum die Flotte feucht fuhr. o Jetzt kommt der Teil mit Has el Hadjri. Nach Clondal-

house die Königsklausen. Bei dem Hochwasser sind wir bald da. Wieviel Elven hat sie denn? Das kann ich richtig nicht berichten. Das weiß nur Mimir. Man sagt, ihre Dreifüßschwanger schaffte hunderteif, einebeieinebeieine o. Olaf, verlammt! Das ganze Pack. Es fehlt an Platz im Kirkegaarden. Sie weiß nicht mehr die Hälfte alder Wiegenamen, die sie ihnen hinknallt durch die Gnade des unfehlbaren Schluffen ihres boxenden Bischofs, die Knute für Knud und Eier für Eyolf und Entoderweder für Yakob Ojel Hundert und wie? Es war schon recht sie neu zu taufen Plurabelle.

O Loreley! Undinewetter! Ahoi! Man liest in den Karten, sie spült aus mehr und frohere, Zwilling und Drilling, 202 Quart und Quint, Sachse und Siebling und Pickacht und jalleneu auf einen Wurf. Groschlammpanap Saumuterdame und Buballer Buben und Joker. I—a! Ne doller Spelunkenjenny muß sie gewesen sein anno dazumal von Kopf bis Fuß auf Liebe eingestellt. Schlick war sie, begott. Ein royal flush war ihr eigen. Vor Nimans Stoß hats Mädlangst, so aimez moi dakapo. Sag mir o sag mir, wie cam sie zurecht durch sovieler Liebegesellen, die Neckarische, die Beelzebübin? o Umschlingt den einen, packt dann den nächsten, kost mit diesem am Ufer, mit dem andern am Dam, hier wird gepohlt, und da petert sie weiter, clydet vorbei nach Ostweg. Werra der erste der in sie stadt? Irr

gent wars, weraber sie waren, mit Taktitack oder Einzelkombat. Edelmann, Bettelmann, Junker, Pastor, König, Kaiser, Polistamajor. Das ists ja was ich immer wissen will. Leg los und leg loser, und komm zur Hauptwache! Wars im waterloosen Jahr, nach Grattan oder Glood, oder als die Jungfrauen in Arc waren, oder die drei als Heerschar standen? Fidaris wird finden, wo Dubium sich hebt, wie Nieman aus Nirgends den Nihil fahd. Weshalb säugt du, Albern, o Anten? Und die Gänse fest und naß, Qvic und Nyanza? Sie kann ihn nicht packen, momentan. Lang lang ists her, wegmüder Wandrer. Der Weg zurück rudert sich

schwer. Sie sagt es selbst, daß kaum sie nicht weiß, wer der erste war, der sie erkieste, ein Dynast aus Leinster, ein Meerwolf oder was er tat oder wie forellig sie spielte oder wie, wann, warum und wie oft er sie besprang. ◊ Jung dünn bleich weich scheu flink Ding war sie damals, schlendernd am Silbermondsee, er aber ein schwerer, trampeltaumelnder Fremdling, ein Cunaghier, der sein Heu heute wo die Sonne grad schien, zäh wie die Eichen (Friede sei dem Torfet) raschelte damals an den Deichen des killenden Kildare, durch Fälle und Fjorde, platschte plätschernd durch sie hindurch. Sie dacht, sie versank in den Grund in Nymphenscham, als sein Tigrisauge sie ansah. O glückliche Schuld! Mich wünscht, er wär's. Du hast unrecht, salzathiges Unrecht! S ist nicht nur heut abend, bist anatheronistisch! Vor Olims Zeiten wars als Nullahs nirgendwo waren, in der Grafschaft Wickenlow, dem Garten von Erin, eh je sie träumte, daß sie Kilbride verfließe und schäumend flöße unter Horsepaß Brücke und der große Südwest windstürmend hinter ihr her war und der Midland's Granwest ihren Weg verfolgte, bis langsam dann wegwindend zum Schlechten zum Guten, sie spann oder mahlte, sie schnitt oder drosch, als gings ums goldene Leben, in den Gerstenfeldern und Kötchen von Humphrey's Fordofherdles town und mit einem Landströtzer dalag, in Belle Alliance. Achoweh die shannon Mädchentage! O tyares Leben! Was sen? Issen! Bist du deiner Troy sikiang? Nicht wo der Finn in den Mourne sich ergießt, nicht wo der Nore den Bloen verläßt, nicht wo die Braye den Farer ablängt, nicht wo die Moy sichs anders überlegt zwisch Cullin und Conn, zwisch Cunn und Collin. ◊ Neyya, narew, nen und nos! Woaberdenn in Ow and Ovoca? War es, imost imwest oder Lucan Yokan oder wo die Menschenhand nie Fuß gefaßt? Tal mir wo, das allerfeestemall Gern, wenn du zuhörst. Du kennst doch das Dinkeldahl von Luggelaw? Nun, in deremitte lebte ein Klausner, Michael Arklow war das River-

ends Name (mit Seufzen ich ein Lätzchen-benetzte) und an einem Venustag im Junojuli, sasiso süß und so kühl und so biegsam aus, Ännden das Nixchen, Nanon l'Escaut, im Schweigen der lauschenden Sycomoren, die schwellenden Formen schwül sich befühlen, und er tauchte beid seiner neu gesalbtten Hände bis an den Poch seines Pulses in ihren singimari safranen Haarstrom, teilte ihn, streichelte sie und vermischtees, das tiefdunkel war und weit wie dieser rote Sumpf bei Sonnenuntergang. Am Leuchtsee dieses Woculsertals aran- und orangierten sie das Reignbeaus Himmelhögen. Aphrodisierende Glieder und ihre Emai-Augen indergoten ihn, die Jungfrau und ihre violetieren. Huschusch! Warum, warum? Mavro! Letty Lerch lacht leicht jetzt scherzend durch Laura über ihren daphdofen Petrarch. O jemine! ◊ Da verknutschte er sich's nicht, glühend vor Durst, und da vergas er den Mönch in dem Mann, packte sie hier und faßte sie da, bäßte die Lippen mit lechelder Freude, Kuß Einkuß nach Kußkuß (und warnte sie, nie zu, nie zu, niemals) auf Anna-na-Poghue's Sommersprossenstirn. Während du bis dürr zählst, hielt sie den Atm. Aber sie rutschte zwei Fuß höher in ihrer egeren Austumation. Unt steppt seitdem auf Stelzen einher. ◊ O, war das nicht ein Pfaffbild? Und war sie nicht die böse Livvy? Boese Naama ist jetzt ihr Nam. Zwei Burschen in Schottenbreeches gingen vorher durch sie, Barfuß Ache und Sihle Wada, Lugnaquillas pictfeinster Adel, eh sie noch ein Haar unterm Hemdlein hatte zu hegen, oder einen Pozen sie hatte, einen Birkenkanudler zu verführen, von einem benglischen Porterschiif gar nicht zu reden. Und davor wieder, Leda, lady all unraidy, zu zart, dem feegsten Reiter zu bojen, zu schwach, mit dem Fitrich eines Schwändchens zu flirten, wurde sie von einem Hunde geleckt, Chirripa² Chirruta, während Pipi sie pite, klar und einfach, auf dem Bergesvorsprung im alten Kippure, zur Vorgelsang und Schurzeit, aber erst und letzt und schlecht und recht, die

windige Livvy entwich durch nen Ritz in der Teufelschlucht, während Sally die Amme tief schlief in einer Schleuse und einweidreihops fi-fi-fiel durch den Spülweg, bevor sie ihre Beine fand und lag und rieselt in Styxen, schwarzen Regenpfützen unter falber Kuu und lachte jungfrei, zappelte mit Emsen und Flossen und eine Schar magdlichen Hagdorns blickt verstohlen errötend auf sie.

Verrat mir wie lautet Findhorns Name ◊. Und um Spröhlings willen, warum war sie gesprenkelt. Trätzle mir ein, ob sie wassergewellt war, ob verrückte Werücke nur sie trug. Und nach welcher Windseite neigten sie schnell ihre Glühblüten, im Rücken nach West oder seewärts zu sehen? In Furcht des Buhlen Sucht zu fühlen? Sehrend Eis und heiß entseht? Schwimmst du auch mit oder nicht? Geh ein, geh aus, geh an! Ich mein schon, was du weißt. Ich weiß schon, was du meinst. Und ob! Du möchtest gern die Hauben und Krausen, Schnauze, und ich soll das Schmirgeschäff machen mit der alten Veronika ihrem Schneutzüchlein. Möchst mir nicht sagen, was spül ich denn da? Ist's ein Lätzchen oder ein Chorhemd? Arran! Wo haste die Nase? Und wo ist die Stärke? Das riecht doch nicht nach Weihwasser! Ich kann es von hier aus nach dem *Eau de Colo* und dem Duft ihres Wohlgaruchs sagen, daß es die der Frau Magrath sind. Härtest sie lüvten sollen. Feucht kommen sie ihr grade vom Leib. Knitterseidene sinds und kein Barchent. Battistiere mich, Vater, denn sie hat gesündigt. Durch ihren Ehring freit sie sie leicht, mit Hüft-Hüft-Hurrahs und Kniespitzen. Das einzige Paar mit Rüschen mang ollen glatten. Du Liebesgöttin, das sind sie ja. Nun welland wohl! Wenns morgen noch schön bleibt, wer fliegt aus zu beäugeln? Na wat denn? Frag mich dort, wo mir was fehlt. Die Belvedere Stipendiakten. Mit ihren Spitzbootmützen und Ruderklubfarben. Und siehste da haste! Und schon sind sie dran! Und hier sind ihre Feiteratsbuchstaben. Ellis auf Quai in Scharlachgarn. Für die Welt gebunden auf

fleischfarbenem Feld. Und Exo dazu, zum Zeichen, daß es nicht Laura Kehoes ihre sind. Oh! daß dich der Devol wringe mit deinen Safety-Nadeln! Du Mammonkind, Kinsellas Lilith! Wer hat ihr das Hosenbein schließlich zerissen? Welches Bein ist es? Das mit den Glöckchen. Spül sie aus und ill dich. Wo hab ich gestoppe? Stopp nie! Weiterzählen. So weit wardhste noch nicht. ◊ Farfurt, Farfurt! Ja, und alstes dann in die Herzblättrlerchen Samschütg-Sonntag-Monntag Wochenblett kam (einmal beschmierten sie ihre weißen Kidunshuhld, wiederkäuten ihr Essen nach dem Mittagschmaus, das huhnverschämt und spekulierend zeig mal her und Pfoten weg, wenn du mit dem Lesezeug fertig bist), hatte sogar der Schnee, der seinen greisenden Kopp beschneekoppte, Widerwym gegen ihn. Tscha, tscha, sava savuto! Scheißlich Her Chuff Esquire! Wohinimmer man ging, jede Kneipe, in die man geriet, in Stadt oder Vorstadt oder den Faulburgbezirken, »Zur Rose und Budel« oder Phönix-Taverne oder Power's Bar oder Judes Hotel, oder wohinimmer man das Land durchstriefte, von Annwasser nach Vartyville oder von der Porta Latina nach dem Latrinaviertel, fand man sein Ikon geätscht, Kopf stand es, oder die Straßensjungen guyfawksten ihn und Moris der Mann mit der Rollroycerolle in Turko dem Tyrannen (Europähahisches Scheikhaus, Nierenfett und Ya hoort, hier jetzt das Hamman, aha! Andahms alle mir nach, Fatimas linksam) flucht und flutscht durchs Lokal ◊ und Papapst dreifacher Bärfelltiara rotundaringt ihm rund um den Skalp. Wie Pitan der Neva, oder Petrus Übersee. Dies ist der Hausmann gepflastert, gesteint, die Hütt er stibitz, die niemandem eignet, er schwenkte das Bein, tat Henna ins Ei hinein. Und die bezechte tosende Menge um ihn im Aeropag fracassiert mit dem Geigenbingbangancan einem das Tympan. Paß auf den Grobwater! Gedenk deiner Mam! Hing der hängt ist sein Henkersnam. Schwing dich im Bo-lero und mach es var! Beim Kreuzstyx und seinen nein

Windungen schwor sie, daß sie mit all dem Kram schon fertig werden würde. Bei der verwundbaren Jungfrau Mary del Dame! Und da sagt sie sich, einen Plan wollt sie schmieden, einen Streich zuspieren, die Unheilstiferin, wie man noch nie es geheuret. Was firn Plan? Sag es doch schnell und sei nicht so drausick. Welches Meurthchen hat sie begangen? Sie borgt sich nen Sack, nen braunen Postsack ◊ von Shaun dem Postmann, einem ihrer Unterschiefsöhne, und dann schlug sie nach in ihren Volksbüchern, dem alten Mot Moors, in Caseys Euklid und der Modeparade und macht sich dann flübsch und maskariert sich. Oh hüäm-mäßmädelächter! Du hast Kahnung! Zum Saltlaken ists, mormondieu! Minneha, minnehi, minnaehe, minneho! Aber jetzt mußt du, mußt du wirklich! Daß ich es glücksen-glucksen höre wie das ferne girgelngurgeln in den dinkeldunkel Dargletal. Beim heiligen Born von Mulhuddart tu ich schwörn, ich will meine chancea durch Terry und Killys mont d'imitié in den Himmel zu kommen, verpfänden, wenn ich nur alles höre, käffliches Wort. Nun drängel nicht so, Frau, warthe doch mal. Wenn meine Geschichte dir nicht gefeld, dann rausaus dem Punt. Na, dann mach wie du willst. Sitz mal ab und tu was du sollst. Streck dich nach mir, beug dich nach Bug. Vorn hinein und zieh mal durch. Lisples leis und rassels weis. Langsam jetzt. Zung deine Zeit. Hole tief Atem. Soest schön. Eile mit Weile und beschelde dich. Ley mal deine gesegnete Asche rüber, daß ich des Kanonikus Unterbudschen schrubble. Fließ weiter. Immer weiter. ◊

Zuerst löst sie ihr Haar und zu ihren Füßen floß es seine ilsenden windenden Ringeln. Dann wusch sie sich mutternackt mit milchigem Wasser und duftendem pistania Schlamm, Inn und Aussig vom Kopf bis zur Sole! Dann fettete sie den Kielgang, Warthzen und Schwehre, den Maele und Jucker, als Schutz gegen Schmutz mit Stangenzucker und Torfentim und Serpentim und mit Lauberde

fuhr sie rund um die Prunellarseln und die dunkeln Fünfelinseln, über das kleine Bäuchlein. Blaß wachsgold ihr Blitzerbauch, und ihre Weihrauchkörner aalbronzen. Und 207
dann flocht einen Kranz sie sich für ihr Haar. Sie flocht ihn, sie flacht ihn. Aus Wiesengras und Wasserlilien, aus Binsen und Wasserkraut und dem gefallenen Leid der Trauerweiden. Dann macht sie sich Bänder für Arme und Enkel und Elle und für den Hals eine Kette als Amulett aus rieselnden Kieseln und strahlenden Steinen und funkelndem Felsröll, selten und traun, aus irischen Runrheinstainen und Muschelmarmor dann Spangen. Als das war geschehen, einen Rußriß für ihr luftiges Auge, Annuschka Lutstivitch Pufflovah, und Lilienkräm für Lippelein und das Beste ihres Schminkpotts für ihre Bäcklein von Erdebeerrot zu Extraviolez und dann schickt sie ihre Kamer-Dirnerinnen zu Seiner Affluenz, Cillegia Grandé und Kischie Real, die beiden Chriesis, mit Respekt von der Missus, schmutzig und feucht, und der Bitte, daß ein Minutekin zum Mannekin sie eingehen dürffe. Einen Besuch müßt sie machen, eine Fackel anzünden, in Brie-on-Arrosa, zurück in nem Spritzer. Die Klock schlägt neune, du Stern am Himmel scheine, zahm Bessy warthet auf mich. Sie sagte nicht halb ihrer Länge würde sie bleiben. Dann, kaum hatte der Töpel den Rücken gewandt, kam Anna Livia, mit dem Sandsack über der Schulter und austernmäulig aus ihrer Wanne heraus.

Beschreibe sie! Mach voran! Warum kannst du nicht? Spitze die Ohren solange sie heiß sind. Für ichts auf Nerden möcht ich sie missen. ◊ Beim Meere Gottes, ich murussus hören. Schnell! Presta! Schnell, eh Julia Sähnegal. Was-hatsiani, warsimaskiret, das liebe Karotmähnige Mächet? Ganz Großedame? Nurdyodez? Bonaa ventura? Malagasy? Was hat sie denn an, die lütte Verrückte? Wieviel denn skaliert sie, Geschirr und Gewicht? Hier also ist sie, Annisty Ann. Nenn sie ein Elend, sie ekeltrisiert.

Nichts von Elektra, nur olle Mamme Notwendigkeit, Mäschin der Menscher. Ich will dir ein Prütthchen erzählen. Aber sill mußt du sitzen. Willst du dein Göll halten und genau zuhören, wass ich dir jetzt erzähle? Zehnooder zwanzig auf Enns in der Allerzueheilgenacht oder dem nächsten April, als die Floßklappe ihres hügligen Igloos flappte und rauszehspitzte eine Buschmannfrau, die liebste, kleine Modder, die je du gesehn, nickend und lächelnd mit ems von embarras und eaus und ohs. Zwischen zwei Altern, ein Albweibchen, reicht dir nicht an die Elb. Flugs, sieh sie genau an, erkenne sie flutschs, denn je länger sie weht, desto kerzer sie steht. Gott bewaga. Mehr nicht? Wodan auf Erden kriegst du denn je eine Lambayrippe so groß wien Rambock? Ja, recht haste. Leda vergaß ich, wie Livia Lüttig mit Liebemann Lang. Bei der Lenk meiner Flechse, ich sagts. Sie trug eines Ackerknechts genagelte Stiefel, die waren so groß, wie mehrere Äcker: einen Zuckerhuthut mit quaddelquiriger Spitze und als Arnoment einen Stechginsterkranz und hundert flatternde Wimpel strömten herab und eine vergoldete Nadel durchstach ihn: eulenspiegelnde Brillen versperrten ihre Augen: und Fischnetzschleier trug sie, damit die Sonne nicht schad ihren Runzeln: Kartoffelringe ringten lose um die Muscheln ihrer Lautlobempfänger: ihre nackten cuba Strümpfe waren salmfleckgesprenkelt: ihr Chic war ein Galligoheimd von nebel dampfender Tinto, die lichteht erst wurde, wenn in der Wäsche sie auslief: derbe Schnürleiber, Rivalen, langten längs ihrer Länge: ihre blutorangenen Bodnickers, Zweieinengewand, zeigten natürlich bokende Niger, mit Reißverschluss, schnell auch zu öffnen: ihr schwarzgestreifter brauner Josephsrock war zechinenbesät auf Teddybärbhaut, mit wogenden, binsengrünen Achselstücken und hier und da ein Daunenstreifen aus königlichem Schwanenvlies: ein paar Tschicks steckten in ihren Heuseiustrumpfbändern: ihr Manchestermantel mit Alpheubett-Knöpfen wurde ge-

halten von zweiseilligen Gürtel: ein Groschenstück in jeder Taschenseite beschwerte sie sicher, daß der Windtormes sie nicht davontrug; sie hatte ainsne Wäscheklammer rittlings auf der losstigen Nase und dauernd bartscht sie etwas Seltsames in ihrer sülzenden Mündung, und der Rrruch der fließenden Schleppe des Rocks, ihres schnupftabakfarbenen Landstreicherclaydes schleppte fufzig irische Meilen hinter ihr her langetenweg.

Höllengebell, das hab ich verseimt! Vielundvielzig, niemand fiel machtlos. Aber in welcher Mündung? War ihr Kap helle? Jeder, der sie sah, sagte, die linde, leine Delia sähe ein wenig verquer aus. Lebagott, acht auf den Puhl! Misus, sei nett und fall nicht ins Mittelmoor! Eine komische Hex muß sie geweser sein. Dreibel, ne größere Schlampen sahst du nie. Sanfte Maultieraugen macht sie den Doblnerjongs. Und sie krönten sie zu ihrer Chariteankönigin, alle Maiden. Den Mai? Oh meiomai! Gut, daß sie sich nicht sehen konnte. Ich main, daß das Schätzchen deshalb den Spiegel vermurte. Wirklich? Gota bewardar. Am Ufer stand ein Koros von dursttriefenden Bummeln, baumeschlingend und priemkauend, fruchtäugelnd und blumenessend, in Versenkung vor der Schwenkung und der Lenkung ihrer Tränkung, lungarnd und foylend der North Lazers Waal die ganze Vaalfahrtswuche, neben dem Jukar Yoick's und sobald sie sahn, wie einher sie meandert über den seefröhlichen Weg in ihrem Strohwitwen Trauerkraut und sich überzweugten, wer unter der Diakonissinhaube sich barg, Avondales Gabe und Clarences Gift, sagt der eine zum anderen, Witzig-auf-Krücken zu Master Bates: *Das bleibt zwischen uns und dem Granit, den unser Hintern erwärmt, entweder hat sie sich das Gesicht hochgenäht oder Alp ist gedopt!*²⁷⁷

Aber was war das Wildpret in ihrem Rumpumpelsack? Und wo zum Dunder fand sie den Plunder? Vor der Schlacht oder nach dem Ball? Quellfrisch will ich's wis-

sen. Ich aubette meinen Bart, es lohnt sich zu wildern. Schüttel, schyl, loslos! Du guter alter Hundsfott! Das Sacramento ich dir! Dein Warten ist es schon wertach. Doubs kommst auf deine Kosten. Isar dir alles und leitha dich mit deinem Gewolga über alle Weichselfälle. Oder? Und rundgrond in Wellen gewunden ringaruma tippelt sie los, nach hier und nach da tati tata, schiebt ihr Geschiebe durch Sumpflandungen, Trauttang auf unsrer trockneren Seite und wilder Wickwein uns gegenüber, Curara hier in Karriere da, wußt nicht wer ihr platzbacht oder wens sie muß brechen, edereider schwabbelbabbelt allen ihren Urscheinburscheln zu wie Samichlas beim Ruf der Kleinen die weinen, huschelt zu lauschen den winzigen Herzchen mit ihren Armen umschlingend Isolabella, dann läuft sie los mit Romas und Reims, o den Wiederversöhn-ten, wäscht dann des Schmutzhans Spritzer mit Speichel, hat ein Weihnachtsgeschenk für allire Kinder, die Geburtstagsgaben, die sie träumten sie gaben, die Boite sie fließlich uns schwemmt vor die Tür. Auf die Matz, in den Ganges und bis inunder in den Keller. Flüsschen fluten herbei, wollen mal sehen, die Glacéboys, die Polynnutten. Herau aus dem Pfandschab, hinein in die Feuertraufe. Und Alle wahren um sie, Jungens und Mädchen, o jubelnd und lärmend, wie die Smily Jungen beim Lever ihrer Vicekönigin. Vivienne das Annden! Aldanach, hoch, hoch! Sing uns ein Sula, O, Susuria! Ausone sidulceis! Hat die ein Tember! 210 Zerren sie, erheben leich höhnedes Neckarn jedesmal wenn sie hinbraucht in ihren Culde Sack mit dem Plunder, den sie geraabt und ihre ärmliche Meerschamdisse hervor-krant, poor souvenir und per ricorder, als süße Erting-ung, Stinker und Tränker, Erste und Letzte, ihre Primel-ginstersöhne und nebenflysterigen Töchterlein, zusammen tausendundein, und das ewste beste für jeden von ihnen. Für übel und ewig. Und hat ab, amen. Eines Zinkers Bann und Schubkarr dazu, sein Brüh drin zu brodeln für

Gipsy Lee; eine Kartusche voll Tripper à la Magd für Gustav von der Garda; für Brummbär Penders herben Neffen saure Dreieckdrops, bemerkenswert scharf; Husten und Rassel und wildrosige Wangen für die arme Piccolina Petite MacFarlane; ein Puzzlespiel aus Nadeln und Zwecken und Schienbein und Decken für die drei Isabel, Jezebel und Llewelyn Mmarriage; eine Kupferstirn und roheiserne Fäustlinge für Johnny Walker Beg; eine päpstliche Flagge mit Heil'gen und Streifen für Kevineen O'Dea; eine Puffpuff für Pudge Craig und einen nachtmarenden Hasen für Techer Tombigby; Wasserbein und Gummistiefel beides für Bully Hayes und Hurricans Hartigan; ein verlorenes Herz und fette Schinken für Buck Jones, den Stolz von Clonliffe; einen Laib Brot und eines Vaters frühes Ziel für Tim aus Skibereen; eine Schaukelkarre für Larry Doolin den Ballyclea Karle; eine seekranke Fahrt auf einem Regierungsschiff für Teague O'Flanagan; eine Laus und ne Falle für Jerry Coyle; Schlammpastete für Andy Mackenzie; eine Haarschur und einen Sammelteiler für den pfenniglosen Peter; den Mitternachtsblick für G. V. Brooke; eine ertrunkene Puppe, Gesicht nach unten, für die bescheidene Schwester Anna Mortimer; Altargefälle für Blandhisses Bett; Wildairs Höschen für Magpeg Woppington; für Sue Dot ein dickes Auge, für Sam Dash einen Fehltritt; Schlangen im Klee, gespickt und geschotter, und eines vatikanier-ten Schlangenfängers Visum für Patsy Presbys; einen Ständer jeden Morgen für Standfast Dick und einen Schlappier jede Minute für Stremblestone Davy; einen zweargehenen Rosenkranz für die glückselige Biddy; zwei apfelkraut Stühle für Eva Mobbely; für Saara Philpot eine Jordantal Tränenurne; eine schöne Dose mit Petryfibs Puder für Eileen Aruna, ihre Zähne zu weißen und Helen Arhone auszusteichen; einen Peitschenkreisel für Eddy Exlex; für Kitty Coleraine aus der Buttermans Gasse ein bißchen Klugheit für ihren törichten Krug; eine kleine

Schaufel für Terry den Puckaun; eine Apotamusmaske für Gründer Dunne; ei Nosterei mit zweidatiger Schale und ein Dynamitrecht für Pavl den Kuraten; einen Choleramorbis für den Mann im Mantel; ein Sternbild und einen Blaustrumpf für Tucher Dekanus; für Irrwisch Willy und Barney den Beller zwei edle Mangolds, ihre Bittern zu schwedfein; für Oliver Bound einen Weg ins Freie; für Shernus nur wenig, eine Krone, die er viel zu groß findet; einen Tiberin Stapel und Congoswoodkreuz am Rücken für den sonnigen Twimjim; Gelobetsstdu und Erretemich für Brian den Bravo; reuvoll Mitleid mit lustvoller Liebe für Olona Lena Magdalena; für Camilla; Dromilla, Ludmilla, Marilla ein Becken; ein Packen, ein Buch und ein Puff; für Nancy Shannon eine Tuami Brosche; für Dora Riparia Hoffmannstropfen eine kühlende Dusche und eine Panne im Bett; ein Paar Blarney Unausprechliche für Walley Meagher; einen Haarnadelgriffel, sich den Po zu kratzen, für Elsie Oram, die mit den gemeinen Brüchen sich abplagt; eine Altersrente für Betty Bellezza; einen Sack voll Launen für Fünny Fitz; eine *Missa pro Messa* für Taff de Taff; Jill, die Perl eines Mädchens, für Jack, den kesen Jungen; ein Rogerson Crusoes Freitags Fasten für Caducus Angelus Rubiconstein; dreihundertsechundsichzig Popelin Knoten in jeder Kette für des Webers Einschlag für Victor Hugonot; einen staarstehenden Rechen und Varians Muck für Kate die Fegerin; eine Lücke im Lied für Hosty; zwei Dutzend Wiegen für J. F. X. P. Coppinger; einen Zehnpfünder im Knallhaus für des Dauphins Geburt und fünf Feuersprüher für die Infanta; einen Brief fürs ganze Leben für Maggi hinter der Aschengrube; die plumpste Gefrierfleischfrau von Lusk bis Livienbad für Fühlhin den Fähren; Spas und Speranza und Symposiums-syrup für den alten und blinden und gichtigen Cough; einen Schilderwechsel und Freud von Unglück für Armoricus Tristram Amoor Saint Lawrence; ein Herkrershemd

für Reuben Rotbrust und hanfene Hosenträger für Brennan auf dem Moor; ein Eichenknie für Sawyer den Conductor und Mosquitogamaschen für den großen tropischen Scott; ein 3c Attest für Karmalita Kane; einen sonnlosen Kalender, dazu ein Schwert und Marken für Shemus O'Shaun den Postmann; einen Schakal mit Fell für Brown ohne Nolan; eine steinkalte Schulter für Donn Joe Vance; immer nur Seuchenhaus, nie eine Behausung für Honor-bright Meretrix; eine große Trommel für Billy Dunboyne; einen glomgoldenen Blasbalg, blas mich doch hoch, für Ida Ida und einen Schlummerstuhl, Elletrouvetout, für Wer-ist-Silvia – wo-ist-er?; was immer du gern trinkst, was immer du gern säufst, Yuinness oder Yennesy, Laager oder Niger, für Festus King und Roaring Peter und Frisky Shorty und Treacle Tom und O. B. Behan und Sully den Würger und Master Magrath und Peter Cloran und O'Delawarr Rossa und Nerone MacPacem und wen immer du zufällig triffst; und einen Schweisblasenbalg für Selina Susquehanna Stakelum. Was aber gab sie der Prüda Acht und der Katty Kanehl und der Peggy Bäteker und Rosa Dörnchen und Flirta Kieran und Ena Lappin und Muriel Mosel und Zusan Camac und Melissa Bradogue und Flora Ferns und Fauna Fox-Goodman und Grettna Greaney und Penelope Herder und Lezba Licking wie Liane Laga und Roxana Rohan mit Simpatica Sohan und Una Bina Larterza und Trina La Mesme und Philomena O'Farrell und Irmak Elly und Josephine Fitzroy und Lilith Schlangenhaupt und Fontans Laura und Marie Xavier Agnes Deisy Frances de Sales Macleay? Jeder einer Mama Tochter gab sie eine Mohblume und eine Blutader; aber die Trauben, die vor der Raison reifen, denen, die Weinkleidung teilen. So der Izzy, ihrem Kummermädchen, Liebe leuchtet aus Liebestränen, als von Shem, ihrem Schreibknecht, das Leben wich, eh er die Blüte erreichte.

O du Kamerun, war das ein Saalsack voll! Ein Bäcker-

induzend mit einem Schüsschen dazu! Was man so nennt: eine Geschichte von einer Wanne. ◊ All das und noch mehr in einem Krinolinumschlag, wenn du es wagst, Schweinfaßiegel zu brechen. Kein Wunder, daß vor ihr sie liefen davon, als Ob's die Pest wär. Schmeiß mir mal deine Hudsonseife rüber um des Manzanares willen. Das kinzige Stück, das übrigbleibt. Ich flöß es zurück gleich marnenfrüh. Merced mulde! Und vergiß nicht mein Beyerisch Blau, gel? Alle Strudel der Strömung sind auf Deener Seite. Kiang ich was dafür, wenn este so ist? Wer sagt denn, daß du dafar was kannst? Du hast leicht Rheda auf dem hohen Ufer. Uch steh auf dem flachen. Nur Schnupfer Tüchen treiben an mir vorbei, die der meschuggene Pfaff aus seinem Priesterrock schüttelt mit ihrer Lestherjarmarschmarzisse, daß er den Jahrmarkt des Wahns ertscht ableugne. Schmutzige Fetzen aus seiner Sioux-Bibel tu ich lesen, zum Götzern geekelt, doch kicherkitzeln mich schon die Tietel auf der Türtelseite. *Senior ga dito: Faciasi Omol E Omo fu fo.* Ho! Ho! *Senior ga dito: Faciasi Hidamol Hidamo se ga facessä.* Ha! Ha! Und *Die Dichter von Windermere* und Lefanu (Sheridan) *Das alte Haus vom Coachyard* und Mill (J.) *Ein Weib mit dito Auf dem Floß.* Ja, einen Sumpf für den Altmühler und einen Stein für sein Flossenzimmer. Ich weiß wohl wie bacchisch seine Räder sie drehen. Meine Hände sind blaukalt von Schälte und Suda wie die bunte Borceallanscherbe da auf dem Grunde. Wiewodenn? Neben dem Schilf sah ich es liegen. Huangho, wey mir, ich hab es verloren! Aimihi! Wer kann bei dem Torfwasser auch was erkennen? So nahe und doch so fern. Doch ach gehon! Ich lieb saonen Schwätzchen. Könnst lauschen und lusen auf Meer, immer mühr. Regen auf dem Fluß. Fliegen schwimmen am Kork. Dicht ist das Leben vor mir. Nun, du weißt doch oder kennest du das nicht oder saccot ich dir nie, daß jede Geschichte hat ihr Gericht und das ist das er und das sie von es. Sieh, sieh, die Dämmerung wächst.

Meine luftigen Zweige wurzeln sich ein. Und mein kalter Kegel ist abbleich. Fieluhr? Filou! Wie alt ist es? Bald ist es spät. Endlos ists her, seit ich oder njemen die Uhr von Warehouse sah. Man leg' sie in Teile, ich hurde syss murmeln. Wann wird man wieder sie ainen? Ach mein Rücken, mein Rücken, verrückt! Ich sollt mal nach Kreuznach an der Pein. Pingpong! Das ist die Glocke zum Sexaläuten! Und Konzepte vom Sancte Spritz! Peng! Wring aus die Wäsch! Wring ein den Tau! Godavari reverotte uns vor Havel! Und gewehra uns deine Gade! Aman. Wollen wir sie jetzt hier ausbreiten? Jagst, wir wollen. Flip! Brahe sie aus an deinem Borde und ich brenta meine auf mainem. Flep! Bin schon soweit. Breits! Es windaut so kühl. Der Wentgeht hoch. Ich leg ein paar Steine auf die Herberglaken. Ein Mann und seine Braut umarmten sich drina. Sonst hätt ich sie nur besprengt und gefuldat. Und hier will ich den Metzgerschurz anbinden. Er ist noch ganz seimig. Zigeuner streichen an ihm vorbei. Sechs Damhemden, zehn Taschtücher, neun ans Feuer zum Trocknen und töss zum Entziffern, Nonnenbinden zwölf, eine Babywindel. Die gute Schwätzer Joeseph, die weiß Bescheid. Was hatse gseit? Wer weiß. Halt die Goshen. Vaux ist denn nun iller ganze Kindschaft, sag? Im Reich oder in Kraft oder in Herrlichkeit, amen? Allalivial! Allalivial! Einige hier, mehre nicht mehr, mehr noch inn aller Fremde verloren. Ich hörte sie sagen, daß jene Brosch der Shannons reingeheiratet hat in eine Familie von Spanien. Und jeder DUNKOFF von Dun in Marklands Weinland jenseits von Brenndans Heringsteich nimmt Nummer sechsunsiebzig in den Yangsee Hüten. Und eine von Brigitts Pearlen tänzelte taumelnd weg, bis die verlorne histernabend anschwamm, mit einer Ringelblume und einer Schusterkerze, im Seitentracht einer Hauptgracht eines Schifforiums einer Junggellenallee. Aber alles, was dem letzten der Meagherikaner im Laufe der Jahre vorher und dazwischen verbleibt, ist

eine Knieschnalle nur und vorne zwei Angelhaken. Das sagst du mir yi? Vara und wahrhaftig. Orara por Orbe und poor Las Animas. Ussa, Ulla, wir alle sind Umbas! Mezha, hörst du nicht sintflutichemale, ufer und ufer, Antwort nach Wort? Gewiß, gewiß! Ich miß, ich miß! Das kommt von der Irrawatte, die ich in die Aaren mir streckte. Sie dämmert nur dunkel den lethsten Laut. Oronoko. Was ist denn los? Ist es der große Finnführer selber in seinem Joakimono auf seinem Standbild, das hohe Pferd reitend dort vor Hengist? Vater Otter, er ist es selbst! Drau drüben! Isters? Auf: Fallareen Common? Du denkst an Astley's Amphitheater, wo der Polist dich gehindert, dem geisterbleichen Roß der Pfefferers Zuckerstengelschnäuzchen zu machen. Wisch dir die Spinnweb, Weib, von den Augen, und breit deine Wäsche sauber. Ich kenn deine Sauarbeit lange genug. Flap! Ist Irland nüchtern, ist Irland starr. Gott elf dir, Maria, Gnadenfette, die Herrbeit ist mit mir! Deine Gebete. Isentso! Madamangot! Hast das Gläschen gekippt, Saufnase, in Conways Schwemme bei Carrigacurra? Was hab ich, Humpelthrine? Flop! Dein Hintergang ist Kräcortheumisch, nur paßt der Afterpaß nicht dazu. Bin ich nicht auf seit der Dämmerung, gemartarte Marie Allacook, mit Corrigan's Puls und Varikorzadern, die Wagenaxe kaputt, Alice Jane mit der Schwindsucht, und mein einäugiger Köter zweimal überfahren, weich ich und bleich ich Plutzappen, und schwitz und frier, eine Witwe wie ich, um meinen Tennismeistersohn prunkvoll zu kleiden, den Waschmann mit der lavandel Flanel Hose? Dein Hinken am Limpopo hast du von den heisern Husaren, als der Stehkragenkronprinz die Stadt unsicher machte und dein Schmier hat gestunken von hier bis nach Carlow. Heiliger Scamander, ich sarno es wieder! In der Nähe der goldenen Fälle. Isis in mir! Heilichte Lichte! Dartdort! Halt gefälligst den Mund, demuldiges Weib! Sist doch nur ein Brombeerstrauch oder der Dwyergray Esel, der wo den vier

alten Diemeln gehört. Minst du Tarpey und Lyons und Gregory? Ich maine sie, bittschön, jetzt alle fier, und ihr Gewiehr das der Graunebelgänger ausstößt und den ohlen Johnny MacDougal noch dazu. Ist das der Poolbeg Blitzer da hinten, fernfern Leuchtturm oder -schiff, das nahe Kisthna leuchtet oder ein Lichtschein, den in einer Hecke ich seh oder mein Garry, der aus Indien heimkommt? Wart, mein Amur, bis der Mond wieder honigt! Sturb, Avend, kleiner Evend, stirb! Wir sehen in deinen Augen das Wunder. Wir treffen uns wieder, wir trennen uns dann. Den Ort will ich suchen, wenn die Stunde du findest. Meine Bahnschein droben, wo die blaue Milch fließt. Vergibmirflink, nun geh ich! Nabend! Und du, pflück deine Uhr, Vergißmeinnicht. Dein Alandstern. So sisker bis zum Reiseend! Meine Gesichte verschwimmen immer deecker, bei die Schatten ume dem Platze. Ich ushe langsam nun auf meinem eigenen Wey, dem vilainigen Weg.ENZ geh ich ahr, doch den minho.

Ache, eine seltsame alte Skeowsha war sie doch, die Anna Livia, die klinkerzehe. Und er war sicher ein komischer Kauz, der Dove Dreckige Dumppling, der Patenunser der Fingalsöhne und Dottermädchen. Chef und Schäferin haben uns geschaffen. Hatt er nicht sieben Weibchen ihn zu beweiben? Und jedes Weib hatt ihre sieben Krücken. Und jede Krück ihre sieben Töne. Und jeder Ton einen anderen Laut. Schaum für mich und Suppe für dich und die Arsurechnung für Joe John. Bevor! Bifur! Er verheiratet seine Märkte, gute und schlechte, ich weiß es, wie jeder Etrurisch Catholische Heide, in ihren rosa limonenen Crème-Birnen und ihren türkis indigo Malven. Aber zu Michaeli wer war die Ehfrau? Damals war alles schön, was war. Dies Elvenland? Zähllose Male und glückliche Wiederkunft! Gleichfalls! Ordovico oder viricordo. Anna war, Livia ist, Plurabella wird sein. Der Nordmänner Thing machte den Südfolks Platz aber wie viele Pluraten machte jeder persön-

lich? Lateine mir das, Frau Studiosa, aus eurem Sanskrit in unser Arisch. *Hircus Civeis Eblanensis!* Er hatte Bockziegenzitzen, weiche für Waisen. Ho Herr! Zwillinge seines Busens. Herr helf uns! Und ho! Wie? Was alle Mann? Watt? Seine kichernden Töchter von. Waat?

Ich hör nicht wegen des Wassers von. Des Wassergeschwatters von. Fleddernder Flug, Feldmaus pfiß schrill. Ho! Bist du nicht derheim gegangen? Was? Den Leim gegangen? Ich hör nicht vor Mäuse Gewisper lifeylaufenden Wassers von. Ho, rett uns die Red! Mein Fus ist wie Mus. Ich fühl so alt wie jener Baum. Eine alte Mär von Shem und Shaun? All Livias Töchter söhn. Dunkle Falken hören uns. Nacht! Nacht! Mein ho Haupt halt. Ich fühl so schwer wie jener Stoa. Erzähl mir doch von John und Shaun. Wer waren Shem und Shaun lebendige Söhne oder Töchter von? Nacht nun! Sag mir, sag mir, sag mir, Baum? Nacht, nacht! Berichtigeschichte³ von Stein und Staun. Neben den flüßernden Wassern von, den hinunherrinnenden Wassern von.⁴ Nacht!

216

1) »Nun Nacht«. (*James Joyce Yearbooks*, Paris 1949, S. 175).

2) »Sag mir oh Baum.« (ibid.)

3) »Berichte Geschichte« (ibid.)

4) »Neben den wassernden Wassern von, den hierhinunddahinwassernden Wassern von.« (ibid.)

Die Übertragung von Georg Goyert ist in einer Maschinenabschrift erhalten. Über die Entstehung berichtete Daniel Brody, Leiter des Rhein Verlags in Zürich:

»Goyert übersetzte Anna Livia Plurabelle aus dem Kapitel, das unter dieser Bezeichnung bei Faber & Faber erschien. Diese Übersetzung wurde von Frau Brody und mir überarbeitet und erhielt, nach Prüfung durch Ivan Goll und, wie ich glaube, Valery Larbaud, auch das Plazet von Joyce.« (James Joyce Yearbook, hrsg. von Maria Jolas, Transition Press, Paris, 1949, S. 173)

VI. VIII. ANEXO:

VERSÃO ITALIANA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO DE LUIGI SCHENONI

O
dimmi tutto di

Anna Livia! Voglio sentire tutto
di Anna Livia. Be', conosci Anna Livia? Sì, certo, Anna Livia la
conosciamo tutti. Dimmi tutto dimmel ora. Creperai quando
sentirai. Be' sai quando il vecchio chebscalzone fece foutsco e
combìndò quello che sai. Sì, lo so, continua. Lava libera e non
spruzzare. Rimbecca le maniche e sbriglia la raganella. E non
spingermi - alt - quando ti stendi. O qualunque cosa fosse che
hanno trescato di affermare che tontò con quei due nel Fistol-
park. È un'orribile vecchia repceanaglia. Guarda la sua cami-
cia! Guarda quant'è sudicia! Ha reso tutta la mia acqua nera
accanto a me. E steepinbagna e stupiasfrega da poggi a motto.
Quante molte sono mi domando che l'ho detersa? Conosco ad-
hartmemoria i punti che gli piace insaalezare, a quel duddon-
dino di darteggiante diavolo! Mi sto scorticando le mani e se-
minando la carestia per rendere pubblica la sua biancheria pri-
vata. Battila bene col battlepicchio e puliscila: I miei polsi si so-
no paralizzati a forza di sfregare le macchie di moldavùggine. E
che dneprate di porcheria e che gangenate di peccato! Che co-
sa ha fatto per la coda del demonio la sendaimenica degli ani-
mali? E per quanto tempo è stato sotto loughiave e neagratur-
ra? È stato sul giordanale quello che ha fatto, nishignori e ficca-
naso, il re fieribondo come Humphrey, con illisso che distillava
imprese e tutto il resto. Ma il tempo lo tillerà. A lui lo conosco
bene. Il temp mareato non spet nessuno. Chi semina cento rat-
toglie protesta. Oh la rozza vecchia repceanaglia! Míngola ma-
tridemoni e mette in scena loofamori. La reeva gocchia era retta

30 e la reeva druatta era sinistra! E che gusto! E che sussiego! Co-
me soleva cacciare in alto il capo con contegno cipiglio, quan-
to simile a un chowthzalone, il famoso elduca alieno, con un
briciolo cifotico di maestà simile a un rattitore wieselvatico. E il
suo decantato accento di derycante, le sue chiacchiere da còr-
kido, la sua balbuzie doppintese e il suo pavoneggiarsi da gal-
wayocco. Chiedi a Lictor Hackett o a Lector Reade di Garda
35 Growley o al Maschietto con il Manganello. Home elsteraltro lo
chiamano? Qu' appelle? Hugo Caputo Earlyfouler. O dove è
nato o come è stato trovato? Nell'Urgotlanda, a Twistown sul
Kattagat? Nel Nuovo Hunshire, a Concord sul Merrimacco?
Chi ha battuto il maglio sulla di lei sàfice incudine o ha gridato
40 sàlta al suo 'secchio? Le sue bannpublicazioni di matrimonio
sono mai state esposte nella chiesa di Adamo ed Eva, o lui e lei
sono stati forse congiunti da un capitano? Come mia ducksorte
ti dràkeo. E con il mio anatro selvatico ti adòco. Fluente e Mon-
tagna sull'orlo del tempo fanno pesciauguri e pauidighe di
45 buon istmatale. Lei può mostrare tutti i suoi certificati, con ar-
dore e licenza di patullarsi. E se loro non si risposano che pos-
siamo mayfarlo tuamo e iolenza! Oh, pasmòrami quella e oxus-
samene un'altra! Don Dom Dombomb e il suo minuscolo in-
folléo! La sua sauté era forse assicostata con la Stork and Peli-
50 can contro i buingeladri, l'influenza e i terzi contro rischi? Ho
sentito che ha dissepellito molta grana con la sua dolce bam-
bola, prima delvinando poi devlinendo, quando ha saccheggia-
to la sua casa, Sabrina carasthore, nella gabbia di un parro-
chétto, in terre dragitrici e delta devaganti, giocando a matto e
60 tropo con il barlume della sua addombra (se ci fosse stato un
flic che spuntasse e lo tempestasse di botte) oltre la magione del
vecchio min e le Maisons Allfou e il resto degli incurabili e gli
ultimi degli immurabili, sulla quaguosa waagda per stumblino.
Chi ti ha dato da bere quella storia da zuccabarucca? È un puro
pasticcio di pemmican! Non un grasserchietto per cingerla,
non un antgranello di oro. Su una gabarra l'ha imbarquesata,

la barca della vita, lungi dall'ochéano invernicano senza porti, finché non notò in lontananza apparire la sua lacerata terra e liberò due cornacchie da sotto il suo tendone, il gran giramondo phenicio. Con l'odore delle sue alghe costruirono la pigeonhouse. Col cavolo che lo fecero! Ma dov'era Luistesso, il timoniere? Quel marchandte lui suiegui i loro sandali proprio sopra il wash della eastànglia, con il burnus da camelliere che gli batteva contro, finché non fece ratta con il suo runabondo bowmprisso e non fece borstare la sua barra. Pilcomayo! Socciachewanna! E la balena fuori con il tèmolo! Accorda il tuo piffero e mettiti a canticchiare, iditta nata, e lo sei proprio sputata! Bene; tolomèllemelo presto e trattieni l'escumo. Quando lo videro sfrecciare swifamente su per la sua saccoccia degna della regina di seb' a come un qualsiasi lord salomone, i suoi tori stavano ruhrengiando, sommersi di spreezzi. Boyarka buah! Boyana buech! Ha faticato per ernegnare la sua lilela Banbagnotta, il nostro bullo nato, il tradercante. Certo. Guarda qui: Con l'umidore della sua fonte. Non sai che è stato kaldtmato bambino della brina, Wasserbourne il waterbaby? Avemarea, sul seiro! H. C. E. ha l'ocio di merluzzo. Syrcuramente lei è badhercattiva quasi quanto lui leistesso. Chi? Anna Livia? Sì, Anna Livia. Sai che stava chiamando bakvandietro i salsi da tutt'intorno, nyumba noo, chamba choe, per scendere in campo fino a lui, il hsoo erranté cheef, e solleticare il pontefice oiscilmente? Davvero? Gota un po'! Ysselamente limmattibile? Come disse El Negro quando si guardò a la Plâtea. Oh dimmi tutto quello che voglio udire, quanto a lungo fu lasciata dal laddero dextro! Un connèwattimo dopo che cadde il rebello. Di fingere a lei non importava, sina feza, me abhsante, lui è un uomo ricco in possedimenti, il prosseneta! Prosseneta e fcosa vuol fdire? Emme al tu' lbergo hondú! Diccelo in franca lingua. E di' piena alla piena. Non ti hanno mai fatto sharivedere un ebro a skola, pezzo di antiafbetica? È proprio come se ora andassi par exemplum fino alla commissione di controllo del porto mediante telecinesi e ti

prossenetzassi. Per amor del cògito, questo è quel che è? Non pensavo botlettleaffatto che si sarebbe comportata così sloalmente. Non l'hai mai vista alla windaufinestra, che si culla su un dondolo di vimini, con una mèusica davanti, tutta lettere conniformi, e fa finta di ribbluonare una reedolente derglodía su un violino che boganpizzica senza bandonpletro? Di certo non sa fiddondeeviolinare, con bowgrazia o abbandono! Tistaspetta un suckondo. Be', non ho mai sentito una cosa simile! Dimmen l'altra ammoher. Dimm' ammoàtera. Be', il vecchio Humber era glommenansante come il gramponnono con il tarloglio alla torta e i bubbuoni da secoli e né balestriere né moschettière e balerovine brantremende sulla cresta delle rocciose e nerameno una lampada in cucina o in chiesa e buchi da gigante nella causeway di Grafton e amanite tignose attorno alla tomba di Funglus e il tumulo del gran tribuno tutto danvecciato e occonnellato, sta sittanduto sambroso sulla sua settasedia, drammengnante e dromopito, e uskiede indovinelli imbarazzanti col suo rufufflitto continegno, con la sua sciarpa di bimbolino per favorire le proprie esequie dove aveva controllato i loro mortedebiti in quel thames del mormonmattino, che cercasse e manovrasse, hoplà, salta e sprofonda, con la loro nèscita nel dailyaborioso maimoylétto, con il suo forno aperto dalle zwòlfidici alle quatte e i beccaccini di strada che pèckano i suoi crocs, famecolpente tutto solo è holdente dommesdag over hunselv, dreepportando il suo destino, perdendo le dandestaffe, e con la frangia pettinata sugli ovocchi e dromgnando in attico fino allo spettacolo delle sterne, dopo zwarte kouszerotti e wjidescanti broektaloni e le tette di budamico e il torace di pestamante e per persuadersi che Parish worthaleva thetla messa. Penseresti che tutto quello che gli apparteneva fosse dodo, da come duromiva drancemen-te nella vaal della durànca. Aveva eruttato per severneccchi anni. Ed eccola là, Anna Livia, lei non darentosa lasciarsi andare a un winkellino di sonno e continua a scorrere come il putto di una putta, Wendewandle, spess' un dito, in una gonna lappone-

stiva e guance damazzonate per guarargli bonzur al suo dolce e
 dobroso Dan. Con eufratelecchi e saltuti alle sue maggie. E ogni
 tonto gli improvvisava bloemate di fisk e laydeponeva al piede
 del suo cuore i suoi ovocchi medderosi, yayisi, e costini di ba-
 confalò staynese, una chiccherhagen tanto lillileggera di tay del-
 la Greenlandia o una dzoubgantazza di kafue mokau ausablosa
 o súkro del Sikiang o la sua ale di felci in un artistico bocciale
 di peltro e un schinkenbrotto (hujambon, buana?) per compac-
 ciare quell'uomo hog soddisfisare il suo stòmicco finché i suoi
 pirranèi non si accartocciarono in grattuge per noce moscata
 135
 mentre i suoi giunti a ginocchiera si sgranavano per la goytta e
 non raspena lei si russfrettava con il suo montecarico di viveris
 su per la menica (la rabbia del metàuvero si-swalegonfia e riese-
 sale) per il mio hardeyoso Hek lui la kasta fromevia, con uno
 stourriso di scherno, sarebbe come dire che tu sòwmini e soz-
 cogli, e se non ha palpeggiato la platterotula del suo thawenoc-
 chio, credi a me, lei era abbastanza al sicuro. E poi lei eskiedeva
 di vistolarle un inno, *Il cuore prostrato* o *I libertini di Mallow* o
 140
La calunnia è un vernicelli di Chelli Michele o un brano balleg-
 giante del *vecchio Jo Robidson*: Una suciosimile puffata di piffe-
 ro ti spezzerrebbe in due! Batteneva la henlina che cantava sulla
 turrazza di Bàbbele. Che cosa c'è di male se lei sapeva come in-
 crespate le labbra! e non un lamento da partè di Humlui, non
 piú di quanti ne faccia il legnoso liccio. È una fede? No, è un fat-
 to. Poi redigeva la ricka e royale romanche, Annona, gebrore-
 nata aroostookratika Nivia, dochter in Sensia e Arti, con i flori-
 flegi di Spark che le vellucavano il ventaglio ànnerle trecce che si
 congelavano velocemente coperte di virevlies lucciolese — men-
 tre le bellezze del ballo studentesco si pettrinavano nithotto le
 pelli di borso! — in un abito da sera in stile, di jade cangiante,
 che roberebbe il woodlegno di due careghe cardinalizie, schiac-
 cerebbe il povero Cullen e soffocherebbe MacCabe. Oh pette-
 gola! I loro passi elaborati! E brahmanava da lui giú per la ca-
 scata, con le sue femtyfix specie di finali carezzevoli e la púdor-

cipria che le rotola giú dal naso: *Vuggeborno, Mandivimini!*
Ciao caro, per favore non ceder proprio qui adesso! Sai dietro co-
 sa ha cominciato a sussurrare, con una vocina stridulina come
 quella di acquannagluck o di Madame Melba quando canta con
 Romeoreszke? Non indovinerai mai. Dimmel. Dimmel. *Phoe-*
be, cara, dimmi, oh dimmi e T'ho amato meglio di quel che sapes-
si. E lasciava capire che hun vardava matta per le sangzoni gor-
 gheggiate della sua holmepatria. *Jago èlskero saledemente hme-*
smucke lilleunge pigorine: e soaycetera e soancetera e cosciavia
 e colavia, in un tone sonora e Oom Bothar di sotto come un
 Bheri-Bheri nel suo mantello della sandymenica, così umvolosi,
 sordo come una yawmpana, lo stolto! Ma va! Povero deesordo
 165
 vecchio daddolone! Yarestai scherzando! Anna Liv? Chal-
 kovero com'è veroddio! E non saliva in sorgueondate, trotterel-
 lando verso il doonbasso e stando sul suo douro, fumando la
 sua vecchia dudhipipa, e tutte le shirvantose siligirvette e le
 wensumanti contadinotte che percorrevano le pilende strade,
 Sawy, Fundally, Daery o Maery, Milucre, Awny o Graw, non
 soleva lei far loro uno sciocco cenno o un segno per scivolare
 dentro la sallyporta? Dici proprio la silihiposta? Beduina se non
 è così! Le chiamava dentro una per una (Per Bloccobello qui!
 Qui le Shobenacadie!) e ballando una diga o due sul siliciato
 170
 per significare loro come scuotere le zampe e le carine come far
 bellamente ricordare gli indumenti piú indiscreti fuori di vista e
 tutti i modi di una ragazza con un uomo rude ed emettendo ra-
 pidamente una specie di suono chioccio come due scellini e un
 penny o mezza corona e tenendo in alto un soldino di sillear-
 gento. Signore, signore, ha fatto proprio così? Questa poi! Gli
 ha buttato fra le braccia tutte le neisose puttanelle del pondo!
 A innyunque sguadrina catturata per cui si strugge di non im-
 porta qual sesso e di modi pleissenti due addallini tannerpence
 e un lizzyolino alla lossiegazza da afferrare e habbrancare have-
 namente sul proscenio di Humpy!
 E com'era wyeryosa la rima che faceva! Odete! Odete! Dim-

mi tutta la trentità mentre strofino via il fango dalle combinazioni di Denis Florence MacCarthy. Sollevalo, fluttroso, pian pienino! Mi avvizirò sui piedi d'iodato finché non lerrynerò la cusheenloostoria di Anna Livia, che è stata scritta da uno, redelleta da due e troubata da una poule nel parco! Capisco, certo, capisco, che tu faccia. Come túmmela? Adesso ascolta. Stai ascoltando? Sí, sí! Sciuro che sí! Tarna le ousecchie! Essonna l'inne!

Per la terra e' l'nuvoloso, sicuro che ho supremo bisogno di una scarpata sana di zecca, schietto che sí, e piú consistente per giunta!
Perché l'aggeggio attaccaticcio che ho è consumato davvero, a forza di sedere, uggolando, ad aspettare il mio vecchio danesone bodderoso e dodderante, il mio compagno di vita in morte, la mia frugale chiave della nostra dispensa, la mia gobba di cammello molto alterata, il mio guastataverne, il mio miele della luna di maggio, il mio folle fino all'ultimo dicèmbirra, che si svegli dal sonnellino invernale e mi marinondi come soleva fare.

C'è in qualche irvellpošto un signore del castello o un cavaliere del shiregno all'attacco, mi chiedo, che mi sganci un soldino o due in contanti per lavare e rammendare i suoi venerandi calzini ora che abbiamo finito la zuppa di cavallo e il milklatte?

Solo perché la mia corta brittànica branda resa accogliente come aulisce è lontana mi lepperei dai piedi, andrei fino ai pantaloni della Tolka o alla plage au Clontarf per fealsentire la gaya aire della mia saltosa baia di turblino e la corsa del vengo maritino su per la mia imboscatura.

Onon! Onon! dimmi ancora. Dimmi tutto fino a ogni tèignimo particolare. Voglio sapere ogni inguldettaglio. Anche che cosa fece flyvolare le potterlontre nel buco di Jagst. E perché i vesleremi erano vetumidi. Quella fèvere di homapatria mi vince a tornare verso casa. Se il mahonuomo di horsecasa mi esentisel Saremmo bundukiboi mit un'askatiragazza. Bene, ora viene la parte piú hazelhatchicante. Dopo Clondalkin ci sono le King's Inns. Ci saremo presto con la piena. Quanti alevnennotti

aveva in flutto? Non riesco a rederlo bene. Close solo lo sa. Qualcuno dice che doveva coprire tre cifre e si è limitata a centundici, wan aduno aduno, mettendone insieme meianakuminamoya. Aleph, lamed, pe, tutta quella masnada? Non ci sarebbe abbastanza posto nel kirkeygardino. Non riesce a ricordare nemmeno meta dei nomi di culla che ha appioppato loro, neanche per la grazia dell'infallibile pianella del suo boxgeneroso bishopvescovo, il cainbastone per Kund, l'abelcarota per Eyolf e ayrlyuno o nealtro per Yacov Yea. Cento e quanti? Hanno fatto bene a recristianarla Pluhurabelle. Oh lorelei! Che loddonata di lodies! Hi ho! Ma è proprio probabile che ne diffonda di piú e piú felici, duemelli twillingosi e tripletti, sparaquattro e spogliacinqe, nordsfhkeri, sudseverni, ottosi e noveneins in una figliata. Napograndi regali, Messourignori, il fante di tutte le fantinaglie e il joker. Hiho! Dev'essere stata una vagabionda ai suoi tempi, davvero deve, piú che le piú. Shoalmente lo era, santo zio. Aveva un flumendosa tutto owensuo. Poi una tossante naransidia spaventò quella ragazza, e quindi aimai zoé mou, quell'è agapò! Dimmi, dimmi, com'è camsuccesso che è camlinscesa tra tutte le sue simili, neckarosa com'era, la divelina? Buttava i suoi pericoli avanti ai nostri porci corteggiatori da Fonte-in-Monte a Tidingtown e da Tidingtown tilhavet. Ne legava uno e buttava giù il prossimo, taptibattendo un fianco e travolgendo un jutamolò, paolando dentro e pietrando fuori, clydenando via verso la sua estfoce. Waihoumai è stato il primo a thubarla? Qualcuno è stato, huebrunqe fosse, in un attacco tattico o in singlar tenzone. Stagnaio, sàrtotilar, sauldradato, salorinaio, Piemanpovero, Peacedicante o Polistamano. Quella è la cosa che sono elwysempe in ebrocinto di eskièdere. Spingi su, spingi piú vardarment e vieni al quartier generale sulla collina! È stato l'anno di waterlow, dopo Grattan o Flood, o quando le pulzelle erano in Arco o quando i tre cominciarono le hostylità? Fidaris troverà la fonte dove sorge il Doubio come Niermand da Nirgends trovò il Nihil. Perchepeña sospiri, Albern,

Oh Anserispondi? Sciogli i pugnosi nodi del gemmiluomo, Vit-
tamente e Nuanetzimente! Per il momento lei non può mettere
la mano su di lui. Tezca di thelonare il langlo, camminando
cantawear! Una wabashtrada tanto loonga da remare all'indie-
tro! Lei stessa lo ha sidetto che quasi non sa huonchi negli anna-
li è stato il suo gravellore, un dinasta del Leinster o un lupo del
mare, o che cosa ha fatto lui o quanto blythamente lei ha giocato
o come, quando, perché, dove e quante offinvolve lui l'ha yam-
mata e come fu che l'ha tradita. Allora lei era solo una cosina
pallida tenera timida trasparente, che trottolava presso un tran-
quillo silvalunlago, e lui era un pezzo di Curraghuomo che ar-
rancava lasso e strisciava lubrico, che batteva il ferro per quelli
per cui era ancora caldo, forte come le querce (torbapace sia
con loro!) che solevano fruscicare a quel tempo accanto agli argi-
ni del Killing Kildare, per fossefallforstarsi con uno sciabordio
contro di lei. Pensava che si sarebbe sankaseduta neathotto il
suolo con ninfosa vergogna quando lui le ha fatto l'occhio di ti-
gris! Oh colpa felice! Vorrei che fosse stato lui! Qui ti sbagli, ti
sbagli corribilmente! Non è solo stasera che sei anacheronti-
stica! È stato secoli addietro, quando nullah era in nessunposto,
nella contea di Wickenlow, giardino d'Erin, prima che lei so-
gnasse di bagnare Kilbride e di transitare schiumando sotto il
ponte di Horsepass, con il grande sudorientale che le agita le
trece e il grain dilapidatore del midland che ne consegue le
tracce, per mettersi in marcia verso la foce, nel robec e nel peg-
gio, per sconocchiare e per macinare, per strofinaré e per treb-
biare per tutta la liffeyvita dorata nei campi d'orzo e nei penni-
lotti della città del guado di gratucci di Humphrey e giacere con
un saltatore terriero, un willingtonorso. Alessehimé, il lagos dei
giorni da damigella! Per la dovecolomba delle dunas! Wasu-
tist? Izod? Ne sei sarthamente suircura? Non dove il Finn flui-
sce nella Mourne, non dove la Nore prende sllivengedo dal
Bloem, non dove il Braye divatte il Viaggiatore, non dove la
Moy changez direzione tra Cullin e Conn tra Cunn e Collin? O

dove Nettuno bratta e Tritonville rema e tre leandri diedero
una botta a due eroine? Neyá, narev, non, nonni, nos! Allora in
che luogo, nell'Ow e nell'Avoca? È stato nell'yst con il wyth o
nel Lucan Yokan dove la mano dell'uomo non ha mai messo
piede? Dèllami dove, la fairymente fersima volta! Lo farò se
ascolterai. Conosci la dinkelziosa daletta di Luggelaw? Be', una
volta vi dimorava un eremita locale, Michael Arklow era il suo
rivorito nome, (con molti sospiri aspergevo i suoi lavaletti!) e
un venerderg di giugnolugio osi dolce e tanto fresca e tanto
sciolta sembrava, Nance la Nixie, Nanon L'Escaut, nel silenzio,
dei sicomori, con le orecchie tese, le curve così stimolanti che
semplicemente non si può smettere di sentirle, lui tuffò entram-
be le mani di recente consacrate, il centro delle sue cuisleazioni,
nel suo singimarino e saffronoso strumanipolo di capelli, tripar-
tendoli e consolando lei e scompigliando loro, che erano buio-
bruni e copiosi come questa rossa distesa al tramonto. Presso il
limpydlac di quella Valle di Valchiusa i celestarchi del regenba-
leno l'arrongearono orangemente. Un galbo frodisiaco, i suoi
eyocchi che lo indacavano fino al viergeorlo della violeziosità.
Pensa pensa! Proprio proprio? Mavriavvero! La luce lepida di
Letry Leck attarverso quei lauri adesso è sulla sua pietra daf-
nedáfnica e teescantata. Maassenti! Le majiche wavuonde han-
no elfu ed un meshariccioli. E Simba lo Sterminatore della sua
Oga non è sobrio. Non poteva trattenersi, thursocché teneva
tanto tepore, doveva dimenticare il monaco nel mortale, così,
strofinandola su e lisciandola giù, lui baidò le proprie lippelab-
bra sorridendole, baciabacis dopo kisokusk (mentre lui l'am-
moniva di nivemai, nivemai, nevamai) su quelle di Anna-na-
Poghue dalla fronte fiera. Mentre tu spargevi secheressa lei
hielteneva il souff. Ma ruzsalí due piedi piú irto nella aisnepro-
pria estumazione. E da allora ha traballato sui trampoli. È stato
kiswahilidente con il bantur come balsamo! Oh, lui non era il
baldo prete? E lei non era la neghittosa Livvy? Nautic Naaman
è il suo nuovo navn. Due ragazzi in braghe scoccesi l'hanno

335
ventattraversata benprima di ciò, Barefoot Burn e Wallowme Wade, noblèssimi pícti di Lugnaquillia, prima che lei tenesse una traccia di tappelli sul suo tafanario per trascondersi o un busto per tentare un canoaggiatore di birchetulla, per non parlare del búlgico barcone di una trattoria. E prima di ciò di nuovo, leadosa, ledante, tutta irraidhokoluta, troppo fiacca per tenere a galla il piú fatato dei cavalieri, troppo fragile per flirtare con una piuma di cigno, è stata leccata da un segugio, Chirripa-Chirruta, mentre poceva pipí, pura e semplice, sullo sperone della collina nel vecchio Kippure, al tempo del canto degli uccelli e della tosatura, ma prima di tutto, peggio di tutto, sinuosa e livivace, scivolò di fianco fuori da una gap nel Devils glen mentre Sally, la sua balia, era sonoramente addormentata in una stretta e, pohpoh puahpuah, precipitò su uno sfioratore prima di scoprire il proprio passo e laygiacque contorcendosi in tutte le stagnanti pozze nere di raheny sotto un cam a maggesi e rise inishfreeccente con i ramificati arti in aria e un intero branco di vergini biancospini che arrossivano e la guardavano di traverso.

340
345
350
355
360
365
Gocciolami il suono del nome di findhorneglefino, Mtu o Mti, qualchescemodue era tesimone. E colami perché è stata felciata nelle flinders. E strillami se era ondulata o era proprio una parrucca quella che portava. E da che pentecostato hanno lasciato cadere i loro guantardori, nella frutta, abacko nel west o affronto al mare? Nel timore del sentore che il suo amore ha tanto ardore o bramando biasimosa e biasimando la brama? Sei al corrente o sei fuori dell'onda? Oh, va' avanti angòara! Voglio dire con quello che sai. So benissimo quello che dire vuoi. Altro che! Ti piacerebbero le cuffie e le guimpes, grugnosa, e che io faccia tutto il jubvoro sporco sui moccichini della vecchia Veronica. Con quello che sto rancesciacquando adesso dovei andare che dirti grazie? È un grembiule o un accappatoio? Arrandí, dove hai il naso? E dov'è l'appretto? Questo non è il vedremnimo aulore della benedizione. Da qui riesco a capire, dalla loro

370
375
380
385
390
395
400
eau de Colo e dal profumo del suo oder che sono della signora Magrath. E avresti dovuto airdearli. Si sono acquasi staccati da lei. Pieghe della seta sono, non i prati di Crampton. Bap-tístreami, padre, perché lei ha peccato! Con il hso cannello di fidanzamento li ha liberati efficientemente, con gli hurrà dei suoi hip per le merlotterie delle hse ginocchia. L'unica parretina con le balze nella pianura oldintera. Sono proprio così, lo garantisco! Wellandemente bene! Se domani resta bello chi verrà a fare una bella passeggiata? Howthchi? Chiedimi poi che cosa non ho visto! I borsisti belvederesi. Coi loro cappelli da crociera e coi colori del club di canottaggio. Ehi là, si collegano! Ed ehiqua, caricano! E ci sono anche le sue lettere del nubileo. Ellis su un quaymolo in filo scarlatto. Uniti per il mondo su un campo calorato di rosso. Annandopo un exeàttime per mostrare che non sono i Laurakeeni. Oh che il diàbolo possa wiskertarsi via la tua spilla da seifebalia! Tu, figlia di Mamma, la Lílith di Kinsella! E adesso chi è stato a strappare la gamba dei suoi dravatandoni? Che gamba? Quella con i campanellini. Sciacquali bene e astonfrèttati a continuare! Dove mi sono fermata? Non fermarti mai! Continuanarrazione! Ancora non ci sei arrivata. Sto amstellancora aspettando. Garonntinua, garonntinua!

Bene, dopo che fu pubblicato sulla Wakeschrift del sittersabadagzaindehmenica-munedí dei Mendicanti della Mericordia (perché una volta sporcarono i loro guantamori di capretto bianco, biascicando il bolo dopo i loro pranzi di pollagra e baccone, con i loro mòstracelo qui e i loro là' attenzione a quello e i loro quando hai finito il materiale di lettura), perfino la sne che snowdoncò sui suoi capelli canuti aveva un po' di schifo contro di lui. Sgela, sgela, sava savuto! Sgrida il Hsuo Chúggiticone Esquire! Edappertutto eriffdove sei andata e in ogni buco in cui ti sei arvemai ficcata in cit o nei suburbi o in posti putrefatti, nella Rosa e Bottiglia o nella Taverna della Fenice, nella Power's Inn o nel Jude's Hotel o dovunque hai scourlustrato la

440 mia chanzabilità di andare in paradiso al monte di empietà di
 Tirry e Kelly per sentire tutto quanto, avrogni parola! Oh, la-
 sciami le mie facoltà, womandonna, per un wàttimo! Se non ti
 piace la mia storia scendi dal barchino. Bene, fa' come vuoi, co-
 sì. Suvvia, siediti e fa' quello che ti chiedo. Prendi il mio tocco e
 445 fletti la tua fronte. Avanti tutta e sfodera la tua compositetza!
 Sussurralo slaneycamente e buzzurralo piano. Deelmelo lang-
 samente. T'onguiti tutto il tempo che vuoi. Respira thetfonda-
 mente. Thouetaperto è il tratto navigabile. Affrettati piano e
 scheldamente andrai. Lyndacci le tue ashceneri benedette qui
 intanto che strofino le mutande del cannonico. Scorri adesso.
 Owenmoreamente. E polipoli.

450 Per prima cosa si lasciò faldère i capelli, e giú flussarono fino
 ai piedi in spirali tevitose e serpeggianti. Poi, madrenuda, si fe-
 ce uno sàmpur con acqua di gala e fraguante fango di pistania,
 wuppersopra e lauasotto, dalla zucca alle piante. Poi greesunse
 il solco della sua keelchiatta, i porri e le wearvirate, i molenei e
 le intchenrogne, con zuccherò sbriciato e serpentimo marea-
 mente treementino e con leafpacciamè si ushergirò attorno alle
 455 isles delle prunelles ed eslatò di duna, cotognacunctamente,
 tutto il piccolittle marypancio. Peelicilla goldata di cera era il
 suo gelatinventre e i suoi grani d'incenso di bronzo anguiloso.
 E dopo di ciò intrecciò una ghirlanda per i capelli. La intrecciò.
 La intralcìò. Con erba fienarola e gigli gialli di fiume, con stian-
 ce ed elodea, e con doglie cadute di salice piangente. Poi si fece
 bracciali per le caviglie e per i polsi e un amuleto di giaietto co-
 me collana di ciottoli chiassosi, di sassi scricchiolanti e di rotta-
 mi rimbombanti, richmondricchi e rehrari, di pietre di rhinar-
 huna irlandesi e di braccialetti di marmoconchiglie. Fatto ciò, e
 460 con un tocco di smutìggine negli eyocchi ariosi, Annuska Lute-
 tiavitch Pufflovah, con la crema di lollipoppa sulle lippelabbra
 e la pittura preferita sulle pommettes, dal rosso fregola al vio-
 lato extra, endrinviò le servette del suo baudeloire da Sua
 Affluenza, Ciliegia Grande e Kirschie Reale, le due chirsine, 470

405 campagna da Nannywater a Varrayville o da Porta Latina al lot-
 tin quartiere hai trovato la sua ikommgine etsyhincisa puntin-
 giú o i citti di strada che cammockridevano in suo guy e Morris
 il Man, con il ruolo di un royceross nel suo turgo il turribile,
 (Ebropehahan cheiccosa house, grazzo non scremato e yehoo-
 gurt hammano ora ciccami, Ahdahimo, da questa parte fai, Fati-
 ma, mezzo giro!) inciampando e imprecaando intorno al locale
 410 mentre i peihobassi pigolavano und gli ubanjo strimpellavano,
 con il colbacco a tripla tiara del carbonaro che rotundarotolava
 rattorno al suo scalpo. Come Pat-sulla-Neva o Pete-sul-Meer.
 Questo è l'Hausmann tutto lastricato e pavimentato che calafa-
 tò la Cabinbaracca che non fu mai posseduta che calciò la sua
 415 gamba ed hennafece il suo uovo. E la folla mauldreandina attor-
 no a lui nell'aeropago, che fracassò un cagnancano grandenor-
 me e bingkante con i loro violinisti timpanati. Occhio al
 Grimnonnino! Pensa alla Ma! Hing l'Hong è il suo hangno-
 men gioviano! Lilla un bolero, bulla una legge! Ha giurato sul
 420 cròstigeffisso nonne wyndavolte che lei è pari con tutti i loro in-
 tralci. Per la Mary del Dame della Vergine Vulnerabile! Così
 disse tra sé che avrebbe ideato un piano per improvvisare un li-
 tigio, la seminatrice di zizzania, che non se ne è nièvremai senti-
 to uno simile. Che piano? Dimmi presto e d'ungnessere tanto
 crudaele! Che cosa meurthediauolo ha maguerbinato? Bene, ha
 425 borgenato un zakasacco della posta di pelle di camoscio, con il
 luccichio di una lama della luce del suo lampione, preso in pre-
 stito da uno dei suoi scambisaputi figli, Shaun il Postino, poi è
 andata a consultare i suoi canonici boucqlibri, il vecchio Mot
 Moore, l'Euclide di Casey, la Rivista di Moda e si è preparata
 430 mareamente per unirsi al mascheretto. Oh giga goggolosa dei
 giguelloni. Non riesco a dirti come! È troppo sensazionale per
 rizoccederlo, rabbitedizione e tutto! Minachaha, minnehi min-
 naeh, minneho! Oh ma devi, devi davvero! Fai sentire il gor-
 gogorgo, come il lungo gargagarga nell'oscuro dirgoldargol!
 Per il sacro pozzo di mulhuddart, giuro che darei in pegno la

Liviam Liddel mi Lovamò Lungamente. La lithghezza del mio garretto, dico io! Indossava degli zoccoli da contadinella costellati di chiodi, un paio di contabili in loro stessi: un cappello a pan di zucchero con una visiera guadalquivrosa, una fascia di ginepro come arnomento, con un centinaio di nastri che ne scendevano saltellando e una spilla guilderata che la sforacchiava: bicicli owlglassici le bardavano gli occhi: e un fishnetzoso velo perché il sole non sciupasse il raggrinzimento del suo idospetto; anelli di patate boucqavano i leggiadri laubei delle sue lautorecchie: le sue nude calze di cuba erano salmonscreziate: sfoggiava una sottoveste di gallegò di tinto nebbiovaiparosa che non è mai stata resistente finché non si sinse nel lavarla: solidi sostegni, i rivali, lineggiavano la sua lunghezza: i suoi bockknickersi bloodorangei, un indumento due in uno, mostravano dei böggeri naturalmente negri, fantafissati, facili da sfiabiare: il suo josephmantello a strisce nere e tanmarrone era sequanase-minato e rivestito di orsacchiotto, con sinuose spalline verdi-giunco e una leapplicazione qua e là di swancigno reale: una coppia di gaspereausi zampironi erano infilati nelle sue hayroperose giarrettiere: il suo cappotto civile di codroyvelluto a coste con bottoni alfeobettici era bordato tutt'intorno da una benefatta cintura a tunnel traballante: una brillante monetina da quattro penny in ogni tascolato la pesava sicura dal windashoso boravento; aveva una molletta da bucato a cavalcioni del naso da jokifanino e keptinuava a masticare sommelcosa di strano nella bocca fiumosa e il rrekapuzzo del fleuve della coda del gawanàbito della siubhloironda sciattona si trascinava per circa ccinquantamiglia irlandesi dietro la sua lungaròdan.

Tacco di Bacco, mi dispiace di non averla vista! Santo fègato, e nessuno è svenuto! Ma in welkuale delle sue bocche? Era acceso il suo nàzeo? Tutti quelli che l'hanno veduta hanno detto che la dowlice piccola della pareva un poco strana. Polòtsia trothya, attenta alla poddlezzanghera! Signora, fa' la brava e non folcadere nel dettomare. Povera fènica hexestrega, deve es-

119

con tanti dispetti da parte della sua signora, fradici e fognosi, e una richiesta, se poteva passare da lui per un mannekino pissamente. Una visita da fare e una candela da accendere, a Brie-sull'Arrosa, di ritorno in uno sprizzettino. Il gallo batte le mine-nove, le stalle birflano sposamente, Zamboezi sta aspettando me! Ha detto che non si allontanerebbe di metà della sua lunghezza. Poi, poi, appena la gobba della sua schiena si fu girata, con il suo pacco della maisposta sopra la spalla, Anna Livia, oysterfacciata, forthuscí dal suo bassèino.

Descrivila! Spicciati, perché non puoi? Spitibatti l'iernafero finché è caldo. Non vorrei mancarla per tutto l'irthingoro del neathmondo. Neanche per il lucro di lomba strettro. Per gli oceani di Gaud, devo mosellamente sentirlo! Ogouèati presta! Leste, prima che Julia la veda! Era ishikarrymente washimeskerata, la carishante caratirmaniosa? Tutt'una lady fairosa? Duodecimalmente morosa? Bon a ventura? Malagarasytante? Che cosa aveva addosso, la liddelosa oudònica originale? Quanto gratinava, tra finimenti e carico? Eccola qui, Amnistry Ann! Chiamare hlei calamity eletrizza gli uomini.

Nessuna elettrice se non la vecchia Moppa Necessità, anginante madre dell'indionventiva. Ti tambureggio con una testaprova. Ma devi stare statica. Te ne rimarrai peacetranquilla e ascolterai bene quello che adesso ti dirò. Potevano essere stati dieci o venti all'una della notte di Agnimorti o del novello di aprile quando la falda del suo hooglyoso igloo si aprí con un fruscío e se ne tictactò fuori una bushidonna, la momamma piú cara che si sia mai vista; salutò intorno con un cenno del capo, tutta sorrisi, con em di embarrasso e au di awerenza, tra due aetates, una vera judyqueena, non degna di arrivarti all'elbago-mito. Svelta, guardala bene e saiscogli la sua stravaganza, perché piú lungalta vive piú cortaliscia diventa. Sávaci e tagoprèndici! Niente piú? Werradove all'ourthemondo hai spolpato una braciola di Lambay grande come un ariete battente? Sì, hai ragione. Sono sull'èptepunto di dimenticare, Leistessa come

117

505

510

515

520

525

530

535

475

480

485

490

495

500

sersi charstancata molto. Una kickamosa piú trasandata non l'hai mai vista! Hå fatto gli occhi di mushkosa mulleiriglia ai suoi ragazzi dobelionesi. E loro hanno coronato la loro queen regina charitoniana, tutte le maliziose ragazze modello. Dei mai? Non lo sai! Buon per lei che non abbia potuto vedersi. Wharfedunque regnitznosco che il tesoruccio ha murrayappannato il suo magico specchio. Davvero? Merseyricordia! C'era un koros di lavoratori di superficie poverparenti che boomenslangavano e masticavano tabacco, fruttoccheggianti e frorosucchianti, in contemplazione della fluttuazione e dell'ondificazione della sua filamentazione, che ciondolavano e cabalavano sul North Lazar's Waal tutta la settimana di eelfuoco, vicino al castello di Jukar Yoick e appena l'hanno vista meandreggiare per quella strada marrítima con le sue gramálge da vedovinvernale e hanno capito chi c'era sotto il suo bonnetto da arcidiaconessa, fishesce di Avondale e poissonveleno di Clarence, falaschi l'an per l'aneberaltro, Wit-sulle-Crouch a Master Bates: *Tra le nostre due southsaziate e il granito che stanno scaldando, o il suo viso è stato ritidectomizzato o Alp s'è drogata!*

Ma qual era il gioco nel suo misto bhagirhattismo? Solo il tembo nel suo timbo o pilipili dalla sua pepaiola? Saarologi e taalampadé e speci bizaar. E dove thundérdiavolo ha saccheggionato? Prima della battleglia o efterdopo il ballo? Voglio impararlo frisko dalla sorgente. Aubetto la mia bearba che vale la worthpena continuare a sconfinare! Sveglia, su, su! È un buon vecchio figlio di scolputtana! Giuro che farò in modo che ne valga la pena. E non farneico forse. E neppure con un pagherò. Speydimmi la prutverità e non ti tacerò un tozzo.

Bene, arungirondamente in una lynea waveneyondosa aringaronnarumeando lei cianciava ciondolando e sgambettando, dribblando la folla dei suoi boulderciottoili narovintorno al muschio, la duileasedama, dal nostro lato piú debole e la vildselvatica vecchia contro di noi, curaray qui, carrera là, senza sapere in quale medwaymodo o wesermaniera colpirlo, edereidermente,

540 facendo chattahoocheare tutto ai suoi ainpropri chichiangchenfigli, come Santa Klaus alla creazione del pallido e del patito, nistlingcoltando per sentire i loro minuscoli amici del cuore, con le braccia che circondavano Isolabella, poi rincorrendo con Romasòmolo e Reims riconciliati, avanti come un caparbio canalech per filare come una dartfreccia, per poi bagnare di saaliva gli schizzi di Hans lo Sporco, con un boxregalo di Natale atesta per aischcuno iverlamente dei suoi figli, i doni di gopleanno che loro sognavano di gabedarle, il bottino viziato che fleetemente lei depose alla nostra porta! Sullo zerbino, vicino alla versanda e dentro sotto la cantina. I ruscelletti si riversarono floodamente per mervedere, i glashaboygazzi e le pollynfanciule. Dal navigozio di bracepagni alla piradella. E tutti intorno a lei, giovanilotti e ingenuine, dal brago dei loro bassifondi e delle loro wellingpozze artesane, rachitici e rivoltosi, come i ragazzi di Smyly all'udienza matrutina della sua viceregina. Vivi vienne, piccola Annchen! Vielo Anna, bel mondo! Solfeggiaci un sulasolo, Oh susúria! Ausone sidulcis! Che tambreoso carattere ha! Se la si canzonava e si faceva un po' di chirchiasso o una jaribefafa a ogni dive lei neballungava la mano nel suo culdeesacco di wabbashcheria lei ne raabcoglieva un po' e ripartiva la sua maunlemòsimosa meerschamunzia, poor souvenit, come per ricordere, e tutto per sura aringherinnerung, carogne e ciabattini, ritardatari e giovanotti in fiore, i suoi figli furzogeniti e le sue rampolle ribblederriycanti, mille e uno di loro, e wickerosa sorte a ciascuno. Nei trasecoli dei secoli. E tirabacia le buchcuoia. Il bando di uno stagnato e una barrowpentola per bollirci il becco a Gipsy Lee; un paiolo di zuppa di pollo e porri a Chummy il Guardiano; all'acido nipote del corrucciato Pen-der dragées di deltoidi, curiosamente forti; un convulso di tosse, un rantolo e cera di rosa di macchia alla povera Piccolina Petite MacFarlane; un puzze di aghi e spilli, coperte e shinstinchi tra tutt'e due a Isabel, Jezebel e a Llewelyn Mimarriage; un brasenose di bronzo e guantoni di ghisa a Johnny Walker il Beig;

una bandiera papare dei santi e delle strisce a Kevineen O'Dea; un puffuff a Pudge Craig e una lepre nottemarcante a Techer-tim Tombigby; gambadacqua e stivaloni di gomma per ognuno a Bully Hayes e a Hurricane Hartigan; un heartcuore prodigo e vitelpolpacci ingrassati a Buck Jones, la protervia di Clonliffe; una pagnotta di pane e la prima mira di un padre a Val da Skib-bereen; un barroccino irlandese a Larry Doolin, il bellimbusto di Ballylee; una crociera maldimare su una galera del governo a Teague O'Flanagan; un tropo e una trappola a Jerry Coyle; una torta farcita di poltiglia ad Andy Mackenzie; una molletta per capelli e un piatto da mendicante a Penceless Peter; quello sguardo da dodici toni a G. V. Brooke; una bambola banalmen-te affogata, con il viso verso il basso, alla modesta Sorella Anne Mortimer; gradoni d'altare per la branda di Blanchisse; braghette alla Wildair a Maggeg Woppington; a Sue.Dot un mau-sgrande iocchio; a Sam Dash un passo falso; serpenti nel trifoglio, pictati e scotziati, e un visto da acchiappatore di vipere vaticanscatolato a Patsy Presbys; un reizollético tutte le matrine a Standfast Dick e una goccia tutti i minuti a Stumblestone Davy; brandelli di quercia a Biddy la beatificata; due sagabelli di tweed di mela a Eva Mobbely; a Saara Philpot una valle giordanica di ornelacrime; una pittoresca boxcatolina di Polvere Pettyfib a Eileen Aruna per imbiancarsi i denti e surclassare Helen Arhone; una trottoia a Eddy Lawless; a Kitty Coleraine di Butter-man's Lane un centesimo risparmiato per la sua brocca sperperatrice; un badile di stucco a Terry il Puckauno; una maschera di apòtamo a Duane il Promotore; un uovo di dnestrasqua con un guscio a doppia data e un diritto di dinametto a Pavl il Cura-to; un morbus coleroso a Mann nel Cloacamantello; una starr e una cinta di girton a Drappiere e Decano; a Will-of-the-Wisp e a Barry-the-Bark due barbietole nobeli per addolcire svezia-mente le loro amarezze; a Oliver Bound una strada inishverso il suo freebuco; a Seumas, pensato poco, una corona che lui sente grande; una pila tiberina con una croce di Congoswood sulla

schiena a Sunny Twinjim; un sia lodato e concedimigiorni a Brian il Bravo; penteprofusione di pietà con lubilotti di lussu-ria a Olona Lena Magdalena; a Camilla, Dromilla, Ludmilla, Mamilla, un secchio, un cocchio, uno scritto e un cuscino; a Nancy Shannon una spilla di Tuaimi; a Dora Riparia Hopeand-water una siringa per irrigazioni per rinfrescarsi e una padella per riscaldarsi; un paio di bravate blarneyose a Wally Meagher; una matrita di grafite a forma di forcina a Elsie Oram, per grat-tarsi la topa, e che faccia del suo meglio con le frazioni volgari; una pensione di vecchiaia a Betty Bellezza; una bisaccia di blues a Funny Fitz; una *Missa pro Mexa* a Taff de Taff; Jill, una gonza di ragazza, a Jack, il giovanotto in gamba; un vigile digiu-no da Venerd' di Rogerson Crusoe a Caducus Angelus Rubi-constein; trecentosessantasei tynefli di poplin per ogni chime-rordito tesò nella trama del tessitore a Victor Hugonot; un ra-strello rigidamente fissato e un buon letame di varians a Kate la Donna delle Pulizie; un buco nella ballata a Hosty; due dozzi-ne di culle a F. X. P. Coppinger; diecilibbredici di botto per il barnnato di daulphino con cinque petardi picchiati a Infanta; una lettera esaltante che si estenda un'esistenza intera a Maggi al di là del cenerario; la piú robusta donna congelata da Lusk a Livienbad a Felim il Ferry; spas e speranza e sciropo di sim-posio a Gough, deperito, cieco e gottoso; un cambio di naves e gioie di illmali ad Armoricus Tristram Amoor Saint.Lawrence; una camicia a ghigliottina a Reuben Redbreast e sospenditori di canapa a Brennan on the Moor; un ocoanneeto a Conditor Sawyer e morsi di musquodoboitzanzare al Gran Tropical Scott; un peduncolo C, a Karmalite Kane; una mappa del mese senza sofe, compresi la spada e francobolli speciali, a Shernus O'Shaun il Postino; uno jekylllo con tutta la hydepelle a Brown tranne Nolan; una spalla fredda come un sasso a Donn Joe Vance; tutto lockserratura e niente ospedalstalla a Honor-bright la Merreytrickxe; un badiale tamburo a Billy Dunboyne; un soffetto delittuosamente doratuccio, sottfiammi sfiàtami, a

assai spaziosa. Solo un cartoccio di tabacco fluttua verso di me, che il dvina decano completamente picchiato ha cacciato fuori della cotta con il narciso di marchpalude del suo estheranno scorso per fargli confessare la sua fiera della vanessità. Fumetti osceni della sua bibbia in chinook certo che ne ho letti, dodwellamente disgustata, ma ho cicerchiato con grandi cachinni al tittolo stampato sulla tàttola pagina. *Senior ga dito: Faciasi Omo! E omo fu fò. Ho! Ho! Senior ga dito: Faciasi Hidamo! Hidamo se ga facessà. Ha! Ha! E Die Windermere Dichter e la vecchia House by the Coachyard di Le Fanu (Sheridan) e On Woman di Millmulin (J.) con L'Idem sulla Floss. Ja, una palude per Altmühler e una pietra per le sue flossettime! So quanto vivamente muovono la sua ruota. Le mie mani sono blauwcaulde tra il whiskar e la suda come quel pezzo di porcellana chaynemente decorata laggü, che è caduto aldissotto. Oppur dov'è? Coricato accanto ai càrici l'ho visto con la coda dell'occhio. Hoangho, mio cruccio, l'ho lostperduto! Aimihi! Con quell'acqua tòrbada chi l'ha potuto vedere? Così vicino eppur tanto lontano! Ma oh, continua! Ho lovatmato un gabbatore. Potrei ascoltare ancora maura e moravamente. Regn onder il rapido fiume. Mosche fai flutuare. Tosta è la vita per iolago.*

Be', lo sai o non lo sai kennetamente o non te l'ho detto testé che ogni trama ha la sua talingfine e questo è il luisucco del leidiscorso. Guarda, guarda, il buio si addensa! I miei rami più alti stanno mettendo rootradici. E il mio cavo chersedile è diventato ashleycenere. Fieluhr? Filou! Che età sono? Saonamente è tardi. Sono infiniti secoli adesso da sennaquando iocchio o ierwhonaltro abbiamo scorto per l'ultima volta il cloghrologio della Waterhouse. L'hanno fatto a pezzi, li ho hurditi sospirare. Quando lo rimetteranno insieme? Oh, le mie reniback, reniback, reniback! Vorrei andare ad Ache-les-Pains. Pingpongo! Ecco la Bellecampana per le Sessoeläuten! E Concepta de Mandaci-a- pregare! Pang! Strizza fuori i vestiti vecchi! Strizza dentro la rugiada nuova! Godavari, vertrovescia i showercquazzo

Ida Ida e una sedia a dondolo hushabynnosa, Elletrouvetout, a Chi-è-più-silvia - Cos'è-lui; chiunque cosa piaccia loro swillytrincare per sguazzare, Yuinness o Yennesy, Laagen o Niger, a Festus King, Roaring Peter, Frisky Shorty, Treacle Tom, O. B. Behan, Sully il Thug, Master Magrath, Peter Clo-ran, O'Delawarr Rossa, Neronem MacPacem e a chiunque ti capiti di incontrare che gozzovigli in giro; e un pallone di vescica di porco a Selina Susquehanna Stakelum. Ma che cosa ha dato a Pruda Ward, a Katty Kanel, a Peggy Quilty, a Briery Brosna, a Teasy Kieran, a Ena Lappin, a Muriel Maassy, a Zusan Camac, a Melissa Bradogue, a Flora Ferns, a Fauna Fox-Goodman, a Grettina Greaney, a Penelope Inglesante, a Lezba Licking letteralmente simile a Leytha Liane, a Roxana Rohan con Simpatica Sohan, a Una Bina Laterza e a Trina La Mesme, a Philomena O'Farrell e a Irmak Elly, a Josephine Foyle e a Snakeshead Lily, a Fountainoy Laura e a Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? Ha dato loro, a ilka figlia di madre, una margherita e una bloodvena: ma l'uva che matura prima della ragione a coloro che vedono il vinetorchio. Quindi su Izzy, la sua ondtacameriera, l'amore splendette oltre le lacrime come da Shem, il suo pennpotente, la vita passò altre la gioventù.

Mio coglionello, wardhamente un sacco! Una dusinda del bakerfornajo con bruscolosi briciolini benaggiunta. Puoi davvero maychiamarlo un babelico racconto della botte! E mercato ibernònico! Tutto quello e molto di più sotto un involucro a crinolina se osi spezzare il sigillo del salvadanaio. Non c'è da meravigliarsi se scappano dalla sua epidemia estremamente pi-sonvelenosa. Buttaci il tuo sapone hudson per l'onore di Clane! L'acidulo sapore lasciato dall'acqua lo flotterò indietro, per prima cosa domarne mattina. Merced mulde! Sì, e non dimenticare la reckírta che ti ho lohimpreato. Hai tutti i vortici dal tuo versante della corrente. Be', che colpa ne ho se ce li ho? Chi ha detto che ne hai colpa se ce li hai? Sei un poco spigolosa. Sono

710

715

720

725

730

735

740

675

680

685

690

695

700

705

ni! E concedici la thaya grazia! Aman. Li stenderemo qui, adesso? Sì, Plic! Stendili sulla tua riva, e io stenderò i miei sulla mia. Ploc! È quello che sto facendo. Stendi! È chiaramente un freddo churningliale. Der vento sta alzandosi. Metterò qualche liscia pietra sulle lenzuola dell'ostello. Un uomo e la sua bride-sposa abbracciati tra loro. Altrimenti avrei inumidito e piegato solo loro. E legherò qui il mio grembiule da macellaio. È ancora pieno di sugna. Gli scioperati lo ignoreranno. Sei sottovesti, dieci fazzoletti, nove da tenere contro il fuoco e questo per il co-dice, i tovaglioli del convento, dodici, uno scialle da bambino. La buona madre Jossipha lo sa, ha detto. Che sacchetto? Mutter sbuffa? Dea taceas! Dove wharnow sono adesso alletutti i suoi figli, di? Nel regno andato o nel potere a venire o nella gloria sia a loro padre più lontano? Allalivia, allalluvia! Qualcuno qua, i più non più, più ancora lostpersi alla estranea. Ho sentito dire che quella stessa spilla degli Shannon si è sposata con uno di famiglia spagnola. E che tutti i Dunder de Dunne nella Vine-land della Marklanda oltre la pozzanghera di Brendano brulicante di anguille hanno preso il numero nove di cappello, yangtzemente. E uno dei brandelli di Biddy ha continuato a balonzolare finché lei non si è raccolta lostieri istersera con una candelula e con la candela di un ciabattino in un ramo marginale del collettore principale di un malconcio locale per omidifretta dalle parti di Bachelor's Walk. Ma tutto quello che è sopravvanzato all'ultimo superstite dei Meagher nel loupcorso degli anni prefissati e mezzemezzo è una fibbia per fermare i calzoni al ginocchio e due ganci sul davanti. Me lo dici adesso? Sì, affè mia. Orara por Orbe e pòre Las Animas! Ussa, Ulla, siamo tutti umbe! Mezha, l'hai sentito un diluvio di volte, ufancora e ancora, rispundere dalle sponde? L'hai detto, l'hai detto! Perfetto, perfetto! È quel batuffolo irawaddyoso che mi sono attizzata nelle aarecchie. Hushethutisce quasi ogni leteminimo tumore. Oronoko! Cos'hai che non va? È il grande Finndlater stesso nel chimono da Joachino sulla sua statua, a cavalcioni dell'horsa-

vallo hborioso, che là s'hengestrizza? Padre delle otteracque, è proprio lui! Yonnevedì laggiù! Issetamente là? Sul Fallareens Commons? Stai pensando all'Anfiteatro di Astley dove lo sbirro ti ha fermato mentre facevi boccacce zuccherzeppe all'horsevallo biancospettro dei Pepper. Scosta le ragnetele dagli occhi, donna, e stendi il bucato per bene! È una buona cosa che tu conosca che specie di sbirro sei. Plac! L'Irlanda sobria è l'Irlanda in secca. Che Dio ti aiuti, Maria, piena di grasso, il fardello del Signore è con me! Le tue preghiere. I' son zotica! Mardammangut! Hai alzato il gomito, dimmel, ceffo vetroso, nella cànova di Conway, a Carrigacurra? Ho che cosa, anche arrancanti? Ploc! Il tuo portamento posteriore è gretoreumano ma forse le tue fesse non sono d'accordo. Non sono in piedi dall'alba ammollo, martzarizzata come mary allacoque, con il polso di Corrigan e le vene varicozze, con l'assale della mia carrozzina fracassato, Alice Jane un pochino in declino, e con il mio bastardino con un occhio solo investito per due volte, a strizzare e candeggiare stracci da caldaia e a sudare freddo, una vedova come me, per abbigliare il mio sonfiglio campione di tennis, l'uomo della liscivia, con i pantaloni di flanella alla lavandière? Ti sei guadagnata il tuo limpio da limpopasso dagli ussari ubertosamente robusti quando Collars and Cuffs era erede della città e la tua maldicenza ha spedito i miasmi fino a Carlow. Santo scamandro, l'è sattamente l'ho visto di nuovo! Vicino alle Golden Falls. Icisproprio su di noi! Sèinti della luce! Guarda zeze-relà! Fa' più piano, hàlele creatura! Che cos'è se non un'escrecenza burrosamente spinosomàrica o l'asino dwyergraygio che posseggono quei quattro vecchi originali. Stai memanparlando di Tarpey, Lyons e Gregory? Meynevoglio proprio dire, tante scuse a loro quattro e al loro strepito, che dravaspinge quel randidagio nella nebbia e il vecchio Johnny MacDougal insieme a loro. È il lampeggiatore di Poolbeg laggiù, farfarlontano, o una lancia antincendio che bordeggia vicino alla kishna o un migliore che contemplo dentro una siepe o il mio Garry ritornato

dalle Indes? Aspetta fino allo smielamento delle lune, luce del mio cuore! Muori eva, piccola eva, muori! Vediamo quello stupore nel tuo occhio. Ci incontreremo di nuovo, ci separeremo ancora una volta. Il posto lo procurerò io, se l'ora la troverai tu. La mia carta risplende in alto dove il milkiarte blu è stato rovesciato. Perdonami presto! Me ne sto andando! Bubyead-dio! E tu strappa il tuo orologio, nontiscordardime. La tua evenlòdica stella polare. Così savasía fino alla fine del jurnaggio! I miei occhi nuotano oscuramente, piú offuscati dalle ombre fino a questo luogo. Mi trascino verso casa torpidamente, adesso, per la mia propria via, la via di moyvalley. Towyan-ch'io, per la rathmía.

Ah, ma lei era la strana vecchia skeowskhamíca adognimodo, Anna Livia, trinkentamente! E di certo anche lui era un quarestrano bunzo, quel Diletto Degenere Dolcino, fanatico pasticcionpadrigno dei fingsalragazzi e delle rioragazze. Befane e bifolchi, siamo tutti i loro banditi. Non aveva sette dighe da prendere in moglie? Ed evogni diga aveva i suoi sette crucicchi. Ed evogni crucicchio aveva i suoi sette holori. Ed evogni holore aveva un clamore diverso. Zàchere per me e zuppa per te e il conto del dottore per Joe John. Befeggia! Biforca! Ha sposato la sua scorbutica margate, ciancia a pancia, lo so, come qualsiasi Etrusco Cattolico Hpagano, nei suoi birnei rosa limone crema e nei suoi malva turkiss indienne. Ma a milksanmichele chi era la sposa? Allora tutto quello era giusto. Tystàci, Elvenlanda! Ventine di volte e cento di quei giorni. Il seimstesso di nuovo. Ordovico o viricordo. Anna fu, Livia è, Plurabelle sarà. La thing-camera dei nordici ha fatto posto a southfolk ma quantimolti pluratori han fatto ognuno in persona? Sladínami questo, mia scolarda del trinity, dall'euretuo sanscredo all'ournoistro eirendese! *Hircus Cwis Eblanensis!* Aveva capezzoli da caprone, dolci per gli orfani. Ho, signore! Gemelli del suo seno. Il Signore ci salvi! E ho! Ehi? Cosa tutti gli uomini. Hotsa? Le sue ridacchianti figlie di. Cousa?

Non riesco a sentire con l'acque bisbiglie di. Le mormorichianti acque di. Pipistrelli volicchianti, il parlottare dei topi campagnoli. Ho! Non sei tornat' a casa? Che roba mancava? Non riesco a sentire con il parlottare dei pipistrelli, con le liffigianti acque di. Ho, parla, salvaci! I miei oossuti piedi non si mooseòvono. Mi sento vecchia come quell'elmlontano olmo. Una storia spifferata di Shaum o di Shem? Tutt'i figliefiglie di Livia. Scuri sparvieri ci sentono. Notte! Notte! La mia tozza testa tentenna. Mi sento greve come quel stonsasso. Mi dici di John o di Shaun? Chi erano Shem e Shaun i vivi figli e figlie di? Notte nera! Dimmel, dimmel, dimmel olmo! Notte! Notte! Dimmi il detto di stelo e sasso. Accanto alle frumeggianti acque di, alle quaelavaganti acque di. Notte!

VI. IX. ANEXO:

VERSÃO ESPANHOLA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO DE FRANCISCO GARCÍA TORTOSA

O
dímelo to de

Anna Livia! Quiero oírlo to

de Anna Livia. Bueno, conoces a Anna Livia? Sí, claro, tol mundo conoce a Anna Livia. Cuéntamelo to. Cuéntamelo ya. Te vas a morir cuando te enteres. Bueno, ya sabes lo del viejo calandrajo ganforro que hizo lo que sabes. Sí, ya lo sé, sigue. Lava lla. Y no me empures—sool—cuando te encorves. O lo que tresaran soltar que intrestó doser en el Parque Findio. Es un viejo carona asqueroso. Mira qué camisal Mira qué sucial Me tiene tol agua ciénegra. Y en sopapa y en emplasta desde el vikingo pasao astahora. La habré lavao veces? Me sé de memoria los sitios que gusta engolfar, dudublercodiantre! Frisando mis manos y apiolando gazuzas pa hacer públicos sus sucios pingajos. Batea l'o bien con la bateya y limpialo. Tengo las muñecas mohosas de frotar las mancas manchas. Los beerfoches del randa y las gangres de su vicio! Qué fue lo que hizo que dicen que fizo en Animal Domini? Y cuánto tiempo bañolas a piedra y lodo? Fue novicia lo que hizo, nietoloesperas, es pior, el Rey frentético Humphrey, con pulisitas ararnas, aventis y tos. Pero Tonal dirhem. Sé que sí. Tempo corriente no aguarda a la gente. Quien prima vereas así baja marea. O, sobado estrupador! Sinvergaonzoneando el matrimonio y foliando a barlovento.

[196]

[139]

Golilla Ledra vera a derecho y Golilla Godo vera a siniestro! Pero qué caneco! Pero qué vergao! Cómo alcazaba la cabeza tan alta como cabezo, el gran de yerro de uca a lion, con una renga regia encima como un camata ratas andante. Y su deje de derry y su corkney perora y su double taraja y su calawaymetias. Pregúntale a Lictor Língua o a Lector Lee de Guarda Garapeo o Capel? Huges Caputes Enciemes. O dónde nació ó cómo se encontró? Urghotland, Triston en el Categat? New Hunshire, Concord en el Merrimac? Quién cruciforjó el cuento conyuncal o pinó bulos de balde? Nunca le tiramollaron introitos en Adán y Eve o no fueron más que por naviculario ayudados? Por mi odre donesa yo te anadino. Y por mi juta yo te quetreo. Fluvia y Mont al borde del tiempo mudan deseboos y rescoldos en felicistmos advientos. Muestra tos sus frunces, con amar, laica ciencia pa chanza. Y si no se recasan que tul y yojalá podamos! O, pasa desolla y bobusca delotro! Tal Chal Chalá y su folla filena! Tenía su salupa costea en la Ciconia y el Tocooco contra piltros y flautos y reskata a terciarios? Oí camasó buena guita con su peona, caguen vachen y luego doblen, cuando la metió a su manida, Sabrina corilla, en jaula periclotra, por tierras pednias grossas y bocanas barradas, jugando al catón y al gamito con el fulgor de su humbría, (si hubiera habido allí un grullo gálico que lo populara y le pepeará) más allá de la min mansa machucha y Maisons Ofú y el resto de los incurables y el último de los inmueroables, calce carruna a du clín. Quién te saldó san vispero cuento? Pasta pastosa de pelíncano! Ni sortijamontes que la engrillara, ni horomiguilla que la encobrara. En gabarra lo blandró, bote de vida, desde el Ivernikan Okean sin calas, hasta que espizó la silueta de su meta y soltó dos croadores bajo su vela, el gran Phenicio errante. Por el olor de su alga dieron con el palo mino. El jolgorio que tuvieron! Pero dónde estaba Héj, el timonel? Aquel marchacante suivió sus escotillas a través de la bogada, las chirlabas de su camellera, chiflón sobre él, hasta que con sus maslos reanegaos encalló y su barra empechó. Pilcomayo! Quéveryago! Da ro la va llena lleva la ro da! Atuna

Dirce Waltrick do Amaranjo
dwa@matrix.com.br

[197]

[141]

tus pipas y empieza a murmurjar, tú, igipciota de nacimiento, que no te queas corta! Bueno, ptolomea ya y enraya tu horrua. Cuando lo viejón disparar swifamente espata arriba de su saba, como cualquier solomíco soberano solmón, sus colpos ragían cubiertos de polvo. Vaya boyardá! Bamba buhenal! Se ganó su Bombocodomo con trabajo, la borona nuestra de caden cia, el traitante. Tal cual. Mira esto. El mador de su tajamara. No sabes que lo llameaban como una galopina salina, Mói ses, el bebelínfo? Havemarea, de moda que fue él! H.C.E. ha curadillo él. 'Nora, ella es tan santanáas que él misma. Quién? Anna Livia? Ay, Anna Livia. Sabes que ella llamamaba chaveas napeas por tos laos, nyumba nu, chamba chu, pa trajinarlo, su' percebo preboste, y papa embararlo con comio asi-oas? Sif? Qué sorra! Yssel límmaté? Como la guiñada del Negro cuando visoñó La Plata. O, dime to que quiero oír, qué tracto fue sinestrósum a su escalátere dextro! Un acufí furtivo cuando cayó el culibrí. Soltarlo no le importó, sina dina, me absantee, al viador en pasión, proxeneta! Proxeneta y queso es queso? Y una Emma pa tu russiante Hunda jerga! Dinos en franca lengua. Cadarroyo en su raya. Nunca te ensañaron el ebroo en al cote, tú, antiabecedaria? Es lo mismo que sí yo ahora fuera y, par exampulum, por conservación y por telekinesis fuera y te proxenetara. Por el amor didimo yes oes lo que es? De nukua batella cabrilé yo que fuera tan adigno. No la guipaste en su portilla fayanca, banvoleando en butaca denea, con méusica antella tos letras conoiformes, fingiendo que lujía una adivipanza de treno de cuerno violabogando sin abandon? Seguro que no sabe violinar ni dos, con arto o harangano! Seguro que no sabe! Qué mamanto! Hoya, jamás oío nao semejante! Cuéntame masa. Cuéntame hasta el cuenco. Si, el tunante de Humber apenumbrado estaba como torca, con las trivessas hasta el thoni y bordoneando bubones, y en bocana ni pistola ni pistón, ni carnacla en tenante en la creta de las toscas, noraita en candil cokinero ni en inglesia ni boquetes gigantes en el camino de Grafton ni canjura de hongos junto a la tumba de Flungus ni el tùmulo del gran tribuno atumulando cizanas, sintao sambrio en su asiento, sonando y soñando, incantiendo quisi quixotes a su triste figurancia, su bufanda infantilina para marjorar sus oxequias donde comprababa

[198]

[143]

los dóbitos en ese día-río morriano, prebuscando y manosentando, al bote, al trote y matarije, con abaríos en fajinas magantas, pajarera abierta desde la crehuela hasta el four'o y las avechuchas de esquina hozándole la olla, zurriagándose a solas y jabalconeando el tagarote sobre huno misma, manoteniéndose el desatino, con la rabia en alto, y el tufo atufado sobre los ojonés e imajonando pajares morrenas hasta la visura del rabo de régulo, tras sienas medias y zapatos algantes y esas titis de buda y con ijar de peste y con tal de ser iguales Parish bien vale una miersa. Se creía que to era dudó y era suya al tornarse en vil siesta en trans il vaal. Estuvo rigordando por si te anos. Y allí estaba ella, Ana Livia, sin juder pegar ujier. Hopeando por ahí como una cuca de cría, Wendequewanda, un deodancho, con falda laponzista y carrillos damazones, para esearle bonzour a su divo dublio Dan. Con neutrates y salest de sus maris. Y escasi siempre le cusinaba torteras de fiskao y ella echaba al fogón d'el los mozulentos ojos della, y es oislo, y coastadas de pacón panés y copanhaguas con cloro teame clara y suspitaza de mukho cafú en sable o sucre sikiano o ale helecha en tuesta petra y un lacompán (jamonjá, bananá?) pasatisfallar ese gocho de hombre que doblallene el bandujo hasta que las pyrrhinillas della se encogiten en ralladores de macía mientras su serrátil sagita con gusto y rápida corria con su boquilla de vípora hasta la gola dura riba (me tauro de rabia se flincha y se empilma) mi jorna dura Hek los había ya desportado, con deprício y desdés, que es como decir cochi cucho, y si no le pegó la plata de, credilla-me, abia da ba. Y luego le perdía que le silvera un gorigori, *Corazón Doblegado* o *Malva Perdigón* o *La Calumnia è un Vermicelli* de Chelli Michele o un povito golpito ov viejo *Jo Robidson*. Tal aflata de flauta tea monjonaría! Ella le compasaría la chachalaca que cacareó en el poyato de Babel. Qué daño si supo cayayar el bozol Ni chiriamari de Hum ni nada de masa mangulla. Es eso certo? ~~Es-aseco~~. Entonces al miar la rica y roya romancha, Annona, ~~gebrolada~~ areostokroática Nivia, poetiga de senso y d'Arte, con pyrrupiosolios de chispas chispasteando su sopliillo, issus hielifricantes trences salpicadas de vireflays,—

[199]

[145]

mientras las bejlezas de bordadas cubrijalezaban bajasas piéles!— En tiempos jaiques de daifa mudable que apañaría el tronco de dos fardenales sitiales y estupraría al pobre Cullen y apacañía a MacCabe. O noraki Parches pórporsi Y brahmándotes, el garrojo abajo, con su fontifx fariedades de ramales reameantes, la puti taría remota braca: *Hola, picbi, no te mieras! Bebicuri, Membrimundi!* Sabes lo que comenzó a piopiojeor, con apitonado apito como glucas de agus o Madame Delba a Romeoreszke? No te lo pues imaginar. Cuenta. Cuenta. *Phoebe, querida, cuenta, O cuéntame y te quieria más de lo que no pensabas.* Y dejándole fuera lila con sus cantos roncobroncos allá nagüella: *Ya, gel, es que saladas bienas mocollitan ungel pigo:* y así rasao y so fiordo y so forza entona sonora y Oom Bothar muja como Bheri-Bheri en barropa dominglera, tan ampollina, tan sorda como casmodia, la tulta! Hamos, anda! Derida chírota inaudibilnés! Te birlas! Anna Livi! Achaque mi chaque! Y no se acüaba ensargada y bajamó pase encara mar del douro, suflan-do la chumba canuda y toda marmita mamina o vaquerilla pechuga anadea calada finpina, Sawy, Fundally, Daery o Maery, Miluctre, Awny o Graw, no solía faserle simplón o simón para que se lo pusiera por el porto porco? No me digas, el cartonto? Bedouín que te vi! Llamándolas, una a una (Pa que Veintebalén aquí! Aquí el zapacadi!) y pierriténdose una jiga o algo así en el pretíl pa señá las cómo sacudir las sinuosas y el delicatessen y a recordare las garamainas como estriptainas y todo el camino de la doncella por el varón y haciendo una especie de chachareo chacachaca como dos pelagoldas en medio duló y dolo los veinte dulos. Diosmea, Diosmea, shi sí así? Bueno, eso es lo que oí! Echando leas puticas fonicas del mundo! A culaquiera carca-vera capturada que quieras de no importa qué sexo de modo sosigados más dos tamaras y una chati chiqueta para chiquear y solazar en la mandilla de Humpty!

Y cómo era la sosyka rima que hizo ella! Hoder! Hoder! Díme de qué va mientras jabono en jagüey las combis de Denis Florence MacCarthy. Frézalo, flúyete, pian plena! Me cayó muerta hasta mis yodidos pies po lo del trete de Anna Livia,

[200]

[147]

que estaba gratificada por una y lido por dos y truvado por una chacharca en el parco! Ya lo veo, veo que eres. Como se tarna? Escucha. Me escuchas? Sí, sí! Por necesidad! Mira la ore quija! Mésaoyo bienné!

Por negrazal y nubarrada malamente quiero yo una novatina anorilla, camojo que sí, bayú bolo ay!

Porque el puti afeiar que traigo está putrafacto, asín tá, sentá, paulando y esperando al tato danés Jonés Jodador, mi vida en la muerte compañía, la llave frugal de nuestra albacena, mitan alterada giba de camello, mi capulero, mi dulce maymón, mi plinio hasta el final de desmiembre, para despertario de su soñera invernial y ajobarme como solía.

Dove encontrar un señor de acarúa o un bidalgo dalgo de un badilazo, me pregunto, que madiera uno o dos ochavos lantanos por lavar y zurcir su probo chapín ahora que faltan cuajos y zambarcos?

Sólo por mi lecho estrecho en Britas becho tan abrigado como huele está claro que me arrojillaría y desbordaría hacia los barrizales della Tolka o la plage au Clontarf y sentir el aire cálido de mi salada pena enseñada y dubitando la rasa ositada por mi abuscada.

A non! A non! cuéntame más. Cuéntame toles chingos chingitos. Quiero saber tos los dita yidix. Hasta lo que portó alcailler volataz a covacho. Y por qué estaban las mustelas mustias. Esa fiebre de homa me moma mi mondongo. Si un mahón cabaño me coraceara. Haríamos un bundukiboy con guajaguri. Bueno, ahora viene la parte que más timahoe. Tras Clondalkin las Kings' Inps. Pronto estaremos allí con este fragüin. Cuántos elevines tenia en su mocheta? Eso no te lo puedo lider con certeza. Sólo jobá lo sabe. Hay quien dice que tenia tres bayuno, lo que hace que meananakuminamoja. Aleph lamede, todo ese pequete? No vamos a tener sitio jungto a Lockekegarda el kantpusanto. Esa no se acuerda de la mitad de los nombres de cuna que les atracó por obra y gracia de la caída infalible de su púgil prelado, la caínha pa Kund y abellotras pa Eyojos y o lo urno o lo ortro pa Yakov Yea. Ciento y cuánto? Hicieron bien en renombrarla Pluhurabella. O lora leéis! Lia ves de lodo llanal Peo ho! Pero está claro en el tarol que soltara

[201]

[149]

más y mejor, doblillistas y tresillistas, guardacuartos y cinquillos, norshiks y sudetes y pares y nones al lete. Y aviolas sesterón y Misamisó y la más sota de toas las sotas y el cantimbao. Yijhá! Tuvo que ser una vagamunda en sus tiempos, seguro, más que muchas. Cayo que sí, meodeo. Unos cuantos rabiones sí que tuvo en su calera. San Atos en lazo asustó a la garzona, soez al mai mu, sasa agapó! Cuéntame, cuéntame, cómo engatusó gateando tantos cipotes, la muy watsona, la muy deblina? Echanto los peligros a los proercos desde Fonte-en- Monte hasta Tidngtown y desde Tidngtown hasta Brisalton. Tomuno deejetro, lente por flanco y fleco por lato y pablostezando pacá y pletando pallá y chorando pahí por el lado esteario. Quien quiera que fuera el primo en entrar virgimar? Alguien que fuera, huebra que fueron, en ataque de tacto o en combate singuiná. Latero, lasastro, miranero, soldadastro, Paz Pemán o Polistamán. Esa és la cosa que suembre estoy a punto de preguntar. Puja paribe y puja pa diastro y sube de costa y vente colino! Fue el año de waterclow tras Gratta o Flanegar, o cuando docellas estaban en Arco o cuándo tres stressvieron hostpedando? Fiduairis hallará dónde la Duda saltó como Nieman de Nirgenés el Nihil encontrado. Preorquépas suspuras, Albern, O Anser? Desata los nudokatro. Preorquépas suspuras, Albern, O Anser? No le puede echar mano por ahora. Es thelón de langlo, pernea despernado! Qué largo retontorno de revuelta pa remar! Ella dejó de ella que ella a penas sabe qué en fastos su agravalor fuera, un donostia de Leinster, un lobo del mar, o lo que hizo o cuán contentia tocaba o dónde, cuándo, cómo, porqué y conqué francuentia la atocaba y cómo fue que la depositaron. Ella era sólo una jovencita escuálida, pálida, suave, infeliz, a la sazón cosa tiñosa de cosa, paseando a la silvalunlaguna y él era un caminante monserga tambaleándose ahupalante de un Curraghman, haciendo su agosto a gusto de tos, tan rudo como si los robles (pazpuera de turba sea con ellos) crujeran entonces junto a las calloncas jolantes de Kildare, por las cascadas catinga a travésándola con un salpicón. Ella pensó que se hundía arrastrada de suelo con azarante ninfante al figarla al felino! O falta feliz! O alá que fuera él! Ahí te equivoocas, tremendo equívoco! No es sólo esta noche que estás anacodrista! Fue tiempo atrás cuando las nublitas no eran, en el condado

[202]

[151]

de Wickenlow, el jardín de Erin, antes de que ella siquiera soñara con lavar Kilbride y se fuera espumeando puente abajo de Horsepass, con gran ventarrón suroriental remolineando, tormentoso sus trezas y el grano meridional wespfoliador en pos de su estela, pa desviar sus vías en su día, en arubaco o arañaco, en hilar y en molar, en baldeos y badurneos, para toda su vida y dora vida en los cebadales y lotts centinos de villalovadosdevallas de Humphrey y yacer con un saltarén, wellingtonchero. Ala, lagos de días puellasi Cocunas de dunas! Was air? E sold? Stand Segunit? No donde el Finn tributa en el Mourne, no donde el Nore se despaga del Bloem, no donde el Braye se ladeara del Farer, no donde el Moy ~~Changes~~ de corriente entre Cullin y Conn tre Gunn y Collin? O don de Neptuno espatillaba y Tritonvilla remaba y leandros trestopetaban heroinados? Neyra, narev, nen, nönni, noi? Pot dónde carab Ow y Oboca? Fue jiste u ojiste o Luckan Yokan o dónde la mano del hombre jamás puso pie? Valcahuéame dónde, perina vez! Te lo tilé si me escuchas. Conoces el falucho faldón de Luggelaw? Bueno, allí en un tiempo habitó un heremitaño lugareño, Michael Arklow era su riverendo nombre, (con cuántos suspiros difaminé sus lavaberos!) y un venersdte de juniojuly, ella iba otan dulce y otan fresca y tan grácil, Nance la Nixie, Nanon L'Escout, en el silencio, de los ciclamos, todo al acecho, cimbras cimbreantes no se podía amansar las tarantais, él hundió ambas sus recién ungidás manos, el jondo de su cuore, en su zubia cabellera cantamanina alzafrán, separándola y calmándola y enredándola, era ondosca y amplia como ese rojo marjal al libricán. Por el lucilla de ese Vale Vowclose, un firmamento de alcoiris la recorrió y corrió. Afrontisiacos ajes, los ojos zafres pricandándole hasta la verja violeta. Se alampa se alampa! Por qué un porque? Camavro! La luz amurisa de Letty Lerck desparrama ya laurales sobre su petrocka chacona y dáfnea. Maassi Pero los wavus májicos tienen milenana y una imbornales. Y Simbad el Matino por su Oga está mohino. No podía evizarlo, sed que asola sobre él, tuvo que olvidar al monje en el man so, sobándola parriba y sedándola pabajo, baxó los labios sonriendo, beso un beso besubeco (al tiempo que le advertía que nunca, nica, névar) en la frente efélide

[203]

[153]

de Anna-ña-Poga. Mientras alguien se calaba esa cheseressa ella se ahogaba sin résuello. Pero encimó los dos pies en asino estu-mefácto. Y desde aquello anda zancuda. Eso fue beswahili con befa bantú abalsamera! O, no era bragado el brámano? Y no era endina la Livvy? Nautica Naama nao su apodo era. Dos chavales en calzones scoutesses la calaron antes deso, Micky Mado des Calzos y Revuelta Mel-Yado, noblesse de Lugnaquilla pickta, antes de que ella tuviera una pista de pelo en l'arnejilla que tapar o señor pa tentar un carcamán carcavara por no mencionar una bollante belasa por temerla. Y antes deso otra vez, plomleada, laida, aún en teca, demasioo desmayá pa abollar al galopante freile, demasioo frágil pa flirrear con pluma de ánade, la chupó un chucho, Chiripa-Chiruta, mientras arpia pipi, pura y simple, en un arranque gotero del viejo Kippure, en trino farín y la trasquilla, pero ante todo, lo peor de todo, la pendoliana livivaz, se resbaladé por un hoyo en la hoya de Ayacué mien-tras Sale su año se aquedaba azorrada en balandra, y kiki kikai-ka, cayó por an aliviadero antes de que trovara el tranco y se tumbara y se tambalara en charca estancada brunada chirapa bajo un arrullo lleco y ella se reía candidiorra con los tercios en alto y todo un ható de marjoletas mamaconas sonrojándose y mirándola de riojo.

Mojámame el son del nombre del merlango, Mtu o Mti, cu-laquier lo atesticularia. Y gotéame por qué tenía pecas en la pichonda. E instilame por todo si era manciola o el extraño cairrel que llevaba. Y a qué pentecostado abatieron las gloubas en su convulsión, atrás ansial oeste o afrente al mar? Por medrana a escuchar a la barragana tan par o deseando el disgusto y disgustando el deseo? Estás al corriente o contra corriente? O va, sigue, ana vei Hablo de lo que sabes. Sé lo que discas. Roteni Te gustarían cofias y griñones, trompona, y que yo hiciera el lardo laboño de los alacos de la Veronica. Qué estoy escortiendo aho-ra y te lo agradeceeré? Es angorra o es roquete? Arrás, dónde está tu naso? Y dónde está la fécula? No es ese el olor santo de sacristía. Lo colombo desde aquí por el *eau de Colo* y el aroma de su hodór que son de la ñora Magrath. Tendrías que haberlas oreado. Tienen lau currea que chorrea. Sunsidos de seda son, que no anudado linón. Bautíjeme, padre, porque ella ha pecado!

[204]

[155]

A través de su cercha garranchera los emancipó holgados, con los hipis de la cachurra por la trincadura de la sinovia. El único par con garambainas en toa la pradera. Asilo es, silo es! Bienemos bien! Si mañana hace bueno quién vendrá frivolando a turistar? Quiomo? Pídeme ahora lo que no tengo! Los exhibicionistas belvederos. Con sus gambujos traineleros y colores clubremeros. Qué ho, vaya banda! Y qué hoe, como bullan! Y aquí están también sus núbiles letras. Muy Ellis y mole con hilo eskarlata. Ayuntado pal orbe en un campo caloreado de arrebol. Y ana exe después pa notar que no son de Laura Kesuya. O, que el diábolo retuerza tu pinza! Prole de Mammón, Lilith de Kinsella! Y quién le ha estado rasgando el permil de sus caljones puestos? Qué permil es? El que tiene los cascabelles. Escúrtelos y es pábila. Dónde paré? Nunca paré! Continuárración! Aún no estás ahí. Aún trispero. Sigre que siguas!

Bueno, después de que saliera en el semenario Despertar zindehbadó-domingstag-lunes del Mendicanie Cordial de la Merced (por una vez mancharon sus chamacos de blanco, rumiandito después de cenar sopón pollo y panceta, con sus enseñanos de aquí y descuida deso y cuando hayáis terminado con el matarial de lectura), hasta la neva que nevó en su pelo caputo se enhalaba con él. De rita, de rita, sava, savuto! Cuento hace que contento exgenúlea! En todos sitios arrastre que fuiste y en cada socava que alga caíste, en urbe o suburbe o en áreas a hueras, la Rosa y Botella o la Taberna Phoenix o la Posada de Power o el Hotel de Jude o doquiera fregaras lagares desde Naniagua a Villa Várry o desde Porta Latina al barrio botino te encontrabas su ikomo grabado a reversa o la gorrionera en las esquinas coachondeándose de gayctó y Morris el Macho, con el rol de un reige en su turbo el turrible, (Evropeo y cheico habitáculo, sebo en su nata y yogurt, jamaojanne el chikme, Ahdahm recorrió este camino, Fátima, media vuelta) tambaleando y trenando esquina al bar mientras los panjos pulsaban y unde los banjos punteaban, con la triple tiara de conubernates que tricorneaban chisgueteando alrededor del o'pelo. Como Pate-del-Neva o Pete-del-Meer. Este es el Hausman capodonado y pavimentado, el que choró la Cabina que nunca gozó que engalló su pierna y embeleró con Huevo. Y

el bazagón maimadrín a su alrededor en areópago, zacapelando una gran cogna latonga con sus bullajes marimbas. Cuidao con tu Grimabelo! Piensa en tu mal Grazna el Gozne en su júptier pinjagnómen! Alatea un bolero, liando la ley! Ella juró por acris-tico en las nueve zancazondas y todavía es tal nivel de difuckul-tades. Par la Vulnerable Virgen María del Dame! Así que se dijo a sí que planearía un plan para plagiar un perlado, la chismosa, nunca oíste semenjante cosa. Qué plan? Dimelo ya y rehoya la cuaima! Qué Kramer Komotó? Bueno, ella se mercó una zaca, una saca camuza, con el empréstito de un préstamo de la luz de su lampión, de uno de sus trocantiijos, Shaun el Posta, y luego fue y consultó sus follatones, el viejo Mot Moore, el Euclides de Casey y la Mostra de Moda y se puso malina pa mezclarse en la macasada. O galea guiño de güeláásinos. No te puedo decir cómo! Demasino rugido pa tanto rizo, corin corora! Minnha, minnhe minaehe, miñero! O pero, tienes que hacerlo, que si que sí! Haz que lo oiga gorgor gorgojo como la mar lejana gárgara gárgara en la fusca difunta fosca! Por el sacro pozzo de Mulhuddart prometo que juro mi chanza de alcanzar el cielo por el monte impío de Tirry y Killy pa oirlo to, averña de verbo! O, mujer, confía en mis falontades, por un rato! Si no te gusta mi historia, salte del pontón. Bueno, como tú digas. Venga, siéntate aquí y haz lo que te diga. Trácate mi toque y acoda la cimbra. Tira palante y haia posas! Cecégalo roncero y créspalo con zociego. Dime bradilongo. Tóngate tu tiempo tagora. Respira halo hondo. Esera el kalonizo. A premia pausado y acucia despacio. Préstonos tus bolisas benditas hasta que restregue los cal-zones del canon. Fluye. Megatodía. Y polipoli.

Primero dejose caer el pelo adujas devanantes en cascada hasta los pies. Luego, madreñuda, se champuzó con galagua y fragante fango de ~~oizania~~ pasuso y pasuyo, de cabo a rabo. Más tarde se cremó las ranuras de la quilla, berruajas y vestes y paños y picazo-nes, con antiféuda bizscotcha y tepestación y serpolitina y con mo-nejos, se acomodó por las islas genillas y eslas dun oros, quincecui-cha, por toda su marandorga. Pila dorada de cera su bandulla era. Y

yescamellantes, jubialjergando y macubamascando, frutaoleno y floranutra, en contemplación de la fluctuación y la indificación de su filimentación, repantingándose y revigorizándose en la Murralla del Lactoreto Norte toda la anghada semena por el Juquer de Yoicks y tan pronto como la vieron meandar por esa ruta marrítima en su saya de tocas hiemalas y calaron quién iba debajo de su bonete de archidiácona, pez de Avondale y poison de Clarence, juntos uno al otro, Lista-con-Muletas pa Master Bates: *Entre nuestros dos sursitos y el granito que caldea, o le han livtado la faz o Alp se ha dopado!*

Pero de qué iba el juego en su bocha amerada? Sólo el timbo en su timbo o pilipili de su pimentera? Saas y taas y especies bizaar? Dónde truenos saqueó menos? Proa batalla o popa la bolla? Quiero dejarlo frisko desde el primer manante. Mea puesto una baba que vale la pena mientras escalfa! Zarandéala, va, va! Menudo hijo de gran reguera! Te prometo que valdrá el esfuerzo. Y no digo quizás. Ni aún con un obolo. Fala verdad y te fábulo fetén.

Bueno, arundogironda en una lynea ondeante arenkarouma ella badajodeó y se balanceó y se arrimó, goteando su canto rodado a través de musgos angostos, el receluche a nuestro lado seco y la vil cepa de veza contra nosotros, curara aquí, carrero ahí, sin saber qué medio camino o sea tomar, odrinao-dín, parlaguando huchochos pasus praopias chachas, como Santa Claus en la ensenada de estoia y nova, oriolando por oír sus corarocillos, cercando a Isabella en sus brazos, luego cogiendo con reconciliados Romas y Reims, como una lecha y es-capar como un virote, después limpió las gotas de Zarpa Bolisa con saliva, con un boreque navideño por cabeza pa tos y cade-burno de sus filhios, los regalos de cumpleños que ellos soñaron que le regabelaban, las lavazas que flotamente dejó en nuestra puerta! En la estera, por el porche y parabajo la cueva. Los riachuelos corrían a flor de agua pa miramar, los gemelos, los pollinotes. De montepadilla a la pira. Y tos por ella, juveniles lides e ingenuinas, desde el légamo de su burbio y pizos artesanales, balagueros y alboroto, como niños Sunnisonos en besamamos de su vicereina. Vivi vienne, Annchenital Viola Anna, vidorra! Salmodia para nos una sonada, O, susurra! Ausonia sidulcisi! que no tiene tambre! Escopleándola y arrancando un piu-pio o

una driza en cada capuzón que picó en su culot de saco de bafa aldabeaba y alargaba el banasto de pasto, pobre souvenir como per. ricorder y todo por recordidos doloridos, felone y gorrone, bigardos y goliardos, sus hijos de matojos e hijas derrabiadas, mil y uno de ellos, y sorsóllavimen pa cada uno de ellos. Por los súcubos de los siglos. Estira la tapa. Condena de hojalatero y un bareño pa hervir un vergajo pa Zingaro Porro; un cartucho de sopa de pollipuerto pal Garda Civil; para el ácido sobriño del adusto Pelón bolitas daltooides, cüriosa-mente fuertes; un estornudo y un tableteo y mejillas rosilvestres para la pobre Piccolina Petite MacFarlane; un puzzle de agujas y alfileres y mantas y canillas de por medio para Isabel, Jezebel y Joyaline Mmaltrimonio; nariz descarada y mitones lingotes para Johnny Walker el Breve; una bandera papal de santos y barras para Kevinin O'Dea; una fumfumata para Pollanco Craig y una liebrepesaguilla para Tigrisfin Tombuchón; tázrano y botasgoma tanto para Bully Hayes como para Hurracán Hartigán; un corazón pródigo y teneras cebadas para Marco Jones, el orgullo de Clonliffe; una barra de pan y empalme pre-coz de padre para Val de Skibereen; un tilburí para Larry Doolin, un ámago Cojikleto; un viaje de mareo en barco mikado para Tiga O'Flana; una liendre ratón era para Jerry Coilé; enfangada de carne para Andy MacKenzie; horquilla y escudilla para Pedro Pencebes; la dodecafónica busca para G. V. Bruka; una muñeca aguada, para turbajar la mirada de la modesta hermana Martimón Ana; catararas pa la cama de Blanchisse; calzoncitos de Wildair para Maguraca de Woppington; para Amanda Stop un oyazo; pa San Guión un paso en falso; taras en trébol, picadas y tajadas, y una visa de vinadriz de vivora vaticanada para Patsy Presbites; una arrozamana cada mañana para Tietsa Pachi y una gota a cada instante para Davy Tropezante; abalorios de barda pal beatificado Baldonado; dos sillas manzanas para Eva Mobilerá para Sahara Poiful un umal valle de lágrimas jordano; una bonita cajas de Polvos la Patrañuela para Eileena Aruna que blanquee los dientes y deslumbre a Helena Arhona; un latigozo para Eddy Desalmando; para Kitty Coleraine de la calle Butromán una perra de ahorto por su camote múcura; una putipala pa Terry Fichafauno; una máscara apóctama para Donn Promoteur; un huevo de pipasca can cas-carón bicaducado y un derecho dinamitra para Paulo el Curato;

un morbo collera para Homo Capote; un canopo y moño para Mercado Deán; para Bola-da-Brisna y Barniza-el-Cortez dos remolachas nobles para aduicinear sus bifers; pa Olive Bondita un golpe en sus frezas; para Seumas poco caletre corona que grande le siente; un pilote tibertino con cruz con gosbosquiama a la espalda de jaimitós Salerós; una alpanza sei; y un ahóramé días pa Brian el Bravo; una pentepeste de pena: con pestrallazos lascivos para Olona Lena Magdalena; pa Camilla, Dromilla, Ludmilla, Mamilla, un cubete, un paquete librin y cogín; para Nancy Shanon un broche Tuamí; para Dora Riparía Saponiagua una doucha caloncha y un sartemplante; un par de farrucos de coba pa Paleto Meala; un pizarín en traba pa Elsie Oram que se arrasque la rabela, como mejor pueda, con fracciones volgares; una pensión de vejez para Betty Bellezza; una bolsa de blues para Gracia García; una *Missa pro churro de chochi*; un ayuno de Viernes de Rogerson Crusoe para Caducus Angelus Rubiconstein; trescientos sesenta y seis plastrones de popelina por cada urdimbre der trauma der tejedor pa Victor Hugonote; un tieso rastrillo varío fino y fino para Kate Baldeadera; un blanco en el canto para Hosty; dos docenas de cunas para J.F.X.P. Coppinger; Hizcadoce en el cimuz para daulphines nacidos con cinco buscapités averniados para Infanta; una carta que dure una vida para Maggi más allá del cenizal; la mujer más corpulenta camelada desde Lusk hasta Livienbad para Felim el Ferry; spas y esperanza y sirope de symposio para Gough gotoso cellenco y cegato; un cambio de naves y júbilos de males pa Armonicus Tristram Amoor Saint Lawrence; una camisa guillotina para Reuben Petirrojo y soga suspendeat para Brendan-del-Móramo; una malacuenda para el Conditior Sawyer y mascada para el Gran Scott Tropical; un pedúnculo C₃ para Karmelita Kane; un mapa del mes desolado, con espada y sellos incluso, para Shemus O'Shaun el Posta; un chacal con cuero para Browne mas Nolan; un hombre frío como el mármol para Donn Joe Vance; todo candado y sin yuntería para Honoriz y Merreytriz; un gran tambor para Billy Bombolla; un mocho bramido cachucho, sóplame labajo, para Ida Ida y uti tonillo cascabillo, Elletrouvetout, para Quién-es-argento? — Dónde-estás-argento?; lo que quieras abreviar y brabuconear,

[211]

[169]

Yuinness o Yenessy, Laagon o Niger, para Festus Rey y Pedro Fragor y Fogoso Chiquito y Melaza Tomás y O.B. Behan y Mancha, el Matón y Master Magrath y Pedro Clorán y O'Delaguerra Rossa y Nerone MacPacem y quien quiera que encuentres knockeando por ahí; y un globo de vejiga de cerdo pa Selina Susquejina Stakatiro. Pero qué fue lo que le dio a Pruda Ward y Katy Kanel y Peggy Quilty y Briery Brosna y Teasy Kieran y Ena Lappin y Murtel Maassy y Zusan Camac y Melissa Bradogue y Flora Ferns y Fauna Fox-Goodman y Grettna Greaney y Penélope Inglesante y Lezba Licking como Leytha Liane y Roxana Rohan con Simpática Sohan y Una Bina Laterza y Trina La Mesme y Philomena O'Farrell e Irrmak Elly y Josephine Foyle y Snakehead Lily y Fountainoy Laura y Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? Ella les dio a cada hija de madre una anémoma y una avénoma: pero las uvas que granan antes que la gorrazón para aquellas que davenen la viña. Y así Izzy, su mancilla, el amor floreció más afán de sus lágrimas lo mismo que Shem, su plumañero, la vida pasada marchitó la flor de su vida.

Mi culada, qué sacada! Una dulcena de panaderita con unas pizcas de cillas de regalía. Eso es lo que se puede llamar un cuento de barrica! Y mercado hibernono! Todo eso y más tras un sobre crinolina si uno se atreve a romper el sello del chupabote. No me extraña que huyeran de su plaga cicuta. Pásame el jabón de Anso por el honor de Clanel! El saboraorín que deja el agua. Lo sobarcaré otra vez, lo primero que haré marnana. Muesca Merced! Ay, y no te olvidés de los travíos que te adelohinté. Por la corriente de tu lado pasan todos los remolinos. Sí, tengo yo la culpa que pasen? Quién ha dicho que tengas la culpa que pasen? Estás un poco del lado afilado. Y yo en el lato. Sólo cornetas de tufo arrastran el agua que la cracka divina saca de su casaca, con el esthero narciso pasado pa negar su feria de vanesades. Tiras astrosas de su biblia chinook que yo estar leyendo, da dogal desogrado pero, befa con bufa de los títulos pintados en página rubtrónica. *Senior ga dito: Factias! E omo fu fô. Ho! Ho! Senior ga dito: Factias! Hidamo! Hidamo se ga facessâ. Ha! Ha! Y Die Windermere*

[212]

Dichter y la vieja *Casa junto al Carrosario* de *Lefanu* (de *Sheridan*) y *Millino* (1) *Sobre la Mujer* con *Ditto* en *el Floss*. Ja, sal muelven la rueda. Las manos las tengo amulatadas, entre *glistky* y suda como ese trozo de traza chino de ahí, ahí abajo. O dónde está? Junto a los juncos lo ví. Hoanhogo, qué sofoco, lo perdí! *Aimihil* Quién puede ver con el agua turba? Tan cerca y tan lejos! Pero O, *gión!* Me mola una cola. Podría oírlo mar y ademar otra vez. *Rocía* onde el río. *Alzapán* en cibo. *Densa* es la vida amar.

Bueno, sabes o no sapes o no tero he dicho que todo dicho tiene un fin falorio que es el quid y el quae del asunto. Mira, mira, está cayendo la tarde! Mis ramas en lo alto están echando raíces. Y mi siento frío comienza a favilar. *Fieluhr?* *Filou!* Qué edad es? Pronto es tarde. Hase na eternidad desde que mi ojo nie nadie viera por última vez el relogh de *Waterhouse*. Lo desbarolaron, oi que lo mentaban. Cuándo lo reabolarán? O, mi espalda, mi espalda, vi balda! Me iría a *Aches-les-Pains*. *Píngpong!* Ahí está la *Belle* para *Sexaloteizi*! Y *Concepta* del *Sandónle-ora!* *Pang!* *Escurre* la ropa! *Escurre* en la escaracha! *Deodolente*, si a raso que no llueva! Y venga a nosotros tu gracia! *Amán*. Las tendemos aquí ahora? *Ay*, lo haremos. *Plaf!* *Tiende* en tu margen y yo tenderé la mía en la mía. *Plof!* Es lo que hago. *Tiende!* Se está revolviendo fresco. Se levanta el vent. Pondré unas cuantas piedras sobre las sábanas posaderas. *El novio* y la novia abrazados en ellas. Si no sólo las habría salpicado y doblado. Y ataré aquí mi devandal de carnicero. Todavía está sebosó. Los paseantes pasarán de largo. Seis sayos, diez moqueros, nueve pa ponerlos al fuego y este pal bote, los pañales del convento, doce, una toca de bebé. La buena madre caramillo lo sabe, dijo. Qué pijo? *Mater sáde?* *Deataceas!* Do están ahora tos sus crios, di? En reino hado ido o poder por venir o que la gloria esté con ellos taitarde? *Allalivial*, *allalivial!* *Algunos* aquí, más no más, más de nuevo perdió a to extraño. He oído decir que el mismo prendedor de los *Shannon* se prendó con una hija de España. Y todas la *Heces* de *Zotes* en *Márkilandia* de *Vinelandia* más allá del *Charco* de *Brendan* tienen un sombrero *yankeeyhondo* del número nueve. Y un abalorio de *Biddy*

[173]

se arrancó carretelando hasta que rodeada perdió la mallera con un calénder y un farol de abarquero en un angostillo lateral de una zanja central de un manzanaires dejando a un lado el Camino del Soltero. Pero todo lo que queda pal último de los *Meaghers* al poso de los años prefijados y entrecajados es una hebillita de rodilla y dos ganchos en el frente. *Ahora* me dices eso? Sí en verdad lo digo. Orara pro Orbe y probe. *La Ánimas!* *Ussa*, *Ulla*, estamos tar umbra! *Mezha*, no lo baste un diluvio de vicis, uf erre que erre, respondo da espuenda? Tú lo cide, lo cide! *Nececido*, lo nececido! Es irravadante lo que tengo hincado en mi auriculo. No hace más que acorchar el *zswound* más chico. *Oronoko!* Qué te preocupa? Es ese el gran *Finmliderés* en su joakimono en estatua lacuestre a horcajadas de su orgullo? *Padre* de *Otrón*, él mismo! *Aquese* de allí! *E solda?* En *Común* *Follarín?* Estás pensando en el afiteatro *Astley* donde la poli evitó que hicieras muecas acarameladas al caballo cococano de los *Peppers*. *Aclárate* las telagañas de los ojos, mujer, y tiende bien la ropa! *Menos* mal que conozco los zurrapalis de tu clase. *Pluf!* *Irlanda* sobria es *Irlanda* cada! *Dios* te salpe, *María*, llena eres de grasa, el pesor sea conmigo! Tus preces. So crecía! *Madamangut!* *Empinabas* el codo, *dinos*, cara satín, en la cántina *Carrigura* de *Conway?* Que si estaba qué, meneando el caderamen saltarín? *Plas!* El reugatismo de tus raros andares da a tus cuerdas desacuertos. No estoy levantada desde la húmeda alborada, *martareta* *maría* *alacoqa*, con el pulso de *Corrigan* *Yerzas* *varicozas*, mi pulea renquea, *Alicia* *Jané* en caída y mi chuchó polifemo dos veces arrollado, empapando y blanqueando trapos en caldero y sudando frío, una viuda como yo, pa acicalar a mi hijo campeón de tenis, el lavadero con los franelas lavandiere? *Cojiste* tu limpo cojera frende los fornidos fisares cuando *Collares* y *Carteras* heredero de la ciudad era y tu mancha dio hedor a *Carlow*. *Santa Escamanda*, otra vez el *sal!* *Cerca* de las doradas cascadas. *Isis* nos cubra! *Sentos* de luz! *Mirerei!* *Mitiga* el barullo, tumbillante criatura! *Qué* es sino un chupón de zarzaposa o el asno gristinto de aquellos cuatro viejos cellencos. *Te rifferez* al *Tarpey* y al *Lyons* y *Gregory?* *Rifferono*, *gracias*, a los cuatro, y a su mugido, que lleva al descarrío en la niebla y al buen *Johnny MacDougal* con

[214]

[175]

los demás. Es eso de gayá el destello de Poolbeg, farolejos, o un fuego baño costando a lo largo del Kishna o un fulgor que contemplo en el seto o mi Garry que vuelve al hogar de las Indes? Espera a la luna melante, mi cielo! Muere serena, pequeña serena, muere! Vemos ese asombro en tus ojos. Nos veremos de nuevo, partiremos una vez más. Buscaré el sitio si tú encuentras la hora. Mi mapa brilla en lo alto en la puerta láctea de añil. Simeolvídes, me voy! Adieu! Y tú, vigía tu reloj, nomeolvídes. Crepuspolar. Salve aguarda hasta el fin de los idus! Se me nada la vista confusa por las sombras de este paraje. Me sombraré a casa despacio por mi propia senda, ma nava lejana. Yovísima, mi vera.

Ah, pero ella era esa extraña entrañable rapaza, Anna Livia, piesapetusca! Y seguro que también él era un galopo buitrón, quiso inquino du budín, padrenco de fjinatos y dotechinias. Yaya y yayo todos somos yararás. No tenía él siete embalsas por esposas? Y cada embalsa con siete sostenes. Y cada sostén con siete tintes. Y cada tinte con un grito distinto. Bálago para mí y pábulo para tí y la cuenta de alfaquin para Don Joaquin. Siglos ha! Bivios ha! Se casó con su merquesa, una ganga por carraca, lo sé, como cualquier Erusco Católico Hereje, en cremosas birnis rosáceas alimonadas y sus turbesas malas indianas. Pero quién fue su esposa el día de San Miguel? Entonces todo lo que había estaba bien. Eifoland! Maniflur de los tiempos y felices retornos. Iguacu que siempre. Ordovico o vircordo. Anna fue, Livia es, Plurabelle será. Del folkething norteño brotaron burgos sureños pero cuán multiplísimos pluradores hicieron caduno en su persona? Latiname eso, tú erurdito trinitario, del vosso sáncredo al nosso eryl! *Hircus Civis Eblanensis!* Tenía mogotes de macho cabrío, suaves para juérfanos. Fu, Dios! Gemelos de su seno. Que el Señor nos saive! Y fu Fue? Lo que todos los hombres. Fuego? Sus hijas simulantes de. Cuéééé?

No oigo con las aguas de. Las cojjiosas aguas de. Aleantes murciélagos, garla de guarros guarenes. Fu! No te vas a casa? Que Thom Malone se casa? No oigo con el pandeo de pandiques, todas las lífias de fina lífia. Fu, el parlósanto nos guarde! Mis pies no se moven. Me siento tan vieja como aquel olmo. Cómo, un cuento que cuenta de Shaun y de Shem? Todos los hijoshijas de. Los foscas halcones escuchan. La noche! La noche! Mi carca chola se hunde. Me siento

pesada como aquel peñón. Me hablas de Joan o Shaun? Quién eran Shem y Shaun los hijos o hijas vivientes de? Llega la noche! Dime, dime, dime, dagame! La noche noche! Táblame de rocas o raigones. Junto a las ondas riberas de, másallámurmurantes olas de. La noche!

VI. X. ANEXO:

VERSÃO JAPONESA DO CAPÍTULO VIII DE *FINNEGANS WAKE*:

TRADUÇÃO DE YANESE NAOKI

〇

話しておくれよ

アナ・リウイアのことを！ なにもかも聞かせて

アナ・リウイアのことを。ね、アナ・リウイアを知ってるでしょ？ ええ、もちろん、あたしたちはみんなアナ・リウイアを知ってるわ。なにもかも話して。いま話して。聞いたら死んじゃうわよ。ほら、知ってるでしょ、隣の阿井つが足水たらしでせつせとあれをやつたときのことは。ええ、知ってる、つつけてちようだい。早口に洗って、駄弁水をはね飛ばさないで。袖をまくって話帯をゆるめなさいな。それから頭つかい櫛を出さないこと——ぐいつと揚げて——かがむときはね。それともなんだかあの男が不意に悪魔公園で二人三攫をしかけたのをみんなが三知しようとしたこと。おつそろしく土尻なやつ。あいつのシャツを見て！ それのよこれを見て！ あたいの水がまつ黒部になつてダブもやぶはねかかるとはじゃないのさ。朱州のいまごろから追波じめて佐々並たてて。なん試つべん洗つたかしら？ どこを余呉したがるか暗記したよ、汚い野父編め！ 手はひりひり焼けるし剣えは飢えるしだわ、あいつの秘め着をおおつびらに晒すために。その小艇でよく啖いてきれいにするといいでしょ。かびつばい洗黒をこするんで手首がぎすぎす。それに酒匂のダブだぶ着のなかには拳石が罪かさなつて！ いったいなに尾しでかしたんだい、川内の聖獸舞臺日にさあ？ どのくらいの刑期をくらつて婦負解けていたの？ 何をやつたかは新聞紙に出していたわ、巡回控索番、国領主、ハンフリーに鬼面の強制執行命令、不

212

213

法蒸留搾取功績、などなどにて。でも時が臆気に縛すでしょう。きつとそうさ。千歳は人に待つたをかげまというから。春別の大潮があれば小潮があるし。ほんとにもう、寝屋狂いなじしい！ 結婚しちやあ恋ノ岐ひ上げて。右俣沢之助は右俣だったし、左俣沢之助は左俣だったし！ それにあいつの姿！ それにあの歩きぶり！ 惚け頭をハウス岳みたいに法外に高くしてたもんだ、あの老名高いよそのの伴太さね、発知き歩く鱈みみたいに豪勢な背ごぶを背負つて。それにおんなひテリリ詠りで、しつコーク喋りで、だぶダアリン吃りで、奢トルウェイなければいでたち。標槍ハケットか談師リードか蘭守グラウリか警備持ち男の子に訊いてみるとい。いったいほかの称名はなあに？ な阿仁？ 虫痴痲異々なるでつかち頭。それともどこで生まれたとか、どういうふうに見つかつたとか？ ウルゴトランド、カテガット海峽のトリ乱スタンの？ ニューファンシヤ、リマック川、そいの和賀なるコンコルドの？ あの女を船治床にしたかあの女の桶に足を呼び入れたのは誰なのさ？ アダムとイウ教会でちやんと結婚予告を放たなかつたのかい、船長がふたりをくつつけただけ？ わが職としてわれは汝とちんちん鴨かも。そして野鴨の目にてわれ汝を雄雁に見たい。時の瀬波の花と山が幸せの峽に魚望と魚柳を植るつてさ。彼女は釣糸をせんぶ見せるからね、愛をもつて、気儘に戯れて。再婚しないんら、ポタンと穴がしますつてこと！ ねえ、それはもう今切にして浦士別のことを聞いて！ 黒尊士と、あののちよろちよろ真ぬけのことをさ！ 豪盗流感、第三者賠償の健康保倉に味方が入っていたのかい？ けつうな金倉をダブ鈴つかせていたんだつてさ、あのお人形ちやんとね、初めはテルヴァン、あとはデウリン、そサビニの可愛こちやんをインコの籠に入れて奪ってきたんだよ、酒沼の地や蛇尾のたうつ三角地を越えて、彼の羽根光りを床丹もてあそびながら、(おまわりが飛び出しナイフして辛子めてくれたらよかつたのに！) 田院と全瘋館の伊呂波道を通つて、その他の不治者らと最後の壁離不能者らの中津を通つて、はるはる泥リンこんでんぐリンこん。そんなカボチ提灯話、誰があんたに売りつけたの？ ペミカンの濃縮パイよ！ それき義理スつて、彼女は結婚指輪が嫌もしない。有帆を張つて、彼は荷の御船を濠ひとつないケルトの海に起らせ

ようやく陸が見えたとき、傾ぐ下から二羽つのがーがーを放つたわけ、たいそうなフェニキアの海荒らし。彼女
 の深淵においをかきながら、ふたりでリファイア家をかきこいた。さぞかしお楽しみだったろうよ！ でも
 御体はどこだったの、能取りは？ 金目のものは逃さじと、打波の洗う岸ぞいに小船を追つたわよ、ラクダ騎兵
 のバーノスをばつと吹上げて、愛節の前立ちマストもろとも彼女の浅瀬へ乗り上げたもんさ。有難！ 勇知！
 それに鮮血の加勢蛇じやない！ 笛吹つばく叫ばないでハミングになさいな、え地太声のおばかさんねえ、あい
 かわらずじやないのよ！ じやあ、すぐに認して、太レマイ押スころした声でいいから、ハスキ蒙な声でいいか
 ら。あの男が彼女の金シバリになつた鞘を早出まわしに撃ち破つてね、のつソロモンどりな鱈みたいにさ、その
 とき見ていた牛首たちは鱈さうかれはしゃいで喪うもう鳴いたよ。勝部ええー！ 勝田べええー！ 小鯢頭ちや
 んをなんとか手に入れて、破パン稼ぎに稼いで、たいした商人だつた。まつたく、これを見てよ。舐みたいな顔
 の汗見。知つてる、浜つ子つて呼ばれてたわね、水つ子の水太郎つて？ 安倍マリア、そうだつた！ H・C・
 Eはエッチなふし鱈シー肥々な目してさ。あの女も男らず日之駱があるでしょ。誰？ アナ・リウイア？ ええ、
 アナ・リウイア。知つてたつて、あの女はあつちの浜洲こつちの浦灣、漕舳浜の浮漕娘を呼び集めては瀧躰
 仕為好い気な頭領だんなの床ろへ招き入れて、司教様を祀つそり淫瀧させてたつてこと？ あの女が？ 瀧汰ま
 げたかみさん！ それで汚しまい？ 瀧泥が淫瀧に萎縮するやうなものさ。なら濡らして、すつかりせんぶね、
 とれくらい淫瀧に濡業してたんだい！ 瀧泥してから濡港ながいこと。淡淡としちやつてさ、濡らないよ、あた
 しゃばつしません、あの人の淫瀧ぶりとはかなんとか、たいそうな淫瀧だよ！ 淫瀧つて、それなんのこのこ？
 淫瀧語を淫瀧しないでくれ！ 淫瀧語を漬かいなさいな。お酒とお瀧をこつちやにしないの。学校でお派
 らなかつたのかい、非瀧派知らずさん？ まるであたしが淫力で河川瀧況保護委のご瀧泄を頼らして、あんたを
 淫瀧よばわりするみたいだけど。彼もかくもさ、あの女はそんなふう？ そこまで淫瀧してるとは淫瀧にも思わ
 なかつた。見たことないのかい、窓の浮漕ふかした椅子にゆられながら、瀧形文字の淫瀧する瀧面の瀧で、帯も

198

214

215

つけずに浮瀧の弦をもて遊んでいるふりをしているのを？ 聊つこないんだから、巨なりになつても湯女なりに
 なつても！ そうさ、できつこないんだ！ 淑女ぶつて！ そうなの、そんなふうなこと聞かなかつたのいま初
 めて！ もっと母なしてよ。もっともつと母らしてよ。そうねえ、ハンバーの爺さんも爺むさいわ爺くさいわ、
 ほころび雷戸にはドクタミ群れて年のせいで前立肥大、射手も漁師も出かけないよな嵐みたいに、岩山のてつべ
 んに吹き荒れる意巻みだいでね、台所にも退所にも打りはなし、クラフトン水門の汪穴とフィンガルの洞窟穴
 の輓死草と太玉座の塚の毒草がみんな渾漕沙汰でさ、そこの小椅子に沾おんめりと威かけて、まどろーミングに
 ドリー夢漬かり、鈍気惚けの奇士らしげに奇妙ちくりんな沈思没我、潮漕紙上で確かめた瀧死者の潮儀を元氣づ
 けようと沖人スカーフを巻いて、自問したり帆着したり、ホップ、ステップ、ジャップンとはかり深海へ、薄イ
 ルの漕中に停漕した漕中、あんぐり口を百二十度ひらいて鯉鯉を漕鳴にほじくらせ、ただひとりでハントを
 漕行しながら自己に載きを与え、自己の定めにしたがひつ、怒剣を立て、目江に繩を入れ、屋根裏で星の見える
 まで夢想に浸り、黒靴下に貫かぶかズボンに相懸乳首に疫病陰部を思いやり、凝視するのは教区の弥撒さき漕瀧
 ぶり。あの人のものは何もかも瀧死の瀧みだつたね、あんなふうに体瀧したきりで夢漕にふけてさ。七年
 もげつぷを出汁でたんだから。それにほら、あの女、アナ・リウイア、まるで一睡もしないで、こまつしやくれ
 娘みたいに泡ただしくつて、河つてたよ、漕こがましくつてさ、波瀧ちなスカートなんかはいてアマゾンみたいな
 尻して、愛しい瀧那の幸せ願つていたつて。漕下の新ジャガと塩分をもつて。たまには魚瀧漕をこさえたり、種
 き混ぜ卵を作つて満足させたり、ええそう、それにトー洲トに活ペーコンのせて、お漆器に漬りや瀧れるほどの
 緑土茶や吸一ぶしばかりの毛漕コーヒーや江ばしい漕葉子や汝ペトロ石印の瓶に注いだ羊瀧酒やハムサンド（ハ
 ムさん、どう？）そうしてあの男を淫瀧させたり淫瀧を淫瀧させたり、とうとう彼女の同族はナツメツグおろ
 し金みたいにざらざらになつちやつて、編み棒愛節が通風でがくがく、それでも旧い無に近馳走わんさか津みあ
 げて奔放奔流（滅泡やたらと沫もまあ盛り上がったもの）、ところがあの旦那はそれを放り投げちやつて、洪い

199

遊してあざけって、涙とも涙ともいわずによ、それであいつが彼女の声に血を打ち付けなかつたなら、ほんと、
 運がよかつたね。それから彼女は聖歌を泣きたいと頼んだの、心はしおたれてか美善の熊手がチエリー・ミシエ
 ルの中傷は微風の二としかオールド・シヨウ・ロビッドソンをバルブあべつとばかり。疾風すさまじく横笛吹い
 て、聞いているほうはまつぶたつに裂かれんばかり！ バベルの塔天でがなっている雌鶏だつてつんぽになるくら
 い。ちよつと口を見つほめにしたつて悪くなかつたでしように！ なのにハムさん涙ともいわないの、洗濯縫り
 機みたいにさ。ほんとの説？ ほんとうだつてば。それから園節よしれの瀟洒な潔潔にのつかつて、アノナ、歌
 問と芸術の娘、渾身の生まれのニウイアは、雲飛び交う箱置き房ふさ髪の下で、閃光きらめく地獄火川のごとく
 に扇子をきらきらゆらめかせ——踊る美態が刺しと滑る——あの愛幻自在の秘翠の時代衣装なら、二極機卿の
 椅子の森を覆つて、おれカレンを圧倒し、マックテープを筆息させちまうだろうよ。おやまあ、たま下駄！ たい
 した名文句じゃない！ そして三角シヨール下りに彼に短歌を歌つたの、あれこれ浪浪のあやすようなエンデ
 ングをつけて、鼻声からおしろい落つことしながら。ゆーりかごーのあーかちやん、やなぎのかーごちやん！
 今月は、子がもちやん、死んじやいやーん！ そのあと何てをさえずり出したと思う、グルックるつと喉鳴らす水
 鳥かロミオ口説きのマダム・テルバみたいなどつて沖の声でよ？ わかんないでしょうね。説してよ。説してお
 くれ。それが愛しのポイベーよ、おお、説しておくれどもつと愛していたのにわからなかつたあなたなのさ。そ
 して川中島の陣うからやつてきたピーチク暇に狂つてるふりして、浮れ！ 倭あの慕すめつ弧一らに掘れつち馬つ
 た！ なんて、つきからつきへいかにも染み滲みと浴槽こめた潤わしい歌声、なのに嘘の一手の親爺ときたら脚気
 大將みたいに過激なもの、例の砂れた破れ着にくるまつてまつたくもつて潤もほろろ、欠伸みたいに響り返つ
 てるんだから、性のないやつ！ なによ、池しやあしやと！ 哀れな響じじい！ 茶化してるんでしょ！ ア
 ナ・リヴィアのこと？ 本流だつてば！ それで彼女は泣漸と立ちあがるや、とことこ戸口へ出ていつて、そこに
 突つ立ち煙草をぶかぶかやりながら、表杭道を通りかかるとあらゆる小間つしやくれ娘や川いらしい百姓

200

216

217

娘に声をかけ、ソリー、ファンダリー、テリー、メリー、ミルカー、オーニー、グローといった娘たちに笑み
 や合図で突撃孔からなかへ滑り込ませたのじゃなかつたかしら？ まさか、殺害？ 洗濯だつてば！ ひとりひ
 とり呼び入れて（淫蒼横丁はこつちよ！ ショーベン館はこつちよ！）、窓台の上でジグかなんかを踊つて脚の振
 り方の手札を示し、おいしい処には最善の衣裳を見えないようにするのを忘れないように、男と乙女の道のすべ
 てはかくかくしかじか、そうして二と一ペニー貨が洋クラウン貨みたいにカチヤカチャ音をたてて銀磨きを持ち
 上げていたつて。へーつ、そ、そうしたつたの？ ええ、あたしが耳にしたみんながだよ！ 可愛い淫浪を混な
 あの際那にほつぽつちやうなんて！ 宿われた商売女はタマルでもリスでもローズでもかまわれないけど性ぜい楽
 しく交わつておつ立ちハンピーのエプロンのなかで抱き合つて洪湧となつてりやいのよね！
 それで彼女はどんな韻の酒灌ぶりを瀧滯したんだい！ 凍かせて！ 其のことを！ 洗いざらい説してよ、
 あたいがデニス・フローレンス・マッカーシーの下着を泡ぶく沫つてる間に。揚げておくれな、決つと、漣ら！
 このヨードチンキの坩を染め落としてから滾かせてあげる、アナ・リヴィアの膠づくりのクッション派汰てのこ
 とをね、あれはひとりが濯して、ふたりが読んで、濯園で雌鶏が見つけたの！ 其はわかる、あんたがそうだつ
 てのはわかる。どんな瀬なことなの？ じゃあ聞いて。聞いている？ ええ、ええ！ ちゃあんと！ 耳を瀧むけ
 てよ！ 淫喘！

201

地と雲にかけて私は真新尻い坩をいたく欲しております、溼漉ながら、それに膨らみものも欲しいので
 す！

と申しますのは私のバズものはくたびれてまいりまして、わが年老いたるデーングり返りそうな谷りよた助
 わが死生の様仕わが家の内部屋つましい鍵、わが脆弱ラクダこぶ、わがジョイント荒らし、わが五月の月蜜
 最後の十一月にいたるまでのわが愚者が冬のまどろみから目覚めて、かつてのごとくに私を穴掘りしてくれる
 のを、じつと沸くさ待つてるのでございます。

どこかの漁洋な領主様が洲爵様が引つかかってくれて、恭しき靴下の洗濯と繕いをして差し上げる川りに源金で二ないし式ベンスほどぼちやんと意んで下さらないものでしょうか、わが家は滯滯してミルクも漉さないのだから。

ただが短きブリタスの寝床が心地よく匂うならば私は滞ることなく外へと出かけ、トルカの泥岸かクロンターの砂浜へ行つてわが塩辛じゃぶりん激の陽気な大気とわが河川に流れ吹く海風を漫喫するでしょう。

澎！ 澎！ もつと説して。なにもかも滯洋に。のこらず潔く。どうして川瀬が川宇深に飛び込んだかつてことまで。それとなぜ滯象が標打ち込んだかつてことも。あの家庭熱にはこつちも熱くなるわ。うちの馬ん那もすこしや熱くしてくれりやねえ！ 若筒と若巻になれようつてのに。さて、今度は標解化場標。サンザシ野の湖沼のお注ぎ。じきにそこへ流し網になるわね。彼女のはいきのいい魚を何匹手持ちにしたわけ？ それが正磯には読んであげられないよ。近いとこしかわからなくて。三桁数字になって、百十一にとどめてたつていう人もあるけどさ、一つひと津ひ渡つて沼津灘でしょ。おやまあ、そんなに？ 教会墓地にだつて入りキエルつてない標流だよ。彼女はボクシング牧師の無過失スリッパの悪みでびしゃびしゃ付けた標籠名の半分もおぼえてないんだ。滯洋も浪辺流もリンゴもヤコブ茶人もあれこれかでもないくらい。百と逸？ うまい洗冷浴をつけられたもんだよ、多滯多生やかプルアラベルとは。浪瀧瀧な名！ 河つたるいわ！ 浮つ滯しい！ でもちやんとカード占に出てるのさ、多ければ多いほど樂しとばかりに二三歡四温の五運六中、七面倒の八滯九窮、ちら河岸標大にするだろうつて。洲津土の注さんに波跡の女標にスペードのジャックにジョーカーだもの。へへ！ 若い標には滯びまくつてたにちがいないね、きつとそうさ、きつと以上だよ。絶滯にまちがいないさ。ひとり標めにした男が滯滯いたのよ。それから投げわながあの娘つこを替したわけ、なんとも意味身、あきれるね！ 説して、説して、どういう滯にしてそんな男たちを泳ぎきつたのかい、根ッ軽の滯温娘だつたにしても？ 豚に其珠を抛わどくまきちらしながらさ、山之泉から潮之町まで、潮之町から海へとね。ひとつ細いで、つぎのを叩い

202

219

て、腸腹に打ち寄せ、突起を浸し、くるみ込んだり細くなつたりしながら東方の入江を。いったい標体だれが最初の相手？ だれかさんに、だれ滯さんたち、戦略攻撃やら一騎打ちやら。滯掛屋、浪立屋、飛乗り、船乗り、パイマン・ピースにポリストマン。添ういうことを海に聞きたいの。もつとすうつと、滯つて丘上の滯流までいって！ グラツタンとフラッドの後の水低の年だつたのかい、それとも乙女たちが滯を描いてたとき、それとも三人がホスト立ちしてたとき？ 滯惑の湧くところは江女が見つかるでしょう、無江からきた無男が無イルを怨罵したように。滯ない滯息もいけどさあ、お婆かさん、ちやんと説たえてくれない？ その男の露拳滯事を解き説しておくれ、滯凍に冷湖に！ 彼女はいまのところその男を見際められないんだ。もう滯海に昔のことだもん！ 滯壽に昔のことだもん！ 泛浪として覺えがななんだつてさ、沮の砂利じやり男、レンスターのお殿、海の狼がいったい年代だれだつたかも、そいつが何をして彼女がどんなに浮き浮き遊んだかも、どういふうに、いつ、なぜ、どこで、だれが滯度も彼女が彼女に飛び乗つてどう彼女を花婿渡しに裏切つたかも。まだほんの幼いやせつぼつちの昔つちよろいやわやわのはにかみ貧相な端つ切れ小娘で、銀色月明りの湖のほとりではしやままわつていてね、ところがあいつのほうはどつしり歩きのそこいら滯みのもつぱら外標のカラッハ男、わが日の照るうちに干草つくろうと、標のごとくに頭まそのもの（泥尿らかに眠れ！）、標殺、キルデイアの滯地あたりでそのときがさがさやつて、はしやば浪つと彼女に滯かけちゃつたわけ。その滯眼を絆けられたとき、彼女は滯浮せんと恥じらつて地下に洗んでしまふかと思つたくらい！ おお、幸せな過ち！ 彼だつたと願うわ！ それは間違ひよ、潮から間違ひ！ 今晚にかぎらず時代滯誤なんだから！ あれは幾時代もあとだつたでしょ、無河が無標のウィツケンロウ郡、愛蘭の庭、まだ彼女はキルブライドの岸を洗つて、馬滯標の下で滯立つことを夢にも見っていない頃よ、南部西武線が彼女の跡を大風にして中風標が跡足を穿染して、彼女の道を延々と進んで、滯し悪しはともかく、独楽まわしに白まわし、雜巾がけに服殺仕事、ハンフリーの網代瀬町の大妻姫と安棚地で金色リフットの命のために、そして飢え淋沌馬の土地滯留男と寝ようなんてことは。滯れよねえ、滯若い、滯空

203

で！河に！川に！美ソルテ？ 濺に確か？ フィンが濺に汗派すところじゃなく、岸に飛びて撥を送るところでもなく、水光激艶として噴れ濁るところでもなく、喜鳥旧倫を恋い池魚淵を思ふところでもなく？ それともネブチエーンが漕いで、トリトーンが櫓拍子として、レアンドロス三がヘーローイン二に衝突したところ？ 濺じゃない、湖じゃない、瀧じゃない、漕じゃない、漕じゃない、漕じゃない！ それじゃ濺、瀧、湖、どのあたり？ 瀧橋の兩岸、それとも瀧間の瀧間、それとも人手が足を踏み入れたことのない瀧なところ？ ど瀧でだったの、最初の瀧は、おしえてつたら！ 聞くんなら話してあげる。ラツガローの暗い峽谷は知ってるでしょ？ あそこに土地の隠遊僧が住んでいたの、マイケル・アークロウというのがその男の筆落だったけど（何だも濺思いついちゃあ、あたしはあいつの洗い物を清めたもんさー）、ユーノーユリウス月のとある濺日、あの女、水の精、ナンス、ナノン・レスコーがそれはもう濺やかで冷やかで涼やかな様子でね、沈黙のなか、シカモアの入江、みんなが耳を澄ませていて、あの燃えあがるうねりは一度感じたら忘れられないよ、それであの男は精油を塗ったばかりの両手を、脈打つ恋を、彼女の歌いしやぐサフラン色の流れ尻毛に差し入れて、それを掻き分け、あやしんだり編んだり、あれは夕日に映えるこの真赤な沼地みたいに深淵に豊かにひろがっていたわ。あの霧の深の透深湖のそばで、靨色男の天弧に全身が氷漆に染まったつげ。娃浮露テイエーテエな演光のなか、エナメル光りする瞳が彼に監視して紫がみついて、もう破れ河ぶれの乙女破れ。お願い、お寝中斐！ なぜなの、撫でなの？ 濺！ レテイ・ラクなんかは笑ひ濡ろげちゃつて月桂樹を投げつけるのよ、ダフダフ寝一のじらし歌を濺みに歌つてさ。マースか！ でもあの魔河浮波は、そりゃ網、一千一世の腕白奴精をいつべんに掴まえちやうから。それに浴槽の獅子、女殺しのシンバは淫淫だし。あの男は抱き我瀬ができなくなって、すっかり泡いて熱くなって、自分のなかの僧を忘れなくちやならなくなったものだから、彼女をこすりあげたりなだめおろしたり、微笑み気分で接吻淫綿。キスにまたキス又又キスしたわけなの（もう滑や、もう激忍、なんていわせもしないで、そばかすおでこの口づけ娘のアンにね。からからに煙られて彼女は息も絶え絶えよ。でも

2 0

2 1

自分の身津漕りではフイーット二足ばかり盛り上がったつもり。それでそれ以来、竹馬に乗った気分で漕歩して。膏薬がわりの鴻妙な治癒キスだったんでしようさ！ それにしても大瀧なお坊さんじゃあない？ それにリウィーだつて淫媚よね？ いまは瀬海、ナーマつて激浪なの。スコッチスホンはいた若者がふたり、あれ以前に瀧通しちゃったのよ、絆キアシ・ホテリーと耶リマクリー・ワタル、ラグナキリア山頂のピクトも動じない嶮男がね、まだあの女があそこを隠すお毛けのけの字もなく、膨らみわらじみたいな鞣はおろか襪カヌー漕きすら滲透する胸も濺つてなかったときに。そしてそのまた以前は幼稚も潮赤も瀧癖な白鳥みたい、妖嬈なよなよアイに乗つかかれても失神するくらい、キユクノスの羽毛一本といちやついても危ういほど脆くつて、それがチーチーッペチャペチャつて名の獵犬になられたの、ちようどおしつこをしてたとき、汚れ知らずのあとけないもんよ、キピユアの丘の青、鳥歌う刈り取り時、でも何より最初に何より最悪に、波ゆれおちやめのリウィーつたら、乳母のサリーが益漕でぐつすり睨りこけていたときに、悪魔の谷の軌れ目からつると横漕り、そしてあらまあま、足を踏みなおす間もなく余水路を滑り落ちて、雨に凝んだ黒沼のなかの休閒半の下でもぞもぞやつて、無邪気に笑いながら手足をばたばた、乙女サンサンたちがこそつて緋赤らめながら横目で眺めてたわ。

そのさんざ瀧りの落な音を聞かせておくれな、漕変木にしる漕飲木にしる、どつかのぎよる池目さんが見てんだし。それにどうして彼女は濺、転倒の濺化かす娘だったのかおしえて漕うだい。それに彼女はマルセルウエーブだったか、それともかわつたかつらをかぶつてただけなのかもお決えておくれ。それに漕ざしたちは泡で浮ためた拍子にとつち側ら華がやきを漕らしたんだい、後方の漕瀧に、それとも漕瀧の漕瀧に？ 愛しの若の声をそんなに近くに聞くのを恐れてなの、それとも嫌悪を願望しつつ願望を嫌悪しつつ？ あんたは明瀧に知ってるの知らないの？ ねえ、いいじゃない、つづけてよ、話してつたら！ あんたの知ってることを。わかっているわよ。もちろんでしょ！ コイフにギンプがいいのかい、鼻とがらせちやつてさ、あたしにはヴェロニカ聖獣の油つこいのを任せるとだね。今度は何をランスして、あなたにお礼をいうわけ？ それ、エプロンなの、サーブ

リスなの？ あらま、鼻がどこについてんの？ それに糊はどこ？ 夕迎の礼拝のにおいじゃないわね。オーテ
 コロンと蕪の香りでここからでもわかるわよ、ミセス・マグラスのでしょ。だから空気に晒しとくとよかつたの
 に。滋つとりしたのは氷溜とれたんだけど。絹の襪織りだからねえ、しわくちや芝生じゃなく。洗潔、くださいま
 せな、神父様、あの女は罪を犯しましたのよ！ 洗面台から流しちやつて汚染たるもんでしたの、隣隣隣りにお尻
 で汚染、なんかしちやつて。フリルの滑靴、滑んじよそ廻らに減汰あるしろもんじやないわ。そうだと、洞窟
 だよ！ まっ濯、まっ添！ 明日が晴れてりや浮ぼち誰か見物にくるのかい？ どう？ あたいは寧ろ無知でね
 え！ ベルヴェディアのべんべら坊やたちだろさ。すぼけ帽子をかぶつて櫓漕ぎクラブの色服着て。なんともあ
 まとまつちやつて！ なんともう、跳ねちやつて！ それにほら、妖嬈みたいな彼女の脱文字もついで。緋糸
 で洞の上に江流が。よく見えるように波だ色の地に組み合わせて。アンの襪、鍵持ちローラのものじやないつて
 ことを表すために赤印がつけてある。いやねえ、波全ピンをふりまわさないで！ 魔モンの子、キンセラのリリ
 スじゃあるまいし！ ところで誰があの女のスロースの脚を汚きちぎつてんのかい？ どつちの脚を？ 鈴のつ
 いたほうの脚。濯々に汚かせてよ、汚まいまで！ ど廻でやめたんだつて？ やめないで！ つづけつ誑して！
 まだまだあるんでしょ。待ちくた漣れてるんだから。汚つてよ、汚つてよ！

ええと、それが濃免、托鉢、修道会の上通、漆、刺月、漆ウエイクリーに載つてからは（チキンとペーケン船のデザイナー
 を済ませて反駁してたとき、子山羊皮の白手袋を汚しちやつたてなことが、読物記事を読み終えるとあつちこつ
 ちに出ていたりこつちあつちに忘れたりしてるけど）、あの男の霜混じりの髪に降る雪までがあの男に澁さん濯
 濯しちやつたの。論たいもないやつ、落けちまえ、減なりだ、消えちまえ！ 濯、濯、濯、濯の田舎者！ そりゃ
 泥、どこへ行こうがどこの酒屋に濯り出くわそうが、明なかだろろうと、町はずれだろろうと、ローズ・ボトル亭や
 フェニックス街やパワース・インやジェードス・ホテルなんて腐卵の場だろろうと、ナニウオーターからヴァー
 トリヴァイル、ポルタ・ラティーンからポルタクリー区、どこの田舎を濯濯しようよ、あのひとのアイコンが酒さま

333
233

にエッチングされてるし、片田舎の男の子たちがガイ・フォークス像の引きまわしみたいなのをして、それに
 下濃のモリスなんぞは怪深、ターゴの浪、澳洲ロイス、取りに悪乗りで（威々しい濃馳の瀧、酒や解卵菓風のお邸
 でさ、純正、スエットに馬乳、ヨーグルト、ハム男の短づけ、ああタムはこちらへ、でつぶりアアティマさん、半
 転を！ 近くの酒場で千鳥足の悪態、膨題、ピーコロ笛やらバンジョーの騒増、しいなか、オッドフェローの三流三
 重バスビー、出濃、帽を頭につけてね。ネヴァアつこいペートか海が、いしいピートみたいに。この石部、酔吉に入り込
 められた寝屋が決して屈伏しなくてあいつの脚を雌鷄にしてあいつの卵を雌鷄かかえしたわけよ。そして涙もろ
 い濃中が彼のまわりに凍合して滯議することに相成つて、啞々、濁々、沈沈、濁濁の遺酒、い騒ぎ。父てえやろうだ！
 母つてのほかだ！ ハングコングの名にかけて昂るしちまえ！ ラリリリアレロ、法を汚かしやがつて！ 彼
 女は十字洲にくねくね九洲、誓つたの、うじやう蛇と寄せくる僻淫に、対抗しようよ。傷つきやすき聖女なるマリ
 ー・デル・ダムにかけて！ そこで彼女、茶めけがあるもんだから、ひとつ悪戯を渾ちあげる詭画をねろうと
 ひとりごちたの、あんたが深度だつて聞いたことのないようなたぐいよ。どんな詭画？ 早くおしえて、そんな
 意地悪しないでさあ！ どんな深、それたことをやら漣したんだい？ それがねえ、頭陀袋を、シヤミーの郵便
 袋を借りてきたのよ、ランプ明りのローンを買すつてことで交換、息子のひとりの郵便屋、シヨーンから、そしてそ
 れから呼び売り本のいろいろ、モ・ムーア年鑑、ケイシーのユークリッド、ファクション・テイスプレイトなんか
 を参照して、これを潮時にその仮舞、舞會に加わろうとしたわけ。そりゃ、けたけたのけらけらのけちよちよ
 さ。とつても誑してあげられないくらい！ なにから波までおかしくつて、潮ちくりんの卵そみたい！ 波はは、
 沍ひひ、浮ぶふ、浦ほほ！ そんなこといわないで、誑してつたら！ 聞かせてよ、汚れつたいわ、どんな濁く
 の敷き音までも澄みすみまでも清明しておくれ！ ムルフタルトの井戸にかけて誓うわよ、野當りの山からあの
 世逆きを派、派に入れたつて一語のこらす、昏こんと聞かせてもらうから！ まあまあ、汚つとは一息入れさせてお
 くれな、あんた！ あたしの誑が気に入らないんなら、滴當にどつかへいくといい。じゃあ、好きなようにしてい

いから。ほら、すわつて、いわれたようにするの。撫でてあげるから弓なりになつて。前かがみになつて、ご肥
満体を伸ばして！ 漣つとゆつくり、漣つくりしずかに。漣るりとでいいわ。舌を休ませてちょうだい。汲つと
深く息を。そうそう、いい漣子。ゆつくり急いで、なかなかの漣技なこと。そのありがたい土木リコをこつちへ
お河岸、あの教会参事の砲大パンツをこしこしやるからさ。さあ、お流し。お放し。お証しよ、漣るりと漣るり
と。

まず彼女がアアルはらつと髪を解くと、それは足もとへ下流して美緒ツツ渦巻をつくつたの。それから、母様
しく、乳白柄の水と汚らしい湯ばりの泥を、上から下内へ、冠から足の裏まで散布したわ。つぎに龍骨の溝をぬ
るぬるに、虎指保や擦り傷や小黒や痒みへ汚れどめバタースコッチとテレ芝油と大蛇尾香をぬりつけてから、腐
葉上でまあい潤井の目の島と薄紫色の乳首の島からおへそまで五ヶ瀬、隈なくまるめろくめくつたわけ。金流
の波がた蠟工のどろどろ腹と香ゆたかな鰻色の肌。そのあと彼女は髪に飾る花輪を纏んだの。それを撫つてさ。
それを組んでさ。牧草に川菖蒲、蘭草に水草、しだれ柳の喚きの落葉なんかでね。それから手首飾りと踝飾り
と腕飾りと、それに首飾りにする漆黒のお護りをこしらえたわ、こちやこちや基石、あちやこちや浅瀬石、落石
玉石狩集め、ライン石から砥石まで、愛蘭の大石から片貝おはじき石までかちやがちやいわせて。それがすむと、
浮気っぽい目もとに煤の隅田を描いて、まったく総紐アナミズオドロ・ドロコウイッチ・パフローヴァだよ、
そして波打つ唇にくちゆびるクリーム、頬骨にはストロベリーレッドから破廉紫まで化粧箱の選りすぐりをつ
けて、そうして溢れんす下のもとへ房女中を遣つたもんだ。大谷チエリーに真名サクラつていうふたりの
従姉妹の桜ん嬢をね、濡れかけ溝むすの奥様が汚しく申しておりました、ちよいと小指のために外出のご許可を、
ですつてさ。薔薇森ヶ丘に詣でて蠟燭に一本火を灯し、没急に戻ります。瀬見雄鷲が沈黙を打ち、星草部屋がき
らきら嫁がやき、蓬瀬があたしを招待してくれるー！ 自分の支の半分も遠くへ行かないからつていつたそうよ。
さあて、それから、背こぶの彼の背が向き返るやいなや、郵便袋を肩に引つ掛けて、アナ・リヴィアは牡蠣顔を

207

335

して川尻をあげたというわけ。
詳しく証して！ 急いでよ、いいでしょ？ 轍は温海のうちに踏めつていうもん。道志たつて聞き逃すもんで
すか。鏝川が潤溜になつたつていいからさ。海手山千々、せひとも聞かなくちや！ 早瀬に急いで！ 早く、ジュ
リアが帰サル万江に！ ふしくれ帯なのに縶子仮面をかぶつてたの、押の強い頼母木さんは？ ぜんぶ貴婦人ふ
うで？ 十二分の一ノ瀬も？ 釜わす穴吹つべ？ くさい興部？ 何を着けていたの、不思議の妙ちくりんな鏡
映えの古い上下？ どのくらい朝立刺繍に馬具飾りに重さがあつた？ そうさ、アン親音よねえ！ 男を慥致肢
萎厥痿にしてしまう水婦なんだ。
寡婦なんかじゃなくて、濛用雑役おばちゃんさ、濛明の始母だよ。話し話をしてあげよう。でもじつとして
ね。和座を保つて、いまから話すことをよく聞いてくれる？ 閑魂日の夜の一時十分か二十分間だつたか四月の
次時だつたかに、彼女のイグルー建の櫓小屋の跳ね木戸がぼたぼたと聞いて、よたよち歩きに出てきたのが
田舎女、あなたの見たこともないような別嬪でね、まわりを伺うなすいて、宝満な笑みをあふれさせ、当惑に
当別し畏怖に申布あてつつ、ふたつの時代にはさまれた姉御さんだよ、あなたの腕相手もしてくれないだろうさ。
ほら、あの女を磯いで見て、いそ井出つたら、ゆらゆら申良めいて生きながら頃々かわるんだから。八手保驚
き！ もういない？ アーレまあ、すいぶん大きなラムの骨つきれを拾つたもんだね、城門破りの乱棒にもマッ
ケンジーじやないかい？ ああ、そうそう。忘れサリーヌところだつたよ、長津きあいは打当しいとかイヨータ
でしょ。うちの鯉の長瀬はあるよ！ 彼女は鋤もの男の飾り釘付き木沓をはいてたわ、御煙そのものみみたいな木
沓でね、頭にカールとんがり円山帽にはごてごてげばげばの庇と金雀枝の飾り帯がついてアルノ、そこから百
瀬にリボンが舞い流れて金ぴかピンも刺してあつて、一たび腹焦點鼻眼鏡からきまろ目をのぞかせ、水溜る容貌の
小鏡が日焼けセーヌようにと魚網ペールをかぶつてさ、吹浦らつとした耳の耳田深にポテリングを撫り糸で付
知やつて、すけすけキューバストッキングは蛙現卓模様、これみよがしに着てた體沢やかなキャラコのシユミー

208

ズは洗いに洗うまで色が落ち込んで、すっかりしたゴルセットが二追にからだの線を目置たててたし、オレンジ色の小又ズボン、二脚で一着は、生まれたままの黒い大又が恋瀬むすびになつていつでも大が平きになるのがありあり、ブラック縞のタン皮のケープはシークイン縫いでテディベアの裏打ち、常浪の蘭草緑の肩飾りがついて、すてきな白鳥の首毛があちこちに丸舞して、藁科縞のガーターには碧玉が一對埋め込んであって、アルファベットボタンを中筋に並べた奥ゆかしい間布のコートの縁にはぐるつと二本抜井の帯を渡良瀬で、胸ポケットに入れた四ツ谷つつの小銭の重みで雨電の突風にも吹き飛ばされないという段戸り、洗濯ばさみでしつかりと鼻の根元をはさんで、口もとを十文字に何やら妙なことを歯きしりしい、かき煙草流みの幌スカートの縞走の縞化のかおりが後の馬路にア五十ンドマイルも長走りに波恵っていたの。

いままいいわ、見そこなつちやつて！ けつこうなにおいを引地つてたのに誰も辛倒しなかつたとはね！ でも口の内には何を入れてたんだい？ 鼻の利根は大丈夫だったの？ あの女を見た誰もかれもがいった花渡那珂な奇妙なひとだったわ。あら気をつけてよ、ぼしやん馬洗とやらないで！ いいから、おとなしく城井で！ 六角四面に雑用雑魚をこなした天機さまだったのさ。あんなぼつとしない女もいなかったねえ！ マシユマロを葛根出みたいな目で男の子たちを覗見して。それで慈愛の女王つていう浦之名を新冠にかぶせたの、女の子たちみんなで。正月の？ まさか！ 彼女のほうは自分で見ることができなかつた。だから鏡を土場で汚しちやつたんでしようよ。ほんと？ 安芸れたひと？ それで渴きしたり顔の土方さんたちのコーラスが起こつて、う蛇う樹とぐる巻きつづみ煙草しゃぶりつづ、果実を求め華をむさばり、彼女の花卉の波揺れと爽遊ぶりを思いやり、北上の風舞坊ヶ岳でのほほんのしよしよん、ウナギの長棟の過を遺化のヨリックの店あたりで過ごしてただけれど、彼女が夏婦の藻草をつけて海辺道を千曲つてくるのを見て、阿弥陀かぶりのボンネットの下が誰なのかかわかるやいなや、甲の魚と乙の歌が、大沢ぎにいったものよ、松葉杖の賢者がマスター・ベートにね。われら南白なる仲間うちとそれが温めてある石徹白の人間が、さもなければ彼女の顔は上げられたり、さもな

209

226

227

ればアルファは薬浮かれなり！

でも彼女のこたませ弁財天袋にはどんな獲物を比曾ませてあつたんだい？ 肝属の雉子尾、それとも童子の精毛？ 飛鳥の足羽や縹北織りや有戸あらゆる安岐ない品。で、どこでそんな丹波にしてかつき雷をやらかしたのさ？ 武闘の前田つた、それとも舞踏のあと？ 源から新鮮な常呂を得たいわ。あたいの器に賭けても、漁り甲斐あるもんね！ 安比ろげにいつてよ、ねえ、ねえ！ 鳥みたいななどぶ声あげないで！ その甲斐あるように約束するから。たぶんなんかじやないわよ。約束手形なんかでもなく。氣田たましくしないんなら、本當の話をき喜瀬であげる。

でね、くねくねクネネと波打つ線を描きながら、あちこちのソッコイらを彼女は小走りの直走りの横走り、狭い街道を玉右ダブルに抜けていき、こつちの乾いた藻興部、あつちの野辺地の内真部、こちらプラット、あちらヘプラット、どつちの中ノ口か中興に突き当たるかわからずに千走の銚子、わが仲良し子言たちみんなにべちやペチヨラとおシエベリしつづ、腹ペコスかした青白つ子らのちやきチャリ声に應えるサンタクロースみたい、ソロつて小さな心たちに耳をかたむけ、イゾラベラを抱いてやつて、それから伸直りしたロムルスとレムスいつしよに駆けつこ、まるで矢代をはなれた矢落のよう、それからターテイ・ハンスの泥つばねをクマなく唾で洗つてやつて、己の喉内から生まれためいめいおのおの子供たちにクリスマスボックスをひとつずつ、子供たちは子供たちで彼女に誕生日の贈物をする夢を見ていたんだけど、戦利品を彼女はあたしたちの戸口に財布ヘルマントと置いてつたのさ！ マットのそば、ポーチのそば、地下室のなか。川つ子たちがそれを見にドゥーつと出てきたわ、ドラ息子たちも、あばズーレ嬢たちも。やかましいのや四釜しいのや、尻に火のついたのや尻平なのや。そしてみんなして彼女についてまわつたの、子供らを洗頭に一人前のおとなまで、板穴だらけの安極や摺斐つな家から出てきた泥ん子たち、俯べつたみたいに大騒ぎ、滑溜者の御勅使にはしゃぐ笑みの家の園児みたいね。ほんざーい、アンなのア・カンサスかよう！ アナまあ、へべれけチベレけかよう！ ワールいけどセンゼン変子！こ

よう！ むずムズしちやうわよう！ アブルつとくるぜ！ みんなからかいながら、靴をあげたり、冷たい笑を浴びせたり、波多またその津度さつくサツコ、はつしやウオバツシユ、彼女はがらくた袋にもつパラめたメタ放り込んじやあ手を伸ばし、どれも記念のあわレナ品々、すべて夕ホけた者たちのため、ネグロな者たち、テムズかしい者たち、ハタンカある者たち、のんシヤラントした者たち、彼女のネッカーらの息子たちとアパラチコラの娘たち、夜つピーテキと一の者たち、そのめいめいにサナから幸いジンメリおまる弁当だわね。備なたの永久のため。書なる川に口蹴りをデシユートさ。ジプシー・リーには、鐘掛屋のバン屑とアリキ缶を沸かす馬勞車、番人チャミには、鶏葱スープの業一服包、すね者ペンダーの酔ね者の甥には、給強の三角ドロップ、衰れなピッコリーナ・プオット・マクアアレンには、咳ひとつとせいせい野薔薇類、イザベル、ジエザベル、ルウエリン・ムマリツジには、針とピンと毛布と腰をそれぞれ分けあうジグゾーパズル、ジョニー・ウオーカー・ベックには、鉄面皮鼻と鉄ミット、ケウイニン・オデイには、紙の聖条旗、バツジ・クレイグには、汽車ぼつぽでテカータイム・トムビグビーには、夜歩き三月兔、フリー・ヘイズとハリケーン・ハーティガンには、水ぶくれ足とゴム長、クロンリフの自慢息子バツク・ジョウズには、放蕩心臓と肥満ふくらはぎ、スキバリンのヴァルには、パン一斤と親父の初期目的、ボリクレイのなんでも屋のラリー・ドゥーリンには、軽装二輪馬車、ティーク・オフラナガンには、官船の船酔い旅、ジエリー・コイルには、シラミ捕り、アンテイ・マツケンジには、細切れパイ、ペンスレス・ピーターには、ヘアクリップ入りガラガラ、G・V・アルックには、十二音色鏡、たしなみ深いシスター・アン・モーティヤーには、顔をつつむけられるように溺死人形、フランシスのベッドには、祭壇幕、マグベック・ウオツピントンには、ワイルテアーの短靴スボン、スー・ドットには、ぎよろ目、サム・ダツシュには、蹴つまずき、バツツイ・プレスビズには、クローバー畑で、摘みあげて生殺しにした蛇、うじやうじやとヴァチ毎語めにした毒蛇捕獲免許証、スタンドアスト・テイクには、毎朝強精米一粒とスタンブルストーン・デイヴィには、毎分ドロップ一粒、列福ヒデイには、瘦せ標、珠玉、エヴァ・モビレリには、林檎ツイードのストール二脚、サーラ・フィルポットには、おまる、谷印茶湯

210

228

239

かし、アイリオン・アルーナには、歯を白くしてヘレン・アロンよりも赤頬になるように、試読堂パウター美麗箱、エデイ・ローレスには、鞭打ち独楽、バターマン横町のキティ・コルレイには、安物買いの銀矢い水差し、悪戯者ナリーには、塗装用シャベル、プロモーター・タンには、脱川河馬仮面、司祭補パウルには、三重日信發の煮ースターエックとダイナマイト権、外套のマンには、急性瀉下書、ドレイパーとテイーンには、星印靴下留め、鬼火ウイルと買買バーナードには、苦り酒をスウィーデンに風味して飲めるようにと飼料ビート、オリウアー・バウンドには、乱闘の一擧、ショーマスには、たとえ小さくとも彼が、大きく感する貫んむり、サニー・トウインジムには、潮にコンゴズウッド十字イリのチャリチャリ金貨、万歳、フライアンには、勝算と積まくり簞子、オロナ・レナ・マクダレナには、情欲の元、漫した連綿たる襪概、カミラ、ドロミラ、ルドミラ、マミラには、バケツ、小包、本、枕、ナンシー・シャーンソンには、友達アローチ、ドーラ、リパリア・ホープンウオーターには、冷却灌水器と熱鍬、ウオーリー・ミーガーには、ブライニー自慢石二個、エルシ・オラムには、お尻を掻いてせつせと摩擦をむさヴォルガために、ヘアピン石筆、ベティ・ベレッツアには、老齡年金、ファニー・フィッツには、アルース粉石礮一袋、タフ・ド・タフには、製作のためのミサ、粥男児ジャックには、茶器茶器娘、カドワクス・アンジェラス・ルビコンシユタインには、ロジャヤソン・クルーソーの金曜日、ヴィクトル・ユグノーには、織工の横糸のありとあらゆる氣想縦糸のための渾一ヶ年分のポプリン型、掃除婦ケイトには、杖丈夫の熊手と上等混種肥、ホステイには、バラツドの六、J・F・X・K・コピンガーには、掃籃二ダース、インファンタには、不発花火五発とともに生まれたイルカのために、ぼんぼん跳ねイワシ、かなたの灰溜めそばのマジーには、一生使える避妊具、渡し守アエリムには、ラスクからリウイエンバッドへ行く大太り冷漢肉女、肺病病みめくら種風病みガウには、咳込みくらくら酒、寛シロツプ、アルモリクス・トリストラム・アモール・セイント・ローレンスには、名儀愛更と鳥選びの楽しみ、ルーベン・レッドアレストには、ギロチン着と泊務中のブレナンには、重麻ズボン吊り、コンテイトー・ソイヤーには、膝とグレイト・トロピカル・スコットには、蚊ゆい木仮面、カーマライト・ケインには、C、花魁、郵便夫シエマス、

211

オシオンには剣印、濟みのその月の無陽地図、ノーランなきアブラウンには皮付きジャッカル、ドン・ジョウ・ウ
 アンスには冷え肩、オナーブライト・メリートリックススには泥棒、捕らえての縋う繩、ヒリー・ダンボインに
 は大鼓、アイダ・アイダには罪ぶか金銀、吹子のポー・ポー、フー・イズ・シルヴァー——フー・イズ・ヒー
 だつたかしらにはお休みねん椅子、祭壇、キング、怒声、ピーター、刺、シヨーテイ、糖蜜トム、O・B・ピーア
 ン、どつすんサリ、マスター・マグラス、ピーター・クロラン、オテラウオル・ローサ、ネロン・マクパシ
 ム、行き当りばつたりに出くわす誰でも彼でもにはイネスカイエネシー、ラーゲンカニガー、がぶ飲みさぶ飲み
 したい何でも、そしてセリナ・サスキューアナ・ステキラムには喉の膀胱風船といつたぐあい。ところがアル
 ダ・ウオード、キャッティ・キャネル、ペギー・キルテイ、ブライアリ・ブロスナ、テージー・カーラン、イ
 ーナ・ラツピン、ミュリエル・マシー、ズサン・カマック、メリサ・ブラドク、フローラ・ファーンズ、フォ
 ーナ・フォックス、グッドマン、グレットナ・グリーン、ペネロープ・イングルサンテ、レイサ・リアン似の
 レズバ・リッキング、シンパテイカ、ソアン連れ、ロクサーナ・ローアン、ウナ・ヒナ・ラテルツァ、トリナ・
 ラ・メズメ、フィロメナ・オフアール、アーマク・エリー、ジョゼファイヌ、フオイル、スネークスヘッド・
 リリー、ファウントノイ・ローラ、マリー・ザヴィア・アグネス・テージー・フランセス・ド・サール・マック
 リーには能を与えたと思ふ？ そのどの聖の娘にも月の華と血管を与えたんだからねえ、葡萄酒ドレスをひらく
 者たちには機織面に熟れちゃう葡萄酒のみ。小間恥かいのイシーには涙積越えに愛が光ったわよ、筆強の友シエム
 からは過故の命が彼の盛りを前汚しにしたみたい。

それじゃ、袋一杯をうわまワルダろさ！ 米櫃一のかまけに十分の一税のおまけじゃシンドいわね。メイ惑な
 ほ桶な話！ それに愛蘭の市場ときたら！ 何もかにもクリノリン封筒のなかにあるんだよ、豚樽、シールをひつ
 ぱがしてみりやね。あの女の神秘損じた疫病からみんな流れ出るのも無理ないわ。あんたのバドソン石礫を投げ
 ておクレネ！ ちよっぴり水あかが残ったの。そんなラ埠頭に役で返して、明日の朝まるマル布にくるんで。

230
231

マーシードけないひと、ムルテもう！ そうそう、こないだ河岸た漂青船も忘れないでよ。そつちの流ればずい
 ぶん渦巻いてること。だからって、あたいのせいだつての？ 誰もあんたのせいだなんていつてないでしょ？
 ちよつと流ね。こつちは広流だけど。ただ、嗅ぎ煙草の紙袋が流れてくるわよ、漂異ナ坊さんが法衣の袖から
 になつとして、あの女の重慶一れた沼水、仙が彼に虚栄の蚤市を取り消しさせる絵柄のね。あの男のいかがわしい
 チヌック聖書ならあたしも少しは読んでるさ、ドット飢エルくらいに不愉快だつたけど、おしやべり題目頁にこ
 ちよこちよ書いてあるからけたけた笑つちやつた。神ちやまがいわれまぢゆた、人よ在れ！ すると人が在りま
 ぢゆた。ほほほほ、オーモちろいこと！ 神ちやまがいわれまぢゆた、アダムよ在れ！ するとアダムが在りま
 ぢゆた。はははは！ それからウインダミア湖の詩人、レ・ファニユ（シエリタン）の例の馬車置き場のそばの
 家、ミル（丁）の女について、それにフロス川の水準小屋を見るも。そうよ、在ルト見ユールの爺なんか溝落ち
 でもして、あの浮浪州のはすつばどもには石をぶつけてやりやいいんだ！ ずいぶん潔癖とあの人の水車を溝入
 れまわしにしてるんだもんね。あたし、手が青冷えちやつた、あそこに洗んでる菓一立ち騾一様様の唐器のかけ
 らみたい。あら、どこだつたかしら？ 昔のそばにあつたわよ。黄河不幸か、見えなくなつたわ！ 哀身悲！
 こんな芝泥んとした水じゃ見えつこないでしょ？ こんなに近いのにこんなに遠いなんて！ でも、ほら、ギホ
 ン！ あたしは驢馬おしやべりが好きなの。あたし毛騾馬にマウルク耳をかたむけられるほうさ。冷玄な雨に
 川が波打つて。蚊針がふわふわと。これが濃き命を海出して。

ねえ、知つてたつて、信濃かつたつて、岩魚かつたつて、どんな話も流れて尾しまいになるで庄雄物と姫が
 そうだもの。ほらほら、日暮里になつてきたじやない！ あたしの高梁が根羽つてきたわ。あたいの冷たい万座
 も吹テ峰になつちやつた。何時だい？ 何事だい！ 何時代？ 遅くなるには那買くないでしょ。ウォーターハ
 ウスの水ヶ時記を夢前に浅見してからもう果てしなくなつたのね。ばらばらにしたのよ、みんなが溜息つくのを
 耳にしたわ。いつまた組み立てるのかしら？ ああ、昔が、瀬が、津らくつて！ アナ場の湯川へでも行きたい

り死ぬイウ事！ あの聲があなたの目に見えるわ。また会いましょう、も一度別れましょう。場所はあたしが獲すわ、時をあなたがみつけるなら。あたしの地図が、青ミルクのこぼれるところで高く輝くんだ。忘れな草とは思うけど、あたしはそろそろ沙流つもり！ 利別ね！ あんたも時計を摘んで、忘れないで草ね。これを天ノみちしるべに。旅の果てまで安楽に！ あたしの視界はこの場所の影にそつてかすみつつ泳いできた。野呂のろと、ゆつくりと癒るわね、ひとり道を、わが汗みちを。暗闇のなか、あたしもどなく。

あ、それにしても妙に不老の女だったねえ、アナ・リウイアはさ、足指飾りなんかちやらちやらさせて！ それにまったく木曾う天外な爺さんだったよ、泥又吞舟どんぶりんはね、鰹浮引の息子娘の足らい上手な養老父だった。じつちゃんばつちゃん、あたしらはみんなあのふたりのがきどもさ。と津貫せて妻木にした女は七人いたでしょ？ 櫃に入れた女はそれぞれ七本の杖立ていた。杖はそれぞれ七色をした。色はそれぞれ乳ヶつた叫びをした。あたしには浮き草、あんたには夕食、ジョウ・ジョンには医者つけがこたま。野付が！ 色丹！ 山場付きの娘なんか嫁にしてさあ、さもしく安くものにしたんだ、あたいは知ってるね、爽いしい郷地のエトルリアのカトリックの異教徒みたいに、概ノ木に白を黄瀬たみたいな茶路っぽい衣に空知やけた藍縷の黒又なんか履いて。だけどミカエル増川では誰が女房だったの？ あれから、あつたものはすべて麗しくなつたじゃない。しつ、声聞の妖標！ 多久さんの時代が極地に逆戻ってくる。新川が同時つ話に。古銀の姫香か雄おしき心か。アナは過去、リウイアは現在、プルラベルは未来。北腹男のものが南部民の住処をこさえたにしても、なんとまあ狭い人首がひとひとふえたじゃない？ むずかしいこといつて三ツ目内でよ、三方一体論者みたいにさ、三途くるつ渡まわつて愛覽して！ 吹手恣意い気な陀武倫の山羊市民！ 彼は鹿山羊の乳頭をしてるのね、狐兎のための柔らかな。祀子や、まあ！ 彼の胸の變。神のお救けを！ それに、祀子や！ ほりや？ なべてすべての男たちは。鏡野？ 彼のさんざめく娘たち。なんていつ鷹い？

聞こえないのさんざめく水で。さらさらめく水で。ひらひらめく蝙蝠たち、野鼠たちが話をじやまするの。ね

3 3 4
3 3 5

え！ 家へ帰つてとどまらうてんじやないのかい？ なあに、トム・マロウン？ 聞こえないの蝙蝠のじやまで、佐波くりファイの流れて。ああ、話を音別してよ！ あたし足が岩で踏こかない。鶴このの輪みたいに老いた気がする。シヨーンかシエムの話かい？ みんなリウイアの娘息子たち。暗鷹が聞いているわよ。夜が！ 夜が！ あたいの老部れ頭が垂れて。向うの石みたいに重い気がする。ジョンだかシヨーンだかの話をしてくれるの？ 誰なのシエムとシヨーンは生きてる息子の娘なの？ もう夜よ！ 話して、話しておくれ、話しておくれよ、暮の輪よ！ 暮れる夜よ！ 甚だか石だかの話を。石走るほとぼしる河のそばの、こちら川あちらが輪に流れる水守の夜が！

CONTEÚDO DO CD QUE INTEGRA ESTE TRABALHO:

1. Balada: *Finnegan's Wake*.....3'29"
Intérprete: Marcelo Tápia.
Letra: pp. 43 – 46.
2. Capítulo VIII de *Finnegans Wake*:
"Anna Livia Plurabelle" 19'49"
(fragmentos do texto original)
Voz: Marcella Riordan (Naxos: Audio Books)
Texto: pp. 324 - 332.
3. Capítulo VIII de *Finnegans Wake*:
"Anna Livia Plurabelle" 20'14"
(fragmentos da tradução de Dirce Waltrick do Amarante)
Vozes: Alai Garcia Diniz e Clarissa Alcantara.
Texto: pp. 334 - 343.
4. Capítulo VIII de *Finnegans Wake*:
"Anna Livia Plurabelle"20'19"
(fragmentos da tradução ainda inédita de Donaldo Schüler)
Vozes: Clarissa Alcantara e Marina Moros.
Texto: pp. 345 - 357.

Produção: Marina Moros.

Organização: Dirce Waltrick do Amarante.

2. FAIXA:

**FRAGMENTOS DO TEXTO ORIGINAL (AS PARTES DESTACADAS FORAM
ORALIZADAS NO CD)**

Reeve Gootch was right and Reeve Drughad was sinisterous! And the cut of him! And the strut of him! How he used to hold his head as high as a howeth, the famous eld duke alien, with a hump of grandeur on him like a walking wiesel rat. And his derry's own draw! and his corksown blather and his doubling stutter and his gullaway swank! Ask Lictor Hackett or Lector Reade of Garda Growley or the Boy with the Billyclub. How elster is he a called at all! Qu'appeller! Hugues Caput Earlyfouler. Or where was he born or how was he found? Urgothland, Twistown on the Kattekar? New Hunshire, Concord on the Merrimake? Who blocksmitt her saft anvil or yelled lep to her pail? Was her banns never loosened in Adam and Eve's or were him and her but captain spliced? For mine ether duck I thee drake. And by my wildgaze I thee gander. Flowey and Mount on the brink of time makes wishes and fears for a happy isthmass. She can show all her lines, with love, license to play. And if they don't remarry that hook and eye may. O, passmore that and oxus another! Don Dom Dombomb and his wee follyo! Was his help inshored in the Stork and Pelican against bungelars, flu and third risk parties? I heard he dug good tin with his doll, delvan first and duvin after, when he raped her home, Sabrine ashore, in a parakeet's cage, by dredgerous lands and devious delts, playing catched and mythed with the gleam of her shadda, (if a flic had been there to pop up and pepper him!) past auld min's manse and Maisons Allfou and the rest of incurables and the last of immurables, the quaggy waag for stumbling. Who sold you that jackalantern's tale? Pemmican's pasty pie! Not a grasshoop to ring her, not an antsgrain of ore. In a gabboard he barqued it, the boat of life, from the harbourless Ivernikan Okean, till he spied the loom of his landfall and he loosed two croakers from under his tilt, the gran Phenician rover. By the smell of her kelp they made the pigeonhouse. Like fun they did! But where was Himself, the timoneer? That marchantman he suivied their scutties right over the wash, his cameleer's burnous breezing up on him, till with his runagate bowmpriss he roade and borst her bar. Pitcomayo! Suchcaughtawan! And the whale's away with the grayling! Tune

O

tell me all about

Anna Livia! I want to hear all

about Anna Livia! Well, you know Anna Livia? Yes, of course, we all know Anna Livia. Tell me all. Tell me now. You'll die when you hear. Well, you know, when the old cheb went futt and did what you know! Yes, I know, go on. Wash quit and don't be dabbling. Tuck up your sleeves and loosen your talk-tapes. And don't butt me — hike! — when you bend. Or whatever it was they threed to make out he thired to two in the Fiendish park. He's an awful old reppe. Look at the shirt of him! Look at the dirt of it! He has all my water black on me. And it steeping and stuping since this time last wik. How many goes is it I wonder I washed it? I know by heart the places he likes to saale, duddurty devil! Scorching my hand and starving my fame to make his private linen public! Wallop it well with your battle and clean it. My wrists are wrusty rubbing the mouldaw stains. And the dneepers of wet and the gangres of sin in it! What was it he did a tail at all on Animal Sendai? And how long was he under loch and neagh? It was put in the newses what he did, nicies and priers, the King fierceas Humphrey, with illysus distilling, exploits and all. But toms will till. I know he well. Temp untamed will hist for no man. As you spring so shall you neap. O, the roughy old rappe! Minxing marrage and making loof.

196

your pipes and fall aluimming, you born ijypt, and you're no-thing short of one! Well, pteல்லomey soon and curb your escumo. When they saw him shoot swift up her sheba sheath, like any gay lord salomon, her bulls they were ruhiring, surfed with spree. Boyarka buah! Boyana bueh! He erved his lille Bumbath hard, our staly bred, the trader. He did. Look at here. In this wet of his prow. Don't you know he was kaldt a bairn of the brine, Wasserbourne the waterbaby? Havemmarea, so he was. H.C.E. has a codfisek ee. Shyr she's nearly as badher as him herself. Who? Anna Livia? Ay, Anna Livia. Do you know she was call-ing bakvandets sals from all around, nyumba noo, chamba choo, to go in till him, her erring cheef, and tickle the pontiff aisy-aisy? She was? Gota pot! Yssel that the limmat! As El Negro wincod when he woned in La Plate. O, tell me all I want to hear, how loft she was lift a laddery dextro! A coneywink after the bunting fell. Letting on she didn't care, sina feza, me absantee, him man in passession, the proxenete! Proxenete and phwhat is phthat? Emine for your reussischer Honddu jarkon! Tell us in franca lingua. And call a spate a spate. Did they never sharee you ebro at skol, you antiabecedarian? It's just the same as if I was to go par examplum now in conservancy's cause out of telekinesis and proxenete you. For coxyt sake and is that what she is? Botlettle I thought she'd act that loa. Didn't you spot her in her windaug, wubbling up on an osiery chair, with a meusic before her all cunniform letters, pretending to ribble a reedy derg on a fiddle she bogans without a band on? Sure she can't fiddan a dee, with bow or abandon! Sure, she can't! Tista suck. Well, I never now heard the like of that! Tell me moher. Tell me moatst. Well, old Humber was as glommen as grampus with the tares at his thor and the buboes for ages and neither bowman nor shot abroad and bales allbrant on the crests of rockies and nera lamp in kitchen or church and giant's holes in Grafton's causeway and deathcap mushrooms round Funglus grave and the great tribune's barrow all darnels occumule, sittang sambre on his sett, drammen and drommen, usking queasy quizzers of his ruful continence, his childlinen scarf to encourage his obsequies where he'd check their

debths in that mormon's thames, be queesting and handsetl, hop, step and a depend, with his berths in their toiling moi, his swal-lower open from swolf to fore and the snipes of the gutter pecking his crocs, hungerstriking all alone and holding doomsdag over hunself, dreeing his weird, with his dander up, and his fringe combed over his eyes and droming on loft till the sight of the sternes, after zwarthy kowse and weedy broeks and the tits of buddy and the loits of pest and to peer was Parish worth thiette mess. You'd think all was dodo belonging to him how he durmed adrance in durance vaal. He had been belching for severn years. And there she was, Anna Livia, she darent catch a wrinkle of sleep, purling around like a chit of a child, Wendawanda, a finger-thick, in a Lapsommer skirt and damazon cheeks, for to ishim bonzour to her dear dubber Dan. With neuphraties and sault from his maggias. And an odd time she'd cook him up blooms of fisk and lay to his heartsfoot her meddery eggs, yayis, and staynish beacons on toase and a cupenhave so weeshywashy of Greenland's tay or a dzoupgan of Kaffue mokau an sable or Sikiang sukry or his ale) of ferns in trueart pewter and a shin-kobread (hamjambo, bana?) for to please that man hog stay his stomicker till her pyrraknees shrunk to nutmeg graters while her togglejoints shuck with goyt and as rash as she'd russ with her peakload of vivers up on her sieve (metauwero rage it swales and rises) my hardey Hek he'd kast them frome him, with a stour of scorn, as much as to say you sow and you sozh, and if he didn't peg the platteau on her tawe, believe you me, she was safe enough. And then she'd esk to vistule a hymn, *The Heart Bowed Down* or *The Rakes of Mallow* or Chelli Michèle's *La Calumnia è un Vermicelli* or a balify bit ov *old Jo Robidson*. Sucho suffing a fifeing 'twould cut you in two! She'd bate the hen that crowed on the turrace of Babbel. What harm if she knew how to cockle her mouth! And not a mag out of Hum no more than out of the mangle weight. Is that a faith? That's the fact. Then riding the ricka and roya romanche, Annona, gebroren aroostokrat Nivia, dochter of Sense and Art, with Sparks' pirryphlickathims funk-ling her fan, anner frostivying tresses dasht with virevlies, —

while the prom beauties sreeked nith their bearers' skins! — in a period gown of changeable jade that would robe the wood of two cardinals' chairs and crush poor Cullen and smother Mac-Cabe. O blazerskate! Theirs porpor patches! And brahming to him down the feedchute, with her femtyfyx kinds of fondling endings, the poother rambling off her nose: *Vuggybarney, Wickerymandy! Hello, ducky, please don't die!* Do you know what she started cheeping after, with a choicely voicey like water-glucks or Madame Delba to Romeoreszk? You'll never guess. Tell me. Tell me. *Phoebe, dearest, tell, O tell me and I loved you better nor you knew.* And letting on hoon var daft about the warbly sangs from over holmen: *High hellskirt saw ladies hensmoker tily-hung pigger:* and soay and soan and so firth and so forth in a tone sonora and Oom Bothar below like Bheri-Bheri in his sandy cloak, so unvolosy, as deaf as a yawn, the stult! Go away! Poor deaf old deary! Yare only teasing! Anna Liv? As chalk is my judge! And didn't she up in sorgues and go and trot doon and stand in her douro, puffing her old dudheen, and every shirvant silgirl or wensum farmerette walking the pilend roads, Sawy, Fundally, Daery or Maery, Milucre, Awny or Graw, usedn't she make her a simp or sign to slip inside by the sullyport? You don't say the sillypost? Bedoux but I do! Calling them in, one by one (To Blockbeddum here! Here the Shoebenacaddie!) and legging a jig or so on the silh to show them how to shake their benders and the dainty how to bring to mind the gladdest garments out of sight and all the way of a maid with a man and making a sort of a cackling noise like two and a penny or half a crown and holding up a silliver shiner. Lordy, lordy, did she so? Well, of all the ones ever I heard! Throwing all the neiss little whores in the world at him! To inny captured wench you wish of no matter what sex of pleissful ways two adda tammam a lizzy a lossie to hug and hab haeven in Humpy's apron!

| And what was the wyerye rima she made! Odet! Odet! Tell me the trent of it while I'm lathering hail out of Denis Florence MacCarthy's combies. Rise it, flut ye, pian piena! I'm dying down off my iodine feet until I lerryn Anna Livia's cushingloo,

that was writ by one and rede by two and trowed by a poule in the parco! I can see that, I see you are. How does it tummel? Listen now. Are you listening? Yes, yes! Idneed I am! Tarn your ore ouse. Essonne inne.

By earth and the cloudy but I badly want a brandnew bankside, bedamp and I do, and a plumper at that!

For the putty affair I have is wore out, so it is, sitting, yaping and waiting for my old Dane hodder dodderer, my life in death companion, my frugal key of our larder, my much-altered camel's hump, my jointspoiler, my maymoon's honey, my fool to the last Decemberer, to wake himself out of his winter's doze and bore me down like he used to.

Is there irwell a lord of the manor or a knight of the shire at strike, I wonder, that'd dip me a dace or two in cash for washing and darning his worshipful socks for him now we're run out of horse-brose and milk?

Only for my short Brittas bed made's as snug as it smells it's out I'd lep and off with me to the slobbs della Tolka or the plage au Clontarf to feale the gay aire of my salt troublin bay and the race of the saywint up me ambushure.

Onon! Onon! tell me more. Tell me every tiny teign. I want to know every single ingul. Down to what made the potters fly into jagsthole. And why were the vesles vet. That homa fever's winning me wome. If a mahun of the horse but hard me! We'd be bundukiboj meet askarigal. Well, now comes the hazel hatchery part. After Clondalkin the Kings's Inns. We'll soon be there with the freshet. How many aleveens had she in tool? I can't rightly rede you that. Close only knows. Some say she had three figures to fill and confined herself to a hundred eleven, wan bywan bywan, making meanacuminamoyas. Olaph lamm et, all that pack? We won't have room in the kirkeyaard. She can't remember half of the cradlenames she smacked on them by the grace of hier boxing bishop's infallible slipper, the cane for Kund and abbles for Eyolf, and ayther nayther for Yakov Yea. A hundred and how? They did well to rechristien her Pluhurabelle. O loreley! What a loddon lodes! Heigh ho! But it's quite on the cards she'll shed

more and merrier, twills and trills, sparefours and spoilfives, nord-sinkes and sudsevers and ayes and neins to a litter. Grandfarthing nap and Messamisery and the knave of all knaves and the joker. Heehaw! She must have been a gadabout in her day, so she must, more than most. Shoal she was, gidgad. She had a flewmen of her owen. Then a toss nare scared that lass, so aimai moe, that's agapo! Tell me, tell me, how cam she camlin through all her fellows, the neckar she was, the diveline? Casting her perils before our swains from Fonte-in-Monte to Tidingtown and from Tidingtown tilhavet. Linking one and knocking the next, taping a flank and tipping a jutty and palling in and pietaring out and clyding by on her eastway. Waiwhou was the first thur-ever burst! Someone he was, whuebra they were, in a tactic attack or in single combat. Tinker, tilar, souldrer, salor, Pieman Peace or Polistaman. That's the thing I'm elwys on edge to esk. Push up and push vardar and come to uphill headquarters! Was it waterlows year, after Grattan or Flood, or when maids were in Arc or when three stood hosting? Fidaris will find where the Doubt arises like Nieman from Nirgends found the Nihil. Worry you sighin foh, Albern, O Anser? Untie the gemman's fistknots, Qvic and Nuancee! She can't put her hand on him for the moment. Tez thelon langlo, walking weary! Such a loon waybash-wards to row! She sid herself she hardly knows whaon the annals her graveller was, a dynast of Leinster, a wolf of the sea, or what he did or how blyth she played or how, when, why, where and who ofon he jumpnad her and how it was gave her away. She was just a young thin pale soft shy slim slip of a thing then, sauntering, by silvamoonlyake and he was a heavy trudging lurching leabroad of a Curraghman, making his hay for whose sun to shine on, as tough as the oaktrees (peats be with them!) used to rustle that time down by the dykes of killing Kildare, for forstfellfoss with a plash across her. She thought she's sankh neathe the ground with nymphant shame when he gave her the tigris eye! O happy fault! Me wish it was he! You're wrong there, corribly wrong! Tisn't only tonight you're anacheronistic! It was ages behind that when nullahs were nowhere, in county

Wickenlow, garden of Erin, before she ever dreamt she'd lave Kilbride and go foaming under Horsepass bridge, with the great southernwestern windstorming her traces and the midland's grain-waster asarch for her track, to wend her ways byandby, robecca or worse, to spin and to grind, to swab and to thrash, for all her golden lifey in the barleyfields and pennylotts of Humphrey's fordofurdlestown and lie with a landleaper, wellingtonorseher. Alesse, the lagos of girly days! For the dove of the dunas! Was-ut? Izod? Are you sarthin suir? Not where the Finn fits into the Mourne, not where the Nore takes lieve of Bloem, not where the Braye divarts the Farer, not where the Moy changez her minds twixt Cullin and Conn tween Cunn and Collin? Or where Neptune sculled and Tritonville towed and leandros three bumped heroines two? Neyá, narev, nen, nonni, nos! Then whereabouts in Ow and Ovoca? Was it yst with wyst or Lucan Yokan or where the hand of man has never set foot? Dell me where, the fairy ferse time! I will if you listen. You know the dinkel dale of Luggelaw? Well, there once dwelt a local heremite, Michael Arklow was his river-end name, (with many a sigh I aspersed his lavabibs!) and one venersderg in junojuly, oso sweet and so cool and so limber she looked, Nance the Nixie, Nanon L'Escaut, in the silence, of the symcomores, all listening, the kindling curves you simply can't stop feeling, he plunged both of his newly anointed hands, the core of his cushlas, in her singimari saffron strumans of hair, parting them and soothing her and mingling it, that was deep-dark and ample like this red bog at sundown. By that Vale Vowclose's lucydlac, the reignbeau's heavenarches arranged her. Afroth-dizzying galbs, her enamelled eyes indergoading him on to the vierge violetian. Wish a wish! Why a why? Mavro! Letty Lerck's lafing light throw those laural's now on her daphdaph teasesong petrock. Maass! But the majik wavuis has elfun anon meshes. And Simba the Slayer of his Oga is slewd. He cuddle not help himself, thurso that hot on him, he had to forget the monk in the man so, rubbing her up and smoothing her down, he baised his lippes in smiling mood, kiss akiss after kisokushk (as he warned her niver to, niver to, nevar) on Anna-na-Poghue's of

the mauldrin rabble around him in areopage, fracassing a great bingkan cagnan with their timpan crowders. Mind your Grimm-father! Think of your Ma! Hing the Hong is his jove's hang-nomen! Lilt a bolero, bulling a law! She swore on crosstyx nyne wyndabouts she's be level with all the snags of them yet. Par the Vulnerable Virgin's Mary del Dame! So she said to herself she'd frame a plan to fake a shine, the mischiefmaker, the like of it you niever heard. What plan? Tell me quick and dongu so croud! What the neurther did she mague? Well, she bergened a zakkbag, a shammy mailsack, with the lend of a loan of the light of his lampion, off one of her swapsons, Shaun the Post, and then she went and consulted her chapboucqs, old Mot Moore, Casey's Euclid and the Fashion Display and made herself tidal to join in the mascarate. O gig goggle of giguels. I can't tell you how! It's too screaming to rizo, rabbit it all! Minneha, minnehi minneha, minneho! O but you must, you must really! Make my hear it gurgle gurgle, like the farest gargle in the dusky dingle dargle. By the holy well of Mulhuddart I swear I'd pledge my chanza getting to heaven through Tirry and Killy's mount of impiety to hear it all, aviary word. O, leave me my faculties, woman, a while! If you don't like my story get out of the punt. Well, have it your own way, so. Here, sit down and do as you're bid. Take my stroke and bend to your bow. Forward in and pull your overthepoise! Lisp it slaney and crisp it quiet. Deel me long-some. Tongue your time now. Breathe thet deep. Thouat's the fairway. Hurry slow and scheldt you go. Lynd us your blessed ashes here till I scrub the canon's underpants. Flow now. Ower more. And pooleypooley.

¶ First she let her hair fal and down it flussed to her feet its teviots winding coils. Then, mothernaked, she sampood herself with galawater and fragrant pistania mud, wupper and lauar, from crown to sole. Next she greased the groove of her keel, warthes and wears and mole and itcher, with antifouling butter-scath and turfentide and serpenthyme and with leafmould she ushered round prunella isles and eslats dun, quincecunct, allover her lirtle mary. Peeld gold of waxwork her jellybilly and her

grains of incense anguille bronze. And after that she wove a garland for her hair. She plaited it. Of meadowgrass, and riverflags, the bulrush and waterweed, and of fallen griefs of weeping willow. Then she made her bracelets and her anklets and her armlets and a jetty amulet for necklace of clicking cobbles and pattering pebbles and rumbledown rubble, richmond and rehr, of Irish rhunerthinstones and shellmarble bangles. That done, a dawk of smut to her airy ey, Annushka Lutetiavitch Pufflovah, and the lillipos cream to her lippeleens and the pick of the paintbox for her pommettes, from strawbirry reds to extra violates, and she sendred her boudeloire maids to His Affluence, Ciliegia Grande and Kirschie Real, the two chirsines, with respects from his missus, seepy and sewery, and a request might she passe of him for a minnikin. A call to pay, and light a taper, in Brie-on-Arrosa, back in a sprizzling. The cock striking mine, the stalls bridely sign, there's Zambosy waiting for me. She said she wouldn't be half her length away. Then, then, as soon as the lump his back was turned, with her mealiebag slang over her shulder, Anna Livia, oysterface, forth of her bassin came.

Describe her! Hustle along, why can't you? Spitz on the iern while it's hot. I wouldn't miss her for irthing on nerthe. Not for the lucre of lomba strait. Oceans of Gaud, I mosel hear that! Ogowe presta! Leste, before Julia sees her! Ishekarry and washe-meskad, the carishy caratimaney? Whole lady fair? Duodecimo-roon? Bon a ventura? Malagassy? What had she on, the liddel oud oddity? How much did she scallop, harness and weights? Here she is, Amnistry Ann! Call her calamity electrifies man.

No electress at all but old Moppa Necessity, angin mother of injons. I'll tell you a test. But you must sit still. Will you hold your peace and listen well to what I am going to say now? It might have been ten or twenty to one of the night of Allclose or the nexth of April when the flip of her hoogly igloo flappered and out toetippit a bushman woman, the dearest little moma ever you saw, nodding around her, all smiles, with ems of embarras and aues to awe, between two ages, a judyqueen, not up to your

elb. Quick, look at her cute and saise her quirk for the bicker she lives the slicker she grows. Save us and tagus! No more? Werra where in ourthe did you ever pick a Lambay chop as big as a battering ram? Ay, you're right. I'm epte to forgetting, Like Liviam Liddle did Loveme Long. The linth of my hough, I say! She wore a ploughboy's nailstudded clogs, a pair of ploughfields in themselves: a sugarloaf hat with a gaudyquiviry peak and a band of gorse for an arnoment and a hundred streamers dancing off it and a guildered pin to pierce it: owlglassy bicycles bogged her eyes: and a fishnzeveil for the sun not to spoil the wrinklings of her hydeaspects: potatorings boucled the loose laubes of her laudsnarers: her nude cuba stockings were salmospotspeckled: she sported a galligo shimmy of hazevaipar tinto that never was fast till it ran in the washing: stout stays, the rivals, lined her length: her bloodorange bockknickers, a two in one garment, showed natural nigger boggers, fancyfastened, free to undo: her black-stripe tan joseph was sequarevn and teddybearlined, with wavy rushgreen epaulettes and a leadown here and there of royal swanstuff: a brace of gaspers stuck in her hayrope garters: her civvy codroy coat with alpheubett buttons was boundaried round with a twobar tunnel belt: a fourpenny bit in each pocket side weighed her safe from the blowaway windrush; she had a clothes-peg tight astride on her joki's nose and she kep on grinding a something quaint in her fummy mouth and the rreke of the fluve of the tail of the gawan of her snuffdrab siouler's skirt trailed fifty odd Irish miles behind her lungathodes.

[Hellsbells, I'm sorry I missed her! Sweet gumptyum and nobody fainted. But in whelk of her mouths? Was her naze aight? Everyone that saw her said the dowce little delia looked a bit queer. Lousy trotsy, mind the poddle! Missus, be good and don't fol in the say! Fenny poor hex she must have charred. Kickhams a frumpier ever you saw. Making mush mullet's eyes at her boys dobelon. And they crowned her their chariton queen, all the maids. Of the may? You don't say! Well for her she couldn't see herself. I recknitz wharfore the darling murrayed her mirror. She did? Mersey me! There was a koros of drouthdropping sur-

facemen, boomslanging and plugchewing, fruiteyeing and flower-feeding, in contemplation of the fluctuation and the undification of her filimentation, lolling and leasing on North Lazers' Waal all eelfare week by the Jukar Yoick's and as soon as they saw her meander by that marriage way in her grasswinter's weeds and twigged who was under her archdeaconess bonnet, Avondale's fish and Clarence's poison, sedges an to aneber, Wit-upon-Cruches to Master Bates: *Between our two southsates and the granite they're warming, or her face has been lifted or Alp has doped.*

But what was the game in her mixed baggyrhatry? Just the tembo in her tumbo or pillipili from her pepperpot? Saas and taas and specs bizaas. And where in thunder did she plunder? Fore the battle or efter-the ball? I want to get it frisk from the source. I aubette my bearb/it's worth while poaching on. Shake it up, do! That's a good old son of a ditch! I promise I'll make it worth your while. And I don't mean maybe. Nor yet with a goodfor. Spey me pruth and I'll tale you true.

[Well, arundgirond in a waveney lyne aringarouma she pattered and swung and sidled, dribbling her boulder through narrowa mosses, the dliskydrear on our drier side and the vilde vetchvine agin us, curara here, careero there, not knowing which medway or weser to strike it, edereider, making chattahoochee all to her ain chichiu, like Santa Claus at the cree of the pale and puny, nistling to hear for their tiny hearties, her arms encircling Isolabella, then running with reconciled Romas and Reims, on like a lech to be off like a dart, then bathing Dirty Hans' spatters with spittle, with a Christmas box apiece for aisch and iveryone of her childer, the birtthday gifts they dreamt they gabe her, the spoiled she fleetly laid at our door! On the matt, by the pourch and in- under the cellar. The rivulets ran aflood to see, the glashaboys, the pollynooties. Out of the paunschaup on to the pyre. And they all about her, juvenile leads and ingenuinas, from the slime of the slums and artesianed wellings, rickets and riots, like the Smyly boys at their vicereine's levee! Vivi vienne, little Annchen! Vielö Anna, high life! Sing us a sula, O, susuria! Ausone sidulcis! Hasn't she tambre! Chipping her and raising a bit of a chir or a

Yuinness or Yenessy, Laagen or Niger, for Festus King and Roaring Peter and Krisky Shorty and Treacle Tom and O. B. Behan and Sully the Thug and Master Magrath and Peter Cloran and O'Delawarr Rossa and Nerone MacPacem and whoever you chance to meet knocking around; and a pig's bladder balloon for Selina Susquehanna Stakelum. But what did she give to Pruda Ward and Katty Kanel and Peggy Quilty and Briery Brosna and Teasy Kieran and Ena Lappin and Muriel Maassy and Zusan Camac and Melissa Bradogue and Flora Ferns and Fauna Fox-Goodman and Grettna Greaney and Penelope Inglesante and Lezba Licking like Leytha Liane and Roxana Rohan with Simpatica Sohan and Una Bina Laterza and Trina La Mesme and Philomena O'Farrell and Irmak Elly and Josephine Foyle and Snakeshead Lily and Fountainoy Laura and Marie Xavier Agnes Daisy Frances de Sales Macleay? She gave them ilcka madre's daughter a moonflower and a bloodyein: but the grapes that ripe before reason to them that devide the vinedress. So on Izzy, her shame-maid, love shone befond her tears as from Shem, her pennmight, life past befoul his prime.

My colonial, wardha bagful! A bakereen's dusind with tithe tillies to boot. That's what you may call a tale of a tub. And Hibernonian market. All that and more under one crinoline envelope if you dare to break the porkbarrel seal. No wonder they'd run from her pison plague. Throw us your hudson soap for the honour of Clane! The wee taste the water left. I'll raft it back, first thing in the marne. Merced mulde! Ay, and don't forget the reckitts I lohaned you. You've all the swirls your side of the current. Well, am I to blame for that if I have? Who said you're to blame for that if you have? You're a bit on the sharp side. I'm on the wide. Only snuffers' cornets drifts my way that the cracka dvine chucks out of his cassock, with her esthereyear's marsh narcissus to make him recant his vanity fair. Foul strips of his chinook's bible I do be reading, dodwell disgusted but chickled with chuckles at the tittles is drawn on the tattle-page. *Senior ga ditio: Faciasi Omo! E omo fu fò. Ho! Ho! Senior ga ditio: Faciasi Hidamo! Hidamo se ga facessà. Ha! Ha! Ha! And Die Windermere*

Dichter and Lefanu (Sheridan's) *Old House by the Coachyard* and Mill (J.) *On Woman with Ditto on the Floss*. Ja, a swamp for Altmuehler and a stone for his flossies. I know how racy they move his wheel. My hands are blawcauld between isker and suda like that piece of pattern chayney there, lying below. Or where is it? Lying beside the sedge I saw it. Hoangho, my sorrow, I've lost it! Aimihi! With that turbary water who could see? So near and yet so far! But O, gihon! I lovat a gabber. I could listen to maure and moravar again. Regn-onder river. Flies do your float. Thick is the life for mere.

Well, you know or don't you kennet or haven't I told you every telling has a taling and that's the he and the she of it. Look, look, the dusk is growing. My branches lofty are taking root. And my cold cher's gone ashley. Fieluhr? Filou! What age is at? It saon is late. 'Tis endless now senne eye or erewone last saw Waterhouse's clogh. They took it asunder, I hurd thum sigh. When will they reassemble it? O, my back, my back, my bach! I'd want to go to ~~Aches-tes-Pains~~ Pingpong! There's the Belle for Sexaloitez! And Concepta de Send-us-pray! Pang! Wring out the clothes! Wring in the dew! Godavari, vert the showers! And grant thaya grace! Aman. Will we spread them here now? Ay, we will. Flip! Spread on your bank and I'll spread mine on mine. Flep! It's what I'm doing. Spread! It's churning chill. Der went is rising. I'll lay a few stones on the hostel sheets. A man and his bride embraced between them. Else I'd have sprinkled and folded them only. And I'll tie my butcher's apron here. It's stuey yet. The strollers will pass it by. Six shifts, ten kerchietts, nine to hold to the fire and this for the code, the convent napkins twelwe, one baby's shawl. Good mother Jossiph knows, she said. Whose head? Mutter snores? Deataceas! Wharnow are alle her childer, say? In kingdome gone or power to come or gloria be to them farther? Allalivial, allalluvial! Some here, more no more, more again lost alla stranger. I've heard tell that same brooch of the Shannons was married into a family in Spain. And all the Dunders de Dunnes in Markland's Vineland beyond Brendan's herring pool takes number nine in yangsee's hats. And one of Biddy's

marigold and a cobbler's candle in a side strain of a main drain of a manzinahurries off Bachelor's Walk. But all that's left to the last of the Meaghers in the loup of the years prefixed and between is one kneebuckle and two hooks in the front. Do you tell me that now? I do in troth. Orara por Orbe and poor Las Animas! Ussa, Ulla, we're umbas all! Mezha, didn't you hear it a deluge of times, ufer and ufer, respund to spond? You deed, you deed! I need, I need! It's that irrawaddyng I've stoke in my aars. It all but husheth the lethest zswound. Oronoko! What's your trouble? Is that the great Finnleader himself in his joakimono on his statue riding the high horse there forehengist? Father of Otters, it is himself! Yonne there! Isset that? On Fallareen Common? You're thinking of Astley's Amphitheayter where the bobby restrained you making sugarstuck pouts to the ghostwhite horse of the Peppers. Throw the cobwebs from your eyes, woman, and spread your washing proper. It's well I know your sort of stop. Flap! Ireland sober is Ireland stiffe. Lord help you, Maria, full of grease, the load is with me! Your prayers. I sonht zo! Madammangut! Were you lifting your elbow, tell us, glazy cheeks, in Conway's Carrigacurra canteen? Was I what, hobbledyhips? Flop! Your rere gait's creakorheuman bitts your butts disagrees. Amn't I up since the damp dawn, marthared mary allacook, with Corri-gan's pulse and varicoarse veins, my pramaxle smashed, Alice Jane in decline and my oneeyed mongrel twice run over, soaking and bleaching boiler rags, and sweating cold, a widow like me, for to deck my tennis champion son, the laundryman with the lavandier flannels? You won your limpopo limp from the husky hussars when Collars and Cuffs was heir to the town and your slur gave the stink to Carlow. Holy Scamander, I sar it again! Near the golden falls. Iciss on us! Seints of light! Zezere! Subdue your noise, you hambie creature! What is it but a blackburry growth or the dwyergrey ass them four old codgers owns. Are you meanam Tarpey and Lyons and Gregory? I meyne now, thank all, the four of them, and the roar of them, that draves that stray in the mist and old Johnny MacDougal along with

them. Is that the Poolbeg flasher beyant, pharphar, or a fireboat coasting nyar the Kishina or a glow I behold within a hedge or my Garry come back from the Indes? Wait till the honeying of the lune, love! Die eve, little eve, die! We see that wonder in your eye. We'll meet again, we'll part once more. The spot I'll seek if the hour you'll find. My chart shines high where the blue milk's upset. Forgivemequick, I'm going! Bubyee! And you, pluck your watch, forgetmenot. Your evenlode. So save to jurna's end! My sights are swimming thicker on me by the shadows to this place. I sow home slowly now by own way, moy-valley way. Towy I too, rathimine.

Ah, but she was the queer old skeowsha anyhow, Anna Livia, trinkettoes! And sure he was the quare old buntz too, Dear Dirty Dumpling, fooshterfather of fingalls and dotthergills. Gammer and gaffer we're all their gangsters. Hadn't he seven dams to wive him? And every dam had her seven crutches. And every crutch had its seven hues. And each hue had a differing cry. Sudds for me and supper for you and the doctor's bill for Joe John. Befor! Bifur! He married his markets, cheap by foul, I know, like any Etrurian Catholic Heathen, in their pinky limony creamy birnies and their turkiss indienne mauves. But at milkidmass who was the spouse? Then all that was was fair. Tys Elvenland! Teems of times and happy returns. The seim anew. Ordovico or viricordo. Anna was, Livia is, Plurabelle's to be. Northmen's thing made southfolk's place but howmulty plurators made eachone in person? Latin me that, my trinity scholar, out of eure sanscreed into oure eryan. *Hircus Civis Eblanensis!* He had buckgoat paps on him, soft ones for orphans. Ho, Lord! Twins of his bosom. Lord save us! And ho! Hey? What all men. Hot? His tittering daughters of. Whawk?

Can't hear with the waters of. The chittering waters of. Flittering bats, fieldmice bawk. talk. Ho! Arq you not gone ahcmef? What Thom Malone? Can't hear with bawk of bats, all thim liffey-ing waters of. Ho, talk save us! My foos won't moos. I feel as old as yonder elm. A tale told of Shaun or Shem? All Livia's daughter-sons. Dark hawks hear us. Night! Night! My ho head halls. I feel

as heavy as yonder stone. Tell me of John or Shaun? Who were
Shem and Shaun the living sons or daughters of? Night now!
Tell me, tell me, tell me, elm! Night night! Telmetale of stem or
stone. Beside the rivering waters of, hitherandthithering waters
of. Night!

II

3. FAIXA :

FRAGMENTOS DA TRADUÇÃO DE DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

O

Me conta tudo sobre

Anna Livia! Eu quero saber tudo

sobre Anna Livia. Bem, conheces Anna Livia? Sim, é claro, todo mundo conhece Anna Livia. Me conta tudo. Me conta já. Vais cair dura quando ouvires. Bem, sabes, quando o velho folgado falhou e fez o que sabes. Sim, sei, anda logo. Lava aí e não me enroles. Arregaça as mangas e solta a língua. E não me batas – ei! – quando te abaixas. Seja lá o que quer que tenha sido eles tentaram doiscifrar o que ele trestou fazer no parque Fiendish. É um grandessíssimo velhaco. Olha a camisa dele! Olha que suja ela está! Ele deixou em mim toda minh'água escura. E estão embebidas, emergidas toduma semana. Quanto tanto já lavei isso? Sei de cor os lugares que ele gosta de manchar, suujeito suujo. Esfolando minha mão e esfomeando minha fome pra lavar sua roupa suja em público. Bate bem isso com teu batedor e limpa elas. Meus pulsos estão emperrujando de tanto esfregar as nódoas de bolor. E as porções de umidade e as gangegrenas de pecado. O que foi isso que ele fez uma estola e tanto com o Anima Sancta? E quanto tempo ele ficou trancafiado no lago? Tá nos jornais o que ele fez, do nascimento ao sacerdócio, o Rei

violento como Humphrey, destilando ilisões, façanhas e tudo mais. Mas a masculinidade ele cultivará. Eu o conheço bem. O tempo selvagem não pára pra ninguém. Naquilo que semeares, colherás. O, rude raptor! Levianamente acasalando e fazendo rumor.

-196-

A Margem Esquerda era Direita e o Direito era sinistro! E a pose dele! Que empertigado ele é! Como costumava manter sua cabeça tão alta quanto a de um nobre, o famoso velho duque estrangeiro, com uma corcunda de grandeur como um ruminante rato roedor. E o seu típico sotaque derryense e sua fala corketípica e sua gagueira duplinense e seu comportamento galowayense. Pergunta a Lector Hackett ou Lector Reade da Garda Growley ou ao garoto do Billyclub. Como então ele é chamado afinal? Qu'appele? Huges Caput Earlyfouler.

-197-

Quando eles assistiram ele saltar suave sobre sua segura sabá, como um lascivo lorde salomão, os touros dela estavam uivando, saciados de satisfação. Boyarka buah! Boyana bueh! Ele mereceu sua pequena penosa vitória, nosso nobre garonhão, o mercante. Ele mereceu. Olha aqui. Na umidade da proa. Não sabias que ele era shamado uma criança do oceano, Flutuante filhodágua? Havemmareá, então era ele. H.C.E. tem um olho de bacolhau. Ah, ela é quase tão culpada quanto ele. Quem? Anna Livia? Ah, Anna Livia. Sabias

que ela estava chamando backseatantes girlrotas de toda parte, nyumba noo, chamba choo, para ir até ele, seu comandante transgressor, e excitar o pontífice daqui-dali? Estava? Deudossel é o cúmulo! Assim como El Negro recuou quando ele triunfou em La Plata. O, me conta tudo, eu quero saber, quantas vezes ela veio à tona! Uma cintilante garoupinha depois que os panos caíram. Fazendo revelações ela não se importava, eu sem dinheiro, na minha ausência, a ele homem aposseonado, a amanteretriz! A amanteretriz e uisque é uisso? Emme para teu russoscitado jargão hondu! Me diz in franca lingua. E fala claro e abertamente. Nunca te ensinaram ebbraico n'scola, sua analfabecedeta? É exatamente como se eu devesse conduzir par exampium agora um processo de proteção fora da telecinesia e te subprostituísse. Pelo amor dos eus e é isso quela é? Kecoragem eu pensei que ela tivesse se comportado conforme a lei. Não a percebeste na jaunela dela, se balançando numa cadeira de vime, na sua frente um musiaico de letras cunningformes, pretendendo proferir um agudo réquiem num violino sem arco? Na certa ela não sabe tocar uma nota, com som ou chanson. Claro que ela não sabe! Só uma sucsom. Bem, nunca tinha ouvido coisa igual! Conta-me mehrs. Conta-me most.

- 198 -

Ele tem eructado por severnte anos. E lá estava ela, Anna Livia, ela não usava pregar os olhos à noite, ondulando por toda parte como uma sirigaita safada, Indoevindo, um palito de magra, numa saia Veranilapônica e bochechas ameizônicas, para dseja bonzour ao seu amado atrapalhado Dublinamarquês.

Com rins novos e salz dos seus mares. E em curiosas ocasiões ela preparava ovas de peixe e punha seus ovhos mediclumentos para tranqüilizá-lo, oeuf, e fartos troucinhos sobre a tourrada e um copoandhalf de tão insípido chá da Greeniândia ou uma Dzoses de Kaffe mokae com asucré escura do Sikiang ou cerveja de samambaias em estanhos genuínos e um pãodecanela (jamléia de presunto, banana?) para dar plaisir àquele porcalhão e satisfazer o seu estomicky até que seu pair de joelhos se retraíram como raladores de noz-moscada enquanto as juntas do seu cotovelo pelam-se com gota e tão rápido como ela se moveu com seu pesado pacote de víveres sobre ela mesma (violento mareteouro sobe e desce) meu resistente Hek os lançou para longe dele, com uma dose de desprezo, quando muito para dizer tu és assuína e assada e se ele não arremessou o platteau no rspeito dela, podes crer, ela estava devidamente segura. E então ela ordenou que assobiassem um himno, *The Heart Bowed Down* ou *The Rakes of Mallow* ou Chelli Michele's *La Calumnia è un Vermicelli* ou um pequeno pedaço do *old Jo Robidson*. Tamanha disputa e discussão podia ter te doisvidido! É isso de fato? Esse é o fato.

- 199 -

E qual foi a enfadostranha rima que ela fez! Odet! Odet! Me Conta com exatrentdão isso enquanto eu vou ensaboando os segredos das combinações de Denis Florence e McCarthy. Termina isso, cantarola já, pianiana! Não me agüento de curiosidade até ficar sabendo sobre a epistobela de Anna Livia,

- 200 -

que foi escrita por um e lida por dois e trouveada por uma poule no parco! Sei disso, sei quem tu és. Como isso tummelnua? Agora escuta. Estás escutando? Sim, sim! É claro que estou! Sê toda ouvidos. Deixossom trar.

Pela terra e pelas nuvens eu apenas preciso ardentemente de um novíssimo leito, úmido e seria suficiente, e sobre ele abundância.

Quanto ao gomastoso romance eu entendo está desgastado, assim é, chocando, tagarelando e esperando pelo meu velho pedreiro tremulante Donomarquês, meu companheiro pela vida e pela morte, minha chave frugal da nossa despensa, minha corcova de camelo deveras-alterado, meu saqueador de tabernas, minha lua-de-maiol, meu louco até o derradeiro dezembro, para se despertar fora do seu cochilo hibernal e me dominar como ele sempre fazia.

Há por aí um senhor do sol ou um cavaleiro do condado em greve, eu me pergunto, que me desse um toastão ou dois em dinheiro para lavar e cerzir para ele suas honráveis meias agora que não temos mais aveia para o cavalo e leite?

Se não fosse pelo meu estreito leito de Britta tão agradável quanto o seu aroma eu teria saltado fora para as imundícies della Tolka ou da plage au Clontarf para sentir o prazeroso air da minha salgada e dublinmultuada baía e o curso da brisamar sobre a minha foz.

Onon! Onon! Me conta mais. Me conta toda a minúscula minúcia. Quero saber tudo tudo.

-201-

Ah-ah! Ela deve ter sido uma vagaabundante nos seus dias, sim, ela foi, mais do que a maioria. Shoaltamente que ela foi, por Deueus . Ela teve excasos homens para si. Naquele tempo uma agitação não assustava essa moça, assim aimava mois, e isso qu'é amour! Me conta, me conta, como ela pôde prosseguir através de todos os seus companheiros, a divinabólica? Ela disse a si mesma que dificilmente entende quemsteve nos confusos anais, uma dinastia dos Leinster, um lobo do mar, ou o que ele fez ou quão feliz ela se desfrutou ou quão, quando, como, onde e quem foi ele que freqüentemente saltou sobre ela e como foi cedido seu lugar. Naquele tempo ela era apenas uma magra pálida delicada acanhada imatura delgada débil criatura, saracoteando, por enlualagos prateados e ele um vadio caminhante enganador estrangeiro de um Curraghman, aproveitador de oportunidades, tão duro quanto o carvalho (turfas estejam com eles!) costumava farfalhar então desanimado através dos diques do destruidor Kildare, para o saltodaseiva com um aguaceiro através dele. Ela pensou que estava submergida junto ao fundo do rio com ninfácia vergonha quando ele lhe deu o olho-de-tigre! O feliz engano! Queria que fosse ele! És injusta nesse ponto, terrivelmente injusta! Não só esta noite estás anacrônica! Isso foi há séculos quando nullas encontrava-se nenhures, no condado

- 202 -

de Wickenlow, jardim de Erin, antes mesmo que ela sonhasse eia abandonou Kilbride e foi espumando sob a ponte de Horsepass, com a grande tempestade ocidental ventaneando seus rastros e o destruidor de grãos do mediterrâneo procoolrando sua rota, para se dirigir por aqui e por ali, para melhor ou para pior, para torcer e moer, debulhar e sovar, por todo seu dourado lifey nos campos de cevada e lotts de um pêni da cidadevaubstáculo de Humphrey e dormir com um marionheiro, propensoaprotegela. Ai de Minho, os lagos dos primeiros dias!

- 203 -

- 204 -

-205 -

-206 --

Me descreve ela! Te apressa adiante, por que não consegues? Malha o ferro enquanto está quente. Eu não sentiria sua falta por nauda nesse fundo. Nem pelo lucro da Lombard Strait.

- 207 -

- 208 -

Bem, gironde em círculo numa linha ondulada da corrente do arenque ela correu e balançou e se moveu lateralmente, driblando sua pedra de rio até o musgodesfiladeiro, saborosas ervas daninhas na nossa margem seca e vioventos vinhedos de ervilha vinham de encontro a nós, torrente aqui, corrente

ali, sem saber que meio caminho ou se o seguiria, qualcumqualoutro, marmulhando com seus próprios filhos, como Santa Claus no peito da pálida e pequena, prestando atenção para ouvir seus companheirinhos, seus braços circundavam Isolabella, então andavam em companhia dos reconciliados Romas e Reims, prosseguiam como uma sanguessuga para partir como uma flecha, então banhando Dirty Hans com borrifos de saliva, com uma cesta de Natal uma para cada e todas para as suas crianças, os presentes de aniversário com os quais eles sonharam foram donaldos por ela, a pilhagem foi rapidamente atribuída a ela! No capacho, perto do pórtico e in-baixo no porão. Os regatos corriam pelo rio para miraromar, os mauninos, as marminas. Da casa de penhores à pira. E todos ao seu redor, jovens correntes e puras, da sujeira das suas sarjetas e poços artesianos, raquíticos e revoltados, como os jovens Smyly no café da manhã da vice-rainha. Vivi vienne, pequena Annchen! Viel Anna, vida de luxos!

- 209 -

- 210 -

- 211 -

- 212 -

Mas, O, Contenua! Adoro um falatório. Poderia ouvir mais e mar de novo. Chove dentro do rio. Brempara a tua bóia. Cheia é a vida para mim.

Bem, tu sabes ou não sabes ou eu não te disse que toda a história tem sua hora e esse é o desfecho da dele e dela. Olha, olha, o crepúsculo está aumentando. Galhos elevados estão criando raiz. E meu frio assento ficou

petrificado. Che ora è? Chesono! Que era é esta? Padece qu'é tarde. Faz um infinito desde queu ou qualqum viu pelúltima vez o relógio da Casa das Águas. Eles tomaram caminhos opostos, eu osso o suspiro deles. Quando eles vão se reagrupar? O, minhas costas, minhas costas, minha coast! Queria ir para Aches-les-Pains.

- 213 -

- 214 -

Nos encontraremos de novo, partiremos mais uma vez. O lugar eu buscarei se a hora tu encontrares. Meu mapa reluz intensamente onde a nebluelosa láctea está derramada. Perdoamerápido, eu estou indo! Tschüstchau! E tu, arranca teu relógio, não esqueças. A tua crepuspolar. Assim salva-te até o finn dos dias! Minha vista flutua cada vez mais turva pelas sombras desse lugar. Parto lentamente para casa agora pelo meu próprio curso, miovalleyoso curso. Entãobem vou, pelo miorriocorso.

Ah, mas apesar de tudo ela era a estranha velhamica, Anna Livia, adedornada! É claro que ele era também o velho companheiro esquisito, Dileto Duplinense Desprezível, paidescrificação de finnlhos e finnilhas. Vadia e canalha somos todos da sua laia. Ele não tinha sete dammas para desposá-lo? E cada damma tinha seus sete sustentos. E cada sustento tinha suas nuanças. E cada nuança tinha um variado pranto. Cevada pra mim e ceia pra ti e a conta do médico pra Joe John. Dantes! Antes! Ele se casou com sua espoça, aos trancos e barrancos, eu sei, como qualquer Etrusco Católico Herege, com suas mantas creames lumenosamente rosadas e suas malvas azuis-turkisses. Mass

nora elegida quem foi a escolhida? Naquele tempo tudo que foi foi de acordo. Tyslenciosa Elvenland! Tempos de farturas e felizes retornos. O esmo prati. Ordovico ou viricordo. Anna foi, Livia é, Plurabelle será. O homem de Northmen abriu espaço ao povo do sul mas quantos plurais a mais fez cadum pessoalmente? Latiniza-me isso, minha sábia trindade, do teu sanscredo para o nosso éirelandês. *Hircus Civis Eblanensis!* Ele tinha tetas de bode, terras para os órfãos. Ah, Deus! Gêmeos do seu seio. Deus nos livre! E ah! Hein? O que todos os homens. Quem? Suas risonhas filhas de. Falkê?

Nãouço com as agitadas águas de. As sussurrantes águas de. Alvorçados morcegos, rumor farfalhado de ratos do campo. Ei! Não foste embora? Que Thom Aflora? Nãouço com o farfalhar dos morcegos, todas as liffyerrantes águas de. Ah, rumor nos livre! Moss pés criam limo. Me sinto tão velha como aquele olmo além. Um conto contado de Shaun e Shem? Todas as filhas e filhos de Livia. Falcões da noite escutem-nos. Noite! Noite! Toda minha cabececoa. Me sinto

- 215 -

tão pesada quanto aquela pedra lá no chão. Me falas de John ou Shaun? Quem são Shem e Shaun os filhos ou filhas viventes de? Noite já! Me conta, me conta, olmo, me conta! Noite noite! Contaumconto de raiz ou rocha. Junto às ribeirinhas águas de, as correntesrecorrentes águas de. Noite!

- 216 -

4. FAIXA:

**FRAGMENTOS DA TRADUÇÃO AINDA INÉDITA DE
DONALDO SCHÜLER**

O

Conta-me tudo sobre

Ana Livia! Quero ouvir tudo

sobre Ana Livia. Bem, conheces Ana Livia? Açai, claro, todos conhecemos Ana Livia. Conta-me tudo. Conta-me agora. É de morrer o que escutarás. Bem, sabes, quando o velho velhaco fez fiasco e fez o que fez. Sim, sei, adiante. Lava limpo e deixa de fazer onda. Arregaça as mangas e abre o bico. Nada de abaeter em mim – ai! – quando te abayas. O que é que Tefê que tresandaram a descobrir o que ele doisdou de fazer no Fuscoix Parque. Trata-se de piolhento pilontra. Olha pra esta tamisa que é dele! Repara a sujeira. Ele preteou todágua. Acala em minho. E bota e bate já lá vão dias sete de danúbio a tejo. Tantos tantos que já nem sei mais quantos. Guardo na mente os saales que de seu gosto emporcalha, esse diacho sujo. Ralo os dedos e rolo de fome pra que sua roupa privada sene em público. Bate bem na batalha pra clarear. Meus pulsos pulsam e moldam e limpam manchas. Com niéperes de lépera e gangerenas de pestemas in illo! Ao fim e ao cabo qual foi o rabo desta alma santa junto ao Sendai? E quanto tempo jouve lugnegado debaixo do lago? Noticiários moselaram o que fez, niesses e preces, o ardente Rei Humphrey com distilações ulísias, explorações e o resto. Mas tomos o titularão. Sei-o bem. Tempo que não se toma não se detém pra Ninguém. Líquido entra, líquido escoá. O rude raptor! Mijando no mitrimônio e fazendo romance!

O Rio Esquerdo fluía direito, mas o Direito era sinistro. Eis o patife! Observa a empáfia! Como ele costumava manter o cocoruto à altura do Caveira, o famoso duque, o velho da estranja, o da corcova, ostentando grandeza como um rato do Wiesel. Com seu arrastado falar derryano, seu blabláblá corkiano, seu gaguejar dublinense e sua afetação gulla way ana. Pergunte a Lictor Picareta ou a Lector Leitura ou ao Guarda Rosnã ou ao Boy do Clube de Bill. Mas como o chamam no Elster? Como é o apelo? Huges Caput Eadesonra.

Quando o viram puxar ligeirinho a espada metida na bainha de sua Sabá, a modo de um alegre Rei Salomão, os touros dela urravam, fartos de farra. Buenarka buah! BuenAna bueh! Ele ganhou a coelinha duro, seu pão de cada dia, o traidor. Foi o que fez. Olha aqui. No suor do seu rosto. Não sabeis que o chamaram filho do Oceano, Nascido-do-Mar, Filho-das-Águas? Avemaria, ele era assim! HCE e seu peix ê. Xi!, nem xei quem é mais xujo, cá dele ou cá dela. Quem? Ana Livia? Ai, Ana Livia. Sabes que ela chamava garotas dos arredores à casa úmida, ao esconderijo, para visitá-lo, Salso para seu Arenque-chefe, excitar o pontífice, Toc-an-tins, Toc-em-mins. Foi ela? Deus do léu! N Yssel a não chegou ao limite? Como quando El Negro dormiu com La Plata. Oh, conta-me tudo, quero ouvir, quantas vezes ela parou no Ladder do lado destro! Aceno de coelho depois que a bandeira tombou. Dando a entender que pouco lhe importava estar sem dinheiro, em minha ausência, confiava a mercadoria à posse dele, a proxeneta! Proxeneta... Que é isso? Vai á M com teu jargão russo-hindu! Trela-nos em língua franca. Se é pá, fala pá. Nunca te mostraram hebreu na eskola, Sua antiabecedária? É exatamente o mesmo como se eu fosse por exemplo agora ao comissariado por telekínesis e te proxenetasse. Por amor dus seius, é isso que ela é? Rio dos Enganos, jamais pulguei que ela fosse capaz de Passo Falso. Então não a viste à janela, sembalando em cadeira de vime, com uma partitura à frente em caracteres cuneiformes, pretendendo decifrá-los ao violino tocando o instrumento sem arco? É claro que ela não pode danubiar com arco ou Só limões! Certo, ela não é capaz! O Igu assunto é esse. Bem, eu nunca até hoje nada ouvi igual a isso! Diga-me Mãre! Diga-me Mãre de Deus.

Passou seternos anos arrostando. E lá estavela, Ana Livia, nem ousou render-se a um Wink ulo de sono, marulhante como os murmúrios do infante, Wendawanda, a tambori lar, vestidos breves como os verões da Lapônia e fâces afogueadas damazônia, augurando bom-dia a seu Divo Doce Dom. Com saudações de Neufrates e saltos de suas Maggias. E em tempos peculiares ela lhe prepararia pétalas de pescado e disporia ao pé de seu peito olhos e ovos a jeito, bacon danês sobre torradas, uma copenhagen semanal de chá da Groenlândia ou um dzoupgan de café moca sobre a areia ou um sikiang açucarado ou um ale de sambambaia com bênção do papa, um sanduíche de presunto (jamón, bana?) para apaziguar o estômago desse homem até que seus joelhos de Pirra se contrairam ao tamanho de uma noz de moscada, enquanto as juntas tremiam de gota, assaz como se num zás ela despachasse o pico de sua carga de víveres debaixo da manga (a fúria de Metauro se avoluma, se agiganta), ele repeliu esse vulcão, atirou as iguarias para longe de si, com certo desprezo, como se dissesse assim ou assado, e se ele não atirou o prato aos pés dela, creia-me, foi sorte dela safar-se dessa. Então a vistosa rogou-lhe para vistular-lhe hinos do Vístula: *O coração se inclinou* ou *Os ancinhos de Mellow* ou de Chelli Michele, *La Calumnia è un Vermicelli* ou algumas pitas de *O Velho Jo Robidson*. Isso é de fé? Isso é o fato.

E que rimaroso Xingu que ela lhe fez! Odete! Odete! Relata-me a Treu dência dos fatos enquanto ensaboando arranco aplausos das combinações que cobriam *A Carne* de Júlio Ribairo. Fortíssimo, forte, piano, pianíssimo! Morro de meus pés iodinos enquanto não escutar de você o que fez o caxinguelê, Ana

Lívia, estória escrita por um, lida por dois e achada por uma franga no parque! Enxergo! Enxergo onde estás. Como Tummel tuar? Pois escuta. Estás me ouvindo? Sim, sim! Tarn a tuas orelhas. Essona bem aqui!

Pela terra e pelas nuvens mas é que preciso de margem nova, pelos diabos que preciso e é pra já.

Pois os recursos pras minhas necessidades estão no fim, assim é, aqui sentada e ganindo, espero por meu velho parasitário deus danês, companheiro meu na vida e na morte, chave da minha despensa frugal, meu camelo de bos-sas muito alteradas, deteriorador da nossa união, mel da minha lua de maio, meu bobo do último dia de dezembro, para que desperte do sono de inverno e me penetre como costumava fazer.

Há por aí um senhor de feudo ou um cavaleiro da beira do Shire à disposição, eu queria saber, que me desse uma moeda ou duas na mão pra eu lavar e reparar suas sacrossantas meias agora que estamos sem ração para os cavalos e sem leite?

Se eu não tivesse meu leito na pequena Baía de Brittas, confortável e de odor familiar, eu saltaria para as regiões pantanosas della Tolka ou à praia de Clontarf para sentir o ar alegre impregnar minha inquietante Dublin e as rajadas de vento marítimo varrer a embocadura.

Onon! Onon! Trela-me mais. Trela-me cada si de Sinos. Quero saber cada pé de igarapé.

Hi Ho! Lá nos tempos dela, era moça que acaraiçava, tainha que, só tinha. Ondeada, águas turvas. Tinha rios de homens Só limões pra ela. A caveira de Tana tos não lhe metia medo, era yo te amo pra cá, e I love you pra lá. Trela-me trela-me como a piranha piranhou todos os seus companheiros, a sedutora, a endiabrada? Ela me disse que vagamente sabia quando os anais registravam funerais: um dinasta de Leinster, um lobo do mar, o que ele fez, o papel que lhe coube ou como, quando, onde e por quê, onde quantas vezes a corneou ou como foi que ele cometeu Abdicação. Ela era só uma jovem miúda pálida fofa tímida lépida leve coisinha então, flanante junto a um liquipratenluaradolago e ele era farto forte percorria os mares de barco a refletir os raios do sol, rijo como os carvalhos (repousem em paz!) costumava rumorejar então junto aos densos diques de Kildare, preparando a úmida conjunção com ela. Sentiu como se fuera sumir sob o solo com os rubores da ninfa, quando lhe botou uns olhos de Tigre! Ó Falta feliz! Eu quero que Zeya ele! Estás errado, corriblemente errado! Não é só esta noite que eres anaqueronístico! Muitas idades rolaram quando Nullah corria para nenhures, no jardim

da Irlanda, parque de Erin, antes de ela sonhar que jamais deixaria
Kilbride para fluir espumosa sob a ponte de Passacavalo, com o
grande vento sudoeste em busca de seus rastros e os comboios la-
deando o rio comendo caminhos para se perder na distância, águas
unidas na alegria e na doca, para fiar e moer, para esfregar e trilhar
por todos seus áureos anos nas pastagens e nas lavouras em Hum-
phrey, próspera aldeia e dormir com um rústico rurícola, um valentão
praprio tegê-la. Alice, secaram os lagos dos florescentes dias!

Descreve-a! Apressa-te, por que demoras? Malha o ferro enquanto está quente. Eu não o perderia por nada no mundo. Nem pelo lucro nas douradas correntes do Lomba.

Bem, arungirando em Lynha ondeada aringarona tagarelou e tagarrolou e sesgueirou com seixos pingando pormusgos macios, os líquens de nosso lado mais seco e os ventos violentos contra nós, Curaray por aqui, corrente por lá, sem saber que rumo tomar pra alcançá-la, ou isso ou aquilo, fazendo tremer seus próprios filhos, como Papai-Noel no peito da pequena pálida, escutando pra ouvir as batidas do pequeno coração, os braços envolvendo Isolabella, correndo então com Rômulo e Remo reconciliados, a sanguessuga parte como um dardo, banhando então João Sujo com borifos de saliva, uma caixa natalina pra cada um dos filhos, deram-lhe os presentes sonhados, deixou os regalos em segredo à nossa porta! O excesso das águas pelo pórtico inunda o porão. Os filetes correm, fluem ao mar, garotos e rapazes. Da casa de penhores à pira. Todos a seu redor, juvenis e ingenuínas, do limo dos favelados da lomba e das fontes artesanais, raquitismo e dissipação, como o sorriso dos pagens no despertar da vice-rainha. Que Viva venha, Anninha! Annanciã, viva, viva!

Mas, O, continua! Odo ouvir-te tagarelar. Se preciso, Morava aqui pra tescutar, juro que Morava. Chova nas ondas do rio. Chape chape chuva. A chuva de tua voz encharca o chão de meus dias.

Bem, sabes ou não conheces ou ainda não te contei que todo narrado termina num cabo e que aí está o esse ou essa ou isso. Atencioon, Atencioón, se adensa a escuridão! Meus altos ramos viram raízes. E toda minha cult chura some em cinza. Que uhras são ? Urrou! Que idade é? O Ka! É tarde. Faz tempão agora que eu ou quem quer que senna vimos pela última vez o relógio da casa das águas. Puseram-no abaixo, inda ouço suspiros. Quando recolherão os pedaços? Ai, minhas costas, minhas costas, minha costa! Quero tratá-las em N. S. das Dores.

Te reverei, amor; partirei em dor! Procurareio sítio acharás a hora.
 Minha rota brilha, espia lá onde luz no azul
 a láctea via! Mil perdões, eu me vou! Até breve! E tu, tira o reló-
 lógio, no me olvides. A luz se vai. Redime o fim do dia! Minha
 vista navega em águas que se adensam no vreu da bruma. Passos
 lentos me levam a meus aposentos pelo caminho do Minho. E
 meus, aos meus.

Ah, mas era, apesar de tudo, uma velhamiga bem exquisita,
 Ana Lívia nos trinques! E, claro, também ele era peça rara, Dito Torto.
 Dublixando, Pó-dastro de finnlhetes e finnlhetas. Velhotas e velhotes
 somos todos de seu bando. Não tinha sete damas pra matrimoniá-lo?
 E cada dama tinha sete forqu ilhas. E cada forquilha tinha sete cores.
 E cada corzinha tinha gritinho diferente. Satis pra mim, a ceia
 pra ti e a conta do doutor pra Joãozinho e José. Abisso! Obeso! Ele
 casou com sete liqui dações, sete franguinhas baratinhas, eu sei, como
 qualquer Etrúrio Católico Herético, em tules róseos citrinos cremosos
 e suas índicas turcarícias malvas. Mas na miguelina missa quem foi
 a petiça? Então tudo o que foi foi fino. Duendes de fluidas landas!
 Tem plus tempos e gratos retornos. O mesmo renoivado. Ordovico ou
 viricordo. Ana foi, Lívia é, Plurabelle será. O rei dos setentrimanos
 abriu espaço aos meridineses, mas qual quantia de multy pluradores
 ecoa em cada pessoa? Latiniza-me isso, meu erudito lordescolar, de
 vuestro sanscredo pro meu eryano! *Hircus Civis Eblanensis!*
 Mamiferava mamas de cabra suaves aos órfãos. Ho, Senhor! Gêmeos
 do seu peito! Senhor, salva-nos! E oh! O quê? O que todos. Que é?
 Filetes tiritantes de! Kekié?

Não ouço com as correntes de! As lamurientas corrientes de. Mor-
 dentes mor cegos, res postas de rústicos ratos. Ho! Você ao solar não iria?
 Que solitária Maria! Não ouço com o mortelar de morcegos, as liffey-hian-
 tes águas de. Ho, o verbo nos salve! As pernas emperram. Me sinto velha
 como aquele carvelho. Uma narrativa narrada de Shaunou Shem? Livifi-
 lhaos todos. Noturnos falcões nos escutam. Noite! Noite! Tomba a testa.

Pende pesada qual pedra, aquela. Que me falas de John ou de Shaun? Shem e Shaun, viventes, filhos ou filhas foram de quem? A noite noita! Fala-me, fala-me, fala-me, carvelha! Noite noite! Conta-me contos de Stem ou Stone. Junto às rio-revantes águas de, correntes-e-recorrentes águas De. Noite!

CONCLUSÃO:

**“I felt so completely exhausted [after finishing *Finnegans Wake*]
as if all the blood had run out of my brain. I sat for a long while
on a street bench, unable to move.” [James Joyce]**

Estudei neste trabalho a estrutura e a linguagem de *Finnegans Wake*, fazendo também referências à biografia de James Joyce a fim de melhor compreender a proposta estética do escritor. A tradução e a análise do capítulo VIII do romance me auxiliaram, além disso, a desvendar alguns aspectos da obra.

Não pretendi e nem seria possível, nesta dissertação, responder a todas as questões que a leitura de *Finnegans Wake* suscita, nem mesmo esclarecer o romance, uma vez que se trata de uma obra com estruturas intrinsecamente indeterminadas, próprias da sua natureza onírica.

Acredito que a partir do panorama (ou panaroma, segundo os irmãos Campos) aqui proposto, poderei traçar, mais desperta, um caminho pessoal para pesquisas futuras, tendo como objeto o sonho joyciano.

Deste modo, volto para a canoa de Guimarães Rosa, “arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos”, com a qual pretendo percorrer muitas vezes as correntezas sombrias de *Finnegans Wake*.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

- AGAY, Denes. *The Joy of Russian Piano Music*. Nova Iorque: Music Sales, 1984.
- ALCALÁ, May Lorenzo e SCHWARTZ, Jorge. Trad: Maria Angélica Keller de Almeida. *Vanguardas Argentinas – Anos 20*. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- ALTER, Robert e KERMODE, Frank. *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- ANASTÁCIO, Sílvia M. Guerra. *A Bloomiada em Ulysses*. São Paulo: Anna Blume, 1998.
- ANDERSON, Chester. *James Joyce*. Londres: Thames and Hudson, 1998.
- ATHERTON, James S. *The Books at the Wake*. Nova Iorque: Appel, 1979.
- ATTRIDGE, Derek (org.). *The Cambridge Companion to James Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ATTRIDGE, Derek e HOWES, Marjorie. *Semicolonial Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BECKETT, Samuel. (org) *James Joyce- Finnegans Wake- A Symposium*. Nova Iorque: A New Directions Book, 1972.
- BEJA, Morris. *James Joyce – A Literary Life*. Dublin: Gill and Macmillan, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1983.
- BISHOP, John. *Joyce's Book of the Dark – Finnegans Wake*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.
- BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. *Guerra e Poesia: Lutas Simbólicas do Modernismo*. Florianópolis: UFSC, 1999.
- BLADES, John. *How to Study James Joyce*. Londres: Macmillan, 1996.
- BLOOMSDAY MAGAZINE. Dublin: 1999.
- BOITANI, Piero. *L'Ombra di Ulisse*. Bolonha: Il Mulino, 1992.
- BORGES, Jorge Luís e VAZQUEZ, Maria Éster. *Introducción a la Literatura Inglesa*. Madri: Alianza Editorial, 1999.
- BOUCHET, André du. *Du Monde Entier James Joyce – Finnegans Wake*. Paris: Gallimard, 1962.
- BRADLEY, Fiona. *Movimentos da Arte Moderna - Surrealismo*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

BRAVO!. Ano III - nº 25.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. Brasília: Ed. UNB – José Olympio Ed., 1998.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BÜRKE, Peter. *Vico*. Trad. por: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

BUTOR, Michel (org.). Trad: T.C. Netto. *Joyce e o Romance Moderno*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

_____, Trad: Leyla Perrone Moisés. *Repertório*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

CAGE, John. *De Segunda a Um Ano*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1985.

_____, *Empty Words*. Londres: Marion Boyars, 1980.

_____, *The Wonderful Widow of Eighteen Springs, Ryoanji, A Flower, 59½*. Nova Iorque: Montaigne, 1996.

_____, *Silence*. Londres: Marion Boyars, 1999.

CAMPBELL, Joseph e ROBINSON, Henry Morton. *A Skeleton Key to Finnegans Wake*. Nova Iorque: Buccaneer Books, 1976.

CAMPOS, Augusto de. (org). *Mallarmé*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1991.

_____, *Música de Invenção*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

_____, *O Anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____, *Poesia, Antipoesia, Antropofagia*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. *Panorama de Finnegans Wake*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & Outras Metas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____, *Galáxias*. São Paulo: Ex Libris, 1984.

CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos (1942-1978)*. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999.

_____, *Uma Nova História da Música*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CARROL, Lewis. Trad: Sérgio Medeiros. *Algumas Aventuras de Sílvia e Bruno*. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CEVASCO, Maria Elisa e SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1985.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 13ª edição. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim e Lúcia Melim.

CULT – REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA. São Paulo. Ano III - nº 31.

DERRIDA, Jacques. *Ulysse Gramophone: Deux Mots pour Joyce*. Paris: Éditions Galilée, 1987.

DICKS, Terrance. *A Riot of Irish Writers – A Romp Through Irish Literature*. Londres: Piccadilly Press, 1992.

DUNDES, Alan. *Morfologia e Estrutura no Conto Folclórico*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

ECO, Umberto e BRIENZA, Liberato Santoro. *Talking of Joyce*. Dublin: University College Dublin Press, s/d.

ECO, Umberto. *Obra Aberta*. Trad. por: Giovanni Cutolo. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Trad. por: Lya Luft São Paulo: Ed. Globo, 1982.

FOLHA DO POVO. Campo Grande: 20 de maio de 2001.

FREUD, Sigmund. *A Interpretação de Sonhos – Volumes 4 e 5*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

GEM, Collins. *Irish First Names*. Glasgow: Harper Collins, 1999.

GIRARD, René. *La Ruta antigua de los hombres perversos*. Trad. por: Francisco Díez del Corral. Barcelona: Editorial Anagrama, 1989.

GIRARD, René. *El Chivo Expiatorio*. Trad. por Joaquín Jordá. Barcelona: Editorial Anagrama, 1986.

GONZALEZ, Jose Carnero. *James Joyce y la Explosión de la Palabra*. Sevilla: Publicaciones da la Universidad de Sevilla, 1989.

GRADOWCZYK, Mario H. *Xul Solar*. Buenos Aires: Ed. Alba, 1994.

GRIFFITHS, Paul. *A Música Moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____, *Enciclopédia da Música do Século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HARRIS, Nathaniel. *Vida e obra de Dall*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. Tradução de Talita M. Rodrigues.

HORTA, Luiz Paulo. *Música Clássica em Cd – guia para uma discoteca básica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

JOYCE, James. *Anna Livia Plurabelle*. Nova Iorque: Suhrkamp, 1982.

_____, *Anna Livia Plurabelle*. Trad. por Samuel Beckett. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1996.

_____, *Dublinenses*. Trad. por: Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____, *Finnegans Wake*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.

_____, *Finnegans Wake – Libro Primo I – IV*. Milano: Oscar Mondadori, 2001.

_____, *Finnegans Wake – Libro Primo V-VIII*. Milano: Oscar Mondadori, 2001.

_____, *Finnegans Wake*. Trad. por: Francisco García Tortosa. Madri: Cátedra Letras Universales, 1992.

_____, *Finnegans Wake*. Londres: Penguin Books, 1992.

_____, *Finnegans Wake/ Finnicius Revém – Capítulo 1*. Trad. por Donaldo Schüler. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2000.

_____, *Finnegans Wake/ Finnicius Revém – Capítulos 2, 3 e 4*. Trad. por Donaldo Schüler. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2000.

JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Trad. por: Víctor Pozanco. Barcelona: Editorial Lumen, 1993.

_____, *Finnegans Wake*. Trad. por: Philippe Lavergne Paris: Gallimard, 1982.

_____, *Ulisses*. Trad. por: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____, *Ulises*. Buenos Aires: Enrique S. Rueda - Editor, 1986.

KOBBÉ, Gustave. *O Livro Completo da Ópera*. Trad. por: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KOFMAN, Sarah. *A Infância da Arte: Uma Interpretação da Estética Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____, *A Interpretação de Sonhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LALOR, Brian. *Dublin & Ireland – Guide & Journal*. Dublin: MQP, 1997.

LEITURA. São Paulo. Ano17 -nº 4.

LEITURA. São Paulo. Ano 17 - nº 5.

MCHUGH, Roland. *Annotations to Finnegans Wake*. Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991.

MEDEIROS, Sérgio Luiz Rodrigues. *O Dono dos Sonhos*. São Paulo: Razão Social, 1991.

MILTON, John. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MINK, Janis. *Duchamp*. Colônia: Taschen, 2000.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Atlas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NESTROVSKI, Arthur (org.). *riverrun. Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

NETO, José Teixeira Coelho. *Moderno Pós Moderno*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1986.

NORRIS, David e FLINT, Carl. *Introducing Joyce*. Cambridge: Icon Books, 1997.

O' BRIEN, Edna. *James Joyce*. Trad. por: Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

PAQUET, Marcel. *Magritte*. Trad. por Lucília Filipe. Lisboa: Taschen, 2000.

PARIS, Jean. *James Joyce*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

PAZ, Octavio. *Marcel Duchamp ou O Castelo da Pureza*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

- RABATÉ, Jean – Michel. *James Joyce*. Paris: Hachette, 1993.
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia – Volume II*. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- RULFO, Juan. *Pedro Páramo – O Planalto em Chamas*. Trad. por: Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SHEEHAN, Sean (org.). *The Sayings of James Joyce*. Duckworth, 1995.
- TORTOSA, Francisco Garcia. *Anna Livia Plurabelle*. Madrid: Catédra, 1992.
- VATTIMO, Gianni. (org.) *En torno a la posmodernidad*. Bogotá: Anthropos Editorial, 1994.
- VÁZQUEZ, María Esther. *Jorge Luis Borges. Esplendor e Derrota. Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.
- VICO, Giambattista. *La Scienza Nuova*. Milão: Biblioteca Universale Rizzoli, 1998.
- WALTHER, Ingo. *Picasso*. Trad. por: Ana Maria Cortes Kollert. Köln: Taschen, 1993.
- WILSON, Edmund. *O Castelo de Axel.- Estudo sobre a Literatura Imaginativa de 1870 a 1930*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido. Uma História das Músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.